



Chico Xavier — Mandato de amor — Autores diversos

Agradecimentos

Airton Guimarães — Jornal Estado de Minas — Belo Horizonte — MG.

Alexandre Sech

Alzira Bahia Machado

Antonio Barbosa Chaves, *in memoriam*

Antonio César Perri de Carvalho

Arnaldo Rocha

Batista Custódio — Jornal Diário da Manhã — Goiânia — GO.

Boletim Serviço Espírita de Informação
— Rio de Janeiro — RJ.

Brafer Indutrial S.A.

Carlos Alves Neto — Centro Espírita Amigos na Dor — Boa Esperança — MG.

Carlos Antonio Baccelli

Carlos Henrique da Silva Malab

Carmem Pena Perácio, *in memoriam*

Célia Soares

Centro Espírita Ivon Costa — Juiz de Fora — MG.

Consuelo Nasser — Revista Presença — Goiânia — GO.

Deolindo Amorim, *in memorian*
Editora Edicel — Sobradinho — DF.
Eduardo Luiz Bueno
Eliana Bahia Machado Moreira
Eliana da Cunha Borges Lemos
Fernando Worm
Francisco Galves — Centro Espírita União
— São Paulo — SP.
Francisco Thiesen, *in memorian*
Geraldo Lemos Neto
Gilberto Parreira de Freitas
Hernani Guimarães Andrade
Instituto Maria — Juiz de Fora — MG.
Isaltino da Silveira Filho, *in memorian* —
Jornal Seara Juvenil — Juiz de Fora —
MG.
Jaime Rolemberg de Lima, *in memorian*
Jarbas Leone Varanda — Jornal O
Triângulo Espírita — Uberaba — MG
Jorge Azevedo
Jornal A Cidade de Campos — Campos
— RJ.
Jornal A Folha Espírita — São Paulo —
SP.
Jornal Goiás Espírita — Goiânia — GO.
Jornal Lavoura e Comércio — Uberaba
— MG.
Jornal Município de Pitangui — Pitangui
— MG.
José Goes
José Martins Peralva Sobrinho
José Maurício Parreira de Freitas
Luiz Augusto da Costa
Márcia Q. Silva Baccelli
Maria Aparecida Valicenti Ferreira
Maria Helena Alves Santos

Marialice Martins Barroca Cunha —
Biblioteca de Economia da UFMG —
Universidade Federal de Minas Gerais

Maria Philomena Aluotto Berutto

Marlene Rossi Severino Nobre — Jornal
A Folha Espírita — São Paulo — SP.

Nena Galves — Centro Espírita União —
São Paulo — SP.

Noraldino de Mello Castro, in memorian
Revista Espírita Allan Kardec — Goiânia
— GO.

Revista Internacional de Espiritismo —
Matão — SP.

Revista O Espírita — Brasília — DF.

Revista O Médium — Juiz de Fora —
MG.

Salvador da Cunha e Oliveira

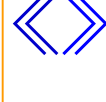
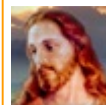
Silvana Amaral da Costa

Stig Roland Ibsen — Livraria Espírita Boa
Nova -São Paulo — SP.

Vandeir Augusto Machado

Vivaldo da Cunha Borges

Zeus Wantuil



Apresentação

I

Prezado Leitor,

No livro “Nos Domínios da Mediunidade” (1955), psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, encontramos a definição do que seja um mandato mediúnica

Em seu capítulo 16, André Luiz, o autor espiritual, recolhendo as instruções de Áulus, relata-nos a associação mediúnica entre a médium D. Ambrosina e o seu mentor Gabriel, configurando-a na excelência de um mandato mediúnico.

Destacamos os seguintes trechos do referido capítulo para nosso mútuo esclarecimento:

“Ambrosina, há mais de vinte anos sucessivos, procura oferecer à mediunidade cristã o que possui de melhor na existência. Por amor ao ideal que nos orienta, renunciou às mais singelas alegrias do mundo, inclusive ao conforto mais amplo do santuário doméstico, de

vez que atravessou a mocidade trabalhando, sem a consolação do casamento” (...)

(...) “A médium vive em constante contato com o responsável pela obra espiritual que por ela se realiza”(…)

(...) “Pelo tempo de atividade na causa do bem e pelos sacrifícios a que se consagrou, Ambrosina recebeu do Plano Superior um mandato de serviço mediúnico, merecendo, por isso, a responsabilidade de mais íntima associação com o instrutor que lhe preside as tarefas. Havendo crescido em influência, viu-se assoberbada por solicitações de múltiplos matizes. Inspirando fé e esperança a quantos se lhe aproximam do sacerdócio de fraternidade e compreensão, é, naturalmente, assediada pelos mais desconcertantes apelos” (...)

(...) “Simboliza uma ponte entre dois mundos, entretanto, com a paciência evangélica, sabe ajudar aos outros para que os outros se ajudem, porquanto não lhe seria possível conseguir a solução para todos os problemas que se lhe apresentam” (...)

Mais adiante, indagando-se sobre o significado de extenso laço fluídico através do qual a médium e o dirigente se associavam tão intimamente um ao outro, Áulus elucida:

(...) “Quando o médium se evidencia no serviço do bem, pela boa vontade, pelo estudo e pela compreensão das responsabilidades de que se encontra investido, recebe apoio mais imediato de amigo espiritual experiente e sábio, que

passa a guiar-lhe a peregrinação na Terra, governando-lhe as forças. No caso presente, Gabriel é o perfeito controlador das energias de nossa amiga, que só estabelece contato com o Plano Espiritual de conformidade com a supervisão dele”.
(...)

(...) “Um mandato mediúnico reclama ordem, segurança, eficiência” (...)

Mais avante, Áulus sentencia, concludente:

(...) “Raras são as criaturas que obtêm um mandato mediúnico para o trabalho da fraternidade e da luz” (...)

Transcrevemos, inicialmente, essas instruções espirituais para que possamos ajuizar com clareza sobre a razão de ser deste livro e a escolha de seu título.

Francisco Cândido Xavier, o amado Chico Xavier, que todos estimamos por exemplar apóstolo da paz e da luz na face da Terra, e Emmanuel, seu tutelar mentor espiritual, a quem todos reverenciamos por luminar missionário da evangelização na pátria do Cruzeiro, estão completando hoje, 8 de julho de 1992, 65 anos sucessivos de dedicação absoluta ao serviço da consolação, oferecendo à mediunidade cristã o que possuem de mais sagrado e sublime, numa epopeia de renúncias e sacrifícios em favor da renovação humana.

Por amor ao ideal espírita-cristão, consagraram-se a causa do bem, inspirando fé e esperança a quantos se lhe aproximam do sacerdócio de fraternidade.

Simbolizando uma ponte entre dois mundos, estenderam aos dois planos da vida a compreensão do “amai-vos uns aos

outros”, pelo serviço ao próximo.

Devotando-se à verdade, desde o início de suas tarefas, com boa vontade, estudo e perseverança inauditos, permanecem, ainda hoje, cumprindo as responsabilidades de que se encontram investidos com sincera fidelidade à codificação kardequiana, com extrema lealdade ao Nosso Senhor Jesus Cristo, e com acendrado amor a Deus, Nosso Pai Criador.

Por isso mesmo, pela ordem, pela segurança e pela eficiência da ação renovadora que imprimiram ao campo moral da Humanidade terrestre, vencendo fronteiras e obstáculos com humildade e bom ânimo, paciência e perdão, Francisco Cândido Xavier e Emmanuel incluem-se no rol das raras criaturas que obtiveram dos céus um **MANDATO DE AMOR**.

Este o nome do livro que ora lhe ofertamos, caro leitor, organizado dentro de nossas limitações, com um profundo sentimento de gratidão aos dois vanguardeiros da Espiritualidade.

Apresentamo-lo com a alegria de poder ofertar-lhe uma notícia, ainda que pálida, de alguns aspectos sobre a missão de amor dos dois seareiros do Mestre Nazareno.

Pesquisando o arquivo histórico da União Espírita Mineira, entidade federativa estadual e Casa-Máter do Espiritismo em Minas Gerais, conseguimos reunir, com a colaboração de diversos amigos, alguns artigos, casos, depoimentos, entrevistas, testemunhos, cartas e curiosidades em torno das tarefas espirituais do médium

mineiro.

Grande parte deste acervo de notícias foi veiculada, através dos anos, pelas páginas do jornal “O Espírita Mineiro”, permanecendo, porém, ainda hoje, inédita em termos editoriais.

Destaca-se, sobremaneira, do conjunto, a beleza e a espiritualidade de várias poesias e mensagens psicografadas pelo querido médium, em sua maioria na própria sede da União Espírita Mineira, desde os idos de 1932.

Merece nota, igualmente, a preciosa suíte fotográfica em torno do grande amigo, que juntamos à presente edição.

A todos quantos colaboraram para que este projeto editorial se concretizasse, o nosso reconhecimento.

A Francisco Cândido Xavier e a Emmanuel dedicamos este singelo esforço, através do qual pretendemos registrar comemorativamente o transcurso do 6.º ano de suas atividades mediúnicas com Jesus e Kardec.

Nossa gratidão se eleva em forma de preces a Deus, Nosso Pai Celestial, rogando a Ele que os abençoe e os recompense um tanto mais.

Belo Horizonte, 8 de julho de 1992.

.Geraldo Lemos Neto

Departamento Editorial da União Espírita Mineira.

II

“Gratidão”

Revistas, jornais, programas televisados, notícias divulgadas pelas emissoras de todo o País, palestras e testemunhos escritos e falados, têm se referido à data abençoada dos 65 anos de mediunidade de nosso amado Chico Xavier.

As páginas se sucedem, multiplicam-se, desdobram-se, plenas do mais sublime conteúdo espírita-cristão.

Entretanto, se captado fosse o bater dos corações que agradecem a Deus pela tarefa do seareiro da mediunidade com Jesus, no transcorrer destes 65 anos de labor intenso, ininterrupto e rico de amor, certamente a amplitude do potencial da vibração emitida romperia as barreiras da resistência dos sentidos humanos.

A mensagem escrita, falada ou televisada alcança fronteiras delimitadas à sua potencialidade de expansão, circunscrita a espaços tecnicamente calculados. Contudo, a força de alcance do sentimento transcende fronteiras previstas pelo homem, atinge o Infinito, cantando sua manifestação de amor, em pouso, junto às mais cintilantes estrelas perceptíveis à vista humana, impulsionada pelo coração agradecido. As vibrações atingem o Cosmo, que se torna pequeno ante a grandeza do amor, aninhando-se no seio de nosso Pai de Misericórdia, lembrando-nos a referência de Dante em relação a Beatriz: “o amor que move as estrelas”.

É dentro desta ideia que a União Espírita Mineira, elaborando este livro, vibra de amor e gratidão, envolvendo com carinho

e reconhecimento, pela bênção de sua vida entre nós, o nosso querido e sempre amado Chico Xavier, o eterno Chico.

Compreendemos a singeleza de nossas expressões sobre o querido Chico. Deus, porém, sabe da realidade e da dimensão de nosso sentimento, embora possamos apenas avaliar-lhe a trajetória visível aos nossos olhos, visto que a espiritual não podemos imaginar, bem sabemos.

Confiamos na generosidade deste coração amigo e escrevemos estas linhas que pretendem traduzir o que sentimos, testemunhando-lhe o nosso amor e reconhecimento pelo que nos tem sido prodigalizado, em todos estes anos, por ele, Chico Xavier, o médium da terceira revelação.

Não fora seu espírito de doação e renúncia, não teríamos, hoje, nossa casa de trabalho na condição em que se encontra. E, com plena consciência, reconhecemos que muito melhor ela poderia estar, se, ao longo desses anos, tivéssemos tido olhos para ver e ouvidos para ouvir.

Deus lhe pague, Chico Xavier. Jesus o abençoe, querido amigo.

.Maria Philomena Aluotto Berutto

Presidente da União Espírita Mineira

III

“8 de julho de 1927”

Francisco Cândido Xavier iniciou,

publicamente, seu mandato mediúnico em 8 de julho de 1927, em Pedro Leopoldo, então uma pequenina cidade situada, mais ou menos, a quarenta minutos de Belo Horizonte, a bela capital mineira.

Pedro Leopoldo cresceu, progrediu, graças ao espírito empreendedor de sua gente boa e hospitaleira, sendo, hoje, uma cidade grande e bonita, sem perder, contudo, os ares de cidade interiorana.

8 de julho de 1927!

65 anos de incessante trabalho, da maior significação espiritual, dedicado à Humanidade, abrangendo seus mais diversos segmentos.

Ao longo desse tempo, o médium mineiro não tem conhecido repouso, não sabe o que é descanso, pois descanso e repouso, no dicionário do querido companheiro, sinonimizam atividade, traduzem serviço.

Dias e noites têm sido por ele ofertados aos seus semelhantes, com sacrifício da saúde que, na verdade, nunca foi “de ferro”. Problemas orgânicos acompanharam-lhe a mocidade e a madureza. Hoje, nos abençoados 82 anos de sua vida corporal, as dificuldades físicas continuam trazendo-lhe problemas. Relewa observar que as doenças oculares e as intervenções cirúrgicas jamais o impediram de cumprir, fiel e dignamente, sua missão de amparo aos necessitados. Sua postura é uma só, obedece a uma só diretriz: amor ao próximo, desinteresse ante os bens materiais, preocupação exclusiva e constante com a felicidade do próximo.

Ricos e pobres, velhos e crianças, homens e

mulheres de todos os níveis sociais têm encontrado, no homem e no médium Chico Xavier, tudo quanto necessitam para o reajuste interior, para o crescimento, em função do conhecimento e da bondade.

A União Espírita Mineira teve sempre em Chico Xavier o irmão querido, o amigo de todas as horas.

Em Pedro Leopoldo, até o começo de 1959, e em Uberaba, a partir de então, sua palavra carinhosa tem-nos sido apoio e caridade.

Esta edição constitui oferenda de amor, tributo de reconhecimento ao obreiro incansável, valoroso e abençoado. Dedicamos-lhe, Chico, esta edição assinaladora dos 65 anos de sua atividade pública como médium, embora desde os 5 anos de idade o seu relacionamento com os Espíritos, inclusive o de sua extremosa mãe — D. Maria João de Deus — venha se verificando em nível da mais comovente elevação.

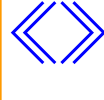
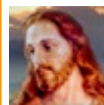
O que estamos republicando, em termos de notas e fotos, tem, a nosso ver, significação muito profunda para a comunidade espírita, visto que registra episódios mediúnicos, enfocando também a imagem de um homem simples, bom e humilde.

Francisco Cândido Xavier é um presente divino para o século XX, enriquecendo-lhe os valores com a sua vida de exemplar cidadão, com milhares de mensagens psicográficas que, em catadupas de paz e luz, amor e esclarecimento, vêm

fertilizando o solo planetário, sob a luminar
supervisão de Emmanuel, nome que
pronunciamos e escrevemos sempre com o
maior respeito e carinho.

.José Martins Peralva Sobrinho

Vice-presidente da União Espírita Mineira



Preâmbulo

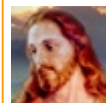
“Meus prezados e nobres amigos da
Doutrina da Fraternidade! Boa saúde e paz
em Deus, nosso Pai!

Aprendamos a viver sob a lei do amor, pelos
ensinamentos de Jesus Cristo!

Fora deste mister, o mundo terreno retrata
apenas o combate e o cálculo da soberba,
proveniente da cegueira da estreita ciência
dos homens.

Vosso irmão,

.Emmanuel’



Chico Xavier — Mandato de amor — Autores diversos — 1ª Parte

Preâmbulo — Parte I

“Toda crise é fonte sublime de espírito renovador para os que sabem ter esperança.”

“Eu creio que se nós como povo, fôssemos educados para a tolerância recíproca, para o respeito à autoridade, para o trabalho persistente sem conflitos entre empresários e trabalhadores, se nós todos nos uníssemos para compreender as necessidades desses valores espirituais na vida de cada um ou de cada grupo social, nós teríamos um país extremamente venturoso.”

.Chico/Emmanuel



Saudação de Emmanuel

Um caso de xenoglossia invertida

A mensagem da página anterior [fac-símile abaixo] foi psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, de trás para diante, no idioma inglês, na sede da União Espírita Mineira, após concerto em benefício do Abrigo Jesus, realizado em 4 de abril de 1937, pelo exímio violinista Levino Albano Conceição, cego desde os sete anos de idade. Esta linda saudação, recebida em dois minutos, escrita em caracteres invertidos, poderá ser lida em um espelho, em cuja frente deverá ser colocada. Lê-se, então, o seguinte:

“My dear and generous friends of the fraternity’s doctrine.

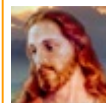
Good health and peace in God, our Father!

Let us learn the life in the love’s law, from the instructions of Jesus Christ; Except this work almost in the earthly word represent the struggle and studies of the vanity and from the darkness of the little men’s science.

Your brother,
.Emmanuel’

[illegible]

Leumann



1

Em torno de Chico Xavier

(Jogral comemorativo dos sessenta e cinco anos de
mandato mediúnico de Chico Xavier)



1. — Narrador: O “Centro Espírita Amigos na Dor”, de Boa Esperança, Estado de Minas Gerais, pede licença para, humildemente, levantar sua voz inexpressiva e fazer coro ao grande concerto mundial que comemora os sessenta e cinco anos de mandato mediúnico de Chico Xavier.

O “Amigos na Dor” será a nota dissonante que completa o acorde maravilhoso de um mundo que se rejubila com a obra gigantesca e sublime desse vulto que aí está, à nossa frente, debilitado fisicamente, mas cheio de vida espiritual, de amor, ternura, compreensão.

Vozes: Afinal, quem é esse homem?

2. — Narrador: É alguém que não se limita

a cumprir com a obrigação assumida perante a própria consciência, mas que o faz com indizível dose de alegria cristã e devotamento indelimitável. Sua existência se desenvolve num plano de absoluta espiritualidade, infensa às solicitações de ordem material, que constituem o ideal da vida moderna.

Vozes: É um homem suspenso no Infinito!

3. — Narrador: Mas, agora, vamos falar de um menino pobre.

Duas vozes: Ele veio ao mundo no dia 2 de abril de 1910.

4. — Narrador: Filho de operário inculto e humilde lavadeira, até os cinco anos de idade, quando ficou órfão de mãe, foi um menino como outro qualquer, mas estava escrito que aí começaria seu sofrimento. Era preciso que ele passasse pelo crisol da maldade humana para que a Humanidade penetrasse em seu coração generoso e o acompanhasse até o fim, moldando seu caráter, fortalecendo sua vontade, tecendo as malhas da sua estrutura espiritual, preparando os canais por onde iria fluir, mais tarde, a grande obra que lhe estava reservada. Quando sua mãe desencarnou?

Vozes: Em 29 de setembro de 1915.

5. — Narrador: Seu pai se viu na contingência de entregar alguns dos seus nove filhos aos cuidados de pessoas amigas, e o menino pobre ficou com sua madrinha, mulher obsidiada, irritadiça, que o maltratava cruelmente.

Vozes: E ele sofreu, ele chorou, ele morreu mil vezes para viver em nós, a fim de que pudéssemos viver dentro dele.

6. — Narrador: Mas ele, o menino triste, não estava só.

Vozes: Um anjo de Deus, que fora sua mãe na Terra, o assistia em seus momentos de angústia, de desespero, quando, desarvorado, orava lá nos fundos do quintal.

A mãe: Tenha paciência, meu filho! Você precisa crescer mais forte para o trabalho. E quem não sofre não aprende a lutar.

Menino: Mas minha madrinha diz que eu estou com o diabo no corpo!...

A mãe: Que tem isso? Não se incomode. Tudo passa e, se você tiver paciência, Jesus ajudará para que estejamos sempre juntos.

Menino: Mamãe, não me deixe aqui! Leve-me com a senhora!... Estou apanhando muito com vara de marmelo. Veja minha barriga como está toda ferida dos garfos que ela me finca!...

A mãe: Não posso, meu filho, mas sempre que você orar aqui, eu virei ajudá-lo com os meus conselhos. Não reclame. Tudo isso acabará um dia!...

7. — Narrador: E, desde então, o menino triste apanhava calado, sem chorar. Diariamente, à tarde, com os vergões na pele e o sangue a correr-lhe em delgados filetes do ventre, o pequeno seguia, de olhos enxutos e brilhantes, para o quintal, a fim de reencontrar a mãezinha querida

sob as velhas árvores, vendo-a e ouvindo-a,
depois da oração.

Uma tarde, na hora da prece, sua mãe desencarnada apareceu-lhe e perguntou-lhe o motivo da tristeza que via em seu semblante magro.

Menino: Então, a senhora não sabe? Tenho passado fome... e já não aguento mais...

A mãe: Continue orando e espere um pouco.

8. — Narrador: Sua mãe desapareceu, mas o menino triste continuou orando.

Coro em surdina:

“Pai nosso que estais nos céus,
Na luz dos sóis infinitos,
Pai de todos os aflitos,
Neste mundo de escarcéus!”

7. — Narrador: De repente, um cão penetrou no quintal e deixou cair da boca um objeto escuro. Era um jatobá. Então, a voz de sua mãe ecoou no coração do menino triste, como uma música divina...

A mãe: Misture o jatobá com água e terá um bom alimento. Como vê, meu filho, quando oramos com fé viva, até um cão pode nos ajudar, em nome de Jesus!

Vozes: Graças a Deus! Graças a Deus!

Todas as vozes: Graças a Deus!

8. — Narrador: Um dia, o menino triste, que há dias não chorava, caiu em prantos na hora da oração. A mulher que o criava sob varadas de marmelo e espetadelas de garfos, estava exigindo dele maior sacrifício.

A bruxa: (riso de bruxa) Ah, ah, ah, ah, ah,

ah! Chame a benzedeira, chame a benzedeira pra rezar a ferida na perna do Moacir.

9. — Narrador: Moacir era um outro filho adotivo da mulher má, um rapazinho de 12 anos.

Bruxa: Reza essa ferida danada, que não quer sarar! **Benzedeira:** Ferida ruim assim e tão catiguda só pode curar com simpatia.

Bruxa: Que simpatia é essa?

Benzedeira: É lambida de criança, três sextas-feiras seguidas. **Bruxa:** Este diabinho serve?

Benzedeira: Quantos anos? **Bruxa:** Uns cinco...

Benzedeira: Tá muito magro, mas serve.

Bruxa: Então, ele começa amanhã, que é sexta-feira. (riso de bruxa) Ah, ah!

Menino: Minha madrinha vai me obrigar a lamber a ferida, mamãe.

A mãe: Você deve obedecer, meu filho. Seu sofrimento vai acabar. Dentro de pouco tempo, um anjo bom virá cuidar de você e seus irmãozinhos. Não contrarie sua madrinha. Seja humilde. Se você cooperar, teremos a paz que necessitamos para preparar o remédio que vai curar a ferida do menino, e seu sacrifício não será em vão.

Vozes: E ele lambeu a ferida. Três sextas-feiras seguidas!

10. — Narrador: Dois meses depois, acabou seu martírio. Seu pai casou-se novamente e sua madrastra, alma boa e

caridosa, o recolheu carinhosamente, a ele e a todos os irmãos que estavam espalhados.

Madrasta: Você sabe quem sou eu?

Menino: Sei, sim! A senhora é o anjo bom que minha mãe falou que me mandaria!...

Vozes: E o menino triste, desde então, passou a ser um menino alegre.

11. — Narrador: No seu novo lar, junto ao pai, à boa madrastra e a seus irmãos, todos viviam felizes, apesar da pobreza da família.

Vozes: A situação era difícil. .A guerra acabara e grassava a gripe espanhola.

12. — Narrador: O salário do chefe da família dava escassamente para o necessário e os meninos precisavam estudar.

Vozes: Não havia dinheiro para cadernos, livros, lápis...

13. — Narrador: Então, a boa madrastra teve uma inspiração.

Madrasta: Plantaremos uma horta, venderemos os legumes.

Menino: A senhora pode contar comigo!

14. — Narrador: Em algumas semanas, o menino alegre já estava na rua com o cesto de verduras.

Menino: Olha a couve!

Todas as vozes: Alface, almeirão, repolho!

15. — Narrador: De tostão em tostão, conseguiram encher o cofre.

Madrasta: Estão vendo o valor do serviço?

Agora já poderão frequentar as aulas!

Todas as vozes: E foi assim que, em janeiro de 1919, o menino alegre começou o ABC.

16. — Narrador: Com a saída do chefe da casa e dos filhos mais velhos para o trabalho, e com a ausência das crianças, na escola, a boa madrasta era obrigada, às vezes, a deixar a casa a sós, porque devia buscar lenha à distância.

Vozes: Aí, surgiu um problema.

17. — Narrador: Certa vizinha, vendo a casa fechada, ia ao quintal e colhia as verduras.

Vozes: Sem verdura não haveria dinheiro para as despesas com a escola.

18. — Narrador: Preocupada, a dona da casa, que não queria ofender uma pessoa amiga por causa de repolhos e alfaces, e não encontrava uma solução, lembrou-se da vidência do menino alegre. **Madrasta:** Meu filho, você diz que, às vezes, encontra o espírito de sua santa mãe. Peça-lhe um conselho. Nossa horta está desaparecendo e sem ela não poderemos sustentar o serviço escolar.

19. — Narrador: À tardinha, o menino alegre foi ao quintal e rezou como fazia sempre que queria ver e conversar com sua mãe.

Vozes: Contou-lhe as dificuldades e pediu ajuda.

Mãe: Diga à sua boa madrasta que,

realmente, não devemos brigar com os vizinhos. Será aconselhável que ela dê a chave da casa à amiga que vem talando a horta, sempre que precise ausentar-se, porque, desse modo, a vizinha, ao invés de levar os legumes, ajudará a tomar conta deles.

Vozes: A vizinha não mais tocou nas hortaliças, porque passou a responsabilizar-se pela casa inteira.

20. — Narrador: De novo reunido à família, e tudo em paz, o menino alegre, fosse porque tivesse retornado à tranquilidade ou porque houvesse ingressado na escola, não mais viu sua genitora com tanta frequência. Mas passou a ter sonhos.

Vozes: À noite, levanta-se do leito, agitado, conversa com interlocutores invisíveis. Desperta pela manhã, contando peripécias de pessoas mortas — coisas que ninguém podia compreender!...

21. — Narrador: Então, seu pai resolveu levá-lo ao vigário de Matozinhos que, depois de ouvir o menino perturbado, em confissão, recomendou que o garoto não lesse jornais, revistas, livros...

Padre: Ninguém volta a conversar depois da morte. É o demônio que está perturbando você, meu filho.

Menino: Mas, padre, minha mãe também conversa comigo!...

Padre: É o demônio.

Vozes: O menino perturbado refugiou-se, chorando, nos braços da madrastra, criatura piedosa e compreensiva.

Madrastra: Não chore, meu filho, ninguém pode dizer que você está sendo perseguido pelo demônio. Se forem realmente Espíritos que vêm conversar com você, naturalmente isso acontece porque Deus permite.

22. — Narrador: Percebendo que ninguém dava crédito ao que via e escutava em sonhos, certa noite rogou, em lágrimas, à sua mãe, que o ajudasse, que lhe explicasse o que deveria fazer.

Mãe: Não se exaspere, meu filho. Sem humildade é impossível cumprir uma boa tarefa.

Menino: Mas, mamãe, ninguém acredita em mim!...

Mãe: Que tem isso?

Menino: Mas eu digo a verdade!

Mãe: A verdade é de Deus e Deus sabe o que faz.

Menino: Não sei se a senhora sabe... papai e o padre estão contra mim. Dizem que estou perturbado...

Vozes: Mole da cabeça...

Mãe: Modifique seus pensamentos. Você é ainda uma criança, e uma criança indisciplinada cresce com a desconfiança e a antipatia dos outros. Não falte ao respeito para com o seu pai e para com o padre. Eles são mais velhos e lhe desejam todo o bem. Aprenda a calar-se. Quando lembrar alguma lição ou experiência recebidas em sonho, fique em silêncio. Não diga nada a ninguém. Se for permitido por Jesus, então, mais tarde virá o tempo em que você poderá falar. Por

enquanto, precisa aprender a obediência, para que Deus, um dia, conceda ao seu caminho a confiança dos outros. Se Jesus permitir, mais tarde estaremos juntos. Não perca a paciência e espere.

23. — Narrador: Acordando em prantos, o menino indeciso enxugou os olhos, resignado.

Vozes: E durante 7 anos consecutivos, de 1920 a 1927, o menino resignado não mais teve qualquer contato com sua mãe.

(sons de igreja)

Vozes: Ia à missa, confessava, comungava e acompanhava as procissões.

24. — Narrador: Levantava-se às seis horas da manhã para começar as tarefas escolares às sete horas.

Vozes: Das três da tarde às onze da noite, trabalhava na fábrica.

25. — Narrador: Em 1923, terminou o curso primário, no Grupo. Em 1925, deixou a fábrica para se empregar na venda do Sr. José Felizardo Sobrinho, onde o trabalho ia das seis e meia da manhã às oito da noite.

Vozes: Com o salário de treze cruzeiros por mês.

26. — Narrador: Entretanto, continuaram as perturbações noturnas. Depois de dormir, caía em transe profundo.

Vozes: Andava pela casa, falava em voz

alta, conversava com pessoas falecidas...

27. — Narrador: Em 1927, uma sua irmã caiu doente.

Vozes: Era um caso de obsessão.

28. — Narrador: Um casal de espíritas,

Vozes: José Hermínio Perácio e D. Carmem Pena Perácio.

29. — Narrador: ambos reunidos com familiares da doente, realizaram a primeira sessão espírita que teve lugar naquela casa. Na mesa, dois livros:

Vozes: “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e o “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.

30. — Narrador: Pela mediunidade de D. Carmem, manifestou-se a mãe do jovem sofrido, que psicografou:

Mãe: Meu filho, eis que nos achamos juntos novamente. Os livros à nossa frente são dois tesouros de luz. Estude-os, cumpra com seus deveres e, em breve, a bondade divina nos permitirá mostrar a você seus novos caminhos.

31. — Narrador: E assim realmente aconteceu. Desde então, o menino pobre, o menino triste, o menino alegre, o menino indeciso, o menino resignado e jovem sofrido iniciou o caminho que o tornaria conhecido no mundo inteiro como:

Todas as vozes: (gritando) Chico Xavier!

32. — Narrador: Foi D. Rosália a primeira

e única professora de Chico que descobriu sua mediunidade psicográfica. Fazia passeios campestres com os alunos que deveriam, no dia seguinte, levar-lhe uma composição, descrevendo o passeio.

Vozes: A composição de Chico sempre tirava o primeiro lugar!

33. — Narrador: Desconfiada, D. Rosália, um dia, fez o passeio mais cedo e, na volta, sentenciou:

Professora: Hoje, vocês vão fazer suas composições aqui mesmo, na minha presença. Vamos lá, escrevam suas impressões.

Vozes: Novamente, Chico detém o primeiro lugar, escrevendo uma verdadeira página literária sobre o amanhecer e daí tirando conclusões evangélicas.

34. — Narrador: D. Rosália mandou os alunos para casa e foi mostrar aos seus amigos íntimos a composição de Chico. Todos foram unânimes em reconhecer que aquilo, se não fora copiado, então...

Vozes: era dos Espíritos!

35. — Narrador: Chico contava 17 anos e era feliz, quando sua segunda mãe, de repente, adoece e desencarna. Antes do desenlace, porém, chamou-o à beira do leito e fez-lhe um pedido:

D. Cidália: Meu filho, quero que você me prometa continuar com a casa e não permita que seus irmãos sejam novamente entregues a estranhos.

36. — Narrador: O jovem prometeu. Empregou-se na venda do Sr. Juca, com o salário de 60 cruzeiros por mês e foi tocando pra frente. O dinheiro era pouco, mas com Deus era muito.

Vozes: Dava para as despesas e ninguém passava fome.

37. — Narrador: Aprendera a cozinhar e, ajudado por sua irmãzinha, conservava em dia o expediente do lar. Mas forças negativas começaram a perseguir seu patrão, dono do pequeno armazém de secos e molhados. Diziam:

Vozes: Ele protege um feiticeiro que fala com os espíritos!

38. — Narrador: Vencido pelas circunstâncias, Sr. Juca faliu, ficando o médium desempregado. Foi então que Chico entrou para o Funcionalismo Público, como simples datilógrafo, na Fazenda Modelo, do Ministério da Agricultura, distante 6 quilômetros da cidade. E ali,

Três vozes: no seio de uma natureza festiva, de um sol sempre vivo e acariciante, sob um dossel de nuvens garças, afagado por uma brisa leve e benfazeja, sentindo a música dolente dos pássaros livres e felizes, brincando descuidadamente.

39. — Narrador: É ali que Chico demonstra sua admiração pela natureza.

Vozes: Ama até as pedras e os montes pensativos. Vê em tudo poesia e oração, lições num grande livro aberto.

40. — Narrador: Trata as árvores como irmãs, com graça e doçura. Compreende como poucos a alma do grande todo.

Vozes: Sente tudo, humaniza as coisas, ouve a voz do silêncio...

41. — Narrador: Para ele, as águas falam e ele as entende. A cachoeira marulhenta e a quietude profunda dos rios têm semelhança com as criaturas. Um raio de luz, uma carícia, um inseto que voeja lhe prendem a atenção, fazem-no pensar e lhe provocam sorrisos nos lábios e fulgurações nos olhos vivos, ternos e mansos.

Vozes: Em tudo vê poesia e vida, verdade e luz, beleza e amor.

42. — Narrador: E, acima de tudo,
Todas as vozes: a presença de Deus!

43. — Narrador: Seu maior desejo era ter um quarto seu, com uma janela toda de vidro para ele poder ver o céu à noite.

Vozes: Cheio de estrelas!

44. — Narrador: Sentir os mundos que estão rolando pelo infinito, como lenços a nos acenar, a nos chamar e pedir que lutemos para os merecer.

Vozes: Precisamos olhar menos para a Terra e mais para o céu, porque o silêncio do céu é mais eloquente que todas as vozes humanas!

45. — Narrador: Em 1927, foi fundado o

Centro Espírita Luiz Gonzaga, em Pedro Leopoldo, sediado na residência de José Cândido Xavier, que se fez presidente da entidade. As reuniões se realizavam às segundas e sextas-feiras.

Vozes: Muita gente, muito entusiasmo, muita promessa!

46. — Narrador: Então, quando reinava grande euforia chegaram, vindos de Pirapora, D. Rita da Silva, com quatro filhas obsidiadas, e um irmão, tio das doentes. As moças, em plena alienação mental, tinham tremendas crises de loucura.

Vozes: Mordiam-se umas às outras, gritavam, blasfemavam!...

47. — Narrador: O espírito de D. Maria João de Deus, a santa genitora de Chico Xavier, explicou, pela mão do filho:

Mãe: Meus amigos, temos desejado o trabalho e o trabalho nos foi enviado por Jesus. Nossas irmãs doentes devem ser amparadas aqui, no Centro. A fraternidade é a luz do Espiritismo. Procuremos servir com Jesus!

48. — Narrador: Isso aconteceu numa noite de segunda-feira. Quando chegou a reunião de sexta-feira, Chico Xavier e seu irmão José Cândido estavam sozinhos, em companhia das obsidiadas.

Vozes: Ninguém mais compareceu.

49. — Narrador: Mas o tratamento foi feito e continuou alguns meses, até a cura

completa. Uma noite, porém, em que José Cândido teve de ausentar-se a serviço, pediu a um homem rústico e bom — que residia a pouco tempo de Pedro Leopoldo, e que o povo dizia ser muito experimentado em doutrinar Espíritos das trevas — que fosse ajudar Chico no tratamento das obsidiadas.

Vozes: Sr. Manoel aceitou o convite e, na hora aprazada, compareceu ao Centro, com uma Bíblia debaixo do braço.

50. — Narrador: A sessão começou, eficiente e pacífica. Um dos espíritos amigos, por intermédio do médium, deu a orientação ao Sr. Manoel:

Espírito: “Meu irmão, quando o obsessor infeliz apossar-se do médium, aplique o Evangelho com veemência”.

Sr. Manoel: Pois, não! A vossa ordem será cumprida.

51. — Narrador: E, quando a primeira das entidades perturbadoras se incorporou no médium, Sr. Manoel tomou a Bíblia e bateu com ela, muitas vezes, na cabeça de Chico, exclamando:

Vozes: Tome Evangelho! Tome Evangelho!

52. — Narrador: O obsessor, sob a influência de benfeitores espirituais da casa, afastou-se de imediato e a sessão foi encerrada.

Vozes: Mas Chico esteve seis dias de cama, para curar dolorosa torção no pescoço.

53. — Narrador: E, ainda hoje, afirma

satisfeito:

Chico: Sou, talvez, uma das poucas pessoas no mundo a levar uma surra de Bíblia!

(sons de igreja)

54. — Narrador: Um dia, um dos missionários católicos que visitavam Pedro Leopoldo falou, de púlpito:

Padre: Esse médium espírita deve ir para o Inferno.

Vozes: Foi um reboião!

55. — Narrador: Chico, que frequentara a Igreja desde a infância, ficou muito chocado. À noite, na reunião costumeira, ele diz ao espírito de sua mãe:

Chico: Estou muito triste, o padre me xingou muito!

Mãe: Que tem isso? Cada pessoa fala daquilo que tem ou daquilo que sabe.

Chico: Mas ele me mandou para o Inferno!

...

Mãe: Ele o mandou para o Inferno, mas você não vai! Pronto. Fique na Terra mesmo!

56. — Narrador: Em 1931, quando Chico passou a receber as primeiras poesias de “Parnaso de Além Túmulo”, um cavalheiro de Pedro Leopoldo, muito impressionado com os versos, resolveu apresentar o médium e os poemas a certo escritor mineiro, de passagem pela cidade.

Vozes: O filho de João Cândido vestiu a melhor roupa que tinha e, com a pasta de mensagens debaixo do braço, em

companhia do amigo, foi ao encontro marcado.

Homem: Este é o médium de quem lhe falei!

57. — Narrador: O escritor leu sonetos de Augusto dos Anjos.

Vozes: Poemetos de Casimiro Cunha, quadras de João de Deus...

58. — Narrador: E, depois de rápida leitura, sentenciou:

Escritor: Isso tudo é bobagem! Esse rapaz é uma besta! **Homem:** Mas, doutor, o rapaz tem convicção e abraça o Espiritismo como doutrina!...

Escritor: Pois, então, é uma besta espírita! ...

59. — Narrador: Desapontado, o médium despediu-se. Em casa, durante a oração, sua mãe apareceu.

Chico: A senhora viu como fui insultado?

60. — Narrador: E como a entidade parecesse alheia ao assunto, o filho contou-lhe o caso.

Mãe: Não vejo insulto algum. Creio até que você foi muito honrado. Uma besta é um animal de trabalho.

Chico: Mas o homem me chamou de besta espírita!

Mãe: Isso não tem importância! Imagine-se como sendo uma besta a serviço do Espiritismo. Se a besta não dá coices, converte-se num elemento valioso e útil. Você não acha que é bem assim? **Chico:**

É, pensando bem, é isso mesmo!...

Monitor: Címbalos quando Emmanuel fala.
Som de marimba quando a mãe fala. Som
de bongô quando a benzedeira fala.
Risadas de bruxa quando a madrinha fala.
Sons de igreja quando o padre entra.
Fundo musical para o soneto. Efeitos
especiais de luz.

(Emmanuel e a mãe falam ao microfone,
com alto-falantes)

Vozes: (em surdina, cantando) — “No céu,
no céu, com minha mãe estarei, no céu, no
céu, com minha mãe estarei!..”

61. — Narrador: Em 1931, Chico
acompanhava o enterro de um amigo, que
desencarnara em Pedro Leopoldo, quando
um padre lhe disse:

Padre: Chico, dizem que você anda
recebendo mensagens do outro mundo!...

Chico: É verdade, reverendo. Sinto que
alguém me ocupa o braço e se serve de
mim para escrever!...

Padre: Tome cuidado! Lembre-se de que o
espírito das trevas tem grande poder para o
mal!...

Chico: Mas o espírito que se comunica
somente nos ensina o bem.

62. — Narrador: O sacerdote retirou de um
livro um papel em branco e desafiou:

Padre: Bem, Chico, estamos no Cemitério.
Veamos se há aqui algum espírito
desejando escrever!...

63. — Narrador: O médium recebe o papel,
concentra-se, sente o braço tomado por

uma entidade e psicografa:

“Adeus”

O sino plange em terna suavidade
No ambiente balsâmico da igreja;
Entre as naves, no altar, em tudo adeja
O perfume dos goivos da saudade.

Geme a viuvez, lamenta-se a orfandade;
E a alma que regressou do exílio beija
A luz que resplandece, que viceja,
Na catedral azul da imensidade...

“Adeus, terra das minhas desventuras...
Adeus, amados meus”... — diz nas
alturas...
A alma liberta, o azul do céu singrando...

Adeus... choram as rosas desfolhadas,
Adeus... clamam as vozes desoladas
De quem ficou no exílio, soluçando...”

.Auta de Souza

64. — Narrador: Nos fins de 1931, à tardinha, Chico Xavier orava sob uma árvore junto ao açude, pitoresco local na saída de Pedro Leopoldo, quando viu, à pequena distância, uma grande cruz luminosa. Pouco a pouco, dentre os raios que formava, surgiu alguém!...

(forte batida de címbalos)

Vozes: Era um espírito alto, simpático, de atraente e rara beleza!

65. — Narrador: Aproximou-se do jovem médium, com quem manteve longa conversação. Em certo ponto do diálogo, a entidade perguntou-lhe:

Emmanuel: Está você realmente disposto a trabalhar na mediunidade com o Evangelho de Jesus?

Chico: Sim, se os bons espíritos não me abandonarem. **Emmanuel:** Você não será desamparado, mas, para isso, é preciso que você trabalhe, estude e se esforce no bem.

Chico: E o senhor acha que estou em condições de aceitar o compromisso?

Emmanuel: Perfeitamente, desde que você procure respeitar os 3 três pontos básicos para o serviço.

66. — Narrador: E, porque o orientador se calasse, o rapaz perguntou: **Chico:** Qual é o primeiro?

Emmanuel: *Disciplina.*

Chico: E o segundo?

Emmanuel: *Disciplina.*

Chico: E o terceiro?

Emmanuel: *Disciplina.*

67. — Narrador: Feito o acordo, o espírito amigo despediu-se e Chico Xavier teve consciência de que para ele ia começar uma nova tarefa.

68. — Narrador: Foi este o primeiro contato do médium com seu guia espiritual, Emmanuel, a quem o Brasil inteiro admira e respeita. Senador romano na época de Cristo, encarnando a personalidade de Publius Lentulus, é

fecunda sua obra de universalização do Evangelho, à luz do Espiritismo.

(címbalos: começam pianíssimo e vão crescendo)

69. — Narrador: Depois, várias entidades apareceram na sua estrada. As primeiras páginas da sua grande obra foram psicografadas.

Vozes: A fonte começou a jorrar e tornou-se, com o tempo, por graças de Deus, uma torrente de água pura, maravilhando-nos e dessedentando-nos.

70. — Narrador: Um dia, Chico levantara-se cedo e, ao sair de charrete para a Fazenda onde trabalhava, encontrou no caminho o Floriano.

Floriano: Sabe quem morreu, Chico?

Chico: Não, quem foi?

Floriano: O Juca, seu ex-patrão. Morreu na miséria, sem ter nem o que comer!

Chico: Coitado!

71. — Narrador: E Chico tira do bolso o lenço e enxuga os olhos.

Chico: A que horas é o enterro?

Floriano: Acho que vão enterrá-lo a qualquer hora, como indigente, no rabecão da Prefeitura.

72. — Narrador: Chico pensa um pouco e, emocionado, pede:

Chico: Floriano, me faça um favor: vá à casa onde ele desencarnou e peça para esperarem um pouco. Vou ver se lhe

arranjo um caixão, mesmo barato.

73. — Narrador: Chico desce da charrete e manda um recado para seu chefe. Recorda seu ex-patrão, figura humilde de bom servidor, que tanto bem lhe fizera. E ali mesmo, no caminho, ora: **Chico:** Senhor, trata-se de meu ex-patrão, a quem tanto devo. Que me socorreu nos momentos mais angustiosos, que me deu emprego com o qual socorri minha família, que tanto sofreu por minha causa. Que eu lhe pague, em parte, a gratidão que lhe devo. Ajude-me, Senhor!

Vozes: Tirou o chapéu da cabeça, estendendo-o de porta em porta, pedindo uma esmola para enterrar o extinto amigo.

74. — Narrador: Daí a pouco, toda Pedro Leopoldo sabia do sucedido e estava perplexa, comovida com a humildade de Chico. Um mendigo cego, popular na cidade e que muito o estimava, esbarrou com ele.

Mendigo: Por que tanta pressa, Chico?

Chico: Desculpe, meu nego, estou pedindo esmolas para enterrar meu ex-patrão.

Mendigo: Seu Juca? Já soube que ele morreu. Coitado, tão bom!... Espere aí, tenho aqui algum dinheiro que me deram de esmola, ontem e hoje.

Vozes: E despejou no chapéu do Chico tudo o que havia arrecadado.

75. — Narrador: Com o dinheiro esmolado, comprou o caixão. Providenciou o sepultamento.

Acompanhou-o até o cemitério. Regressando à casa, os irmãos e o pai observavam-no, comovidos. **Vozes:** Em prece muda, agradeceu a Deus.

76. — Narrador: Emmanuel apareceu-lhe sorridente e nada disse. O sorriso de seu bondoso guia dizia tudo.

Vozes: Ganhara o dia, pagara uma dívida e dera de si um testemunho de humildade, de gratidão e de amor ao Divino Mestre.

Vozes: Em meados de 1932, o Centro Espírita Luiz Gonzaga estava reduzido a um quadro de cinco pessoas:

José Hermínio Perácio, D. Carmem Pena Perácio, José Cândido Xavier, sua esposa D. Geny Pena Xavier e Chico.

77. — Narrador: Os doentes obsidiados surgiam sempre, mas, depois das primeiras melhoras.

Vozes: desapareciam como por encanto.

78. — Narrador: Por imposição da vida familiar, o casal Perácio precisou transferir-se para Belo Horizonte.

Vozes: O grupo ficou limitado a três companheiros.

79. — Narrador: Dona Geny adoeceu...

Vozes: E o Centro ficou apenas com os dois irmãos. **Narrador:** José, no entanto, era seleiro e naquela ocasião teve que trabalhar à noite para um credor que lhe vendia couros e que insistia em receber-lhe os serviços noturnos, numa oficina de arreios, em forma de pagamento.

Vozes: Vendo-se sozinho, o médium também quis ausentar-se.

80. — Narrador: Mas, na primeira noite em que se achou só, no Centro, sem saber como agir, Emmanuel apareceu-lhe:

(címbalos, forte)

Emmanuel: Você não pode afastar-se. Continue o serviço.

Chico: Continuar como? Não tem ninguém aqui para ouvir.

Emmanuel: E nós? Nós também precisamos ouvir o Evangelho para reduzir nossos erros... E, além de nós dois, temos aqui numerosos desencarnados que precisam de esclarecimentos e consolo. Abra a sessão na hora regular, estudemos juntos a lição do Senhor e não encerre a sessão antes de duas horas de trabalho.

81. — Narrador: E, assim, por muitos meses, de 1932 a 1934, Chico abria o pequeno salão do Centro e fazia a prece de abertura às oito horas da noite, em ponto. Em seguida, abria ao acaso “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e lia essa ou aquela instrução, comentando-as em voz alta.

Vozes: Só encerrava a sessão às 10 horas.

82. — Narrador: Por essa ocasião, sua vidência alcançou maior lucidez.

Vozes: Via uma porção de desencarnados sofrendores que iam ali à procura de paz, ou eram levados por guias espirituais.

83. — Narrador: Chico ouvia-os e dava-

lhes respostas sob a inspiração de Emmanuel. Quem passava na rua olhava desconfiado.

Vozes: Que homem maluco! Reza, conversa e gesticula sozinho!

84. — Narrador: E essas reuniões de médium a sós com os desencarnados, no Centro iluminado, de portas abertas, se repetiam todas as noites, de segunda a sexta-feira.

85. — Narrador: José e Chico possuíam um bonito cão, de nome Lorde.

Vozes: Era diferente dos outros cães.

Chico: Era meu inseparável companheiro de oração.

86. — Narrador: Todas as manhãs e noites, em determinadas horas, quando Chico ia para o quarto fazer suas preces, logo chegava o Lorde.

Vozes: Punha as patas sobre a cama, abaixava a cabeça e ficava em atitude de recolhimento.

Chico: Quando eu acabava de orar, ele também acabava, e ia deitar-se a um canto do quarto.

Vozes: Lorde parecia gente!

Chico: Em minhas preces mais sentidas, Lorde levantava a cabeça e enviava-me seus olhares meigos, compreensivos, às vezes cheios de lágrimas, como a dizer que me conhecia o íntimo, ligando-se a meu coração.

87. — Narrador: Um dia, desencarnou.

Chico enterrou-o no quintal de sua casa, com um pedacinho do seu próprio coração.

Vozes: Os animais também têm alma e valem pelos melhores amigos!

88. — Narrador: Seu irmão José, que fora por muito tempo seu orientador e dirigia as sessões do Centro Luiz Gonzaga, adoeceu gravemente e desencarnou, deixando a ele o encargo de amparar a família. Dias depois, Chico verificou que seu irmão lhe deixara também uma dívida, pois esquecera de pagar a conta de luz, na importância de onze cruzeiros.

Vozes: Mas não havia dinheiro! Como faria ele para saldar aquela dívida inesperada?

89. — Narrador: Pensativo, sentou-se na soleira da porta de sua casa. Momentos depois, aparece-lhe Emmanuel.

(címbalos)

Emmanuel: Não se apoquente. Confie e espere!

(címbalos decrescendo)

90. — Narrador: Horas depois, alguém bate à porta. Era um senhor da roça.

Roceiro: O sinhô é o sô Chico Xavié?

Chico: Sim. Às suas ordens, meu irmão.

Roceiro: Soube que seu irmão José morreu e vim aqui pagá uma bainha de faca que ele feiz pra mim.

91. — Narrador: Chico agradeceu-lhe. Ficando só, abriu o embrulhinho que o roceiro lhe entregara. Dentro estavam

onze cruzeiros!

Vozes: Para pagar a luz.

92. — Narrador: D. Josefina era uma senhora cega, muito estimada em Pedro Leopoldo e tinha verdadeira adoração pelo Chico.

Vozes: Seu maior desejo era que um dia ele jantasse com ela.

93. — Narrador: Marcado o dia, Chico compareceu. A mesa estava posta. Como convidado de honra, ele sentou-se à cabeceira. Dos lados, duas amigas de ambos, que também foram convidadas. Por ser pobre, D. Josefina fez apenas uma sopa de legumes. Emocionado com a homenagem da dona da casa, o médium foi tomando a sopa e conversando, quando, de repente...

Vozes: Vê uma barata preta no meio do prato!

94. — Narrador: Na repulsa do momento, Chico quis afastar o prato para o lado, ao mesmo tempo em que D. Josefina lhe perguntava: D. Josefina: Então, Chico, está gostando da minha sopa? Olhe que a fiz com muito cuidado e carinho, em sua homenagem!...

Chico: Está ótima, minha irmã. Sou-lhe muito grato pela sua bondade. Não mereço tanto!

95. — Narrador: E, para que ninguém visse seu achado, foi conversando e tomando a sopa!...

Vozes: Dona Josefina ria de contente!

96. — Narrador: Diante da alegria da irmã querida, que se sentia tão honrada, ele esqueceu-se da barata e começou a conversar animadamente, a contar casos e a comer. No fim, o prato estava vazio!

Vozes: Ele engoliu a sopa toda e a barata também! Narrador Era comum, antes da abertura das sessões, algum elemento mal informado provocar discussões acaloradas em torno da mediunidade. E o médium às vezes se irritava, tentando explicar, sem ser compreendido. Certa feita, o espírito de D. Maria João de Deus compareceu e aconselhou:

Mãe: Meu filho, para curar essas inquietações você deve usar a Água da Paz.

97. — Narrador: Satisfeito, o médium procurou o medicamento em todas as farmácias da cidade.

Vozes: Mas não o encontrou.

98. — Narrador: Recorreu a Belo Horizonte.

Vozes: Nada!...

99. — Narrador: Ao fim de duas semanas, comunicou a sua mãe desencarnada o fracasso da busca. Dona Maria sorriu.

Mãe: Não precisa viajar em semelhante procura. Você tem o remédio em casa mesmo. A Água da Paz pode ser a água do pote. Quando alguém o provocar com a palavra, beba um pouco de água pura e

consERVE-a na boca. Não a ponha fora, nem a engula. Enquanto perdurar a tentação de responder, guarde a Água da Paz, banhando a língua!...

Vozes: Ele compreendeu que sua mãe lhe dava uma lição de humildade e silêncio.

100. — Narrador: Depois do conselho da Água da Paz, o médium sentiu no braço a influência de um novo amigo invisível. Tomou o lápis e o novo visitante, Casimiro Cunha, escreveu:

Vozes:

Meu amigo, se desejas
Paz crescente e guerra pouca,
Ajuda sem reclamar
E aprenda a calar a boca.

101. — Narrador: Um dia, Chico levantou-se às oito horas da manhã. Estava atrasado. A charrete não o esperara e ele foi mesmo a pé para o escritório da Fazenda, caminhando apressadamente. Ao passar defronte à casa de Dona Alice, esta o chamou:

D. Alice: Chico! Estou esperando-o desde as seis horas. Quero que você me dê uma orientação.

Chico: Estou muito atrasado, Dona Alice. Logo mais, na hora do almoço, eu atendo a senhora.

102. — Narrador: D. Alice ficou triste, desapontada, olhando o jovem que retomara os passos ligeiros a caminho do serviço. Um pouco adiante, Emmanuel lhe diz:

Emmanuel: Volte, Chico, atenda à irmã Alice. Gastará apenas cinco minutos, que não irão prejudicá-lo!...

103. — Narrador: Chico volta e a atende.

D. Alice: Sabia que você voltava, conheço seu coração.

104. — Narrador: E lhe pedira explicações de como tomar determinado remédio homeopático que, por seu intermédio, lhe fora receitado pelo Dr. Bezerra de Menezes.

Vozes: Atendida, ficou toda contente!

D. Alice: Obrigada, Chico. Deus lhe pague. Vá com Deus!

105. — Narrador: Chico parte, apressado. Quer recobrar os minutos gastos. Mal andara uns cem metros, Emmanuel volta a aparecer:

Emmanuel: Pare um pouco. Olhe para trás e veja o que está saindo dos lábios de D. Alice, vindo até você.

106. — Narrador: Chico para e olha.

Vozes: Uma massa branca de fluidos luminosos saía da boca da irmã atendida e encaminhava-se para ele, entrando-lhe no corpo.

Emmanuel: Viu, Chico? Imagine se, ao invés de “Vá com Deus!”, ela dissesse “Vá com o diabo!...”, que coisas diferentes estariam saindo de seus lábios!

...

107. — Narrador: Uma jovem abatida,

num acesso de tosse, chegara ao Centro Luiz Gonzaga, com receita médica.

Vozes: Estava tuberculosa.

108. — Narrador: O médico receitara remédios, mas...

A moça: Chico, o médico me aconselhou a tomar estes remédios durante trinta dias, mas não tenho dinheiro. Você pode arranjar-me alguns cobres?

Chico: Hoje não tenho, minha filha! E meu pagamento no serviço ainda está longe...

A moça: Que devo fazer, então Estou desarvorada!...

109. — Narrador: Chico pensou, pensou... e disse-lhe:

Chico: Peça à Mãe Santíssima socorro e este não lhe faltará. A que horas deve tomar os remédios?

A moça: De manhã e à noite.

Chico: Então, você corte a receita em sessenta pedacinhos. Deixe um copo de água pura na mesa, em sua casa e, no momento de usar o remédio, rogue a proteção de Maria Santíssima. Tome um pedacinho da receita com água abençoada, em memória dela e, repetindo isso duas vezes ao dia, no horário determinado, sem dúvida, pela fé, você terá usado a receita.

110. — Narrador: A enferma agradeceu e saiu.

Vozes: Um mês depois, visitou o Centro, corada e refeita. **Chico:** Oh! É você?

A moça: Sim, Chico, engoli os pedacinhos da receita e estou perfeitamente boa.

Chico: Então, minha filha, vamos render graças a Deus!

111. — Narrador: Cinco anos após iniciar sua grande missão no campo da mediunidade publicou, em 1932, seu primeiro livro, o célebre “Parnaso de Além Túmulo”. Hoje, decorridos 60 anos daquele lançamento e 65 de exercício ininterrupto da mediunidade, o famoso médium já lançou 360 livros no nosso idioma.

Duas vozes: Quarenta e cinco obras foram vertidas para o castelhano, dez para o esperanto, cinco para o inglês, duas para o francês, uma para o japonês, uma para o grego, três para o tcheco e duas para o italiano.

Todas as vozes: Oitenta e seis obras em braile, vinte e duas em hebraico e seis discos gravados.

112. — Narrador: A tiragem dos seus livros, cujas edições se esgotam com incrível rapidez, já atingiu milhões! Os direitos autorais de suas obras, sem exceção, são doados a instituições espíritas.

Vozes: Principalmente para fins assistenciais.

113. — Narrador: A obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier tem sentido eminentemente evangélico-cristão. Mesmo quando psicografa temas científicos ou filosóficos, sociológicos ou poéticos, infantis ou históricos, nota-se que o

perfume da mensagem cristã da Imortalidade recende em cada palavra, valorizando cada conceito. Em 1959, transferiu-se para Uberaba, onde continuou e continua seu messianismo mediúnico.

Vozes: Sua fama é internacional. Muitas cidades brasileiras já lhe concederam a cidadania!

114. — Narrador: A imprensa brasileira vem dedicando-lhe longos editoriais e até mesmo edições especiais, focalizando seu trabalho como:

Vozes: o fenômeno do século!

115. — Narrador: Fenômeno não apenas no sentido de mediunismo espiritual mas, e principalmente, pelas características e irrefutabilidade das mensagens de que é intermediário e pela vasta influência que suas obras exercem no complexo sócio-cultural-religioso do Brasil. Pela capacidade extraordinária de sintonia com mais de oitocentas entidades espirituais, pela quantidade e qualidade das obras publicadas, de elevada concepção moral e educativa, pelo tempo de exercício ininterrupto da mediunidade, pela variedade de aptidões mediúnicas reunidas num só instrumento:

Duas vozes: audiência, cura, transporte, materialização, psicografia, psicometria e psicofonia.

116. — Narrador: Por todas essas faculdades reunidas, Francisco Cândido

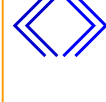
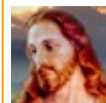
Xavier pode ser considerado, de fato, o maior médium do mundo. No entanto, na sua humildade, ele diz:

Chico: Sou apenas um animal em serviço... uma besta, por exemplo, carregando livros e documentos.

117. — Narrador: Olhos voltados para Deus. Mente cristocêntrica, Francisco Cândido Xavier se julga, entretanto, um pequenino ser, liliputiano, e ninguém o convence do contrário. Em razão mesmo de sua mediunidade em singulares imersões no passado histórico da raça humana, sua clarividência da milenária cadeia de vidas sucessivas e solidárias deu-lhe ao espírito, já por natureza humilde e generoso, as razões para o reconhecimento da grandeza única de Deus e da pequenez espiritual de todos nós face à Majestade Divina. Seu trabalho na época atual representa poderoso coadjuvante na ingente e inadiável tarefa de aproximar a criatura do Criador.

Todas as vozes: Chico, alma boa, querida e generosa, Deus lhe conceda muitos anos de vida física e, nos milênios do tempo, os indistinguíveis dons da alegria e da felicidade com Jesus!

(Jogral elaborado por Carlos Alves Neto)



2

Arnaldo Rocha



Aos leitores

1. Estas páginas não são fruto de veleidade literária. Posso classificá-las primeiramente como registros de uma profunda e humilde gratidão a um amigo que, com amor, caridade e toda a beleza que enaltece seu espírito, houve por bem amparar-me e orientar-me em momentos de tristeza e inquietudes. Em segundo lugar, como obediência fraterna às solicitações do diletíssimo Sr. José Martins Peralva Sobrinho, vice-presidente da União Espírita Mineira — U.E.M. — colmeia de trabalho e fraternidade, onde modesta e singelamente, porém de todo o coração, nos dedicamos às tarefas de servir, por acréscimo da misericórdia do Excelso Amigo Jesus. Considerações essas — acerca da responsabilidade pertinente a todos que tiveram a

oportunidade de uma convivência mais ou menos longa com FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER — que resultaram na narração de fatos, ocorrências e exemplos presenciados, vividos e coletados com o admirável apóstolo da humildade, da renúncia, da abnegação, da honestidade e da lealdade aos sublimes princípios doutrinário-evangélicos do Cristianismo Redivivo.

O convívio com o nosso Chico. Como o conheci.

2. Um simples e fortuito encontro de rua.
Um esbarrão para ser sincero.

Foi numa tardezinha de 22 de outubro de 1946.

Subia apressadamente a Av. Santos Dumont, em direção contrária à Estação Ferroviária. Ia triste, angustiado e acabrunhado. Havia perdido minha esposa 21 dias antes e, desde então, estabelecera-se em minha cabeça uma infinidade de pensamentos e reflexões díspares, desconexas. Meus conceitos materialistas e ateus digladiavam-se violenta e brutalmente com uma verdade insofismável: a sobrevivência do ser, a vida além da morte física. Uma verdade constatada casualmente, certa noite.

Buscando abrigar-me de forte temporal, bati à porta da casa de meu irmão Geraldo, no momento exato de iniciar-se uma reunião de intercâmbio espiritual. Convidado a entrar, fiquei diante de um impasse: ou enfrentava a chuva fria e torrencial ou

ficava para a reunião. A questão fé, religião e Doutrina Espírita não me interessava. Porém, contrariado, optei por ficar, sendo acomodado não longe da mesa de orações, próximo à D. Eny Fassanelo, uma amiga de longa data, originária da Itália, que, mesmo residindo no Brasil há mais de 30 ou 40 anos, ainda conservava um falar bem “macarronado”.

Atento aos acontecimentos, notei que as luzes foram diminuídas e as leituras e preces iniciadas. Pouco tempo depois, percebi mudanças em D. Eny que, subitamente, tornara-se fremente, estuante. Um estremecimento a fazia sofrer, parecia aflita, como se vomitasse substância grossa, viscosa, pegajosa.

Meu irmão Geraldo, defrontando com a ingerência — que para mim não passava de estultícia — dirigiu-se a ela com palavras ternas e carinhosas, acalmando-a, inspirando-a a relatar o que estava a lhe acontecer. ^N

Um silêncio longo e inquietante foi logo quebrado pelo som claro, bonito e musical de uma voz que era-me muitíssimo familiar. Uma voz que fazia-me evocar doces recordações e que identifiquei como sendo de minha esposa, Irma, desencarnada havia poucos dias. ^N

Estupefato, ouvi minha cunhada Luiza chamando-lhe de Naná — seu apelido — pedindo-lhe notícias, portando-se como se nada tivesse acontecido. Agindo tão naturalmente como se Meimei estivesse ali, em carne e osso, ainda que

apresentando um corpo e rosto bem diferentes dos seus.

Aumentavam ali minhas perturbações e questionamentos. As elucidações de Geraldo foram insuficientes e, em minha ignorância, revoltei-me, reneguei o fato presenciado veementemente.

Pois bem: esvaí-me em desesperos e angústias noite e dia e até que se verificasse meu encontro casual com Chico Xavier, 22 dias se passaram. Vinte e dois dias vividos numa intensa comburência mentopsíquica e emocional.

Eu caminhava taciturno e distraído quando, inadvertidamente, fui de encontro a um senhor, derrubando ao chão sua pequena pasta. Desculpei-me de imediato, entregando-lhe o objeto, reparando em suas maneiras simples e modestas, demorando-me em seu olhar de imensa bondade e candura. Reconheci naquele homem a personagem de reportagens lidas, há pouco tempo, na revista “O Cruzeiro”. Sim! O homem simples, modestamente trajado, alvo de meu descuido no andar, era, incontestavelmente, o Sr. Francisco Cândido Xavier, o médium de Pedro Leopoldo!

Indizível emoção me envolveu. Queria falar-lhe, apresentar-me, mas perdera a voz. Pus-me a chorar em plena via pública. Situação desconcertante, nós dois ali parados, atrapalhando os outros, dificultando o fluir normal dos transeuntes!...

O Sr. Francisco olhava-me com infinita

ternura. Tomou-me o braço e falou com sua voz quente, modulada de afeto e carinho:

— Escuta, Naldinho, não é assim que Meimei lhe falava? Ela está aqui, conosco, radiante de alegria pelos seus 24 janeiros, ou melhor, ela diz 24 primaveras de amor! Hoje não é o dia de seu aniversário?!? Deixe-me ver o retrato dela que você traz na carteira.

Fiquei estuporado, siderado mesmo! Nada lhe falara, a não ser o pedido de desculpas! Como sabia meu nome? Que sabia de Meimei ou de seu aniversário? Tentava controlar o choro, suava frio, envergonhado de mim mesmo. Inerme, mostrei-lhe a fotografia.

O médium pegou-a delicadamente. Pousou nela os olhos marejados de lágrimas e com um belo e reconfortante sorriso, segredou-me:

— Nossa querida princesa Meimei quer muito lhe falar. E hoje, em comemoração ao seu aniversário, podíamos fazer uma prece. Vamos à casa de Geraldo?

E para lá seguimos. Eu continuava mudo lívido, assustado. Havia terminado a leitura de “O Problema do Ser, de Destino e da Dor” (Léon Denis, 1919, F.E.B.), iniciara a leitura de “No Invisível” (Léon Denis, 1919, F.E.B.) e ainda estudava-o “O Livro dos Espíritos” (Allan Kardec, 1857), entretanto, meus conhecimentos doutrinários eram insignificantes, pequenos! Não compreendia, na essência, o que ocorria, não sabia que estava na companhia de um excelente clarividente.

Meu interlocutor discorria alegremente

sobre Meimei, como se de muito a conhecesse. Falou-me de sua alegria de viver, de sua jovialidade, poesias, leituras, sonhos e de sua doença.

Aos poucos, o mutismo e o espanto deram lugar a um encantamento e, mais à vontade, pus-me a conversar, absorvendo atentamente tudo o que aquele homem estava me revelando.

Em casa de Geraldo, preparamos uma reunião íntima e, através da Psicofonia Sonambúlica, por mais de uma hora, Meimei falou-nos de sua nova vida, da amizade dos amigos espirituais — André, Dr. Cornélio, Monsenhor Horta, sua avó Mariana...

A todo momento, exclamava jubilosa:

— “Meu Meimei, aqui tudo é lindo! Sou tratada como se fosse uma princesa! Todos são fraternos, tão joviais e gentis!... Aceite um conselho: leia, estude, trabalhe e sirva sempre.” ^N

No dia seguinte, meu novo amigo partiu para Uberaba, a serviço do Ministério da Agricultura, devendo encontrar lá um outro companheiro de Doutrina, o Dr. Rômulo Joviano, presidente do Centro Espírita Luiz Gonzaga, também diretor e superior de Chico na Fazenda Modelo, em Pedro Leopoldo. ^N

Na Estação Central do Brasil, convidou-me gentilmente a visitá-lo em sua cidade, aconselhando-me que o fizesse em dezembro. E na época aprazada, por volta do dia 20, fiz-lhe minha primeira visita. Contudo, logo logo as visitas tornaram-se

constantes e abracei, felicíssimo, a oportunidade de trabalhar conjuntamente com Chico nos serviços de ordem cristã.

Ocorrências e lições

3. A bem da verdade, devo dizer que no início de nossa amizade estranhava muito a disciplina que Chico impunha à sua vida. Ele retornava do serviço na Fazenda Modelo à tarde, ocupando-se, incontinenti, em visitas aos enfermos, no atendimento aos necessitados e, ainda, além das noites de segundas e sextas-feiras, dedicadas às reuniões no Centro Espírita Luiz Gonzaga, aplicava-se ao trabalho silencioso de recepção de mensagens e livros ditados por instrutores espirituais. ^N

Toda vez que eu voltava a Pedro Leopoldo, Chico inquiria-me com a mesma pergunta: — “O que está lendo? Fale-me de seus estudos e suas tarefas doutrinárias!” Com isso, aprendia a admirar e amar a “nossa alma querida”, exemplo de humildade, renúncia e abnegação. ^N

Numa tarde de sábado, reunidos em casa de Luiza, decidimos inspecionar as obras do pequeno prédio que viria a ser a nova sede do “Luiz Gonzaga”. Chegando lá, deparamo-nos com situações de desentendimento e altercação.

Dr. Rômulo Joviano e Lindolfo Ferreira — o responsável pelas obras — discutiam entusiasticamente em torno de ideias divergentes. Percebendo a presença de Chico, os dois amigos tranquilizaram os ânimos inflamados, de maneira que, em

poucos minutos, todos conversavam saudavelmente, num clima de alegria e descontração. Após a saída de Dr. Rômulo, Chico informou-nos que o terreno onde estávamos comportara, outrora, a casa em que nascera e que aquele exato local havia sido o quarto em que sua mãe, D. Maria João de Deus, dera à luz. Uma revelação emocionante! ^N

Lindolfo, abraçando-nos, disse:

— Ora, vejam só! Dr. Rômulo tem atitudes estranhas! Será que pensa estarmos ainda no cerco de destruição de Jerusalém? Estamos é construindo um templo de oração!!!

— Não se preocupe com o acontecido — disse-me Chico, algum tempo depois, a caminho de casa. — Dr. Rômulo e Lindolfo são os antigos inimigos encontrados no “Há dois mil anos”. O primeiro, nas vestes do senador romano Pompílio Crasso, amigo do também senador Publio Lentulus — Emmanuel. E o segundo, o bravo defensor da pátria judia, André de Gioras. Ambos, inconscientemente, estão recordando acontecimentos já passados. É bom nos lembrarmos do belo ensinamento emmanuelino: “O ontem muitas vezes fala mais alto do que podemos admitir no tempo a que chamamos hoje”. É por isso que em determinados estados da experiência física atual, ao nos envolvermos ou não em desarmonias mentopsíquicas e emocionais, permitimos que se nos aflorem, das criptas da inconsciência, cenas, fatos e sensações de

existências passadas, que nos levam a atitudes não condizentes com os padrões estabelecidos e criados pela personalidade atual.

Ensimesmado, procurava guardar a lição de Chico, apreendendo o sentido profundo que suas palavras encerravam.

D. Geny achava-se enferma. Aproveitando a presença de Clóvis Tavares, hospedado em casa de Chico, fomos visitá-la para palestrar, orar e atendê-la fluidoterapicamente.

A conversa conduziu-se para as lembranças da época em que Chico assentava-se ao extremo da mesa, na pequena sala onde durante anos funcionou o “Luiz Gonzaga”, para fazer suas preces e psicografar o “Há Dois Mil Anos”, o “50 Anos Depois” — páginas de Emmanuel — e outras de Cneio Lucius e Irmão X.

Rememoramos a belíssima passagem, na qual o orgulhoso senador romano, atendendo aos apelos de Lívia, e considerando o sofrimento da filha extremamente amada, resolveu sair à procura do Nazareno. ^N

O médium, com voz embargada, lágrimas a correr pelas faces, relatou-nos ocorrências que, evidentemente, não constavam do livro. Intempestivamente, Clóvis e eu sapecamos-lhe uma pergunta, cuja resposta nada mais representou que uma ingente demonstração de honestidade e pureza de sentimentos:

— Chico, no momento em que Jesus apareceu no cenário e dialogou com o

senador... você viu o Excelso Mestre?!?

Sua resposta:

— Meus companheiros queridos! ... Quem sou eu para vislumbrar o Divino Amigo! Pobre de mim, cisco que sou! Somente com uma inefável alegria pude registrar, muito palidamente, os reflexos de amor e gratidão sublimemente luminescentes, que o coração amoroso e agradecido de nosso benfeitor Emmanuel criara naquele instante de profunda reverência e de recordações!...

4. Na tela de minhas doces memórias, tenho gravada uma grande lição de verdadeiro amor fraterno e de desprendimento das coisas materiais, que a alma simples e caridosa da cidade de Pedro Leopoldo me exemplificou. Verificou-se por ocasião do Natal; quando de minha primeira visita ao amigo.

Havia levado pequena cesta, com frutas e guloseimas natalinas. Uma cesta de carinho, com a qual pretendia presenteá-lo. Logo que cheguei, fui recepcionado com calor e estima, sendo apresentado aos donos da casa, Lindolfo e Luiza, e a suas filhas — Maria Alice, a Pingo, e Lúcia. De pronto, entreguei-lhe o singelo presente, o qual muito me agradeceu.

Após conversarmos rapidamente, Chico convidou-me a fazer visitas. Em todos os lugares visitados, mostrava a tal cesta, deixando-me um tanto quanto acanhado.

Nos dirigimos especialmente a uma casa de

extrema pobreza, iluminada por lamparina a querosene. No quarto humilde, uma velhinha lastimosa jazia no leito. Seus olhos tristes, cansados e remelentos iluminaram-se de inenarrável contentamento, ao reconhecer Chico Xavier como seu visitante.

Estávamos ali na tentativa de aliviar o sofrimento daquela senhora. Conversamos, oramos, ministramos-lhe passes. E nestes instantes de doação sincera, parecia que milhares, milhões de lamparinas iluminavam o modesto aposento.

Ao final da visita, Chico falou à pobre mulher, olhando para mim:

— Nosso companheiro quis conhecê-la e trouxe estas coisas gostosas. Permite que eu prove de uma uva?!?

Centenas de vezes, através dos anos, eu e outros amigos presenciamos tais cenas. Tudo que Chico recebia amorosamente transferia, sem alarde, aos menos afortunados.

Clóvis, bem apropriadamente, costumava dizer: “Nosso Chico é igual ao outro — o de Assis!...”

5. Nosso querido amigo há muito claudicava. Doía-lhe um pé. Dr. José Rocha, médico vizinho e amigo, já lhe ministrara medicamentos sem, contudo, minorar seu sofrimento. Dr. Rômulo, um admirável gerador magnético, já lhe havia aplicado assistência fluidoterápica. Eu, de

minha parte, também colaborara, dentro de minhas limitações. Tudo de pouca valia! As dores persistiam, fazendo Chico manquitolar horivelmente.

Os funcionários da Fazenda Modelo retornavam às suas casas servindo-se de uma charrete — o “Charretão” — puxada por dois belos cavalos da raça Pocherrão. O veículo adentrava a cidade por uma rua onde localizava-se, então, o meretrício.

Uma tarde, Chico e seus companheiros, ao passarem pelo “Biriba” — designação vulgar dada ao logradouro — foram abordados por uma das moças que habitavam o Ingar. E dirigindo-se a Chico, disse:

— Venha até minha casa. Preciso lhe falar.

Gracejos, motejos, risadas e comentários infelizes fizeram-se ouvir. Chico desceu do carro, com dificuldade, acompanhando a moça até sua residência.

Todas as meretrizes que lá viviam receberam-no com profundo respeito, oferecendo-lhe uma cadeira, na qual Chico assentou-se.

A moça que o abordara trouxe uma pequena bacia, com água limpa. Humildemente, pediu-lhe permissão para descalçá-lo dos sapatos, colocando seu pé doente dentro da bacia. Segurando raminhos de flores do campo, a moça rezou e todas as outras a acompanharam, contritas. Ela molhava os raminhos e os batia, delicadamente, no pé de Chico, repetidamente, por várias vezes. Em seguida, enxugou-o, beijou-o e o calçou novamente.

Dois dias depois, chorando de emoção,

Chico contou-nos o que presenciara na casa de encontros. Através de sua vidência, registrou que o líquido da bacia foi ficando escuro e lodoso, à medida que a mulher banhava-lhe o pé, fazendo com que a dor se esvaísse lentamente.

Para todos os presentes, a água manteve-se inalterada, límpida, nada mudara.

Chico nunca mais sentiu tal dor. A pobre meretriz, no ato humilde, no gesto simples, na bacia insignificante e nos raminhos de mato, mais que nós outros, colocara em sua oração algo sublime e operador de maravilhas: o amor!

6. Já era noite e bem tarde, quando fomos à casa de Lucila. Chegando lá, deparamo-nos com Neusa acamada. Uma garota bonita, pobrezinha, tão magra, tão pálida e triste!

Sem demora, iniciamos as preces, informados por Chico sobre a necessidade urgente de aplicação de passes.

Pacheco, Lucila e Dorinha postaram-se de um lado da cama, enquanto que Chico e eu, no lado oposto. Apagada a luz, o medianeiro pôs-se a orar, para que envolvêssemos a enferma em vibrações terapêuticas.

Um perfume de rosas invadiu o recinto. Senti que algo leve e úmido tocava minha cabeça, braços e dedos. Chico, inebriado de êxtase fraterno, solicitou que mantivêssemos as mãos à altura do peito.

Finalmente, encerradas as preces,

constatamos estar cobertos, bem como o leito e o chão, de dezenas, coloridas, olorantes e frescas pétalas de rosas!

Este foi um dos mais belos fenômenos por nós presenciado, através da sensibilidade mediúnica do apóstolo do amor e da caridade.

Pela manhã, fomos notificados sobre a desencarnação de Neusa. ^N

O drama das obsessões

7. Muitas e muitas vezes, Chico falou-me de seu irmão José. Discorria acerca de seu amor à Doutrina Espírita, sua dedicação e interesse nas tarefas com os obsidiados que aportavam no “Luiz Gonzaga”. Enfatizava a paciência no atendimento em reuniões de intercâmbio e enfermagem espiritual às personalidades obsessoras que manifestavam-se presas da insanidade, do ódio e das perturbações mentais. E afirmava que, com a desencarnação do irmão mais velho, jamais entregara-se a tais misteres. Todavia, necessitava destas reuniões. Dia a dia avolumava-se, de forma expressiva, o número de companheiros em busca de um lenitivo ou amparo.

Condoía-me particularmente o desfile dos infelizes. Preocupava-me e afligia-me o drama dos lamentavelmente azorragados pelos comparsas do passado, e também daqueles outros que movimentavam-se na incúria e na desídia do presente. ^N

A areia escorria na grande ampulheta do tempo. As referências de Chico ao irmão, aos dramas dolorosos de obsessão que, semana após semana, afluíam ao Centro, denotavam a incontestável urgência de providências emergentes e eficazes. Tornou-se imperativo criar um grupo assistencial de socorro. E assim foi feito.

Ainda que infrequentemente, dedicamo-nos ao serviço. Mas, logo no começo de 1950, a questão transformou-se na tônica de nossos diálogos, dos quais eu discretamente fugia, apavorando-me e acovardando-me em assumir tamanha responsabilidade.

Conviver com Chico cotidianamente foi uma tarefa bastante difícil. Eu estava muito aquém dos padrões morais e intelectuais que eram e são-lhe próprios. E convencido disso, mais e mais me apaixonava pelo apóstolo dos gentios — Paulo de Tarso — cujos ensinamentos obrigaram-me a reestruturar radicalmente sentimentos, hábitos e valores. Porém, ainda assim, não intencionava imputar à minha vida semelhantes obrigações. ^N

Em 31 de julho de 1952, fizemos a primeira reunião do “Meimei”. Havia vencido minha relutância e covardia, resolvendo assumir a responsabilidade sobre as reuniões de desobsessão. ^N

A expressão “espírito obsessor” nunca me agradou muito. Sabia que por maldade, inveja ou fanatismo religioso muitos irmãos de caminhada situavam-se em tal catalogação. Por outro lado, gravava-se

em minha mente, de forma indelével, a escala espírita – [100ª QUESTÃO](#) de “O Livro dos Espíritos”, páginas 87 a 89 — na qual um percentual bastante expressivo de habitantes, encarnados e desencarnados, de nossa casa terrestre, mundo de expiação e provas, constitui a terceira ordem: a dos espíritos imperfeitos — [QUESTÕES 101ª A 106ª](#), páginas 89 a 92.

A sublime palavra do Excelso Amigo Jesus esclarece-nos quanto à Lei de Causa e Efeito, e em meus primeiros passos no campo doutrinário o drama dos obsidiados despertou em mim uma intensa compaixão. A preocupação e o interesse fraternos em entender, bem como compreender os estados patológicos no sentido de ajudar de alguma forma — acredito, sinceramente, proporcionaram-me também a assistência de bons amigos, em ambos os planos da vida. E Chico, claro, foi um deles.

Para que eu pudesse entender o paciente, sua história, pensamentos, hábitos, manias, gostos, etc., procurei sempre raciocinar em termos de pluralidade das existências, conforme estuda-se nas [QUESTÕES 918 E 919](#) do 12º capítulo — Da Perfeição Moral — de “O Livro dos Espíritos” — páginas 422 a 426.

A sincera dedicação às tarefas de intercâmbio e enfermagem espiritual, tão necessárias, dilatou-me os horizontes do entendimento e da compreensão. Havia, afinal, apreendido a lei: a aparente vítima do hoje havia sido direta e indiretamente o algoz do ontem. Assinalou-me um outro

aspecto sutil, melindroso, delicado: por hábito, a vivência em determinada corrente mental fazia hóspede e hospedeiro se entrelaçarem de tal maneira como se fossem a hera e o muro, a roda e o eixo. Conscientizei-me também que todos nós éramos obsidiados. Porque cada criatura vivia na paisagem pensamental e emocional criada por si mesma. Emmanuel ensinara-nos que “a obsessão é um conúbio de sombras”, e Meimei também foi-me um fulcro admirável de aprendizado sobre o assunto.

Dolorosos dramas apresentaram-se. As mais variadas técnicas, processos os mais sutis, artifícios maquiavélicos desfilaram perante minha sensibilidade. Se os companheiros que compareciam ao “Luiz Gonzaga”, amparados, carregados por seus familiares, conhecessem as reais razões de suas dores e sofrimentos — creio — perderiam totalmente o equilíbrio mental. O outro lado da moeda, a realidade, a verdade, a causa em si mesma era tantas e tantas vezes mais contristadora! Minha alma confrangia-se ao ouvir os relatos penalizantes das vítimas da ganância, da maldade declarada, dos artifícios da vaidade e do orgulho, da política e do obscurantismo religioso, fanático e cruel! Pensava, às vezes, que os efeitos eram ainda bastante suaves! Em certos momentos, se não tivesse havido para mim o amparo de benfeitores da Vida Imortal, não saberia conduzir-me e ajudar em tão pungentes dramas.

Quanto mais estudava e refletia sobre o 23º capítulo de “O LIVRO DOS MÉDIUNS” — Da Obsessão (Allan Kardec, 1861, páginas 297 a 314), mais me apercebia que existiam outros aspectos, outras nuances que escapavam à nossa capacidade de observação.

Finalizadas as tarefas, certa noite, eu comentava com os amigos Ennio Santos, Francisco Carvalho e Chico sobre a confusão mental em que me encontrava, pois entristecia-me a vivência e participação em situações tão infelizes. ^N Ocorreu-me uma ideia. Dirigindo-me a Chico, perguntei:

— Quem sabe o “senador” não nos forneça maiores esclarecimentos acerca da obsessão?

Chico registrara minha questão e, em instantes breves, falou-me:

— Nosso benfeitor Emmanuel pede para inteirar-lhe que no momento acha-se ocupado em determinados setores de serviço, que o impedem de atender-nos, como seria de seu desejo. Mas solicitará a um amigo a cooperação fraterna de sua experiência nesse mister!

Agradecemos-lhe e ficamos na expectativa.

Algumas semanas decorridas, tivemos, então, uma agradável surpresa, durante os momentos dedicados à recepção da palestra de encerramento. Após modificações significativas nas faces de Chico, ocupou-se de seus condutos psicofônicos sonambúlicos o Dr. Francisco Menezes Dias da Cruz, que apresentou-se dizendo-nos estar atendendo

às solicitações do mentor Emmanuel.

A partir desta noite, 15 de julho de 1954, iniciou-se com a entidade a palestra “Alergia e Obsessão”, um ciclo de explicações maravilhoso sobre “Parasitose Mental”, “Domínio Magnético”, “Fixação Mental e Terapêutica da Prece”, com o destaque dos magníficos temas “Auto-Flagelação” e “Obsessão Oculta”. ^N

História de uma grande lição

8. Certa feita, em 1947, estávamos em uma reunião no “Luiz Gonzaga”. Dr. Rômulo havia terminado a leitura dos textos de “O Livro dos Espíritos” e de “O Evangelho segundo o Espiritismo” (Allan Kardec, 1864), os quais seriam debatidos naquela noite.

Rubens Costa Romanelli e Clóvis, amigos nossos convidados, explanaram sobre a leitura com a beleza, a simplicidade e a eficiência que lhes eram peculiares, ambos muito conhecedores da Doutrina. ^N

Após as palavras de Romanelli, fez-se silêncio e qual não foi minha surpresa ao ouvir Lico chamar-me para prestar minha colaboração! Fiquei simplesmente apavorado! Nunca havia falado para tão grande plateia e, timidamente, cômico de minhas pobres letras e da indigência de meus valores intelectuais, e principalmente incentivado pelos companheiros, fiz minha primeira alocução, suando frio e tremendo muito. ^N

Terminada a palestra, seguimos para a casa de André, onde sempre degustávamos um cafezinho singular. Chico nos fez parar para transmitir uma grande e benéfica lição. Olhando para mim, disse:

— Meu amigo, Emmanuel lhe aconselha que quando for convidado a colaborar nos estudos, faça-o. Entretanto, apresenta-lhe três regrinhas primordiais. Primeira: não agrida os ouvidos dos presentes com todo o potencial de sua voz. Não grite, module-a educadamente. Segunda: ao referir-se a outras interpretações evangélicas, faça-o com respeito e consideração. Cada criatura encontra-se no estágio evolutivo de compreensão que lhe é próprio. E terceira regra: analise seus pensamentos e palavras. Caso não encontre neles uma mensagem de esclarecimento, de paz, de amor fraterno, de alegria e consolação, não fale nada! Mantenha-se em silêncio.

Humilde e agradecido, ouvi, aprendi o ensinamento. E através dos anos, tenho procurado ser fiel a esse roteiro.

O Grupo Coração Aberto

9. Por orientação de nossos benfeitores espirituais, passamos a nos reunir, Chico, Ennio, Chiquinho e eu, aos sábados, por um período de 12 meses. Indaguei Chico sobre a razão de tais encontros. Respondeu-nos:

— Emmanuel aconselhou-nos a aguardar confiantemente a bondade de Jesus!

Mentalmente, observei: — “Nada me disse. Qual a finalidade real?” — Acreditava

que, provavelmente, tais reuniões seriam dedicadas a tratamentos de enfermos, já que, há algum tempo, semanalmente, visitávamos doentes de toda a espécie. Orávamos e aplicávamos-lhes assistência fluidoterápica, de magnetização de água, orientando-lhes quanto ao seu uso. Abro uma ressalva para observar que, de quando em vez, atendíamos dois doentes numa mesma casa. O frasco d'água de cada um tinha odor característico e distinto, e bem como nos disseram, sabores diferentes. O cheiro de éter era uma constante, em qualquer local em que nos colocássemos na hora de servir.

Cheguei ao “Meimei” para a primeira atividade, na hora marcada, e não encontrei nenhum enfermo. Mas nada comentei. Num canto do salão, havia uma cadeira de balanço em vime, na qual Chico preferia sentar-se. Ennio e Chiquinho acomodaram-se à sua esquerda, enquanto que eu, à sua direita.

Fizemos as preces e leituras iniciais. Fascinados, presenciamos o belo fenômeno de intermundos: a justaposição da personalidade espiritual com o medianeiro. O rosto de Chico rejuvenesceu e afilaram-se-lhe as faces. Era José Xavier, seu querido irmão, que apresentou-se cumprimentando meus companheiros. E virando-se para mim, disse:

— “É, caríssimo amigo, você conjecturou bem, ao chegar e não ver aqui nenhum irmão necessitado de assistência. Ocorre que os enfermos já se encontram no local.

Somos nós mesmos, meu amigo! Nossos benfeitores da Vida Maior, após estudos em nossas fichas cármicas, houveram por bem permitir a autorização de tal tarefa — a de assistência a nós mesmos! Aguardemos a magnanimidade do Pai Amantíssimo! Saibamos valorizá-la! Companheiros dedicados e amorosos porfiam em análises e teses de assuntos específicos, nos quais nos comprometemos em vidas pregressas. Lembramos-lhes que a paciência, a humildade, a ternura e o carinho, a sinceridade, a lealdade e a oração deverão ser permanentemente aplicados com o amparo de Jesus nos reencontros que, naturalmente, esperamos venham a se concretizar. Humildade e prece! Confiança! Não estaremos desamparados no Grupo Coração Aberto!”

José Xavier encerrou, assim, sua comunicação, desligando-se dos condutos psicofônicos. Silêncio expectante para, logo após, sermos surpreendidos por uma gargalhada sarcástica, ferina, infausta. Fitamos o médium e defrontamo-nos com uma fisionomia estranha, nada lembrando o rosto bonacheirão e tão querido de Chico. Estava gélido, pesado e feio! A entidade manifestou-se por mais de 90 minutos. Conversamos, houve tentativas de reconciliação, súplicas de perdão!... Houve até uma leve promessa de provável entendimento futuro, tão comumente proferida pelos espíritos presos ao mundo material. Embora desconfiado e resistente, agradeceu-nos as preces e informou-nos

estar espantado de encontrar-se conosco — nobres e distintos amigos dada a convivência, ainda que transitória, com seres quiçá mais necessitados que ele de proteção e misericórdia divinas.

Aos poucos, o semblante do nosso bem-amado Chico tornou-se suave, doce e iluminado. Emmanuel apresentava-se inconfundivelmente, discorrendo com muita beleza e seriedade o que certamente iria acontecer em nossos futuros colóquios. Solicitou-nos empenho ao trabalho, firmeza na fé e humildade na vida, fazendo-nos recordar as afirmativas de Paulo, num trecho da [1ª CARTA AOS CORÍNTIOS — 15,33](#): “Não vos enganeis. As más conversações corrompem os bons costumes”.

Emmanuel finalizou a reunião, deixando-nos a refletir sobre as palavras do Evangelho, do [CAPÍTULO 12, VERSÍCULO 1, DOS HEBREUS](#): “Portanto, nós também, pois que estamos rodeados de tão grande número de testemunhas, deixemos todo o embaraço”.

Doze meses depois de iniciadas as tarefas, numa bela noite, após as orações costumeiras, José Xavier apossou-se do corpo físico do irmão e conversou conosco. A certa altura, proferiu estas palavras:

— “Vocês são criaturas felizes, pois aqui mesmo, na Terra, estão reencontrando velhos compromissos e esforçando-se para a redenção. Somente neste estágio em que me encontro é que estou saldando os meus e, sinceramente — deu um longo suspiro

— na Terra é bem mais fácil!”

Depois, foi a vez de Meimei:

— “Quero suplicar uma caridade aos vossos bondosos corações. Façam seus comentários sobre estes eventos sempre com amor e lembrem-se na oração dos irmãos que nos auxiliaram na tarefa. Brevemente, será possível que todos nós venhamos a nos agrupar novamente, com propósitos sinceros de servir a Jesus!”

Já achando estranho a ausência de manifestações outras, falei ao Ennio:

— Que perfume delicioso! — notando, com grande alegria, que Chico estava de pé, assumindo o aspecto facial e a postura inconfundível de Emmanuel. Havia bem uns 6 meses que não éramos honrados com sua nobre presença.

— “Meus caros condiscípulos, meus filhos! Que o Senhor e Mestre seja convosco! Nossos celestiais benfeitores aconselham-nos, nesta data, o encerramento destas atividades a que nos detivemos durante 12 meses. O Todo Magnânimo concedeu-nos oportunidades sublimes no decorrer destas 52 semanas vencidas, as quais obviamente saberemos valorizar. Há muitos processos pendentes. Contudo, a escola aí está. Glorifiquemos as horas e honremos nossos compromissos. Que o Mestre e Senhor nos ampare!...

E ponto final nas reuniões do Grupo Coração Aberto. ^N

10. Meu relacionamento com Chico —

criatura bendita, como dizia minha mãe, Maria José — foi difícil no começo, como já disse. Não o compreendia. Primeiro, por ser ele inimigo número um da ociosidade e indisciplina. Vivia criando ocupações. Algumas vezes, lhe falei: — “Você se parece muito com minha mãe. Ela sempre dizia que cabeça desocupada é oficina do diabo!” E ele replicava: — “Ela estava certa! Vamos ocupar a cabeça e o coração, senão a tentação aparece. Em segundo lugar, pelas respostas às minhas indagações sobre determinada questão doutrinária, evangélica ou mediúnica. Respondia-me: — “É, meu jovem amigo, muito interessante a sua pergunta! Se não me falha a memória, em “tal” livro, capítulo “tal”, irá encontrar a resposta que deseja. Posso afirmar que deparará com elementos que muito lhe ajudarão o raciocínio, o pensamento e a reflexão!”... E passado algum tempo, dias ou semanas, ele calmamente indagava-me: — “Como é, ficou satisfeito com a leitura de “tal” livro? O que aprendeu? Fale-me sobre o assunto!” que, muitas vezes, nem me lembrava mais. Então, recordava-me a pergunta feita e, assim, eu discorria sobre o tema lido, falava dos estudos feitos, da conclusão tirada. Ele ouvia-me atenta e silenciosamente. Quando terminava minha modesta exposição, com a delicadeza de sempre, convidava-me a enfocar o tema sob outros ângulos. E calmamente, detidamente, com uma beleza encantadora, especificava e apresentava exemplos que enriqueciam, sobremaneira,

o tema em tela.

A questão mediunidade sempre foi e é para mim um assunto de raro fascínio. Para muitos de meus condiscípulos, esta continua sendo uma questão de simples mediação entre os dois planos da vida — o físico e o espiritual — esquecendo-se que médium também significa intermediário, intérprete e outros, não tantos, confundem mediunidade com Espiritismo. ^N

Sempre procurei estudar o fenômeno mediúnicos com especial respeito e com critérios kardequianos. Tal colocação ajudou-me e tem-me ajudado a compreender as manifestações transeanímicas e as de personalidade espiritual. Inúmeras vezes, tais manifestações apresentaram-se muito sutis, muito delicadas. Percebi, inclusive, onde estão as fronteiras da influencição do desencarnado e onde começa a atuação do médium. ^N

Instruções Psicofônicas

11. Devo, já de há muito, uma explicação aos que me interpelam acerca da expressão “psicofônica”. E qual a razão de ter sido tão econômico em detalhes quanto à característica medianímica psicofônica sonambúlica de nosso querido Chico. É, indiscutivelmente, algo de um encantamento total o presenciar um transe desse tipo!

Dr. Gustave Geley, médico e notável pesquisador do fenômeno mediúnicos, em seus magistrais trabalhos “O Ser

Subconsciente” — L’Être Subconscient, 1974, F.E.B. — e “Resumo da Doutrina Espírita” — 2ª Edição, 1957 — oferece-nos dados que ampliam nossos conhecimentos. Em “Resumo da Doutrina Espírita”, usa expressões como “tratar-se de uma verdadeira encarnação momentânea do ser comunicante” (páginas 47 a 70).

O instrutor espiritual André Luiz, outro admirável pesquisador, em sua grandiosa obra “Nos Domínios da Mediunidade” — 1955, F.E.B. — psicografado por Chico, apresenta-nos, no 8º capítulo, suas observações e explanações de um outro mestre no assunto, o benfeitor espiritual Áulus.

Reconheço que se o medianeiro não for portador de reais valores morais, evangélicos, doutrinários e culturais, a manifestação mediúnica poderá ser bastante perigosa. O fenômeno tem características comprobatórias identificativas, quando trata-se de personalidade que tenhamos conhecido plenamente em vida física. O controle sobre o médium é incrível: 50, 60, 80%! É difícil determinar ou catalogar a percentagem manifesta em gestos, tiques peculiares, expressões faciais, modulação de voz, o andar, o assentar!... São atitudes facilmente observáveis. Quantas vezes confundi-me, esquecendo que tratava-se de transe mediúnico! Afinal, o espírito comunicador tem toda uma liberdade de ação. ^N

Em meus estudos, observava,

semanalmente, casos e mais casos manifestos mediunicamente e graças ao gesto gentil do professor Carlos Torres Pastorino, que me presenteara com um gravador, eu possuía um número expressivo de fitas gravadas. ^N

Indo ao Rio de Janeiro, procurei o amigo Dr. Wantuil de Freitas e mostrei-lhe as fitas, contando-lhe que acalentava a esperança de reproduzi-las em série. Argumentei que muitos adversários da Doutrina acusavam o psicógrafo de mentiroso, afirmando que as mensagens eram fruto de trabalho adredemente preparado. No caso do disco, ou da fita, jogaríamos por terra tão tola acusação. Dr. Wantuil, homem prático e inteligente, atentou-me para o alto custo do empreendimento, aconselhando-me a organizar um livro. ^N

De volta a Pedro Leopoldo, dei conhecimento a Chico da ideia e começamos a empreitada. Quando já possuíamos 65 palestras transcritas e datilografadas, Chico e eu nos envolvemos na luta de escolher para o livro um título adequado. E conforme orientações espirituais, concluí que era meu dever definir, sem ambiguidade, o formato das instruções. Não gostara da classificação “Mediunidade de Incorporação”. Achei-a imprópria e feia! Passei a procurar, então, uma designação melhor.

Recordando-me de um livro publicado por Diaulas Riedel, intitulado “Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas”, pude encontrar, no setor “Vocabulário

Espírita”, à página 39, a seguinte definição:
Psicofonia — do grego Psike, alma, Phone, som ou voz; transmissão do pensamento dos espíritos pela voz do médium falante.

Naquelas palavras estava o fio que conduziu-me ao título definitivo: “Instruções Psicofônicas”. Um título objetivo e de fácil assimilação, como eu idealizara.

Fomos ao cartório de registros da cidade e legitimamos os direitos autorais à F.E.B. — Federação Espírita Brasileira.

A obra veio a lume e uma série de bombardeios difamadores caiu sobre mim. Alguém, que nunca frequentara ou estivera presente às reuniões do “Meimei”, resolvera, através de artigos e livros, pontificar que não era eu o responsável pelo direcionamento das tarefas e que estava envaidecido e hipocritamente tentando criar neologismos doutrinários. Mas ocorreu que os bons e amados benfeitores espirituais decidiram banir o malfadado termo “incorporação”, adotando dali para a frente o vocábulo “psicofonia”, honrando o nobre codificador, pai e criador da palavra em questão. ^N

Uma viagem curiosa

12. Estávamos no ano de 1954. Havíamos ido passar alguns dias em Angra dos Reis, Rio de Janeiro, porque Chico necessitava realmente de um período de descanso. Ennio nos acompanhava.

Chico havia nos dito que aproveitaria o passeio para visitar amigos que há muito não via.

No trajeto até Angra, paramos em Barra do Piraí para rever Sebastião Lasneaux. Depois, passamos a tarde em Resende, onde intencionávamos conhecer a cidade. Vivia ali um amigo de Chico, que correspondera-se com ele 20 anos antes e que não conhecia fisicamente. ^N

Já nos habituáramos com seu insólito viver e, mesmo assim, perguntamos-lhe se ao menos sabia o endereço de tal amigo. Respondeu-nos:

— Conheço a rua e a casa! Às vezes, amigos espirituais me trazem aqui!...

E lá fomos os três.

A casa era bonita, com lindo jardim. Tocamos uma sineta e uma senhora idosa recebeu-nos ao portão. Chico identificou-se e abraçaram-se, sorrindo e chorando.

— Ah, querido benfeitor! Temos sentido muito a sua ausência. Ele anda muito doente, estranho! Os médicos não conseguem definir um diagnóstico!

Adentramos a moradia, decorada com muito bom gosto. Seguimos até o quarto do enfermo que, acamado, respirava com dificuldade. Estava pálido, translúcido, mal aguentando seus presumidos 40 anos. Ao ver-nos, tentou levantar-se e, nesse momento, Chico pediu que nos retirássemos, pois pretendia ficar a sós com o amigo.

A senhora levou-nos a outra sala, serviu-nos café e relatou que havia 2 dias escrevera a Chico. O serviço de correio naquela época

era por demais moroso e, por isto, calculei que a correspondência só chegaria a Pedro Leopoldo na semana vindoura. — Sou católica. Entretanto, meu filho se interessa muito pela Doutrina Espírita. Temos todos os seus livros — referiu-se ao médium — com dedicatórias delicadas, escritas por suas próprias mãos! Sabia que viria aqui hoje. O bondoso Padre Victor me disse!... Ao deixar-nos, por instantes, virei-me para Ennio:

— Professor — nós nos tratávamos assim por pura brincadeira — esse pessoal é “lelé da cuca”! Bem lhe falei que andar com o “Gustusura” não é nada fácil! Topa-se com o extraordinário a todo momento!!!

Permanecemos na saleta por umas duas horas. Para nossa surpresa, Chico surgiu abraçado ao doente, todo risonho, bem como a senhora. Palestramos ainda por mais alguns minutos e despedimo-nos.

Na rua, fugindo à regra imposta pela descrição, perguntei a Chico:

— Gostaria que respondesse a algumas perguntas!...

Ao que ele respondeu:

— Padre Victor é um Espírito muito bom e venerado nessas regiões e em todo o sul de nosso Estado... [v. “[CHICO NO MONTE CARMELO](#)”] Quanto às perguntas, não as façam, por favor!

Calei-me. Chico sugeriu que pernoitássemos em algum hotel, talvez no Itatiaia. Um táxi conduziu-nos num percurso que durou pouco mais de uma hora.

O hotel era agradável, aconchegante, porém

bastante incomum. Logo na entrada, no salão, cravado no mármore da lareira, havia o símbolo do Comunismo — a foice e o martelo. Nas portas de todos os pequenos apartamentos, inscrições a óleo de trechos evangélicos. Tocou-nos um quarto, com 3 camas, de porta delicadamente pintada com a inscrição: “E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, perante Deus e os homens” — [LUCAS, 2.52](#). Na parte de dentro, uma citação de [MARCOS 14,34](#): “Minha alma está triste até a morte! Ficai aqui e vigiai.” Depois de instalados, Chico aconselhou-nos a ter cuidado com as palavras.

Pela manhã, Ennio e eu fomos surpreendidos por Chico, completamente pronto e alegre, que nos acordara convidando-nos para um passeio. Olhei o relógio: eram 5:30 da manhã, um frio horrível! Mas lá fomos os três, caminhando por veredas desconhecidas, em busca de uma cachoeira.

O local era majestoso! Assentamo-nos numa grande pedra e Chico, em tom coloquial, informou-nos da presença de vários Espíritos — homens, mulheres e crianças — num ritual. Perguntei:

— Eles nos veem, Chico, registram nossa presença?

— Emmanuel esclarece que são Espíritos simples, ingênuos. Pelo nosso calendário, poderíamos dizer que encontram-se ainda no século XV, no mundo que lhes é próprio. Nós não existíamos. Eles não nos veem e encontram-se em fase evolutiva bem acanhada. São índios que habitavam

estas glebas. Estão, sim, meus amigos, completamente nus, pelados! — Chico olhou-nos de forma gaiata. — Não é esta a sua pergunta mental? Meio sem graça, falei:

— Virgem! Com esse frio horroroso?!?

Compreendemos perfeitamente a situação daqueles Espíritos. No mundo espírita, há a superposição de dimensões, de locais, de estados mentais. Cada um se situa na esfera mental que lhe é devida.

Ficamos ali até o começo da tarde, retornando ao hotel para o almoço. Como a saída do ônibus para Angra facultava-nos um bom par de horas livres, fomos visitar uma igreja muito antiga, que nos chamara a atenção.

As construções seculares fascinavam-nos. Nelas havia, muitas vezes, uma atmosfera muito agradável, acolhedora e de um suave encantamento.

Tão logo adentramos a igreja, percebemos em nosso querido companheiro expressões nossas muito conhecidas. Seus passos tornaram-se lentos, de aspecto introvertido. De quando em quando, pequeninos movimentos labiais e manuais, quase imperceptíveis, apresentavam-se. Pedi ao Ennio que o deixasse caminhar só. Assim, percorremos todo o interior do lugar.

Nossos passos nos levaram a um pequeno salão, onde avistamos imagens e estatuetas antigas, muito bonitas. Havia ainda uma mesa grande ao centro, ladeada por 12 cadeiras altas, entalhadas. O teto do salão era todo pintado com motivos evangélicos.

Uma senhora simples cuidava da limpeza de enorme e belo móvel, todo trabalhado em relevos. Chico pôs-se a conversar com a mulher, que era comunicativa, bem falante e informada sobre tudo.

— Ah, meu bom senhor, o Padre Bulcão era um santo! Era pai de todos nós! Quando morreu, houve o enterro mais bonito de toda a redondeza. Veio gente de toda parte. Ele está no céu, olhando por nós, os seus filhos!

Já a caminho de Angra, Chico, todo feliz, deu-nos notícias de suas observações:

— Que bom e santo espírito é o Padre Bulcão! Acolheu-nos fraternalmente à porta do templo e acompanhou-nos durante toda a nossa visita! Havia muitos espíritos ali presentes. Gente simples, humilde, alguns escravos... Uns, conscientes, sob a orientação do Padre Bulcão, ministravam auxílio e amparo. Porém, muitos estavam completamente inconscientes de seu estado espiritual. Mães e esposas ajudando seus entes queridos!... Pobre de um padre, tão jovem, completamente insano!... Um senhor reclamava, de forma desagradável, ao bom irmão Bulcão, do esquecimento a que lhe relegaram seus parentes. ... E ao conduzir-nos à saída, agradeceu a visita e nossas preces, rogando a Deus que sempre nos ampare!

E enxugando as lágrimas, continuou:

— Há muitos anos não ia a uma igreja! Um lugar assim representa uma verdadeira colmeia de trabalho cristão.

Chegamos à noite em Angra dos Reis.

Enquanto saímos, eu e Ennio, a passeio pela cidade, Chico preparou-se para dormir. Há em mim, realmente, um enorme carinho pelas velhas cidades. Sentia saudades da minha Tiradentes, de São João Del Rey e, ao percorrer as ruas, pedia a Ennio que atentasse para os casarões antigos, para as inscrições nas platibandas: “Esteja a gosto, 1830”, ou “Seja bem-vindo, 1855”! ... Construções bonitas, com inúmeras janelas e sacadas, avançando por sobre as nossas cabeças.

Percebia-se que a cidade fora originalmente porto, na época, para o escoamento de café. Ainda é importante ponto de chegada e saída de muitas mercadorias, principalmente produtos siderúrgicos provindos da CSN — Companhia Siderúrgica Nacional —, de Volta Redonda. Angra dos Reis ainda era pequena, calma, sossegada e tranquila, sem as badalações e usinas radioativas dos dias atuais.

Na manhã seguinte — dia encantador — fomos os três visitar o Convento São Francisco, em ruínas. Fora construído em meados do século XVI ou XVII.

Enquanto caminhávamos, distraidamente, Chico falou:

— Meu bom Ennio, creio que terá algumas surpresas hoje!

— Sr. Chico, Arnaldo e eu estamos repletos de surpresas e questionamentos desde ontem!!!

Mas Chico nada disse, deixando as surpresas acontecerem por si.

No cemitério do Convento, em velhas

lápides, gastas pelo tempo, quase que destruídas, Ennio encontrou os nomes de seus avós paternos e maternos! Emocionados, seguimos em frente.

Mais adiante, vislumbramos uma grande escada de madeira. Subimo-la com excessivo cuidado, pois, em certos pontos, a madeira apodrecia ou consumia-se ao apetite voraz dos cupins. Deparamo-nos com um grande salão. Um lugar muitíssimo estranho! Chico tornara-se lívido, tenso. Em voz baixa, mas firme, convidou-nos à retirada imediata. Concluímos que a psicosfera local era má, perniciosa e, conhecedores da sensibilidade psíquica e de suas reações a certas circunstâncias, acatamos-lhe o convite, sem demora.

Fora do ambiente umbroso, avistamos, não muito longe, a boiar nas águas preguiçosas da baía, uma pequena lancha. Havíamos preparado um bom e farto farnel, já dispostos a nos aventurar por uma deserta e graciosa ilha, nossa velha conhecida.

A lancha levou-nos até a pequenina porção de terra macia e velozmente. O azul do céu resplandecia nas águas cristalinas, o sol refletia seus raios quentes e estes pareciam milhares de diamantezinhos flutuantes. Despedimo-nos do condutor, obtendo dele a promessa de nos buscar algumas horas mais tarde.

Enquanto nadava, exercitando meu corpo nas ondas espumantes, Chico e Ennio conversavam alegremente, com as calças dobradas até os joelhos, como duas crianças, patinando nas marolas. Foi uma

tarde memorável, pois pude ver Chico descansado e feliz, como há muito não via. Por volta das 16 horas, fomos surpreendidos por uma repentina mudança de tempo. Céu e mar confundiam-se num negrume assustador! O barqueiro demorava e as ondas gigantescas e espessas invadiam com fúria a pequena praia, antes tão serena. Um temporal desabou impiedoso e nada mais víamos. Ouvíamos apenas o barulho do mar querendo nos engolir e, ao longe, o som abafado do barco que tentava aproximar-se. Tive a impressão de ter vivido meio século, tamanha a demora, tamanho o esforço do homem para nos salvar de tão horrível situação.

Com muito custo, embarcamos. O barqueiro, aturdido, rezava. Desesperado, perdera o rumo, temia os recifes, as ondas, o vento! A pequena embarcação, frágil ante ao tormento, adernava violentamente, para todos os lados. O motor apresentou problemas, parando subitamente.

Chico, Ennio e eu, assentados juntos, os três, estávamos encharcados e nada dizíamos. O vento ululava freneticamente e só a nossa fé inabalável em Deus poderia ser o corolário de nossa salvação. ^N

13. A noite estava maravilhosamente linda! A chuva e o vento haviam varrido para longe as nuvens que ousaram esconder a abóbada celeste. Chico jantara pouco e estava introspectivo. Ennio havia se recolhido, alegando cansaço. Sozinho,

pus-me a meditar sobre os acontecimentos da viagem.

Decidi procurar por Ennio que, àquela hora, já devia estar descansado. Analisamos as ocorrências do dia, os acontecimentos em Resende, as lições aprendidas no templo católico e a magnanimidade de Deus, que sempre nos atende as necessidades através de nós mesmos, considerando, é claro, o móvel dos desencarnados, como Padre Bulcão, por exemplo, que assiste fraternalmente seus paroquianos também fora do corpo físico, estendendo sua bondade aos irmãos na carne.

Tão absorvidos estávamos com os temas enfocados que nos assustamos com a presença inesperada de Chico. Afirmando bater por diversas vezes à porta e não tendo sido atendido, entrara. Nosso querido Chico era e é portador de exemplar educação, um grande respeitador da privacidade alheia e, mesmo entre os amigos, conservava a gentileza e a cordialidade, brindando-nos sempre com seu elevado espírito. Naturalmente, ele havia se refeito das últimas emoções, sentia-se bem, ao ponto de vir partilhar de nossas conversas.

Usufruímos de uma noite agradável e instrutiva, em que seu verbo bonito, suave e rico muito nos engrandeceu. Aconselhou-nos uma prece em conjunto e que nos mantivéssemos em meditação construtiva. Emmanuel ia manifestar-se. Saudou-nos, como lhe era peculiar:

— “Meus diletos e caríssimos amigos! Que o Senhor e Mestre se compadeça de nossas

necessidades! Devemos estar preparados para tarefas de assistência e enfermagem espiritual!”

Mentalmente, perguntei se também no hotel iríamos nos ocupar de tais tarefas.

E o instrutor, de imediato, respondeu-me:

— “Sim, meu amigo. Aqui e em todos os lugares. Sejam quais forem, são lugares que o Senhor nos oferece para servi-lo.”

De repente, Chico assumiu ares estranhos.

De pé, andando de lá para cá, pelo quarto, manifestava a presença de um capitão de navio posto a pique em combate, em mares angrenses — presumimos — por volta de 1808, 1810. Travara combate com corsários franceses. Demonstrava o cuidado com seus comandados, com a carga, com o inimigo. Dava ordens: — “Atirem!... Carreguem os canhões!... Coragem!...”

— E uma grande preocupação com a invasão das tropas napoleônicas, em Portugal.

“Como enfrentaremos esta grande porta aberta, de mais de 6.000 léguas marítimas que temos no Atlântico?... Ah, Napoleão! Eu que tanto o admirava, não passas de um conquistador cruel e desumano!...”

Era triste ver sua aflição e amargura. Um homem do dever! Para nós, devia estar nos seus 40, 45 anos. E era culto e inteligente.

Após receber os eflúvios sublimes da fé e da prece, acalmou-se. Ouviu educadamente as explicações que lhe apresentamos, chorando por seus comandados, pela esposa e pelos filhos. “Que a Virgem Santa os tenha em sua guarda!... Como é

possível, caros senhores? Amava tanto o bravo general Napoleão! Como pode se transformar nesse homem ávido de poder, nessa ave de rapina? Ele, que foi o libertador das raças oprimidas, que lutou pelos ideais sublimes de igualdade, fraternidade e Liberdade? Deus, nosso Senhor, ajudai-nos!” ^N

Muitas outras manifestações se apresentaram aos nossos olhos: um juiz que vendera sua consciência, à época do Primeiro Império de D. Pedro I, proferindo sentenças iníquas para obter títulos de nobreza, fortuna e prestígio político; a farra dos franciscanos, que na ganância, luxúria e avidez por riquezas, matavam os viajantes que pernoitavam no convento para roubá-los; as bacanais, as missas negras, o furto de recém-nascidos nas senzalas e os rituais sacrílegos, onde os inocentinhos serviam de oferenda na prática da bruxaria, cujos sangues eram ingeridos.

Houve o desfile de uma horda de criaturas satânicas, sórdidas e cruéis. Seres em forma de répteis. Homens e mulheres que, por vício degenerativo de suas mentes, achavam-se travestidos, exibindo grandes órgãos sexuais masculinos ou femininos — fenômenos de Zooantropia — tão horríveis e nauseabundos!

Não me esqueço de um brioso, digno e humilde escravo, atado ao tronco de castigos, onde morrera de tanto ser chicoteado, e por que crime? Unicamente porque fora, boamente, suplicar a seu senhor, o Prior dos franciscanos, que não

tomasse sua filha Aninha para pasto de sua luxúria. Como nos feriram a alma suas súplices palavras!

— “Oh, meu sinhô! Vosmicê é tão bão! Num faze essa coisa cum minha cuburquinha Aninha, não! Sinhô, vosmicê é um santo! Aninha é luz dos meus óio tão cansado de pintá as figurinha nos livro de vosmicê!...

Nós chorávamos. Orávamos! Demos-lhe as atenções devidas da caridade, mas era um problema difícil, delicado! Somente obtivemos solução, quando apresentamos-lhe Meimei, dizendo-lhe que, doravante ele era de sua propriedade, sendo que o havia comprado do Prior.

— “Uai, sinhá! Vosmicê tá beijando negro sujo? Aninha mora cum vosmicê?!? Num faze isso, não! Negro Pedro é que beija sua mão e as dos outros moço!” — de joelhos, Chico beijava minhas mãos e as de Ennio e continuava — “Vosmicê são gente de Deus. O veio Pedro inda sabe fazê sabão de bola cum alecrim pra ficá cheroso... Vô fazê, viu? É um chero tão bão!!!”

Com que alegria ele seguiu Meimei! Seguiu-a entre lágrimas e sorrisos, pronunciando o nome de sua amada Aninha!

Ficou-nos o hábito de tratar as pessoas, às vezes, por “vosmicê”, em pobre e humilde homenagem ao valoroso coração de pai do velho negro Pedro.

apartamento, desesperadamente cobria com as mãos os braços e a cabeça, urrando de dor! Um monoteísmo impressionante! Com algum esforço, preces, assistência magnética, palavras de socorro e carinho fraterno criamos em sua mente a ideia de estar na Santa Casa. Que éramos médicos e que ele se encontrava acamado, doente, mas iria, com as bênçãos de Deus, curar-se. Oramos o Pai Nosso, no qual nos acompanhou contritamente. Passados alguns instantes, deu um grande suspiro e, entre lágrimas de desespero, ódio e fé, piedade e nojo, relatou-nos a sua história. Era jovem ainda, pareceu-nos estar com 30 anos e era de nacionalidade portuguesa.

Eis seu relato:

— “Meu pai era morgado de... Barão de... Eu cá era o único varão de sua descendência. Nossa família amava a Igreja. Nossos ancestrais, do lado francês, acompanharam o senhor Barão Luiz de Boullion à Santa Cruzada.... Cães! Abutres! Conspurcadores do Altar! Sacrílegos!... O pai queria a mim, segundo as tradições de família, nas armas, onde, naturalmente, em novas terras, eu poderia aumentar as riquezas, o patrimônio familiar! Mas eu, desde pequeno, havia recebido de minha santa mãe ensinamentos de amor aos pobres e oprimidos, aos desamparados pela sorte e, firmemente, fui integrar a companhia dos pobrezinhos descalços de nosso pai São Francisco de Assis! Oh! Quantas lágrimas ledas e felizes desciam dos olhos de minha santa mãezinha! Ao ver-me vestido, eu,

Jacinto, com as roupas do santo de Assis!
Oh, meu doce pai São Francisco! Rogue a Deus que Sua vingança mande um raio destruir esse lupanar em que transformaram-lhe a casa! Bons amigos ajudaram que eu viesse servir a Deus, nestas santas terras! Quanta alegria! Quanta tristeza! Cá, compreendi que os poderosos eram mais cruéis que em Portugal! A volúpia da carne os animalizara. A sede de poder, da posse do ouro, tornaram-nos torpes, tiranos! E com a alma prenhe de vergonha e de humilhação, vi com meus próprios olhos, ouvi com meus próprios ouvidos que tudo era infinitamente exacerbado na casa de Deus! A luxúria, a sodomia e a degradação da alma e do corpo ativavam condições maiores que em Sodoma e Gomorra. Oh, senhores, por quem são, peçam a Deus a Sua vingança! ... Querem me apedrejar!... Diz-me o irmão confessor que nós somos puros, representamos Deus na Terra e tudo podemos fazer!” — e ria, sardônico e lascivo. — “Tentei a fuga! Quis ir à corte, denunciá-los. Apanharam-me... Oh, acudam-me! Jesus de minha santa mãezinha, ampara-me! Ampara-me!

...

Era dolorosíssimo seu desequilíbrio mental. Ignorava que fora apedrejado, o que explicava o gesto de proteger a cabeça. Intercedemos junto aos nossos benfeitores, em seu auxílio. Mas fomos esclarecidos que duas pessoas foram encontradas mortas de forma horrível por causa da loucura de Jacinto. E uma outra, coitada,

ficou “doidinha da silva”. Perambulava pelas ruas, sem destino certo, dizendo ser o dono de tal convento. Outras vezes, punha-se a celebrar missas, falando em Latim. Perseguia senhoras, falando em Francês. Um dia, foi achado morto na praia, onde afogara-se. Depois disso, nunca mais voltamos a Angra.

15. Nessa fonte admirável das medianimidades de nosso Chico, há um fator que sempre me deixou pasmado: sua clarividência. O simples toque das mãos, o ato de palestrar, desencadeava, digamos assim, o desenrolar de fatos e cenas de passadas existências ou o conhecimento de pensamentos ou estados emocionais do interlocutor do momento. Todo diálogo era simplesmente magistral! Quantas e quantas confirmações, no que diz respeito a outras vidas, obtivemos através destas comunicações mediúnicas. ^N

Deu-se comigo o seguinte fato:

Chico possuía entre suas relações amigas um casal muito distinto. Visitavam-se constantemente.

Certa vez, acompanhei-o à casa deste casal. Apresentou-me, atribuindo a mim valores muito além dos reais.

Tendo o amigo adoecido, Chico recomendou-me assisti-lo duas vezes por semana, fluidoterapeuticamente, tarefa esta que já vinha exercendo há algum tempo, com outros enfermos. Assim, dei início à visitação.

Um belo dia, alguém me procurou, colocando em minhas mãos um polpudo cheque, a segredar: — “Sei que é amigo de C... Vista-o duas vezes por semana. O cheque é seu. Peça ao seu amigo...” — e confidenciou-me certo assunto.

Preguei, graças a Deus, a mais linda mentira! Jamais me envolveria em tais enredos, mas fui ao tal endereço, cujos moradores nem conhecia. Conhecia, sim, D. Maria, lá empregada, minha conhecida e companheira no Centro Espírita “Luz e Humildade”. Eu entrava e saía pela porta de serviços, ficando lá o tempo necessário para as orações e passes que ela me solicitava.

A pessoa interessada e articuladora, tomando conhecimento do fato e vendo que efeito nenhum surtira, olhou-me de forma expressiva percebendo que seria inútil insistir. Cessou o assédio à minha pessoa, indo-se embora, “cuspindo fogo”. Era uma quarta-feira.

Dias depois, em casa de Chico, almoçávamos eu, Clóvis e Dr. Teodoro Vianna. Zamira, amiga querida, filha de coração de Luiza, adentrou a cozinha e entregou a Chico um envelope, dizendo: — “O portador já foi-se embora:

Chico pediu-nos licença, abriu o envelope, olhou-me singularmente e falou:

— Meu jovem, você está liberado para falar mentiras às quartas-feiras! Nosso amigo agradece a colaboração. Ele seguirá numa prolongada viagem ao estrangeiro, pois sente-se bem melhor de saúde.

Apalermado com o insólito, engasguei com

a comida. Chico nada contou aos amigos o porquê de suas palavras. Nem eu também.

Casos de Psicometria

16. Eu havia acabado de ler “Enigmas da Psicometria”, de Ernesto Bozzano. Esse tipo de faculdade medianímica, onde o médium em contato com determinados objetos toma conhecimento de tudo que os envolvera, sempre me impressionou. Em nossa alma querida, tenho várias observações sobre o fato. ^N

Uma ocasião, presenteei Chico com uma joia. Um broche, de ouro e ametista, feito com um par de alianças que pertencera à minha mãe, e que fora confeccionado sob encomenda para Meimei, na época minha noiva. Era um ornamento de grande estima para mim. Entretanto, nada comentei com Chico.

Ao ofertá-lo ao amigo, reparei que o tocava curiosamente, rodando-o entre os dedos, passeando, com o tato, seu desenho, forma e reentrâncias.

Depois de um certo tempo, Chico falou:

— Arnaldo, meu amigo, este objeto tem histórias! Histórias de sua querida mãe, histórias de Meimei! Fale-me sobre ele!

Como sempre, Chico me surpreendera com seus conhecimentos espíritas. Tudo que eu sabia sobre o broche, o médium já sabia de antemão, ou melhor, soube pelo simples contato de suas mãos abençoadas!

17. Uma de nossas tarefas, junto a Chico, era de organizar toda a correspondência que, diariamente, chegava à sua casa. Um número enorme de cartas, das mais diversas procedências, dos mais diversos tamanhos, cores e espessuras. Algumas subscritas à máquina. Outras, manualmente. Ficávamos horas a fio, eu, Ennio e Chico, naquela atividade de separá-las, conforme seu conteúdo.

Enquanto eu e Ennio abríamos envelope por envelope, classificando assunto por assunto, Chico apenas tocava as cartas, sem sequer abrir os invólucros. Eu achava aquilo tudo muito estranho e deduzia ser correspondências de pessoas amigas, às quais Chico conhecesse a letra. Que nada! Muitas delas estavam datilografadas, o que tornava remota a possibilidade.

Chico as separava, colocando sobre elas mensagens concernentes ao solicitado. Algumas, colocava no bolso do paletó, levantava-se da mesa, pedindo-nos licença para que pudesse respondê-las.

Através da Psicometria, Chico pode auxiliar e servir seus semelhantes. Mesmo à distância, pois fez das suas as mãos da caridade.

18. Jofre Leles, sobrinho do estimado professor Cícero Pereira, ao retornar de uma viagem a Teófilo Otoni, encontrou, por acaso, às margens do Rio Mucuri, restos do que havia sido uma espada: suas copas com uns dez centímetros de lâmina

já bastante enferrujada e carcomida pelo tempo.

Ele contou que, desde o achado, vivia sonhando com lutas sangrentas, soldados guerreiros, espadas e tudo o mais. Bastante impressionado, resolveu procurar Chico para uma conversa em torno do assunto. De espada na mão, melhor dizendo, apenas um pedaço dela, relatou ao médium amigo o ocorrido. Chico pegou o objeto, sem nem mesmo olhá-lo detidamente.

Limitou-se a tocá-lo, devagarinho, como se naquele gesto extraísse toda a sua história. Uma verdade, pois, sem demora, Chico falou-lhe:

— Capitão Jofre, esta espada lhe pertence há muito tempo. Por volta de 1840, você, nas vestes de um capitão da milícia mineira, guerreou bravamente na cidade de Filadélfia, hoje Teófilo Otoni, durante sua revolução, a chamada Revolução Liberal.

Na refrega, foi ferido e a espada lá ficou!

Jofre, espantado, analisava a novidade, sem saber se acreditava ou não nas palavras de Chico. Este, percebendo-lhe a surpresa e a dúvida, informou que, no pedaço de lâmina oxidado, estava gravada sua insígnia de coronel de 100 anos atrás, a mesma que ele usava na atualidade, como capitão da Polícia Militar que era.

Jofre, ao chegar em Belo Horizonte, tudo fez para limpar o metal envelhecido, a fim de certificar-se, de uma vez por todas, da veracidade da história.

E debaixo de tudo que cobria o aço brilhante, lá estavam duas pequeninas

palavras. Duas palavras latinas que eram a sua insígnia: HONOR E FIDES [Honra da fé]. Duas palavras que resumiram e atestaram a capacidade psicométrica do médium Chico Xavier. ^N

E para terminar...

19. Nosso Chico transferira-se para Uberaba. Ennio havia sugerido que ocupássemos as tardes de sábado em tarefas fraternas. Iniciamos as visitas aos enfermos, condicionando que, às 18 horas, lancharíamos em minha casa.

Certa tarde, deparamo-nos com um problema difícil e bastante delicado, o que nos causara atraso, fazendo-nos chegar em casa muito além da hora marcada.

Neuza, minha querida, tolerante e paciente esposa preparou-nos caprichosamente o lanche. Eram momentos inesquecíveis! Ennio sempre elogiava-lhe a delícia dos quitutes. ^N

Moyrinha, minha filha adorada, abraçava-se ao tio Ennio e à mesa, como sempre, assentava-se em suas pernas.

Como justificativa pela demora em excesso, relatei à Neuza as dificuldades com o processo obsessivo apresentado durante o atendimento da tarde. E que não sabíamos o que fazer. Ponderamos que se Chico estivesse na cidade, perto de nós, sua assistência fraterna e orientação amiga seriam de inestimável valor!

Ennio olhou-me e, como era-lhe característico, esfregou energicamente as mãos, abaixou-se e colocou Moyra no

chão. Ainda agachado, com voz triste e saudosa, lamentou:

— É, querida Neuza, com a mudança de nosso querido Chico para Uberaba, Arnaldo e eu estamos como dois pássaros de asas quebradas! ... Nem voos rasteiros sabemos fazer!...

Havia lágrimas em seus olhos. Em nossos olhos. Nos olhos de todos daquela casa.

Ennio se fora. Neuza, no quarto, orava com Moyrinha. Eu, assentado na sala silenciosa, meditava. O amigo estava tão distante! As dificuldades da tarde, a rolança do tempo trouxeram-me à memória todas as lições recebidas.

Com saudades, lembrei-me de meus questionamentos, quando lhe indagava: — “Meu querido, li ou passei por “tal” experiência e estou com dificuldades em compreender”. — Olhando-me, dizia: — “É isso mesmo! Em “tal” livro, “tal” capítulo, você encontrará subsídios que lhe serão muito úteis!”

Quase sempre, ficava azedo com tais respostas. Mas o sábio mudo — o tempo — foi-me ensinando a metodologia do caríssimo amigo. Sua atitude era aquela para que eu não ficasse com obstinação mental quanto às respostas prontas. Que eu raciocinasse e procurasse o caminho com meus próprios passos e não ficasse na sua dependência.

Sempre perguntava sobre minhas leituras, minhas dúvidas. Quando não me lembrava do assunto, o recordava e pedia que eu falasse sobre ele. Ouvia-me e apontava outros ângulos de enfoque. Incentivava-

me e indicava exemplos, reportando-se aos ensinamentos que lhe foram ministrados pelos queridos benfeitores da Espiritualidade Maior. Ensinou-me também o hábito de orar e confiar na Providência Divina! ... Rememorando tudo isto, levantei-me e fui buscar os livros para a elucidação do problema obsessivo que tinha em mãos.

É tristemente comum ouvir pessoas estranhas ao nosso meio e — infelizmente — de companheiros de ideal espírita expressão do tipo: “Chico Xavier é uma pessoa de poucas letras.”

Que tolo engano! Chico é portador de uma inteligência magnífica e de uma cultura multiforme! Sua inter-existência com os admiráveis mentores espirituais, sua dedicação aos livros, sua capacidade incrível de recordar vidas passadas, tudo isto, adicionado a uma vontade disciplinada, dotaram-no de um cabedal de cultura geral e evangélica extraordinário! Acrescenta-se-lhe ainda uma humildade e singeleza inatas!

Acredito, sinceramente, que assentam-lhe como luva as palavras de Paulo de Tarso, aos amigos de Corinto: “A minha palavra, a minha pregação não consistiu em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de espírito e poder”. — [1ª AOS COR. 2,4](#).

Devo a Chico meu amor ao estudo e à meditação. Ele ensinou-me a amar e respeitar os gigantes missionários e fiéis servos de Jesus: Allan Kardec, Paulo de Tarso, Léon Denis e tantos e tantos

seareiros do trabalho, da fraternidade, do Evangelho e da fé.

Para terminar minhas pobres letras, insuficientes para o esboço dessa figura tão humana e amorosa, tão simples e humilde, tão boa, achei, com todo respeito e propriedade, que cabem a ele as palavras do historiador evangélico [João, 21,25](#) : “E se cada uma das quais fosse escrita, cuido que nem o mundo poderia conter os livros que se escrevessem!”...

.Arnaldo Rocha

[1] Geraldo, psicofonicamente, transmitia ao espírito manifestante esclarecimentos de Dr. Cornélio Millward.

[2] Irma Castro. Nasceu em 22 de outubro de 1922, em Mateus Leme, Minas Gerais. Casamo-nos quando ela estava com 22 anos de idade. Desencarnou em 1 de outubro de 1946, aos 24 anos, em Belo Horizonte, vítima de nefrite crônica. Logo após seu desenlace, manifestou-se espiritualmente a Chico Xavier, cujas mensagens psicográficas deram origem a inúmeras obras de cunho evangélico-doutrinário. É o espírito iluminado “Meimei”, alcunha carinhosa dada ainda em vida física por mim — uma expressão chinesa que significa “a noiva bem-amada”.

[3] “No sonambulismo, o Espírito está na posse plena de si mesmo. Os órgãos materiais, achando-se de certa forma em estado de catalepsia, deixam de receber as impressões exteriores. Esse estado se apresenta principalmente durante o sono, ocasião em que o espírito pode abandonar provisoriamente o corpo, por se encontrar este gozando do reforço indispensável à matéria. Quando se produzem os tatos do sonambulismo é que o Espírito, preocupado com uma ou outra, se aplica a uma ação qualquer, para cuja prática necessita de utilizar-se do corpo. Serve-se, então, deste como se serve de uma mesa ou de outro

objeto material no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo como se utiliza da mão do médium nas comunicações escritas. Nos sonhos de que se tem consciência, os órgãos, inclusive os da memória, começam a despertar. Recebem imperfeitamente as impressões produzidas por objetos ou causas externas e as comunicam ao espírito, que então, também em repouso, só experimenta, do que lhe é transmitido, as sensações confusas, amiúde, desordenadas, sem nenhuma aparente razão de ser, mescladas que se apresentam de vagas recordações, quer da existência atual, quer de anteriores. Facilmente, portanto, de compreender, os sonâmbulos nenhuma lembrança guardam do que se passou enquanto estiveram no estado sonambúlico e porque os sonhos de que se conserva na memória as mais das vezes não têm sentido. Digo as mais das vezes, porque também sucede serem a consequência de lembrança exata de acontecimentos de uma vida anterior e até, não raro, uma espécie de intuição do futuro. ”

[4] Dr. Rômulo Joviano era diretor da Fazenda Modelo do Ministério da Agricultura, em Pedro Leopoldo. Aliava à grande cultura e integridade moral os melhores sentimentos de fraternidade, que lhe caracterizavam a nobre formação doutrinária. Chico deveria seguir a Uberaba para encontrar-se com ele, em função da realização de uma Exposição agropecuária.

[5] Fazenda Modelo: Departamento da Inspetoria Regional do Serviço de Fomento da Produção Animal do Ministério da Agricultura – Seção Minas Gerais.

[6] Clóvis Tavares, de Campos, Rio de Janeiro, e Wallace Leal Rodrigues, de Araçatuba, São Paulo, foram admiráveis amigos que Jesus me deu através de Chico. Foi Clóvis que ensinou-nos a chamar o médium de “nossa alma querida”. Clóvis Tavares desencarnou em 13 de abril de 1981 e Wallace Leal Rodrigues, em 13 de setembro de 1988.

[7] Para aqueles que conhecem o Centro Espírita Luiz Gonzaga, é a saleta onde se encontra o quadro a óleo do pintor Del Pino Filho, retratando Emmanuel. A respeito do retrato, eis um fato muito interessante: Del Pino Filho fora convidado a visitar a cidade de Pedro

Leopoldo, com a finalidade de conhecer Chico em pessoa e, conseqüentemente, segundo sua, indicações e orientações, ilustrar a figura de seu mentor espiritual Emmanuel.

Até então, Chico era a única pessoa que “c onhecia” — e muito bem — os traços do ex-senador romano.

Conta-nos Chico que Del Pino o procurara em sua residência, momentos antes de iniciar-se uma reunião pública no Centro Espírita Luiz Gonzaga, para a qual deveria dirigir-se. Impossibilitado de encontrar-se com o médium como desejava, Del Pino seguiu para o Hotel Diniz, não sem antes combinar com o amigo um novo encontro.

Após desincumbir-se de suas tarefas espirituais. Chico imediatamente seguiu para o hotel, onde o pintor o esperava com suas telas e paletas.

Adentrando o quarto, o médium deparou-se com o busto de Emmanuel, totalmente esboçado sobre a tela branca!

Del Pino Filho havia sido inspirado por outro artista, desencarnado, amigo de Emmanuel, o que possibilitou a feitura do retrato com fidelidade e rapidez impressionantes.

O fato foi amplamente divulgado na época em livros e revistas de todo país.

Maria João de Deus nasceu em Santa Luzia, Minas Gerais. Desencarnou em 29 de setembro de 1915, quando Chico ainda era criança, com 5 anos de idade. Foi seu primeiro contato espiritual.

[8] Todos sabemos que a recepção mediúnica de um romance não se restringe à aplicação da psicografia mecânica. A tarefa em si mesma é muito delicada e, até em certas ocasiões, melindrosa. O autor espiritual possui um leque de opções, a saber: a) o guia espiritual atua sob o psiquismo do recipiente, em processos delicados e sutis à nossa compreensão, no sentido de lhe reavivar os setores mnemônicos espirituais, induzindo-os a refletir na consciência atual, cenas, fatos, episódios, etc., dos quais deseja servir-se; b) induz, plasma no consciente do recipiente os elementos que irá movimentar na obra que pretende executar; c) provoca a exteriorização consciente ou inconsciente da alma do médium, conduzindo-a aos locais que deseja transportar para o livro. Todavia, os itens **a** e **c** podem perfeitamente, às vezes, provocar no recipiente uma espécie de reação em cadeia que o

levará a uma revivência profundamente dolorosa. Não nos esqueçamos que cada consciência é um mundo de experiências, pois somos inter-existent. Recordemos a leitura do 19º capítulo de “O Livro dos Médiuns”, a respeito de seu papel nas comunicações espirituais. O médium não é simplesmente um aparelho mecânico. E, portanto, queiram ou não, é um co-autor da obra, exceto em casos de pneumatografia.

[9] Neusa Xavier Lerroy, casada com Adalberto Lerroy, deixou dois filhos: Paulo Estevão e Cidália. Irmã de Chico por parte de pai, em segundas núpcias com Cidália Batista.

Vejamos a síntese genealógica de Chico Xavier: seu pai, João Cândido Xavier, casou-se a primeira vez com Maria João de Deus. Tiveram 9 filhos:

Maria Cândida, casada com Francisco Rodrigues, que por sua vez tiveram 6 filhos; Maria da Glória, José, Áurea, Raymunda, Marta e Elvira, esta adotiva;

Luíza, casada com Lindolpho José Ferreira, que por sua vez tiveram 3 filhos; Maria Lúcia, Maria Alice e Luciano;

Carmosina, casada com Nelson Pena, que por sua vez tiveram 5 filhos: Nelson, Adriano, Nelma, Elma, Mauro;

José, casado com Geni Pena, que por sua vez tiveram 2 filhos: Emmanuel Luiz e Flávio Renaud;

Maria de Lourdes, casada com José Fernandes, que por sua vez tiveram 6 filhos: José, Ilca, Delza, Mariza, Alcione e Waldir;

Francisco Cândido Raymundo, casado com Maria Pena que por sua vez tiveram 2 filhos: João Herculano e Ana Maria;

Maria da Conceição, casada com Jacy Pena, que por sua vez tiveram 7 filhos: David, Sidália, paulo Pedro, Amauri, Francisco, Cláudio e Ismael;

E Geralda, casada com Pedro Quintão, que por sua vez tiveram 4 filhos: Radamés, José Cândido, Alzira e Nelma.

João Cândido Xavier casou-se pela segunda vez com Cidália Batista e tiveram 6 filhos:

André Luiz, casado com Edith Malaquias, que por sua vez tiveram 2 filhos: Ademir e Ângela;

Lucília, casada com Waldemar Batista, que por sua vez tiveram 2 filhos: Wagner e Pablo;

Neusa, casada com Adalberto Lerroy, que por sua vez tiveram 2 filhos: Paulo Estêvão e Cidália;

Cidália, casada com Francisco Teixeira Carvalho, que por sua vez tiveram 2 filhos: Maryrose e Willer; Doralice e João Cândido Filho.

[10] Desde os meados do ano de 1948. os boníssimos benfeitores espirituais Dr. Cornélio e Monsenhor Horta deram-me a responsabilidade de dirigir e atender às tarefas de desobsessão no pequeno Grupo Espírita Dalva de Assis, em Belo Horizonte. De vez em quando, nosso Chico brindava-me com sua presença, participando ativamente das tarefas de enfermagem espiritual através da mediunidade psicofônica. Era uma alegria geral quando isso acontecia! Após a reunião, por sua palavra simples e carinhosa, eu recebia uma porção de informações e esclarecimentos quanto a tarefa. Entretanto, no íntimo, sentia que o móvel de sua presença era também para observar e analisar minha sincera atuação junto aos tristes enfermos mentais, vítimas de si mesmos ou do desrespeito às leis do amor. Ele observava-me e eu procurava, cada vez mais e melhor, cumprir com humildade e paciência meus sagrados deveres. Paulo de Tarso, em sua primeira carta aos discípulos de Corinto, houve por bem grafar este sábio conselho: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas me convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma” [1 COR. 6,12](#).

[11] Naquela época, eu já possuía as seguintes tarefas: aos domingos, pela manhã, vinha a Belo Horizonte para a aulinha de estudos doutrinário-evangélicos na escolinha Crianças de Jesus, no Centro Espírita Luz e Humildade. Era tão bonito! Crianças de 4 a 13 anos iam receber instruções! Que Deus abençoe as queridas amigas Corina Prado e Zinia Orsini Pereira por toda a beleza de suas almas encantadoras, suprimindo minhas deficiências e bisonhices com as crianças. Às quartas-feiras, participava de reuniões no Centro Espírita Dalva de Assis. Há algum tempo, organizara um pequeno grupo, com amigos muito diletos, para estudos doutrinário-evangélicos, exclusivamente. As obras da Codificação e o Evangelho eram as bases de toda a nossa atenção. Um quê de saudade há em nós! Quanta fraternidade! Cada um dava o melhor de si e, uma vez por mês, as alegrias eram exuberantes! Nosso Chico ia estudar conosco. Muitos dos discípulos já

retornaram à pátria espiritual: Henrique Kemper Borges, Ovídio Correia da Silva, Virgílio Gomes de Almeida, Ennio Santos, Osvaldo Martins Ferreira, Ademar Nogueira, Ademar Dias Duarte, José Flaviano (Zeca) Machado e Clóvis Tavares. E aqui morejam: Martins Peralva, Walter Maia Faria, José de Melo Messias e as caríssimas amigas Eugênia Cavalcanti Borges, Eny Viana Faria, Laura e Elza Vieira.

Este foi um grupo diferente, altamente democrata. Ninguém o presidia. Sorteava-se, antes da reunião, o nome de quem iria coordenar as tarefas. Lia-se o tema e cada companheiro emitia sua forma de entendimento. O coordenador comentava todas as ideias, emitia as suas e casualmente abria-se o Evangelho. Era incrível: 90% das vezes o assunto encontrado dizia objetivamente ao tema da Codificação que fora estudado. Mas havia uma exceção ao sistema. Quando Chico aparecia, muitas vezes utilizava-se do quadro negro. Foram lições memoráveis e primorosas! Quantas e quantas vezes Chico fez hiatos em suas exposições para nos avisar: — “Nosso benfeitor Emmanuel está presente Procurarei transmitir seus pensamentos sobre o tema.” — e isto com a maior naturalidade! Quantas e tão lindas dissertações de instrutores e amigos espirituais nós recebemos! Que saudades!

Terminadas as tarefas, íamos tomar chá em uma confeitaria na Av. Afonso Pena. Nosso amigo Peralva, bom observador que é, por diversas vezes, em artigos publicados em jornais doutrinários, difundiu o fruto dessas preleções proferidas pelo querido Chico nestas reuniões. Outrossim, nos dedicávamos às tarefas de materialização, com a fraterna colaboração de Fábio Machado. Nosso Chico, por motivos alheios à questão, por simples amizade, convidara o amigo e dedicado médium de efeitos físicos. O Sr. Fábio Machado, natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, atuava no Centro Espírita André Luiz, acompanhado de Peixoto Lins, o Peixotinho, que por sua dedicação e amor à Doutrina, facultou-nos grandes experiências, as quais pudemos aplicar, com sucessos, nesse campo da mediunidade.

[12] No livro “Instruções Psicofônicas” (1955, F.E.B.), à página 9, explicação necessária, em rápidas letras, abordei a pequena história do grupo. Registro aqui profunda gratidão ao querido amigo Antonio Sampaio

Jr., desencarnado em 1955, companheiro de primeira hora, que assumiu todas as despesas com a compra do terreno e da construção de sua modesta sede. Por outro lado, esclareço de forma clara e precisa uma questão surgida há algum tempo: nosso caroável Chico nunca se negou ao desempenho das tarefas de mediação junto aos nossos irmãos infelizes. Não se prestava somente à recepção da mensagem de encerramento das reuniões. Basta que se leia “Instruções Psicofônicas” e “Vozes do Grande Além”. Devo ainda ressaltar que seu exemplo de fraternal amor, de caridade, de verdadeiro sentimento cristão é que facultou-me, através de sua mediunidade psicofônica-sonambúlica, registrar as dolorosas e tristes manifestações de personalidades embrutecidas, animalizadas — manifestações zooantrópicas — de consciências tão enquistadas nas sombras mentais criadas por elas mesmas no crime, na crueldade e no fanatismo religioso. Seres total e completamente ensandecidos! Que Deus o abençoe por tanta abnegação!

[13] Ennio Santos: procedente do Estado do Espírito Santo. Sua atividade doutrinária desenvolveu-se no Grupo Meimei, da cidade de Pedro Leopoldo e no Lar de D. conceição, que abriga crianças necessitadas, instituição que procurava ajudar. Era filho de Ageu Pinto dos Santos e Eleonora Santos, tendo vivido grande parte de sua juventude no Asilo Deus, Cristo e Caridade, em Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo, fundado e dirigido pelo português Jerônimo Monteiro, abnegado seareiro espírita. Ennio Santos era um estudioso da Doutrina Espírita, o que o fazia seguro e equilibrado em suas dissertações.

[14] Alguns dos temas encontram-se nos livros “Instruções Psicofônicas” e “Vozes do Grande Além”. Ficamos profundamente agradecidos ao preclaro benfeitor espiritual Dr. Dias da Cruz, pela gentileza e bondade em trazer-nos sua experiência de fiel servidor do Excelso Mestre Jesus. Que ele o abençoe!

[15] Rubens Costa Romanelli era professor, escritor, poliglota e secretário de “O Espírita Mineiro”, jornal bimensal editado pela União Espírita Mineira. Colaborou na fundação do Colégio “O Precursor”, sendo seu primeiro diretor pedagógico. Foi um dos fundadores da União da Juventude Espírita de Minas

Gerais. Desencarnou em 21 de dezembro de 1977, vítima de acidente automobilístico.

[16] Lico: Manoel Ferreira Diniz. Colega de serviço de Chico na Fazenda Modelo. Integrante do Centro Espírita Luiz Gonzaga, sendo, depois, seu presidente, com a saída de Dr. Rômulo Joviano.

[17] Gravei em fitas magnéticas certas reuniões. A palavra inicial e as explanações finais tiveram como autores os seguintes amigos e benfeitores: José Xavier, Meimei, Monsenhor Horta, Jésus Gonçalves, Calderaro, Áulus, Dr. Camilo Chaves, Dr. Efigênio Salles Victor, André, Emmanuel e André Luiz. Foram tarefas delicadíssimas, difíceis, melindrosas. Houve casos em que fazia-se necessária a regressão da memória no espaço/tempo e colhia-se 2 ou 3 vidas pregressas da personalidade comunicante. Procurava-se, dessa Forma, buscar as origens das causas para a facilidade de compreensão e entendimento dos efeitos. O sentimento da caridade impõe-me silêncio agora.

Desfilaram aos nossos olhos grandes dramas conscienciais. Páginas da História da Humanidade foram-nos apresentadas na realidade sem as censuras políticas ou religiosas: a Espanha da expulsão dos judeus, o drama das coletividades árabes, inquisidores e tribunais da Inquisição na Espanha e em Portugal, a Rússia de Catarina 11, as guerras contra os turcos, os jesuítas e dominicanos e suas organizações nas regiões trevosas, as guerras da Reforma e Contra-Reforma, o demonismo, as fogueiras inquisitoriais, o domínio espanhol nos Países Baixos, as guerras de Felipe, de Espanha com a França, o saque das tropas espanholas em Roma (os terços), a escravidão no Brasil, no primeiro e segundo impérios... Observávamos efeitos e ocorrências que nos deixavam pávidos: gritos, lamentações, cheiros nauseabundos, perfumes deliciosos, toque de sinos, fragor de batalhas... Tínhamos a ideia exata de estar num grande palco, ou melhor, num estúdio cinematográfico, em que cenas antigas eram revividas. A psicosfera às vezes era densa, difícil de se respirar! Vezes outras tão gostosa, tão linda! Esses acontecimentos foram registrados pelos nossos condiscípulos Ennio Santos e Francisco Carealho e também por amigos convidados por ordem dos benfeitores espirituais. Geralmente, aos domingos, quando tecíamos comentários e análises sobre as

tarefas, nosso Chico dizia, dirigindo-se ora a mim, ora a Ennio: — “Há autorização para convidarmos C...”
Oraram conosco: Badd Curi, Maria Philomena Alluotto Berutto, Clóvis Tavares, Joaquim. Alves, José Gonçalves Pereira, André Xavier, Pedro Quintão, José Martins Peralva, Ovídio Correia da Silva, Henrique Kemper Borges, Virgílio Gomes de Almeida, Ademar Dias Duarte, Theodoro Viana, Walter Maia Faria e Eny Viana Faria. Eu costumava comentar com o nosso Peralva: — Meu amigo, estamos cursando “Sorbonne”, nas matérias de Doutrina Espírita, mediunidade e contatos espirituais!

[18] “A mediunidade é um atributo peculiar ao psiquismo de todas as criaturas. A Doutrina Espírita é um curso de princípios morais, objetivando a libertação da alma humana para a Vida Maior” — Vozes do Grande Além, Francisco Cândido Xavier, Emmanuel (1957, F.E.B.) — Mediunidade e Espiritismo, Efigênio Salles Victor (Instrução 54, página 185)

[19] O mestre André Luiz, em seu excelente livro “Nos Domínios da Mediunidade”, trouxe-nos elementos admiráveis e indiscutíveis sobre o assunto.

[20] Sou verdadeiramente apaixonado por um belo transe mediúnico, quer seja a comunicação da personalidade espiritual ou anímica. A mediunidade, tão pobremente compreendida, é algo notável! Quanto devemos aos benfeitores sagrados, que tão bem a estudaram: Alexandre Aksakot, Gustave Geley, Gabriel Delanne, Léon Denis, César Lombroso, J. Herculano Pires, Hermínio C. Miranda, Yvonne Pereira, .Antonio J. Freire e Ernesto Bozzano. Que Deus os abençoe!

[21] Carlos Torres Pastorino: um dos mais atuantes espíritas de nosso tempo. Jornalista, escritor, professor de línguas na Universidade de Brasília, Distrito Federal. Foi padre, tendo estudado no Colégio Sacro, em Roma. .Abandonou a Igreja para casar-se. Dentre suas obras literárias, duas destacam-se pelo valor: “Técnica da mediunidade” e “Minutos de Sabedoria”.

[22] Dr. Antonio Wantuil de Freitas exerceu durante 27 anos, com rara proficiência e admirável descortínio, a Presidência da Federação Espírita Brasileira. Era sócio benemérito da União Espírita Mineira, por indicação

da diretoria aprovada em reunião do Conselho Deliberativo de 18 de junho de 1955. Desencarnou em 11 de março de 1974.

[23] Tempos depois, a F.E.B. editou “Vozes do Grande Além”. Por um dever de consciência e gratidão, de honestidade e lealdade, registro aqui meus agradecimentos ao dileto condiscípulo Pacheco Silva, que sempre gentil e fraternalmente teve n trabalho de datilografar as páginas que originaram o livro.

[24] Sebastião Lasneaux militou em Barra do Pirai e era muito conhecido em Belo Horizonte, onde participou de várias “Semanas Espíritas”. Inúmeros estados conheceram-lhe a presença agradável, os belos sonetos que escrevia e que declamava nas festividades juvenis, encantando pela simplicidade e edificação de que se impregnavam os conceitos poéticos.

[25] Notei que Chico estava profundamente quieto. Pelo convívio, sabia que ele estava em contato com o Plano espiritual. Ao segurar as suas mãos, a guisa de reconforto, ele, baixinho, disse:

— Limite-se a orar. Depois, eu lhe conto.

O trajeto feito horas antes, de 30 a 40 minutos, demorou mais de 4 horas. Após o desembarque, caminhando para o hotel, Chico relatou-nos suas observações. Dois recém-desencarnados agarravam freneticamente as bordas do barco. Ele supôs que estavam pedindo socorro, quando Emmanuel lhe esclareceu:

— “São suicidas extremamente voltados ao mal. Estão tentando soçobrar o barco. Já tomamos as providências devidas.”

Chico continuou o seu relato:

— Além desses, havia outros suicidas, uma verdadeira corte de seres monstruosos, e vítimas de assassinios que foram jogadas ao mar. A presença de Emmanuel e dos missionários da caridade levou-os a postos de socorro.

Chico falou que foram os momentos, até aquela época, mais difíceis para ele. Apesar de sua intervivência entre os dois Planos, ele jamais constatara dramas tão dolorosos.

[26] Iniciou-se assim uma temporada de tarefas, que se estendeu pelas 3 noites subsequentes à nossa estada em Angra dos Reis. Ditas tarefas repercutiram no

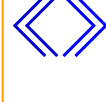
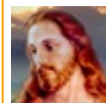
“Meimei” bem umas 6 semanas, através de outros médiuns. Hoje, lamentamos a ausência do querido Ennio Santos, portador de uma memória invejável. Ennio retornou à pátria espiritual na década de 1970. Em mim, as lembranças esgarçaram-se com o tempo. E por caridade deleguei ao olvido as cenas, tristes, dolorosas e cruéis que presenciamos.

[27] A querida e sempre lembrada Yvonne Pereira, que passara uns dias em casa de Chico, foi para mim uma seara sublime de observações e aprendizado. Quando a ouvia conversar sobre suas experiências. Yvonne era também excelente clarividente. Presenciei muitas vezes os conselhos e advertências de Chico a alguns companheiros e, conseqüentemente, a ocorrência do que poderiam ter evitado. Uma ressalva: Yvonne A. Pereira era portadora das mediunidades de clarividência, clariaudiência, da psicofonia, do desdobramento espiritual — exteriorização perispirítica sonambúlica — receitista homeopata, passista curadora, etc. Autora do famoso livro “Memórias de um Suicida”, desencarnou em 9 de março de 1984.

[28] “Enigmas da Psicometria”, Ernesto Bozzano, 1965, F.E.B. — Tradução de Manoel Quintão.

[29] Jofre Leles, tempos depois, pesquisou os arquivos da Polícia Militar, encontrando dados confirmativos às informações dadas por Chico, inclusive seu nome e o grau de comando — coronelado — que lhe pertencera na época.

[30] Contraí em 1956 segundas núpcias com Neuza Tofani de Macedo. Deste casamento, tivemos uma filha: Moyra Tofani de Macedo Rocha.



3

José Martins Peralva Sobrinho



1. Não se pode negar o sentimento de veneração que envolve a nobre figura de Ismael, guia espiritual do Brasil. A responsabilidade que detém, na condição de mentor da egrégia Federação Espírita Brasileira — FEB — suscita, da parte da comunidade espírita nacional, um profundo respeito, aliado a um imenso carinho e uma suave ternura.

Certa vez, indagaram a Chico:

— Como se processam os encontros, nas esferas resplandecentes da Espiritualidade, de Emmanuel com Ismael? Qual a postura do admirável espírito do ex-senador romano, diante da também luminosa entidade a quem confiou Jesus os destinos do Brasil?

Resposta do querido médium, curta, serena e firme: — De joelhos!

Doutrina, sim!

2. Em 1949, transferi residência de Aracaju para Belo Horizonte, por injunção de saúde. A capital mineira ainda não iniciara o surto de desenvolvimento que a elevaria à categoria de terceira capital brasileira, em volume populacional. Na época, era a sexta, tendo à frente Salvador, Recife e Porto Alegre.

Em fase de adaptação climatológica, social e doutrinária, tínhamos, eu e minha família, um futuro de incertezas. Havíamos recebido um convite para integrar uma obra educacional, que o professor Rubens Costa Romanelli pretendia construir no município de Esmeraldas, com o apoio do confrade José de Lima Géó, já desencarnado.

Vacilávamos: aceitaríamos ou não o convite?

Num final de semana em Pedro Leopoldo, num passeio com outros companheiros, ouvíamos a palavra singela e carinhosa de Chico Xavier, em casa de sua querida irmã Luiza. Com a costumeira serenidade, em determinado momento, voltou-se para mim e disse:

— Peralva, vejo ao seu lado um moço louro, de olhos azuis,

Muito simpático! Diz chamar-se Lívio Pereira da Silva e haver militado no Espiritismo, em Sergipe. Pede-me para lhe dizer o seguinte: “Fala com o Peralva que a vocação dele é para o trabalho da Doutrina. A água, até alcançar o oceano, percorre quilômetros e quilômetros,

correndo sobre obstáculos Com o espírito humano acontece o mesmo. Para conseguir o oceano da bondade divina, tem que lutar, vencer obstáculos, contornar dificuldades, a exemplo da correnteza”.

Ali estava, por abençoada luz para o meu espírito, que vacilava na tomada de decisão, a resposta — de aceitar ou não o convite, ficar em Belo Horizonte ou seguir para o interior.

Imediatamente, procurei o professor Romanelli para agradecer-lhe a gentileza do convite e dizer-lhe que optamos por permanecer na cidade, nos serviços doutrinário-evangélicos.

Materializações I

3. O episódio a que estávamos presentes ocorreu no começo da década de 1950.

O conhecido médium Peixotinho, de Macaé, Rio de Janeiro, estivera em Belo Horizonte e noutras cidades mineiras para realizar, com objetivo curativo, magníficas sessões de materialização.

Chico Xavier e outros companheiros animaram-se frente ao maravilhoso fenômeno e, utilizando suas próprias faculdades de efeitos físicos, promoveram algumas sessões.

Espíritos altamente iluminados, e alguns menos, materializaram-se, conversaram conosco. O entusiasmo, embora comedido, nos dominava, sobremaneira.

A imortalidade da alma ali estava demonstrada, patente, indiscutível!

Emocionada, u'a mãe reviu e falou com a filha envolta em roupagem de luz.

Já era bem tarde, Chico ainda estava na cabine, quando materializou-se uma entidade, cujo porte e luminosidade demonstraram-nos grande superioridade. A porta por onde adentrou o recinto evidenciou-lhe a estatura elevada.

Profundo silêncio se fez, embora sussurros fizessem-se ouvir:

— Emmanuel?!?

Ali estava o abnegado servidor de Cristo, o ex-senador romano. Sua voz ecoou forte, inesquecível:

— “Amigos, a materialização é fenômeno que pode deslumbrar alguns companheiros e até beneficiá-los com a cura física. Todavia, o livro é chuva que fertiliza lavouras imensas, alcançando milhões de almas. Rogo aos amigos a suspensão, a partir desse momento, destas reuniões”.

E a partir daquele dia, Chico — a disciplina em pessoa nunca mais as realizou, servindo-se de sua faculdade mediúnica de efeitos físicos. Sessões de materialização, nunca mais!

O livro, no entanto, como chuva abençoada, continua fertilizando a lavoura do coração humano, trazendo paz, reconforto e esclarecimento a milhões de criaturas. ^N

Materializações II

.Arnaldo Rocha

4. Há fatos, questões e ocorrências que me deixam perplexo! Há uma planificação no

mundo dos espíritos, para determinadas tarefas a serem executadas no plano físico que, por vezes, acredito tratar-se de casualidade que se encaixa. Vejamos, por exemplo:

Alguns amigos conversavam em casa de André. Falava-se sobre materializações de espíritos, tratamentos, cirurgias e aplicação de elementos espirituais em enfermos físicos. ^N

Veio-me a ideia de consultar Chico sobre se ele desejava prestar-se a uma experiência. O bondoso amigo, com o espírito de renúncia e abnegação que lhe é próprio, concordou.

No dia marcado, cuidados tomados, conscientizados das responsabilidades, oramos e aguardamos os resultados. Que foram simplesmente além de nossa expectativa!

Nas primeiras sessões, nossos amigos da Vida Maior que se materializavam eram opacos, como nós mesmos. Depois, caros leitores, ficavam lindos de se ver! Completamente, feericamente iluminados! Alguns apresentavam um tom de azul celeste, outros, azul anil. A iluminação vinha de dentro, como se cada um possuísse milhares de lâmpadas, numa maravilhosa luminescência.

Registramos a cor dos cabelos e das roupas. Às vezes, cada qual apresentava um timbre, estilo, modulação e musicalidade totalmente peculiares.

Até hoje, após tantos anos já passados, lamento o não ter uma filmadora para eternizar aqueles momentos. Entretanto,

tínhamos conosco um artista, o Jô — Joaquim Alves — da FEESP — Federação Espírita de São Paulo — que executou belíssimos desenhos de algumas aparições: de Alvina, Meimei e Emmanuel!

É difícil para mim classificar a mais bela reunião presenciada, mas a materialização de minha mãe, Maria José de São Domingos Ramalho Rocha, deixou-me grandes marcas de emoção.

Em vida física, tratava-nos carinhosamente chamando-nos de “vidrinhos de cheiro” e, quando suplicávamos a bênção, estendia a mão e a pousava em nossas cabeças. Foi como voltar no tempo, pois tudo isso ela reprisou durante o fenômeno. E algo incrível! Mamãe fazia uso de rapé. Quando lhe indaguei se ainda continuava com tal hábito, respondeu: — “Não, meu filho, isso era aí, mas trouxe a tabaqueira!!!” E no-la mostrou. ^N

Geralmente, estas reuniões processavam-se em casa de André. Ficávamos na sala, que era ligada a uma área de circulação por um corredor de 4 a 5 metros, no interior da casa. Nosso querido Chico deitava-se num quarto, no fim desta área.

Uma noite, sentimos um delicioso perfume. Intimamente, achei que era o mesmo que Meimei costumava usar. Surpreendi-me quando percebi que o corredor ia se iluminando aos poucos, como se alguém caminhasse por ele portando uma lanterna. Subitamente, a luminosidade extinguiu-se. Momentos depois, a sala iluminou-se novamente. No centro dela, havia como

que uma estátua luminescente. Um véu cobria-lhe o rosto. Ergueu ambos os braços e, elegantemente, etereamente, o retirou, passando as mãos pela cabeça, fazendo cair uma cascata de lindos cabelos pretos, até a cintura. Era Meimei!

Olhou-me, cumprimentou-me e dirigiu-se até onde eu estava sentado. Sua roupagem era de um tecido leve e transparente. Estava linda e donairosa! Levantei-me para abraçá-la e senti o bater de seu coração espiritual. Beijamo-nos fraternalmente e ela acariciou o meu rosto e brincou com minhas orelhas, como não podia deixar de ser. Ao elogiar sua beleza, a fragrância que emanava, a elegância dos trajes, em sua tênue feminilidade, disse-me:

— “Ora, meu Meimei, aqui também nos preocupamos com a apresentação pessoal! A ajuda aos nossos semelhantes, o trabalho fraterno fazem-nos mais belos e, afinal de contas, eu sou uma mulher! Preparei-me para você, seu moço! Não iria gostar de uma Meimei feia!”

Lembramo-nos da aparição de Kate King, quando dos trabalhos do sábio e estudioso Willian Crookes, na qual seus filhos estavam presentes. A bondosa amiga espiritual abraçava as crianças, chorando, e deixava como lembranças pedaços de seu vestido. O Sr. Crookes mostrou-lhe que estragara toda a roupa, a qual ela reconstituiu, sorrindo, somente com o afago de suas mãos.

Meimei despediu-se, deixando também comigo um pequeno pedaço de sua

vestimenta divina. Recordação de amor que trarei no coração para todo o sempre.

A materialização de Emmanuel foi magnífica!

Emmanuel é um belíssimo tipo de homem.

Atlético, alto, provavelmente 1 metro e 90 centímetros de altura. Sua voz clara, forte baritonada, suave mas enérgica, impressionou-me muito. O andar e os gestos elegantes, simples, porém aristocráticos. No grande e largo tórax havia um luzeiro multicolorido. Na mão direita, erguida, trazia uma tocha luminescente e sua presença sempre irradiava paz, harmonia, beleza e felicidade.

Apesar de toda a minha tristeza, foi muito oportuna sua proibição. Tive imenso dó ao ver o estado de exaustão que acometia Chico. Ficava pálido, abatido, exangue, banhado em suor.

Depois destas tarefas, nunca mais me interessei por tais experiências. Acredito que tudo que poderia ver, observar e aprender nesse campo, foi-me concedido.

Os amigos de Jesus

5. Pedro Leopoldo, primeiros anos de 1950.

O Centro Espírita Luiz Gonzaga estava repleto, inclusive de caravanas de outras cidades e outros estados. Na mesa de atividades, já composta, Dr. Rômulo Joviano, Lico, Sr. Barbosa e Zeca aguardavam Chico para o início da reunião.

O medianeiro, cercado de gente por todos os

lados, caminhava vagarosamente em direção à mesa, atendendo, falando e orientando quem necessitava de auxílio.

Uma senhora, identificando-se como sendo de Salvador, Bahia, com o semblante expressando aflição, aproximou-se e disse:

— Chico, preciso de sua orientação. Sou médium de incorporação, mas só se comunicam por meu intermédio Espíritos sofredores, que gritam, choram, fazem barulho! Sou criticada por alguns companheiros! Já não suporto mais este sofrimento! Algumas vezes, penso em abandonar o trabalho mediúnico. O que me diz, Chico?

— Minha irmã, você deve considerar-se muito feliz, porque Jesus também viveu com sofredores de todos os matizes. Você, portanto, está em boa companhia — na companhia de Jesus!

A fisionomia da visitante iluminou-se de alegria, de esperança e entusiasmo cristãos. E enquanto Chico se afastava calmamente em direção à mesa, para iniciar as tarefas, ela falou-lhe:

— Deus lhe pague, Chico, pela orientação. Volto para a Bahia renovada por suas palavras, disposta a prosseguir na atividade, oferecendo meus dons mediúnicos aos sofredores, aos amigos de Jesus!...

Jamais nos esquecemos da lição. De quando em quando, menciono-a em palestras doutrinárias e sempre surge um companheiro a dizer que o ensinamento lhe fora proveitoso, pois vivenciava o mesmo problema.

Dor de cabeça

6. Era uma sexta-feira. Muita gente aglomerava-se em volta de Chico. Zeca Machado tomava providências para o início da reunião. O irmão Barbosa postou-se à cabeceira da mesa, Lico, Dr. Rômulo e outros dirigentes do “Luiz Gonzaga” puseram-se a postos.

Chico, de pé, abraçava um, dirigia a palavra a outro.

Aproximou-se dele uma jovem senhora, reclamando de forte dor de cabeça. Chico a ouviu atentamente e convidou-a a sentar-se na assistência para participar do encontro.

A palestra transcorreu normalmente, com os colaboradores dando sua parcela de cooperação nos comentários.

Depois da meia-noite, finda a reunião a senhora que reclamara da dor de cabeça achegou-se ao médium, com a fisionomia radiante e feliz. A dor de cabeça cessara nos primeiros minutos das tarefas. Chico sorriu docemente, despedindo-se dela com carinho.

Instantes depois, explicou:

— Emmanuel me disse que aquela senhora teve uma discussão muito forte com o marido, chegando quase a ser agredida fisicamente. O marido desejou dar-lhe uma bofetada e não o fez por um recato natural. Contudo agrediu-a vibracionalmente, provocando uma concentração de fluidos deletérios que lhe invadiram o aparelho auditivo, causando a

dor de cabeça. Tão logo começou a reunião, Dr. Bezerra colocou a mão sobre sua cabeça e vi sair de dentro de seu ouvido um cordão fluídico escuro, negro, que produzia a dor. Eu estava psicografando mas, orientado por Emmanuel, pude acompanhar todo o fenômeno.

Encapuzados

7. Este fato ocorreu também em Pedro Leopoldo e Chico sempre o contava, nos poucos e raros intervalos de suas atividades.

Ele estava em casa, quando Emmanuel avisou-o que receberia algumas visitas. Que ficasse atento e vigilante.

Chico ficou de sobreaviso e, momentos depois, um grupo de Espíritos, encapuzados, adentrou o quarto, maltratando-o com palavras. Emmanuel, sempre ao seu lado, aconselhou-lhe calma e humildade.

Um dos Espíritos adiantou-se e Chico pode ver-lhe os olhos agudos e penetrantes. Dirigiu-lhe palavras ofensivas, enquanto que o bondoso medianeiro pedia-lhe caridade, explicando ser uma pessoa que necessitava trabalhar e que era muito carente espiritualmente.

O Espírito agressor, que agia como chefe da falange, parou, olhou para Chico e disse-lhe:

— “Você é um toleirão. Com você não adianta”.

E convocando os companheiros:

— “Vamo-nos embora daqui.”

Uma outra visita

8. De outra feita, um grupo de Espíritos penetrou em seu quarto, fazendo ameaças, nas quais ele devia abandonar o Espiritismo e outras tantas.

Emmanuel vigilante como sempre, apareceu e recomendou a Chico humildade e delicadeza, aconselhando-o a olhar para os pés dos visitantes.

Chico obedeceu e surpreendeu-se!

Aqueles Espíritos de bom aspecto pessoal, tinham pés caprinos!

Cirurgias e carma

9. Há uns trinta anos, aproximadamente, um pequeno grupamento de companheiros, dentre eles Chico Xavier, comentava problemas relacionados a imperativos cármicos, determinantes de inibições suavizadas ou corrigidas pela medicina moderna.

A questão gravitava em torno do seguinte: como conciliar os recursos da medicina terrestre, especialmente na área da cirurgia, com a correção de anomalias orgânicas em criaturas em processos de resgates cármicos?

Chico explicou:

— Não importa que a cirurgia faça desaparecer anomalias inibidoras ou deformantes de implementos somáticos. O perispírito conservará a deficiência, que vai se projetar para reencarnações futuras, a não ser que o espírito devedor se reajuste

com a Lei da Justiça, cobrindo com o amor a “multidão de pecados”, segundo o Evangelho. A cirurgia corrige transitoriamente as deficiências físicas. O amor, trabalhando nos tecidos sutis da alma, purifica e redime para a Eternidade.

Pretos velhos

10. A conversa corria animada, com aquele toque de alegria cristã, pura e singela de que se impregnam os ambientes onde Chico se faz presente.

Alguém comentara sobre a presença de vultos destacados da sociedade em núcleos de Umbanda, via de regra respeitosos e genuflexos.

Componentes das mais altas camadas sociais, especialmente do Rio de Janeiro, civis ou militares, acorriam a esses locais de fraternidade e amor, ávidos por uma palavra amiga, um conselho, uma orientação.

Chico tomou a palavra:

— Geralmente, essas pessoas de elevada posição social procuram humildemente os pretos velhos, como se estivessem pedindo perdão pelo mal que lhes fizeram no passado, na posição de grandes latifundiários, de senhores feudais. No íntimo da consciência, pesa-lhes o haver sido, em sua grande maioria, impiedosos com os irmãos procedentes da África distante. Explica-se aí a posição de humildade com que se apresentam ante o preto velho, que Lhes dirige a palavra sempre consoladora e repleta de sabedoria.

São os verdugos de ontem na bênção do arrependimento de hoje! Descansam a consciência pesada diante do carinho dos generosos pretos velhos!...

Zeca Machado

11. José Flaviano Machado, o inesquecível Zeca Machado, foi companheiro dedicado e operoso de Chico, por quem nutria profunda amizade, nas atividades do Centro Espírita Luiz Gonzaga. Era ele quem comentava o Evangelho e inúmeras questões de “O Livro dos Espíritos” e aplicava passes, em sala própria, durante as dissertações que compunham as reuniões públicas, sendo ainda amigo carinhoso de quantos o procuravam na cidade de Pedro Leopoldo. Ele e Chico tinham o hábito de, após os encontros de segundas e sextas-feiras, ficar em deliciosa e quase interminável conversa, noite a dentro, em meio às ruas. Zeca Machado nunca demonstrava a menor pressa em despedir-se. Assim, iam ficando horas e mais horas na quietude das madrugadas. E Chico pensou: — “Qualquer noite dessas, vou ficar com o Zeca o tempo que ele quiser, só pra ver o que acontecerá!”

E se bem pensou, melhor fez.

Tempos depois, após a reunião, lá estavam os dois, como sempre, nas silenciosas ruas da pequena cidade. As horas passavam, a madrugada chegava de mansinho. Os poucos notívagos procuravam suas casas, pois os galos já cantavam nos quintais. E

os dois conversando, conversando. Chico, com sua mineira simplicidade, deixava o Zeca falar à vontade.

A certa altura, o querido Zeca Machado olhou espantado para o horizonte ao longe e comentou:

— Muito estranha, Chico, aquela claridade ali, atrás das árvores! Que será?!?

E o amado Chico, com um plácido sorriso, lhe respondeu: — Não é nada não, meu nego! É mesmo o dia que está amanhecendo! A claridade é do sol, que já nasceu!...

E soltou uma de suas despretensiosas gargalhadas, ante a surpresa do amigo.

Sereno, paciente, dotado de incomparável senso de humor, assim é o nosso Chico, que sabe, como poucos, apreciar e divertir-se com situações como esta.

Um encontro com Zeca na Espiritualidade

12. Uberaba, 9 de agosto de 1964.

Querida Zilica, Deus a abençoe.

Estou lhe escrevendo para narrar a visão que tive com Zeca. Peço-lhe perdão se reavivo seu sofrimento ao pensar na separação, mas consolei-me tanto com o que vi e, tanta esperança me veio ao coração ao vê-lo, que não vacilei em enviar-lhe estas notícias, escritas às pressas, sem nenhuma outra preocupação senão a de transmitir-lhe as novas.

Abrços do menor servidor,

Chico

“Na noite de 30 para 31 de julho de 1964,

deitei-me às 23 horas e me vi perfeitamente fora do corpo. Estava lúcido, a ponto de vê-lo estendido sobre a cama, sem que me sentisse intimamente interessado em verificar de que modo me enlaçava nele, fenômeno esse que muitas vezes me ocorre, mas não sempre.

Dr. Bezerra de Menezes estava ao meu lado, comunicando estar disposto a levar-me ao encontro de Zeca. Senti uma alegria e uma surpresa que palavra alguma consegue descrever.

Dr. Bezerra tomou-me pela mão, como um pai ao filho. Entramos num veículo, que não saberia descrever, porque eu me achava mais contente em estar com ele e mais contente ainda em rever Zeca que interessado em analisar a máquina que nos conduziria.

Depois de pequeno espaço de tempo, chegamos a Pedro Leopoldo, à frente de sua casa, Zilica. Percebi nitidamente que era madrugada. Olhei o céu estrelado, pensei nas noites em que ficara ao lado de Zeca e de outros amigos em nossas tarefas de assistência e, ansioso por revê-lo, em minha plena consciência, senti uma emoção no peito, como se minha alegria fosse dor, em que a saudade e o contentamento já não fossem sensações que a gente experimenta na Terra. Comecei a chorar de dor, de felicidade, mas Dr. Bezerra de Menezes alertou que, se eu quisesse ver o amigo, enxugasse os olhos e tivesse calma. Procurei refazer-me como um aluno que se envergonha de não estar correspondendo à expectativa do

professor. Então, seguimos eu e Dr. Bezerra para a frente.

Passamos por sua casa e, seguindo o orientador, reconheci que ele me levava para a sede do Grupo Scheila.

Entramos. Na pequena construção, várias pessoas — Espíritos amigos — trabalhavam, porém Dr. Bezerra aconselhou-me a não dar atenção a eles e, sim, a Zeca, para que eu pudesse guardar na memória tudo que ele me dissesse.

Zeca estava sentado numa cadeira, sem o paletó — percebia-se que estava bem à vontade. Quando deu com os olhos em mim, notei que a mesma surpresa o dominava, mas, instintivamente — auxiliado magneticamente por Dr. Bezerra, sem que o soubesse — conteve-se e cumprimentou-me sorrindo, com alguma tristeza, mas sorrindo valorosamente.

Sem que Dr. Bezerra me explicasse a conduta que deveria ter, por minhas experiências anteriores, reconheci que deveria proceder com muita discrição e prudência. Não abracei Zeca, como queria, porque sabia que o contato de meus braços o faria sofrer. E pelo seu olhar, concluí que também não me abraçava pela mesma razão.

Disse a ele que me achava fora do corpo, conscientemente, sob a proteção dos bons Espíritos e que desejava expressar-Lhe o carinho de todos nós, seus amigos chocados com sua ausência.

Sentei-me quase junto dele, em outra cadeira. Ele pronunciou palavras de

agradecimento e igual carinho. Perguntei-lhe se estava ciente do que havia acontecido. Sorriu-me com o otimismo que nós tão bem conhecemos e afirmou que sim, que sabia de tudo.

— “Chico, você não pode nem imaginar! Eu saí do corpo com violência, assim como uma pessoa que recebe um tiro!... Você já pensou, que coisa esquisita? Como devemos estar preparados!... E por mais que a gente se prepare, a surpresa ainda é grande!”

Entabulamos conversação, que eu percebi estar sob o controle de amigos espirituais, para que ele não tivesse choques. Informou-me que estava ali, no Grupo, em refazimento, e que ainda não tinha se afastado do ambiente das orações e tarefas espirituais para ser preparado, a fim de acompanhar os benfeitores que o assistiam na mudança de plano. Afirmou também estar em plena consciência de tudo e que, dia a dia, notava-se mais leve, de corpo espiritual menos denso, de modo a poder respirar em outra atmosfera.

Perguntei se estava enxergando os Espíritos em tarefas de auxílio e ele informou-me que apenas sentia a presença deles pelo tato, pelas emoções da alma e pelos ouvidos, mas que através dos olhos ainda não. Precisava adestrar mais firmemente os olhos para isso. Indaguei se ele sabia me explicar melhor o assunto, e ele me disse que ouvira a voz de D. Georgina, recomendando calma, que somente as pessoas que ficam acamadas, em maiores dificuldades do corpo, antes da

desencarnação, é que podem desfrutar imediatamente de todos os sentidos físicos e espirituais. Sua visão espiritual deveria ser restaurada devagar.

Disse que ninguém no mundo pode avaliar o que seja a alegria de reencontrar os entes queridos depois da morte e o que seja a dor de deixá-los. Que ele não sabia explicar o que era a felicidade de ouvir D. Georgina e sentir as mãos dela o auxiliando, como quando era criança! E nem como explicar o sofrimento de separar-se de você e dos filhos, mas podia afirmar que os amigos espirituais davam-lhe a certeza de que, muito em breve, estaria em espírito junto de você e dos filhinhos, como sempre, para encorajá-los e estar com eles.

Disse estar em orações constantes, rogando a Jesus forças para restaurar-se depressa e sustentar a esposa querida em suas tarefas, sem interromper a união santa em que vocês sempre viveram.

Conversamos muito sobre as sensações e esperanças que estava experimentando. Ele, entusiasmado, me contava tudo o que acontecia e ouvia, desde a separação do corpo. Zeca, em tudo o que me dizia, não estava alegre, nem triste. Estava sereno e nós dois entremeamos a conversa de notas pessoais, discretamente, acerca disso ou daquilo, como sempre ocorria ao trocarmos impressões.

Ele não via o Dr. Bezerra. Este me fez um sinal, como a dizer que meu tempo estava terminado.

Perguntei se desejava algo de mim:

— “Chico, se puder, dê notícias minhas a Zilica. Sei que estamos juntos e que posso falar em nosso Grupo, mas desejo que conte a ela como está me vendo!... Diga a ela que Jesus não há de nos desamparar, que tenha fé e paciência. Que seja forte e que nossas tarefas continuem, é tudo que desejo de coração, porque se Zilica mantiver-se forte e animada, fortaleza e ânimo não me faltarão!... Fale com ela que confio em Deus, que confio nela e em nossos filhos... nossos filhos são bons e vão sustentar nossos ideais, todos serão trabalhadores de Jesus, como têm sido até hoje!... Peça a ela que os abençoe, seja qual for a crença em que estejam e confie neles sempre, como sempre confiei e confiarei! Dê também, Chico, meu abraço a todos os irmãos!...”

Vendo que nosso encontro realmente ia terminar, indaguei-lhe:

— Zeca, e pra mim? Que me fala você? Fale algo que me oriente, que me auxilie! Você está entre os bons espíritos, Zeca, e nós estamos na Terra! Fale algo para mim, que devo carregar minhas faltas e imperfeições, no corpo do mundo!...

Ele sorriu, me olhou, querendo-me abraçar, sem poder, e disse:

— “Chico, nós dois somos companheiros da mesma escola, alunos da mesma lição! Pelas poucas horas que tenho de experiência fora do corpo, digo-lhe que a maior felicidade de alguém é fazer o bem e sofrer com paciência por amor ao bem que Jesus nos ensinou a fazer aos outros! Compreenda sempre que a caridade é a

linguagem pela qual as preces das pessoas são ouvidas, quando se dirigem a Deus!... Veja irmãos em todos os lugares, Chico. Nós todos somos filhos de Deus, sem diferenças de religião. Quanto mais se necessita, mais serviço nós devemos prestar. Não perca tempo se magoando! Ninguém ofende porque deseja, e quanto mais a criatura entra no conhecimento de Jesus mais tolerância e amor deve demonstrar! Não tenha medo, siga adiante, fazendo o melhor que puder! Logo que esteja em condições, estarei mais próximo de todos vocês. Confiemos em Jesus!”

Minha garganta estava embargada. Por mais que quisesse falar, não podia. Dr. Bezerra tomou-me pela mão novamente e saímos sem demora. Abracei o protetor querido, como a criança que procura proteção no peito de um pai, e chorei longamente. Vi que ele me conduzia ao corpo, em silêncio e, em poucos minutos, acordei, ou melhor, abri os olhos em meu corpo físico, continuando a chorar de alegria.

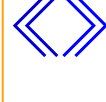
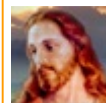
Permaneci deitado por mais de uma hora, refletindo na felicidade que a bondade de Deus havia-me permitido de rever Zeca, sob o amparo de Dr. Bezerra de Menezes.

Levantei-me, em seguida.

São quatro e meia da manhã. É o horário em que estou escrevendo estas notas, a fim de dar notícias delas a você, Zilica, e a Luiza, tão logo eu possa datilografar tudo o que está em minha memória.

31 de julho de 1964. ^N

-
- [1] No momento em que publicamos estes apontamentos, mais de 361 livros constituíam a literatura psicográfica do médium mineiro, havendo outros 14 livros no prelo, em diversas editoras.
- [2] Tenho um acervo muito bonito de experiências nesse campo. Certa vez, presenciei um fenômeno notável de desmaterialização parcial, quando Chico orava com um companheiro.
- [3] Lembro-me da ocasião de aparições ocorridas após a materialização de mamãe: José Joaquim da Silva Xavier — Tiradentes. Nina Arueira. Etc.
- [4] José Flaviano Machado, o Zeca, foi gerente da Cia. Industrial Belo Horizonte, em Pedro Leopoldo. Minas Gerais. Era o responsável pelos passes no Centro Espírita Luiz Gonzaga. Fundou o Centro Espírita Scheila. Foi um dos grandes amigos de Chico Xavier. Zeca desencarnou em julho de 1964. Sua esposa: Alzira Bahia Machado.
- Adolfo Bezerra de Menezes nasceu no dia 29 de agosto de 1831 no Riacho do Sangue, na então Província do Ceará. Dedicando-se ao estudo da Doutrina Espírita foi, em sua época, um de seus maiores divulgadores, tendo sido vice-presidente e presidente da Federação Espírita Brasileira, onde desempenhou o papel relevante de assistência cultural e espiritual. Era conhecido em vida como o “Médico dos Pobres”. Desencarnou no dia 11 de abril de 1900, aos 69 anos de idade, no Rio de Janeiro.
- D. Georgina Cândida Machado: mãe de Zeca. Desencarnou em Pedro Leopoldo em 27 de julho de 1936.



4

Geraldo Lemos Neto



Teresa d'Ávila

1. Este episódio, em torno da vida de Teresa Sánchez de Ahumada, nos foi relatado pelo médium Francisco Cândido Xavier. Teresa viveu entre os anos de 1515 e 1582 na Espanha, época do “século do ouro”, quando a Península Ibérica, sob os reinados de Carlos V e Felipe II, elevava-se a potência mundial. Neste século áureo, dizia-se conhecido adágio: “Quando a Espanha põe-se em movimento, treme o mundo.”

De fato o mundo havia tremido com as conquistas espanholas do Peru e do México, nas Américas. Com suas pretensões guerreiras contra a França e o Peru, com suas disputas sucessivas com os turcos, com sua opressão na Itália, com os morticínios praticados nos Países Baixos, com a queda de Portugal sob os seus

domínios e com os horrores do tribunal da Inquisição, instaurado contra mouros e judeus, e contra os movimentos da Reforma.

Na guerra estrangeira, os espanhóis ostentavam a ferocidade dos bárbaros, dando largas à sua brutalidade e à sua avareza sobre os inimigos. Teresa de Ávila, contemporânea deste tempo tumultuado, vivenciou-o intensamente, na proximidade e na distância.

Filha de pais abastados, crescendo entre numerosos irmãos, entrou para o Convento Carmelita da Encarnação, em Ávila, aos 21 anos de idade. Passando a chamar a si mesma Teresa de Jesus, a partir de 1562, a grande mística assumiu uma atitude combativa em favor dos semelhantes. O círculo teresiano, composto de heroicos representantes do Cristianismo, disse um “não” resolutivo a qualquer corrupção e a toda dissolução eclesiástica em voga. Exigia-se-lhe despojamento total.

Com seu inaudito sacrifício de si mesma, Teresa exerceu, conseqüentemente, uma poderosa influência.

Como a população masculina decrescera, vitimada pelos combates ao redor do mundo, deixando para trás famílias inteiras órfãs ou abandonadas, Teresa resolveu encetar uma série de viagens tomando a si a incumbência de fundar abrigos e lares de auxílio aos desvalidos por toda a Espanha. Empreendeu viagens de fundação dessas casas de socorro, que passariam à História como conventos ou

mosteiros, utilizando rústicas carruagens montando mulas ou mesmo a pé.

No decorrer dos anos, atravessou toda a Espanha, de norte a sul, de leste a oeste, viajando de maneira incômoda milhares de quilômetros, numa verdadeira façanha em prol da caridade cristã. Os caminhos eram acidentados. Um calor causticante maltratou-a no verão. No inverno, expôs-se a ventos gelados. Perdeu-se em regiões desconhecidas, atravessou rios e, vezes sem conta, atolou-se em pantanais. A valorosa obreira não recuava diante das dificuldades mais acerbadas. Suas viagens representavam fadigas inimagináveis, durante as quais era acometida por febres intermitentes, angina e doenças que lhe causavam não poucos sofrimentos. Privava-se do necessário, pernoitando em albergues imundos. Contudo, mantinha acesa a chama da fé e do bom ânimo.

Desde San José de Ávila a Medina del Campo, Malagón, Valladolid, Toledo, Pastrana, Salamanca, Alba de Tormes, Segovia, Beas de Segura, Sevilla, Caravaca, Villanueva de la Jara, Valencia, Soria, Burgos, e até Granada, Teresa travava pertinazes negociações com senhores bispos e com os fazendeiros abastados, a fim de angariar autorização e fundos para as construções dos abrigos.

Certa vez, buscando a colaboração de um senhor de terras muito rico, que lhe havia prometido auxílio, Teresa de Ávila, seguindo a pé pelos caminhos do campo, viu que uma tempestade se anunciava. Nuvens carregadas se aproximavam

ameaçadoras.

Apressou o passo, então, lembrando-se que, para chegar à fazenda em questão, deveria atravessar caudaloso rio. Infelizmente, porém, a chuva desabou, impiedosa. Teresa não se intimidou e, atingindo a margem do rio, procurou passar pelo vau, a fim de cumprir a travessia com segurança, pela parte mais rasa. A força da enxurrada, no entanto, foi maior e, num passo em falso, Teresa afundou em meio ao aguaceiro.

A força de sua extrema confiança em Jesus, Nosso Senhor, não lhe faltou. Extremamente concentrada, rogou auxílio de Mais Alto.

Na luta desesperadora para vencer as águas e sobreviver, vislumbrou a presença excelsa de Jesus.

O Mestre Divino ofereceu-lhe o apoio de seus braços fortes, agarrando-a pela mão.

Teresa salvou-se. Profundamente agradecida pelo amparo celeste, exclamou:

— Ah, Senhor! Graças a sua misericórdia, estou viva! Estou a salvo do perigo! Com o seu auxílio bondoso, venci a travessia do vau!

E Jesus, compassivo, retrucou-lhe:

— “Você está vendo, Teresa? É assim, em meio aos perigos da estrada, que eu trato os meus discípulos e os meus amigos queridos!”

Teresa de Ávila ouviu muito atentamente o Senhor. Logo após meditar um pouco, redarguiu ao Mestre, em tom curioso, revelando um lúcido senso de humor:

— Oh, Senhor, compreendo! É por isso que

os tendes tão poucos!!!

Paris, 18 de abril de 1857

(Um relato baseado em conversa com o médium
Chico Xavier).

2. Em princípios de 1857, o livreiro E. Dentu, amigo do professor Hippolyte Léon Denizard Rivail desde os idos de 1828, havia encaminhado os originais da primeira obra espírita compilada pelo referido professor à tipografia de Beau, situada em Saint Germain en Laye, 23 quilômetros a oeste de Paris.

O proprietário da tipografia presidia normalmente os trabalhos de revisão e aprimoramento do que viria a ser a primeira obra da Codificação Espírita, quando algo inesperado sucedeu-se: sua desencarnação.

O fato logo repercutiu negativamente no andamento da obra, já que os dois filhos varões do tipógrafo relegaram-na ao esquecimento ao assumirem o posto do pai.

Os apelos do professor Rivail não se fizeram ouvir e os varões limitavam-se a dizer que a feitura da edição iria demorar muito.

Valendo-se de inspiração superior, o professor Rivail resolveu por bem solicitar o concurso da viúva do tipógrafo. Deliberou visitá-la em sua residência e esclareceu-lhe sobre o que se passava. A viúva, tomada de simpatia pela causa, leu os originais de “O Livro dos Espíritos”. Sentindo-se reconfortada em sua dor

moral, e usando de sua autoridade perante os filhos, escreveu sobre os originais a ordem irrevogável:

— *TRÉS URGENT* (URGENTÍSSIMO)

A tipografia logo iniciou a impressão e o indispensável acabamento dos 2.000 primeiros exemplares, em formato grande, com 176 páginas.

Raiava o inesquecível dia 18 de abril daquele ano de 1857, e os editores, representados por Dentu, finalmente trouxeram a lume, na praça parisiense, a auspiciosa edição. A Cidade-Luz acabava de acolher, então, em seu seio, a luz mais brilhante e poderosa de sua história.

Neste mesmo dia, conceituado jornal parisiense anunciava a visita a Paris da célebre escritora francesa, de pseudônimo George Sand, chamada Amandine Aurore Lucien Dupim, Baronesa Dudevant. A extraordinária mulher, literata das mais notáveis, era dona de uma personalidade bastante forte e de uma cultura invulgar, acostumada que estava ao convívio de amigos da vanguarda europeia, como Victor Hugo, Franz Liszt e Eugene Delacroix. Fora, inclusive, a companheira, por longos anos, do inesquecível Frédéric Chopin. A nota do jornal dizia respeito a mais uma das visitas de George Sand à capital francesa, vinda da cidade de Nohant, distante 8 horas, por carruagem. La Sand teria ido a Paris como crítica de arte para assistir à peça teatral “Demi Monde”, que propunha-se a analisar a

personalidade feminina “meio doméstica, meio do mundo”!...

Amigo de George Sand desde muitos anos, o professor Rivail havia lido com atenção a referida nota jornalística. Eles, que já haviam trocado tantas ideias espiritualistas, certamente poderiam encontrar-se de novo. Seria gratificante ao valoroso professor saber a opinião de Madame Sand sobre o “O Livro dos Espíritos”.

E assim foi que, andando pelas ruas de Paris, com o primeiro exemplar do livro nas mãos e, por isso, pleno de alegria, o professor avistou a carruagem de Sand, reconhecendo-a em seu interior. Imediatamente acenou e, cumprimentando-a, disse:

— Madame Sand, venho oferecer-lhe o primeiro livro da Doutrina dos Espíritos!

Ao que ela, surpresa, retrucou:

— Ah, professor Denizard, — ela assim o chamava — eu sei que o senhor está fazendo experiências verdadeiras. Eu mesma sou delas testemunha, porque desde quando muito jovem, observava alguém, um vulto, a me acompanhar o tempo todo, a me espreitar! De pequena, lutei muito para que os demais compreendessem o que se passava comigo, mas, em vão!... Bem não nos importemos com as incompreensões e sigamos avante!... O senhor está de parabéns, professor!

O professor Rivail agradeceu-lhe a acolhida fraterna, dizendo-lhe que estimaria muitíssimo ver sua apreciação da obra. —

“La bonne dame de Nohan” — respondeu-lhe, afável.

Professor Denizard, guarde para si este exemplar, do qual não sou digna. Alegrar-me-ei bastante em opinar sobre ele mais tarde, quando o tempo me permitir. Atualmente, tenho a vida atribulada de compromissos. Prometa enviar-me outro volume posteriormente.

A 20 de maio do mesmo ano, Allan Kardec endereçava-lhe expressiva carta, com um exemplar de “O Livro dos Espíritos”, em anexo.

Madame Sand leu a obra com atenção e, três meses depois, procurando o amigo, falou-lhe:

— Professor Denizard, gostaria muito de acompanhá-lo em suas demandas por estas ideias renovadoras de nosso mundo, mas sinto que somente iria atrapalhar seu livre desenvolvimento. Minha condição de mulher, com conceitos e comportamentos revolucionários, não ajudaria em nada a verdade que esta filosofia representa. Recuso-me, pois, a escrever qualquer artigo sobre este livro de luz. Eu, certamente, apenas contribuiria para obnubilá-lo. Conto com a sua compreensão e prometo, outrossim, colaborar com o senhor no que estiver ao meu alcance.

Dez anos mais tarde, na edição de janeiro de 1867 da Revista Espírita, sob o título “Os Romances Espíritas”, Allan Kardec comentaria, da seguinte forma, algumas obras literárias de George Sand:

“Em “Consuelo” e na “Confesse de Rudolf-

State”, da Sra. George Sand, o princípio da reencarnação representa papel capital. O “Drag”, da mesma autora, é uma comédia representada, há alguns anos, no Vaudeville, cujo enredo é inteiramente espírita”. (...)

Kardec igualmente comentaria ser a obra “Mademoiselle de La Quintine”, de Sand, uma obra que encerrava pensamentos eminentemente espíritas.

Allan Kardec e George Sand novamente se encontraram, em 18 de abril de 1957, cem anos decorridos sobre aquele encontro nas ruas de Paris e, desta vez, despojados da veste corporal.

George Sand foi um dos espíritos de elite que compareceu à grande solenidade espiritual, em homenagem a Allan Kardec, levada a efeito na Vida Maior por ocasião do primeiro centenário de “O Livro dos Espíritos”.

Evangelho e renovação

(Depoimento do médium Francisco Cândido Xavier.)

3. No final da década de 20, passou por Pedro Leopoldo um cego, de nome Gregório, nascido na Bahia. Sem contar com residência fixa, Gregório viveu algum tempo do auxílio de amigos, caminhando pela cidade guiado por garotos, que lhe estendiam os braços fraternos. Numa destas caminhadas, ao cruzar uma ponte sobre a via férrea, próxima à cidade, ocorreu-lhe um grave acidente. O rapaz

que o conduzia, assustando-se com a aproximação da locomotiva, correu, largando-o sozinho no meio dos trilhos. Gregório, presumindo o desastre, apressou o passo incerto entre os dormentes, com a intenção de fugir à presença ameaçadora do trem de ferro. Na fuga apressada, tropeçou, despencando de grande altura, ferindo-se seriamente em meio às pedras de um riacho.

Desamparado e sem lar, Gregório foi acolhido nas dependências do Centro Espírita Luiz Gonzaga, acomodando-se num leito improvisado. Sua situação era aflitiva — cego, ferido e sozinho! Além disso, ninguém dispunha de tempo para fazer-lhe companhia. Durante quase todo o decorrer do dia, Gregório ficava só. Devido às nossas obrigações de trabalho, somente poderíamos assisti-lo durante o intervalo do almoço, ministrando-lhe os medicamentos prescritos pelos médicos e trocando-lhe os curativos. Depois, só voltávamos a vê-lo após o serviço da noite. Naqueles instantes, desfrutávamos juntos o Culto do Evangelho no Lar, após o que Gregório recebia passes.

Existia em Pedro Leopoldo um periódico, o Correio da Semana, editado com muita eficiência pelo Sr. Ataliba Murce, agente da Central do Brasil. O Correio da Semana publicava anúncios e pedidos os mais diversos, endereçados aos habitantes da cidade. Justamente por isso era lido por todos, desfrutando de grande aceitação. Pesava-nos observar Gregório abandonado à própria solidão, durante grande parte do

dia. Até que tivemos a ideia de utilizar o jornal do Sr. Ataliba para a colocação de um anúncio-convite ao auxílio de Gregório. Através deste anúncio, solicitamos o concurso fraterno de alguém que se dispusesse a fazer-lhe companhia por duas ou três horas diárias. Apenas para uma conversa amiga, ou uma leitura que o distraísse durante o dia.

O anúncio foi publicado e nada! Quinze dias se passaram e nada de aparecer alguém. Entretanto, duas irmãs, dedicadas à caridade, não obstante vinculadas ao comércio das forças sexuais, se apresentaram pressurosas, indagando-me:

— Será que nós duas podemos servir a esta obra de caridade?

Entre surpreso e contente, disse-lhes:

— Mas é claro! Por favor, venham depressa, porque assim 96 vocês aliviam nossa preocupação com o enfermo!

As duas irmãs passaram, então, a fazer companhia ao cego Gregório, diariamente, fazendo leituras e travando conversas gerais.

Por intermédio dele, tomaram conhecimento da realização do Culto do Evangelho naquela casa, todas as noites e, certo dia, disseram:

— Chico, nós sabemos que você e o seu Gregório têm feito preces aqui, todo dia!

— Ah, sim, o Culto do Evangelho de Jesus!... É verdade, todas as noites nós temos orado!

— Será que nós duas podemos frequentá-lo também? — arguíram, acanhadas.

— Mas claro que sim! Podem, sim, todos os

dias, às 19 horas!

E, de fato, as duas irmãs passaram a participar diariamente do Culto do Evangelho, conosco, no recinto do Centro Espírita Luiz Gonzaga. Reconhecíamos que ambas não possuíam noção alguma do Evangelho e da Doutrina Espírita, mas identificamos uma viva atenção pelas leituras. Elas ouviam com grande interesse as mensagens e as explicações contidas no “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec. Seus olhos brilhavam, denotando a sincera emoção na alma, diante das exortações evangélicas. Chegaram mesmo a viajar para Belo Horizonte, somente com o intuito de adquirir dois exemplares da obra de Kardec, achando-as na Livraria Oliveira Costa, na Av. Afonso Pena.

Dois meses se passaram. Gregório sentiu-se mais forte, recuperando-se a olhos vistos. Quando finalmente seus ferimentos se curaram, e ele ficou bom de saúde, os amigos do Centro Espírita Luiz Gonzaga facilitaram-lhe a realização do sonho de voltar para a Bahia, comprando-lhe uma passagem para Montes Claros, situada no norte de Minas, a meio caminho de sua terra natal.

Com a partida de Gregório, o Culto do Evangelho foi interrompido. Outros compromissos nos absorveram o tempo, junto às atividades do Centro. Ao informar a suspensão das orações às estimadas irmãs, notamos-lhes os olhos cheios de lágrimas.

— Puxa, Chico, com estas leituras que

estamos fazendo, e com o apoio destas preces, não estamos mais tolerando a vida que até então tivemos aqui, em Pedro Leopoldo. Nós queremos mesmo é mudar de vida! Mas, como fazer se precisamos do sustento de cada dia? Quem sabe, Chico, se você não conhece alguém, longe daqui, que nos poderia arrumar trabalho digno?

Aquela rogativa revestia-se de tanta sinceridade, que prometi-lhes pensar no assunto. Efetivamente, algum tempo depois, lembrei-me da família Gusmão, que se mudara de Pedro Leopoldo para Belo Horizonte, havia pouco tempo. O Dr. Rivadávia Gusmão havia-me operado um tumor no calcanhar, com muito sucesso. Não fossem a dedicação e o cuidado com os quais havia me tratado, provavelmente ainda estaria com muita dor no calcanhar, a depender da boa vontade de alguém para a própria locomoção.

A esposa do Dr. Gusmão, D. Henriqueta Herbster, era uma senhora extraordinariamente boa! Naquela época, todos haviam sido muito bons comigo e, quem sabe, poderiam me auxiliar no caso em questão. Decidi escrever-lhes uma carta, com o pedido de aconselhamento.

Em breves dias, veio a resposta, afirmativa, para nosso júbilo. Obtendo a devida autorização de D. Henriqueta, chamei as duas irmãs e transmiti-lhes o endereço dos Gusmão, em Belo Horizonte. Pedi, entretanto, que se aconselhassem com a bondosa senhora, contando tudo o que se passara em suas vidas, até então. Que não

escondessem nada de D. Henriqueta.

E assim foi feito. D. Henriqueta, com sua generosidade natural, consultou o marido, médico de vastas relações na capital, pedindo-lhe colocação de serviço para as duas irmãs na Santa Casa de Misericórdia ou na Maternidade Silviano Brandão. Após a averiguação das possibilidades, Dr. Rivadávia comunicou à esposa:

— “Só encontrei serviço para *sal forte*. Assunto de cozinha, lavação pesada e banheiros no hospital. As duas podem revezar-se no trabalho, podendo dormir no emprego”.

D. Henriqueta, satisfeita com o desfecho favorável, comunicou às irmãs:

— “Vocês querem enfrentar panelas, fogões, pisos e roupas sujas? Estão mesmo dispostas para o trabalho? Lembrem-se que lá no hospital vocês contarão com um local assegurado para viver e trabalhar dignamente!”

Emocionadas e agradecidas à família Gusmão, elas aceitaram a vida nova e, em breve tempo, empregaram-se em suas novas obrigações.

Decorridos dois meses, voltaram a Pedro Leopoldo. Com surpresa e alegria, recebemo-las em reunião no Centro Espírita Luiz Gonzaga.

— Ah, Chico, nós estamos gostando muito do trabalho! Com a oportunidade do emprego em Belo Horizonte, nós pudemos esquecer o passado!

Algum tempo depois, soubemos que o Dr. Rivadávia havia observado o esforço e a dedicação de ambas as nossas irmãs, junto

ao hospital, reconhecendo-lhes a dignidade no proceder. Por isso mesmo, tomou a liberdade de sugerir-lhes a aproximação com determinado grupo de senhoras parteiras — grupo extra-oficial, muito comum naquela época, que fazia às vezes do obstetra de hoje.

No convívio com estas senhoras dedicadas ao parto, as duas adquiriram muitos conhecimentos, aceitando a sugestão do Dr. Rivadávia para integrar o grupo. Assim, as duas tornaram-se atuantes auxiliares de Ginecologia, sempre muito eficientes e estimadas por todos.

De quando em vez, voltavam a Pedro Leopoldo, notadamente renovadas e felizes.

Instruíram-se mais e mais, aperfeiçoando a linguagem e a cultura.

Concluíram honradamente uma longa existência de sacrifícios, de renovação interior, vindo ambas a desencarnar muito idosas, em Belo Horizonte.

Médium: uma pessoa interexistente

(Depoimento do médium Francisco Cândido Xavier em 10.04.1988.)

4. Há muitos anos atrás, o professor Herculano Pires me dizia ser todo médium uma pessoa inter-existente. Eu não compreendia muito bem o que ele queria exatamente dizer com isso e pedia-lhe maiores explicações. O professor tentava explicar-me, dizendo que o médium, ao mesmo tempo, vive duas realidades de

vida distintas. Mas, mesmo assim, ficava eu por entender o que tentava me transmitir.

Passados alguns anos, quando o professor já havia desencarnado, compareci, como de costume, a uma reunião no Grupo Espírita da Prece, aqui em Uberaba. A reunião transcorria normalmente e comecei a receber, pela psicografia, uma mensagem de um rapaz recém-desencarnado, dirigida a sua mãe que se encontrava aflita.

Durante a mencionada recepção da mensagem, enquanto minha mão escrevia, um espírito amigo aproximou-se e disse: — “Chico, nós precisamos de você neste mesmo instante em uma reunião no Plano espiritual, ligada por laços de afinidade ao Grupo Espírita da Prece. Você faça o favor de me acompanhar até lá?”

Com a devida permissão de Emmanuel, resolvi, então, seguir o amigo em espírito. Andamos muito até chegarmos a um salão muito amplo. Lá dentro, ocorria uma reunião e todos estavam em silêncio e prece. Com grande alegria, identifiquei a figura do professor Herculano Pires, presidindo o encontro. Cumprimentamos rapidamente pelo pensamento e soube que deveria substituir um médium que havia faltado ao serviço.

U’a mãe em estado de sofrimento esperava obter notícias de seu filho. Ambos já estavam desencarnados, mas a respeitável senhora desesperava-se por não ter ainda se encontrado com o filho querido, desencarnado 10 anos antes dela. O estado íntimo de angústia desta mãe impedia-lhe a visão do filho dileto, que se encontrava

em condição espiritual um pouco melhor.

Assim, enquanto meu corpo físico psicografava uma mensagem de um rapaz no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, meu corpo espiritual também recebia uma mensagem de outro rapaz, com outro tema, na reunião do plano espiritual, completamente diversa da primeira.

Quando tudo terminou, o professor veio falar comigo:

— “Você entendeu agora, Chico, o que é ser inter-existente?”

Só então eu pude compreender o que ele quis me dizer. Neste instante, lembrei-me que minha abnegada mãe, D. Maria João de Deus, em uma de suas aparições, havia me asseverado com gravidade:

— “Chico, a mediunidade é uma enxada bendita de trabalho, quando sabemos aceitá-la com Jesus”.

E fiquei, então, a meditar sobre o assunto.

Um caso de identificação espiritual

5. Certa vez, estando nosso estimado Chico em São Paulo, aproveitou para fazer uma visita de rotina ao seu médico oftalmologista, Dr. Nadir Sáfadi, que vinha cuidando de suas dificuldades de ordem visual.

O respeitado médico examinava as órbitas oculares de Chico com toda a atenção e cuidado que a profissão exige, quando soltou-lhe, à queima-roupa, a seguinte questão:

— Chico, me diga uma coisa, você vê mesmo os espíritos? Ao que Chico

respondeu, prontamente:

— Vejo, sim, senhor, Dr. Nadir. É verdade que trago comigo a faculdade mediúnica da vidência!

O médico, curioso, retrucou-lhe:

— Mas como é que enxerga os espíritos com estes olhos, assim, tão debilitados? Você os vê com estes olhos mesmo?

— Ah, não senhor. A mediunidade vidente não depende dos olhos do corpo físico. O assunto nos exige muito estudo, disse-lhe o Chico.

— Então, me diga se está vendo algum espírito aqui, em meu consultório, Chico.

— Eu confirmo que estou vendo um Espírito aqui conosco, Dr. Nadir.

— Mas, então, diga-me, Chico, quem é que está aqui? Qual o nome dele?

Chico parou por um momento, meio desconcertado. O espírito já havia se identificado, mas o estimado médium vacilava entre aceitar ou não aquele nome tão incomum. “Afinal — pensava Chico — — será que estou sendo vítima de alguma chacota dos Espíritos? Não me lembro de ter ouvido este nome antes, um nome assim tão estranho, me fazendo lembrar a figura da cebola! Meu Deus, que fazer?”

Tudo isso pensava silenciosamente o médium, deixando Dr. Nadir na expectativa da resposta.

Ante a sua insistência, Chico respondeu, afinal:

— Ele está me dizendo chamar-se Senobelino Serra. Diz ter sido natural de São José do Rio Preto. Dr. Senobelino

Serra.

— Oh, Chico, não me diga que ele está aqui conosco! — espantou-se o Dr. Nadir. — Dr. Senobelino Serra foi meu professor, foi muito amigo meu!

Mais aliviado com a confirmação da identidade espiritual, Chico completou:

— Pois, então, é ele mesmo, Dr. Nadir. Ele está me dizendo que foi designado pela Espiritualidade Maior para ajudar o senhor na profissão de médico oftalmologista, juntamente com outros amigos, porque o senhor ajuda muita gente aqui no consultório, Dr. Nadir!

Visivelmente emocionado, o médico nada mais perguntou.

Os livros do Dr. Inácio Ferreira

(Depoimento do médium Francisco Cândido Xavier, em 12.01.1990.)

6. Recentemente, ocorreu-me um fato muito interessante.

Eu estava em meu quarto de dormir, ressonando, quando alguém se aproximou rapidamente. A princípio, assustei-me, mas qual não foi minha agradável surpresa ao reconhecer a figura inconfundível de Dr. Inácio Ferreira! Assim, fui logo exclamando:

— Dr. Inácio, é o senhor mesmo, meu bom Deus! Que alegria revê-lo! — quase chegando às lágrimas por reconhecer o estimado confrade. Ele encontrava-se tal qual acostumamo-nos a vê-lo aqui, em Uberaba. O mesmo traje branco, o mesmo

jeito. — Dr. Inácio, conte-me algo sobre sua passagem. Estou curioso por ouvir do senhor o relato sobre o reencontro com os nossos amigos da outra vida! Quantos dos nossos o senhor já reviu? Quero saber *tim tim* por *tim tim*!

Ao que ele retrucou:

— “Ah, Chico, meu caro, não há tempo para isso. Vim aqui para pedir-lhe o favor de uma providência que não deve fazer-se esperar. Ademais, tenho visto tanta gente que, se fôssemos conversar sobre isto, passaríamos dias na prosa. E você sabe como é, Chico, eu poderia esquecer de mencionar alguém, tantos são os amigos! De forma que, ao menos por enquanto, não nos aventuraremos por este terreno. Mas vamos logo ao assunto que me trouxe aqui. Chico,... nós dois vamos até minha casa. Você precisa me acompanhar até lá para podermos conversar com Maria Aparecida”.

— Mas, Dr. Inácio, o senhor deve estar doido! Eu não posso sair a estas horas da noite! O meu corpo está exausto, o senhor deve estar a par de minha peleja e os médicos me recomendaram repouso! Como é que eu sairia na rua tarde da noite? Além disso, sua casa é por demais distante, do outro lado da cidade!!! — disse-lhe.

— “Chico, não se preocupe com isso, porque você estará sob os nossos cuidados. O fato é que nós devemos ir andando até lá. No trajeto, eu lhe digo o porquê. Vamos, Chico, dê-me o braço”.

Ao apoiar-me em Dr. Inácio, senti-me leve

como pluma. O corpo já não mais me pesava. Uma força levemente eletrizante animou-me, a ponto de sentir-me plenamente disposto para a caminhada. Foi aí que reparei na beleza de Dr. Inácio. Por todo o seu corpo, vi pequenas irradiações brilhantes, que fizeram-me compreender que ele já havia alcançado o estágio de auto-luminosidade. Ante meu espanto natural, retrucou:

— “Chico, não temos tempo para conversas! O trabalho nos espera. Vamos andando!”

Súbito, começamos a andar celeremente, tomando a calçada. À medida que caminhávamos, mais rápido íamos, de maneira que deslizávamos a meio palmo do chão. Vocês não imaginam o quanto dista a residência de Dr. Inácio de minha casa e, em questão de poucos minutos, havíamos atravessado toda Uberaba e já nos aproximávamos do lugar.

— E se alguém me vir andando assim, na rua, Dr. Inácio, altas horas da madrugada! — exclamei.

— “Não se preocupe, Chico. Ninguém nos verá”.

— Mas, meu Deus! O que é que D. Maria Aparecida vai pensar de mim? Isto não é hora para visitas, Dr. Inácio!

— “Você precisa conversar com ela, Chico. Ela já deve estar desperta pelos amigos espirituais”.

A esta altura, já estávamos diante da porta de entrada da casa de Dr. Inácio. O silêncio dominava a madrugada. Eu estava aflito pela possibilidade de importunar D. Maria Aparecida, àquela hora. Dr. Inácio

parou em frente à porta e disse-me:

— “Chico, você fique aqui e aperte a campainha”.

— Mas o que é isso, Dr. Inácio? D. Maria Aparecida vai achar que estou ficando doido, parado aqui, tocando a campainha tão tarde da noite!

— “Chico, não se preocupe que ela já deve estar de pé. Infelizmente, minha condição perispiritual ainda não me permite atuar diretamente sobre os metais, de forma que não posso abrir a fechadura para você. Por favor, me espere aqui fora, enquanto tentarei forçar a parte de madeira da porta, a fim de ajudar a abri-la. Toque a campainha, que Maria Aparecida atenderá ao chamado”.

Assim foi feito. E segundos mais tarde, D. Maria Aparecida abriu a porta, um pouco espantada com o inusitado da visita, pois, afinal, era a primeira vez que eu ia até lá.

Gentilmente, convidou-me a entrar. Sentamo-nos na sala, falamos sobre a recente partida de Dr. Inácio, cuja presença ela não percebia. As lágrimas nos tomaram muitos minutos de saudade e ouvi, com muita atenção e carinho, os lamentos de profundo pesar da estimada irmã.

Passados alguns instantes, disse-lhe, pausadamente, de acordo com as instruções recebidas de Dr. Inácio:

— O que eu tenho a lhe informar, D. Maria Aparecida, é que Dr. Inácio está presente, a pedir-lhe paciência. Pede-me para dizer-lhe que a vida continua e que ele está firme nos propósitos de servir, junto ao

Sanatório. Dr. Inácio continua à frente dos trabalhos, com planos para o futuro. A senhora me perdoe se lhe disser algo menos cortês, mas é que ele está me pedindo para dizer-lhe que, por amor a Deus, não doe os livros de sua biblioteca.

Um tanto quanto espantada, D. Maria Aparecida respondeu:

— Mas, Chico, eu não dispus de livro algum! Não tenho doado livro nenhum de Inácio.

— “Chico — insistiu ele — ela tem dado meus livros e provavelmente está encobrindo o fato porque o fez com grande carinho. Diga a ela que ainda preciso muito de minha biblioteca e quero conservá-la aqui em casa até o dia em que o Sanatório estiver preparado para recebê-la, numa nova e arejada sala. Conte a ela, Chico, que após a desencarnação, continuei trabalhando muito pelo Sanatório. Não tenho tido tempo ainda para conhecer outras esferas de trabalho. Diga a ela que, em meus momentos de descanso, este é o pouso bendito que busco para rever os velhos assuntos, a meditar na bondade divina. Eu preciso de meus livros, Chico!”

Aos poucos, D. Maria Aparecida foi percebendo a presença do antigo companheiro. Entre um e outro esclarecimento, que Dr. Inácio fazia-me dar, ela finalmente considerou, surpresa:

— Mas, Chico, somente eu poderia saber disto! Como é que você pode estar me contando isso???

— É o Dr. Inácio, D. Maria Aparecida, que

está aqui, pedindo-me para falar em seu nome. A senhora me perdoe!

Decorridos alguns instantes de recordações silenciosas, repletas de saudade, D. Maria Aparecida, influenciada por amigos espirituais, convidou-me a repousar por algum tempo. Dr. Inácio esclareceu-me que o repouso se fazia necessário, tendo em vista a recomposição de nossas forças. Descansamos, então, por três horas. E somente após as cinco horas da manhã, despedimo-nos emocionados da amiga.

No caminho de volta, Dr. Inácio pediu-me o obséquio de, logo pela manhã, às 7:30 horas, telefonar à D. Maria Aparecida, a fim de relatar-lhe o ocorrido. Disse-me, também, que o Dr. Bezerra de Menezes havia considerado a necessidade de que o encontro espiritual não fosse registrado pela memória corporal de D. Maria Aparecida. Segundo Dr. Inácio, ela havia recebido dos amigos espirituais forte carga magnética de esquecimento. Não obstante, guardaria no coração e na memória espiritual aqueles instantes, daí a importância do telefonema. Chegamos em casa rápido. Entrando em meu quarto, assustei-me, sobremaneira. A princípio, pareceu-me que alguém dormia em minha cama. Sem deixar transparecer o desagrado que invadiu-me naquele momento, exclamei:

— Que é isso, Dr. Inácio??? Como alguém pode estar deitado em minha cama???

— “Não há ninguém deitado lá, Chico!” — retrucou.

— Como não? O senhor não está vendo esta

coisa de desagradável aparência, esparramada em minha cama? Como pode ser isso, meu Deus? Dê-me paciência para tolerar esta situação, porque esta coisa horrível mais me parece uma massa gelatinosa, escura, debaixo dos lençóis!

— “Acalme-se, Chico. Confie em minha palavra. Não há ninguém em sua cama!”

— Mas como é que vou deitar-me em cima disto??? — perguntei alarmado.

— “Pode confiar em mim, Chico. Está tudo certo. Vamos, deite-se”.

Vagarosamente, deitei-me, então, recostando por cima daquela massa de desagradável aparência. Senti-me entrando dentro daquilo como que u’a mão entrando numa luva. Um frio percorreu-me todo durante o encaixe e somente assim percebi que se tratava de meu corpo físico. Com o susto que a inesperada descoberta causou, despertei. Já não via Dr. Inácio e os primeiros raios da manhã invadiam o ambiente. Olhei em volta para ver se ainda registrava a presença do estimado confrade, mas a visão terrena nada me mostrou. Apenas pude perceber, pela mediunidade audiente, sua voz.

— “Até a próxima, Chico. Não posso ficar mais. Não se esqueça de telefonar para Maria Aparecida, às 7:30 horas, está bem?”

Disse isso e partiu. O relógio marcava 6:30 horas da manhã e não pude mais dormir, dada a emoção que me invadiu o coração. As lágrimas vieram-me espontaneamente ao rosto ao lembrar-me de Dr. Inácio Ferreira. Levantei-me, chorando, tomado

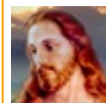
de sentimentos, dirigindo-me à cozinha, a fim de fazer a primeira refeição e alimentar os gatinhos. A colaboradora de nossa casa já estava de pé e, surpresa, disse-me:

— Ainda é muito cedo, seu Chico! O que é que o senhor está fazendo de pé, assim, chorando, meu Deus?!?

— Minha nega, estou vindo da casa de Dr. Inácio. Estive com ele a noite toda, numa visita à D. Maria Aparecida respondi-lhe, banhado em lágrimas, não contendo a emoção que o encontro me causara.

Pude perceber que a estimada servidora pensava silenciosamente na distância da casa de Dr. Inácio e que, com certeza, eu estava ficando doido mesmo. Passada a emoção das lembranças, esperei a chegada das 7:30 horas para desincumbir-me da tarefa. Na hora certa, liguei e D. Maria Aparecida atendeu muito surpresa. Expliquei que tinha algo a lhe relatar. Então, ficamos a conversar longamente sobre o acontecido!... ^N

[1] Dr. Inácio Ferreira de Oliveira desencarnou em 27 de setembro de 1988. O fato ocorreu por volta de 11 de janeiro de 1989. Sua esposa: Maria Aparecida V. Ferreira.



5

Outros relatos em torno de Chico Xavier



Atendendo a um enfermo

1. “Chico, em determinada ocasião, passou a sair de casa todos os dias à hora do almoço. Somente limitava-se a dizer-me que visitaria um enfermo necessitado de atenção.

Antes de sair, Chico apenas pedia:

— Benedito, faça o favor de preparar um franguinho bem macio, que preciso levar a um doente. Lembre-se que deverá ficar bem tenro, pois ele está muito fraco. Precisa fortalecer-se, pouco a pouco, dia a dia!

Assim, diariamente, saía Chico levando uma vasilha com o alimento, cuidadosamente preparado por mim. No íntimo, guardava eu grande curiosidade acerca da identidade daquele doente. Mas Chico

nada me dizia.

Após algum tempo, resolvi segui-lo pelas ruas de Uberaba, com o objetivo de conhecer o misterioso enfermo, que lhe merecia tanta atenção e cuidado.

Atravessamos o bairro. Chico, à frente, internou-se num matagal. Fui atrás dele, seguindo-lhe os passos, sem que me visse. Para minha surpresa, deparei-me com a cena comovedora: bem no fundo da mata, lá estava Chico atendendo ao enfermo em questão. Que nada mais era que um cãozinho machucado e faminto!”

.Maria Philomena Aluotto Berutto

(Episódio narrado pelo Sr. Benedito Antônio Alves — responsável pelas tarefas domésticas da residência do médium Chico Xavier, nos anos de 1960, em Uberaba, Minas Gerais.)

Influência espiritual

2. Comentávamos sobre o acesso dos Espíritos imperfeitos junto aos médiuns, quando o confrade Arnaldo Rocha relatou-nos o seguinte caso, ocorrido com Chico, o qual ele presenciou:

“Nas atividades que estávamos envolvidos em Pedro Leopoldo, encontrávamos Chico constantemente.

Certa feita, após chegarmos de Belo Horizonte, e ao dirigirmo-nos até a casa do amigo, começamos a ouvir — a uns 40 metros do local – u’a música terrivelmente alta, que assemelhava-se em volume à dos

botequins de esquina de cidades interioranas, colocadas em tom mais elevado para atrair os clientes.

Qual não foi nossa surpresa ao identificar que a música originava-se da casa de Luiza, irmã de Chico.

Logo que entramos, perguntamos-lhe a razão de som tão desproporcional. Luiza rapidamente respondeu:

— Meu caro Arnaldo, isso é coisa de Chico e essa música vem de sua casa!

Ao entrarmos em casa de Chico, deparamo-nos com o médium a escrever compenetradamente. Inertes, observávamos suas atitudes estranhas, até que parou de escrever, desligando a vitrola.

Curiosos, indagamos-lhe se seus tímpanos não doíam com música tão alta. A resposta não deixou-nos esperar:

— Arnaldo, estávamos tentando responder uma carta de uma amiga que passa por sérias dificuldades, no entanto, três visitantes do mundo espiritual estavam nos impedindo de escrever. Então, pedimos socorro a Emmanuel! Recomendou-nos que colocássemos uma música bem alto, que eles não iam gostar. Dito e feito! Foi só colocar a música num nível mais elevado para que eles fugissem daqui!

O episódio fez-nos refletir sobre a intensidade da ação dos Espíritos em nossas vidas, mostrando que existem recursos, por nós desconhecidos, que a absorvem ou a neutralizam.

A Doutrina Espírita esclarece-nos que a prece é instrumento seguro, que nos

tranquiliza e prepara para a intuição precisa de atitudes no bem.”

.Carlos Henrique da Silva Malab

Música transcendental

3. A conversa em nosso grupo de estudos girava em torno da música, quando nosso amigo Arnaldo Rocha brindou-nos com o caso ocorrido com Chico Xavier, que relato a seguir:

“O amigo Chico participava de reuniões mediúnicas, dirigidas pelo Dr. Rômulo Joviano, às quartas-feiras, na Fazenda Modelo, do Ministério da Agricultura, em Pedro Leopoldo. Desde aquela época, o irmão não dispunha de horário para terminar suas atividades, que estendiam-se por várias horas.

Certa noite, Chico solicitou-nos que o buscássemos por volta das 23 horas, uma vez que desejava retirar-se mais cedo.

No horário combinado, dirigimo-nos à Fazenda Modelo e ficamos a esperá-lo, próximos ao local da reunião, dentro do carro.

Nos anos 50 não era comum ter-se rádio nos automóveis e, no entanto, começamos a ouvir uma melodia belíssima, que impressionou-nos bastante. Tentamos localizar pelas redondezas a origem daquele som maravilhoso, porém sem êxito. A região perdia-se de vista e compunha-se de densa vegetação, e supus

que a música era trazida, de muito longe, pelo vento.

Instantes depois, percebi que Chico e Dr. Rômulo saíam da sala de reuniões e que, inexplicavelmente, haviam parado em dado recanto do caminho. Aguardamos durante algum tempo e como os dois continuassem estáticos, decidimos encontrá-los no meio do percurso.

Perguntei a ambos o que faziam ali, calados e parados no meio da noite. Responderam-nos que apreciavam a música maravilhosa a que eu também tivera a oportunidade de ouvir.

Chico esclareceu-nos tratar-se aquela música de uma das melodias utilizadas pelos amigos espirituais no socorro dos espíritos enfermos, presentes no ambiente após a reunião mediúnica.

Silenciamo-nos respeitosos com tal afirmativa, sentindo a beleza e o carinho do atendimento em andamento pelas entidades superiores.”

Particularmente, foi a única vez que presenciou tal fenômeno, embora já tivesse inúmeras notícias, através de Chico, das músicas sublimes que ele ouvia durante as tarefas, sem que outros percebessem uma nota sequer.

.Carlos Henrique da Silva Malab

Três instantes de uma vida

[Testemunho do cardeal Joaquim Arcoverde]

4. Na antiga Cimbres, em Pernambuco, nasceu Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti que granjearia renome internacional por seu zelo religioso e imensa cultura. À sua passagem, um traço marcante ficara gravado e sua autoridade transbordou dos meios eclesiásticos e influenciou nos destinos da nação.

Ao apagar das luzes do Império, sua atitude desassombrada criou a chamada questão religiosa que, com a questão militar, foram as causas próximas da Proclamação da República. Arcoverde enfrentou o Império, foi preso, mas continuou de pé. Quem caiu foi o trono. Em 18 de abril (fixar bem a data) de 1930, desencarnou no Rio de Janeiro.

Era, então, o cardeal Arcoverde, conceituado como a mais ardorosa e completa vocação sacerdotal católica do Brasil. Corria o mês de janeiro de 1949 quando Chico Xavier, estando presente no Rio aos trabalhos do Grupo Ismael — conta-nos em “Trabalhos do Grupo Ismael”, Guillon Ribeiro — foi tomado, inesperadamente, por um Espírito que revelou sua preocupação de fechar a Federação Espírita Brasileira, cuja atividade considerava, em vida, prejudicial à Igreja Católica. Compreendera já seu engano e, ajoelhando-se, orou a Deus em agradecimento.

Dois meses depois, a 20 de março do mesmo ano, já esclarecido mais a fundo, manifestou-se por intermédio de J. Celani, no mesmo Grupo, duas vezes, durante a

Semana Santa, para comentar a transformação surpreendente por que passava. Na última, uma sexta-feira da Paixão, contou que depois de visitar os templos em festas solenes, quis saber por que os espíritas não davam suntuosidade a seus atos religiosos e, aconselhado, voltou ao Grupo Ismael, pedindo com simplicidade explicações que lhe satisfizeram.

Com modéstia, recordou que desconheceria o poder fluídico no controle do mal e servira sinceramente a sua Igreja, convencido de que a força moral era insuficiente para conter as massas.

1955 — Congresso Eucarístico Internacional. — A suntuosidade é agora deslumbrante. Há prelados sinceros, pensando no Cristo à sua moda, mas cheios de paz. A regra, contudo, não é essa, pois o poder, o fascínio do prestígio conduz a exibições de força como o decreto de doação do Brasil ao Sagrado Coração de Jesus.

Numa ocasião assim, Arcoverde baixa em Pedro Leopoldo. Incorpora e, já então, um gravador elétrico fixa, documentando sua voz pela garganta de Chico Xavier, mas com aquela entonação sacerdotal e mística dos que ardem na fé, confiam e esperam. Eis sua mensagem, transcrita de “Reformador”, de setembro de 1955:

Prece

[Por ocasião do Trigésimo Sexto Congresso
Eucarístico Internacional em 1955]



“Jesus! Senhor e Mestre! Nesta hora em que a Igreja Católica Romana de que temos sido modestos servidores se engalana, no Brasil, com os júbilos do Trigésimo Sexto Congresso Internacional das forças que a representam, derrama sobre nós a bênção do teu olhar.

Ensina-nos que a tua causa é aquela do amor que exemplificaste e que, por isso, não há cristãos separados, mas, sim, ovelhas dispersas do seu aprisco, a se dividirem provisoriamente nos templos da fé viva, em que a sua Doutrina é venerada.

Desceste da glória à manjedoura para servir-nos, induze-nos à humildade para que não te injuriemos o nome com a mentirosa soberbia do ouro terrestre.

Tu que estendeste a abnegação aos próprios verdugos, inclina-nos à bondade e tolerância, a fim de que sejamos verdadeiros e fiéis irmãos uns dos outros.

Tu que nos recomendastes a oração pelos que nos perseguem e caluniam, expulsa de nossa vida o ódio e a crueldade, a discórdia e o fanatismo, que tantas, que tantas vezes nos envenenam os corações.

Tu que te detiveste entre cegos e estropiados, enfermos e paráliticos, distribuindo o socorro e a esperança, impele-nos a deixar nossa velha torre de egoísmo e isolamento, a fim de consagrarmos-nos contigo à exaltação do bem.

Tu que não possuíste uma pedra onde repousar a cabeça, guia-nos ao desprendimento e à caridade, para que a embriaguez da efêmera posse humana não

nos imponha a loucura.

Senhor, nós, os religiosos da tua revelação, abusando do poder da fortuna, temos deveres para com o mundo que, engodado pela inteligência transviada nas trevas, ainda agora se dirige para a deflagração de pavorosa carnificina.

Divino Pastor, compadece-te do rebanho desgarrado nos espinheirais da ilusão e da sombra.

Perdoa-nos e ajuda-nos.

Mestre, faze que os sacerdotes retos, que já atravessaram as cinzas do túmulo, voltem de novo à Terra, em auxílio de seus irmãos que ainda se mergulham no nevoeiro da carne!

E que todos nós, acordados para a justiça, possamos retornar ao teu Evangelho de amor, puro e simples, louvando-te o apostolado de luz, para sempre.”

.Joaquim Arcoverde

.Jaime Rolemberg de Lima

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 47, Janeiro de 1956)

Recordando fatos inesquecíveis

5. Do longo convívio com o venerável irmão Francisco Cândido Xavier, privando de sua intimidade, há fatos reais inesquecíveis. Ressaltam eles a pujança fecunda de sua mediunidade gloriosa, sempre cuidada e aprimorada pelos

queridos mentores que o cercam e protegem. Certa feita, perguntei-lhe por que não recebia romances. Deu de ombros, ignorando o motivo. Todavia, pouco tempo depois, em conversação cordial, ele me confidenciou que Emmanuel lhe havia dito que o iria preparar para a psicografia de romances. E surgiu, logo após, o “Há Dois Mil Anos”. Observe-se: teve de ser preparado, já sendo médium valoroso, para a realização da nova tarefa.

A primeira vez que me lembro de ter visto o irmão Chico Xavier foi em sessão solene na União Espírita Mineira, onde permaneço há quase 40 anos, a serviço da consoladora Doutrina — o Espiritismo.

Era sócio novo da Casa. E Chico recebeu naquela noite memorável, como se vê da coleção de “O Espírita Mineiro”, a célebre [ORAÇÃO DE JOSÉ SILVÉRIO HORTA](#), ex-Monsenhor, que ditou:

“Pai Nosso, que estais nos céus/ Na luz dos sóis infinitos. / Pai de todos os aflitos,/ Deste mundo de escarcéus” Tornei-me amigo do querido médium que comemora agora .o cinquentenário de seu apostolado onusto de bênçãos reconfortantes, que tantas luzes espalhou pelos cinco continentes. Provas? A sua obra encontra-se divulgada até em japonês! Fizemos mútuas confidências. Em reunião privativa, sendo participantes apenas nós dois, Emmanuel descreveu-me, em mensagem escrita, o perfil de meu avô, pai adotivo, de modo comovedor, apontando-o como meu guardião, logo depois de sua desencarnação, ele que tantas provas de

amor deu em vida. E com sua ajuda logrei um lugar ao sol.

Mais tarde, consegui levá-lo à minha casa, festejando o meu natalício. Na sessão mediúnica então realizada, por ele incorporou-se o espírito de minha saudosa mãe. Resumamos o acontecido.

O irmão Germano, então cônego, já desencarnado, aproveitando-se da oportunidade e da visita que lhe fiz, batizou-me a filha, sem minha licença. No mesmo dia da reunião em meu lar, ele, o irmão, escrevia-me carta doutrinando-me a respeito do batismo. E perguntou-me, no final da missiva, irônico: “Ainda não sabia dessa traição que lhe fiz? O Flores não quis adivinhá-la? Mamãe não te havia contado? Com certeza, estes teus emissários não entram na Igreja!...”

E mamãe, na mensagem psicofônica, naquele mesmo dia, terna e caridosa, fez esta advertência: “Não te preocupes com o que faça A... Ele, no fundo, é boa criatura. Oremos por ele, pedindo a Deus para que bem possa desempenhar seu trabalho, aqui na Terra. Tudo fiz para manter entre os filhos a cordialidade tão desejada.”

Estava zangado, evidente, com a “traição”. Mas o “O Evangelho segundo o Espiritismo” brindou-nos também com esta lição: “Convertei a cólera que conspurca no amor que purifica”. E depois de vários incidentes, veio a complementação do memorável episódio, que patenteia o vigor mediúnico do companheiro de Pedro Leopoldo.

Passei pela residência de Chico, onde

pernoitei, com minha esposa. E à noite, mostrei-lhe trechos da carta que escrevia em resposta à recebida.

— Está boa — disse — mas no fim, ponha mais açúcar!

Viajei no dia seguinte. No regresso, deixei-lhe um abraço. Ao sair da cidade, o pneu do carro furou. E enquanto o consertávamos, Chico chegou num grande carroção, que o trazia da Fazenda Modelo. O pneu foi consertado depois de três tentativas frustradas. E ao abraçá-lo, recebi descarga fluídica, dos pés à cabeça, e lembrei-me da conversa anterior.

Indagando-me a respeito do que ocorreu, declarou:

— Quando você lia a carta, vi perfeitamente aquela senhora que se comunicou em sua casa. Diga-lhe, falou ela, que responda ao irmão, mas que amigos devem ser. Responda evangelicamente, com amor e caridade. A irmã é a mãe deles? — perguntei. E o espírito respondeu: “Diga-lhe que é a Amaziles”.

Este foi o nome de nossa genitora.

Participei de vários outros acontecimentos, que reputo notáveis.

Agripino Grieco quis conhecer Chico. A União Espírita Mineira promoveu o encontro, em sua sede. Ao saudar o escritor, disse-lhe que não esperasse milagres. Receberia algo se o merecesse. Veio a bonita mensagem de Humberto de Campos, que provocou análise de Grieco, entusiasmado, por mais de quarenta minutos.

Assisti à reunião com o juriconsulto

Francisco Campos, em Pedro Leopoldo. Chico acendeu uma lâmpada de cem velas e psicografou longa página de Afonso Celso. Perguntei ao ministro se ele escreveria página semelhante, naquela forma. Respondeu que não.

A primeira comemoração do livro espírita no mundo

6. Depois da concentração, saímos a passear: eu, Chico e Ismael Gomes Braga. Fomos até o riacho, que denominávamos de Aube. Noite estrelada, amena, lua fulgurante. Ismael, sentado com Chico numa pedra, que batizei de “pedra pão”, dado o formato, recitava trechos de “A Divina Comédia”, em italiano, e dava, a seguir, a respectiva tradução, tecendo comentários. Fiquei de pé, à frente deles, ouvindo. Quando a palestra ia encerrar-se, tirei do bolso papel, que levava, e disse a Chico que naquele dia era o aniversário de publicação de “O Livro dos Espíritos” e devíamos esperar algo de Emmanuel.

Chico psicografou, então, sobre a perna, a excelente mensagem:

Aplicação do Espiritismo



Irmãos, lembremo-nos sempre de que o Espiritismo

Visto, pode ser somente fenômeno;
Ouvido, pode ser apenas
consolação;
Vitorioso, pode ser somente

festividade;
Estudado, pode ser apenas escola;
Discutido, pode ser somente
sectarismo;
Interpretado, pode ser apenas teoria;
Propagado, pode ser somente
movimentação;
Sistematizado, pode ser apenas
filosofia;
Observado, pode ser somente
ciência;
Meditado, pode ser apenas doutrina;
Sentido, pode ser somente crença.

Não nos esqueçamos, porém, de que
Espiritismo aplicado, é Vida Eterna com
Eterna Libertação.

A codificação trouxe ao mundo uma chave
gloriosa, cuja utilidade se adapta a
numerosas portas. Escolhamos com o
Apóstolo, que hoje recordamos, o caminho
da aplicação:

Trabalho, Solidariedade, Tolerância.

De coração elevado a Jesus, não temos por
agora divisa mais nobre a recordar. Vivei-
a na fé consoladora. Espiritismo é sol.
Brilhai na sua luz.

.Emmanuel

Isto ocorreu a 18 de abril de 1943. ^N

Catorze anos passados, pelas colunas de
“Reformador”, edição comemorativa do
centenário de “O Livro dos Espíritos”,
soubemos que realizamos, naquela noite, a
primeira comemoração do livro espírita no
mundo.(...)

.Noraldino de Mello Castro

(Fonte “O Espírita Mineiro”, número 172,
maio/julho de 1977.)

“Eu não vos deixarei órfãos...”

7. Dias passados, na companhia de um reduzido grupo de amigos, em conversa com o nosso Chico em sua casa, perguntamos a ele sobre a tarefa da distribuição da sopa aos mais carentes, efetuada hoje pela maioria dos centros espíritas que conhecemos. Quisemos saber dele se, quando se tornou espírita, nos idos de 1927, ele tinha notícias de algum trabalho semelhante em Pedro Leopoldo.

— “Não, meu filho, — começou a contar-nos — os nossos recursos eram pequenos. Tínhamos uma tarefa de assistência a algumas famílias que residiam debaixo de uma ponte, em Pedro Leopoldo, todas as semanas. Com o auxílio de companheiros que podiam, levávamos a elas o que estava ao nosso alcance. Éramos muito bem recebidos por aquelas crianças que passavam privações de toda a espécie. Ainda aproveitávamos a oportunidade para visitar uma favela próxima, transmitindo passes aos que não podiam se levantar do leito...”

Como se estivesse consultando os “arquivos” de sua prodigiosa memória, após breve pausa, Chico prosseguiu:

— “Num determinado dia, não tínhamos

nada para levar... Os nossos companheiros de maiores recursos haviam viajado e ficamos sabendo disto justamente horas antes da visita programada. Muito triste com aquela situação, pensei que a única coisa que poderíamos distribuir seria água fluida. Eu sabia que a água fluida também seria alimento, mas levar água para quem estava esperando pão!... Emmanuel, aparecendo-me, disse que de qualquer forma eu não deveria faltar, que levasse, além da água fluida, a minha amizade e meu carinho aos irmãos que se sentiriam ainda mais frustrados, caso não fôssemos. De minha parte, ainda relutava entre ir e não ir, quando, acima do portal do meu quarto, vi resplandecer uma frase em letras douradas, reproduzindo as palavras de Jesus: “Eu não vos deixarei órfãos...” (Jo)

Nesse momento da narrativa, Chico, visivelmente emocionado, não mais conseguiu segurar as lágrimas. Com a voz embargada, ele continuou:

— “Chegando à ponte, comecei a explicar que naquela noite só teríamos a água fluida, porque alguns integrantes do grupo haviam empreendido uma viagem de caráter urgente. Estávamos, entretanto, desconcertados. Os companheiros assistidos compreenderam o nosso constrangimento e faziam o possível para amenizá-lo. Trouxeram uma toalha e estenderam sobre uma laje de cimento, com os copos para a água. Quando eu estava no meio da explicação, apareceu um senhor perguntando quem era Chico Xavier. Apresentei-me e, para a alegria

geral, ele me disse que um casal havia mandado me entregar umas coisas. O caminhão estava parado na rodovia. “Onde devo descarregar?”, perguntou-me ele. Aqui mesmo!, respondi depressa. O senhor pode trazer o caminhão!... Foi uma festa! Até as crianças ajudaram a descer a mercadoria! Todos ganharam bastante e ainda saímos distribuindo o que sobrou com os doentes na favela...”

Concluindo a edificante lição, Chico comentou:

— “Quando estive em São Paulo, no final do ano passado (...), para o lançamento de um livro, soube que o senhor, nosso benfeitor, havia desencarnado e que a senhora sua esposa estava muito mal. Infelizmente, não pude visitá-la. Entretanto, nas minhas orações, não me esqueço desses dois amigos que, em nome do Cristo e dos nossos protetores espirituais, nos socorreram numa hora de extrema necessidade.”

Refletindo em mais esta alta lição de Espiritualidade, solidificamos ainda mais em nós a certeza de que Chico Xavier não reencarnou somente com a tarefa de ser o medianeiro extraordinário de tantos livros, mas igualmente com a missão de ensinar-nos a vivenciar o Evangelho do Cristo, apontando para o movimento espírita o rumo certo.

Com Allan Kardec, na lúcida palavra do Espírito Bittencourt Sampaio, retomamos o facho resplandecente da Boa Nova que jazia eclipsado nas sombras da Idade Média, entretanto, o Codificador não pode

fazer tudo. Caberia a Chico Xavier, mais tarde, complementar o pensamento kardequiano e sancioná-lo pela força do exemplo, vinculando a filosofia espírita ao Evangelho do Cristo, tanto através de seu lápis abençoado quanto pela sua vida de um dos mais admiráveis apóstolos do Senhor em todos os tempos!

.Carlos A. Baccelli

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 216,
março/abril de 1991.)

Humildade e paciência

8. Cada época se define por uma visão do Universo e se exprime pela dominância de determinado tipo de homem.

Ontem, o homem dominava pela força física, lutando um contra o outro para deter o poder e a autoridade. Hoje, o homem domina pela ciência. É o conhecimento intelectual investigando os ares, a Terra e os mares. Amanhã será a vez do homem dominar através do coração, permitindo que o sentimento de amor seja o laço de união entre todas as criaturas.

A Doutrina Espírita alarga o nosso horizonte de compreensão a respeito da vida, ensinando-nos que ela é uma viagem que nos conduz a um objetivo: a conquista da perfeição.

Mas, pelo caminho, o espírito se defronta com inúmeros obstáculos e espinhos que

ameaçam destruir os seus mais belos ideais.

No entanto, se o seu olhar é dirigido para o alvo a atingir, pouco lhe importam as asperezas da senda.

Enquanto existirem duelos mentais e ódio sobre a face da Terra, o verdadeiro Reino de Deus ainda não terá chegado. Esse Reino de pacificação e de amor deverá banir do nosso mundo a discórdia e a guerra. Os homens não necessitarão sobrepor-se uns aos outros, não conhecerão entre si antagonismos senão a nobre “competição” de fazer o bem.

No Evangelho, encontramos a expressão de Jesus: “Bem-aventurados aqueles que são brandos e pacíficos, porque eles possuirão a Terra.” ([MT](#))

O mundo está impregnado de preconceitos monstruosos, onde aquele que responde aos golpes do ódio com o perdão é considerado um covarde, um bobo! A humildade e a caridade cristã ainda lutam para apropriar-se do coração humano, interditando o mal e exaltando o bem.

Chico Xavier falou-nos, certa vez, da importância da conquista do perdão para a garantia da paz, assim se referindo ao agressor:

— Você está perdoado pelo que fez, está perdoado pelo que está fazendo e está perdoado pelo que irá fazer!...

São os atos do passado, do presente e dos acontecimentos que estão por vir que interferem no comportamento humano. Mas o perdão abrange todas as etapas do desenvolvimento espiritual, garantindo a paz àqueles que o vivenciam em todas as

épocas de seu aprendizado.

Recentemente, ao final do trabalho no Grupo Espírita da Prece, Chico foi abordado por um jovem, que indagou-lhe:

— Chico, é muito grande a luta que nós, os espíritas, estamos enfrentando para garantir a nossa transformação. Quais são os caminhos que devemos tomar para persistir na seara espírita?

— Ah, meu filho, só conseguiremos vencer através de dois caminhos: humildade e paciência!

.Márcia Q. Silva Baccelli

(Fonte: “O Espírita Mineira) número 209,
setembro/novembro de 1991)

Os privilégios de Chico

9. Certa feita, estando na cidade de São Paulo, um comerciante tivera o prazer de receber a visita do evangelizado médium de Uberaba. Desconhecendo a vida real de Chico, afirmou ser ele um privilegiado:

O humilde seareiro da Doutrina Espírita, sem trair sua condição de equilíbrio, respondeu de pronto:

— Meu amigo, eu não sei quais são os meus privilégios perante os céus, porque fiquei órfão de mãe com cinco anos de idade, fui entregue à proteção de uma senhora que durante quase dois anos, graças a Deus, me favoreceu com três surras de vara de marmelo por dia, empreguei-me numa fábrica de tecidos aos oito anos de idade e

nela trabalhei quatro anos seguidos, à noite, estudando na escola primária durante o dia. Não podendo continuar na fábrica, empreguei-me como auxiliar de cozinha, balcão e porta num pequeno empório, durante mais quatro anos. Em seguida, empreguei-me numa repartição do Ministério da Agricultura, na qual trabalhei trinta e dois anos, começando da limpeza da repartição, até chegar a escriturário, quando me aposentei. Em criança, sofri moléstia de pele, fui operado no calcanhar, onde me cresceu um grande tumor, sofri dos doze aos quinze anos de Corea ou “Mal de São Guido”, fui operado em 1951 de uma hérnia estrangulada, acompanhei a desencarnação de irmãos que me eram particularmente queridos em família. Sofri um processo público, em 1944, de muitos lances difíceis e amargos, por causa das mensagens do grande escritor Humberto de Campos. Em 1958, passei por escandalosa perseguição, com muitos noticiários infelizes da imprensa, perseguição de tal modo intensa, que me obrigou a sair do campo reconfortante da vida familiar em Pedro Leopoldo, onde nasci, transferindo-me para Uberaba, em 1959, para que houvesse tranquilidade para meus familiares, que não tinham culpa de eu haver nascido médium. Em 1968, fui internado no Hospital Santa Helena, aqui em São Paulo, para ser operado numa cirurgia de muita gravidade e, agora, no princípio deste ano, ano do cinquentenário de minhas pobres faculdades mediúnicas, agravou-se em

mim um processo de angina, que começou em novembro do ano passado. Angina essa com a qual estou lutando muito!...

E terminou:

— Se tenho privilégios como o senhor imagina, devo os ter sem saber!

(Fonte: Revista “O Espírita”, número 56, ano 9, fevereiro/março de 1988.)

A missão do besouro

10. Certa vez, após uma reunião mediúnica, Chico Xavier e Waldo Vieira estavam datilografando mensagens recebidas. Chico datilografava uma mensagem de Emmanuel e Waldo, uma de André Luiz.

Um besouro que ali voava caiu na máquina de Waldo. Este pegou-o e atirou-o com força na parede. O besouro levantou voo novamente e tornou a cair em sua máquina. Waldo tornou a pegar o besouro, arremessando-o violentamente no piso do aposento. O besouro, mais uma vez, levantou voo e desta vez pousou na máquina de Chico.

Chico pegou-o com todo o cuidado, abriu a janela e soltou-o lá fora, dizendo:

— Besouro, se você não conseguiu desencarnar através de Waldo é porque você é como eu: tem uma missão a cumprir no mundo. Vá com Deus!

(Fonte: “Revista Espírita Allan Kardec”, número 9, ano III.)

Os perfumes

11. Durante anos, o médium Francisco Cândido Xavier produziu perfumes, que eram sentidos nos ambientes onde ele estava presente, ou que ficavam nas garrafas contendo água a ser fluidificada, colocadas numa sala ao lado.

Quando o Espírito da entidade conhecida pelo nome Sheila se apresentava, o odor que se sentia no ar era de éter, especialmente quando estavam presentes pessoas necessitadas de tratamento de saúde. A água fluidificada, apanhada após as sessões, cheirava a rosas. Nós mesmos presenciamos esse fenômeno diversas vezes e podemos atestar sua autenticidade, além do fato de que as mãos do médium ficavam úmidas e perfumadas.

Sobre Chico, conhecemos outro caso curioso.

O fundador do Centro de Valorização da Vida, de São Paulo, o Dr. Jacques Conchon, que na ocasião nos narrou o episódio, fora a Uberaba para visitar o célebre médium. Também estava desejoso de presenciar o fenômeno dos perfumes, do qual todos falavam. Porém, o guia espiritual de Chico, sentindo que este muito lhe exigia, suspendera-o. Desapontado, Dr. Conchon saiu da sessão sem ter realizado seu desejo.

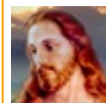
Quando chegou ao hotel, teve uma belíssima surpresa: ao pôr a mão no bolso, viu que seu lenço estava embebido em perfume.

Foi, pensamos nós, um belo gesto da entidade espiritual.

Dessa forma, com o brinde perfumado, reconheceu o esforço do homem que, na qualidade de presidente do CVV. — Centro de Valorização da Vida —, salvou a vida de tantos prováveis suicidas.

(Fonte: “Revista Espírita Allan Kardec”, número 9, ano III)

[1] [Esta mensagem foi publicada originalmente em 1950 pela LAKE e é a 35.^a lição da 1.^a Parte do livro “[NOSSO LIVRO](#)”]



6

Depoimentos sobre Chico Xavier



1. Pergunta — Como encara a missão de Chico Xavier?

Resposta — Encaramos com o maior respeito e admiração o trabalho do valoroso médium mineiro, Francisco Cândido Xavier. Acostumamo-nos a apreciar o valioso intercâmbio entre os dois mundos, iniciado há 50 anos em Pedro Leopoldo, através da figura humilde, simpática e laboriosa desse lutador perseverante. Nosso companheiro tem honrado, sobremaneira, a mediunidade, dando-nos, no Espiritismo e fora dele, constantes e difíceis testemunhos, os quais nos autorizam a considerar a tarefa que realiza como legítimo mediunato.

.Francisco Thiesen

Presidente da F.E.B — Federação Espírita Brasileira
(Fonte: "O Espírita Brasileira", número 165,

Tenho-o dentro de minha alma como a um irmão muito querido”

2. “...Não me considero à altura para escrever algo sobre o Chico, Dele, dão testemunho (e que testemunho!) as belas obras que semeou e semeia por esse Brasil afora, com reflexos benéficos em diversas nações do mundo. E quando digo “obras”, refiro-me não só à palavra escrita e falada, como também aos seus exemplos de caridade, de perdão, de fé, de humildade, aos seus diálogos fraternos e frutíferos, enfim, à sua multiforme vivência evangélica junto a pobres e ricos, num trabalho diário de edificação e levantamento de Espíritos.”

“Conheço o Chico há bastante tempo. Nos seus livros mediúnicos encontrei forças, luz e paz, e através de suas cartas pude senti-lo e amá-lo bem no fundo do seu ser. Por várias vezes chorei com suas preocupações e sua dor, vivendo-lhe as graves responsabilidades e lamentando a incompreensão dos homens. Mas sempre orei pedindo ao Senhor que não lhe tirasse o pesado fardo dos ombros e, sim, que o ajudasse a carregá-lo. Graças a Deus, o nosso caro Chico tem vencido todas as dificuldades e todos os óbices do caminho, numa maratona hercúlea que realmente o dignifica aos olhos dos homens e aos olhos do Pai.”

“Como vê a prezada amiga, não sei como poderia dizer algo sobre o Chico. As palavras não o saberiam expressar. Tenho-o dentro de minha alma como a um irmão muito querido, a quem devo grande parte da minha renovação espiritual e, mais ainda, da felicidade parcial que mora em meu coração.”

(Trechos da carta do Dr. Zeus Wantuil, 3.º secretário da Federação Espírita Brasileira, à presidente da União Espírita :Mineira, publicados com sua autorização a nosso pedido. Dr: Zeus Wantuil é filho do saudoso presidente da F.E.B. Dr. Antonio Wantuil de Freitas, grande amigo da Casa de Antonio Lima.)

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 172, maio/julho de 1977.)

Líderes espíritas opinam sobre Chico Xavier

(Depoimentos datados de 1977, por ocasião dos 50 anos de mediunidade de Chico Xavier.)

3. Pergunta — Como os espíritas receberam as primeiras obras psicografadas de Chico Xavier?

Resposta — Quando saíram as primeiras obras de Chico, eu ainda estava, a bem dizer, nos primeiros passos da seara espírita. Justamente por isso, não posso responder bem a essa pergunta. Mas ainda me recordo de que principalmente o “Parnaso de Além Túmulo”, objeto de

comentários constantes, como outras obras de Chico, empolgou muita gente nos primeiros tempos. Somente mais tarde, porém, depois de haver-me familiarizado com Léon Denis e Gabriel Dellane, fui tomar conhecimento, diretamente, dos livros mediúnicos, a respeito dos quais ouvira apenas referências e elogios, em discussões e conferências.

.Deolindo Amorim

Presidente do Instituto de Cultura Espírita do
Brasil, Rio de Janeiro.

4. Pergunta — Como encara o fenômeno Chico Xavier?

Resposta — Creio que é a concretização da promessa de Jesus, citada em João, 14,15 a 17 e 26, quando refere-se ao Consolador: “Se me amais, guardai os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco. O Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conhecereis, porque ele ficará convosco e estará em vós. Mas o Consolador, que é o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo o que eu vos tenho dito”.

Da mesma forma que o Espiritismo veio para explicar Jesus, Chico Xavier, com sua exuberante faculdade mediúnica, serviu de intermediário para que o mesmo Espírito da Verdade explicasse ainda melhor o Espiritismo. Aceitamos, pois,

que as entidades que se fazem presentes pela intermediação de Francisco Cândido Xavier também sejam pertencentes àquela mesma equipe liderada pelo Mestre e Senhor, e que tem como missão esclarecer o homem em todos os sentidos, a fim de que ele viva a realidade profunda do Evangelho, que se resume em uma palavra apenas — amor. Quem melhor do que Chico Xavier, até os dias presentes, conseguiu, com espontaneidade, viver tão profunda e intensamente a mensagem de Jesus, em nosso século? Sempre foi simples, humilde e sofredor, mas jamais vimo-lo imprecavar ou lamentar-se. Ao contrário, nos momentos mais agudos de seu sofrimento, deles sempre tirou o incentivo necessário para todos os que, até hoje, aos milhares, o procuram, vindos de todas as partes do Brasil e do estrangeiro também. A todos recebe com carinho, afeto e dignidade. E até mesmo aos que abusivamente lhe exigem, sabe dar mostras de sua paciência e tolerância. É pena, no entanto, que o homem geralmente valorize, com a dimensão do equilíbrio, aquilo que teve, somente depois que o perde. O que os espíritas e curiosos de variada procedência têm feito ultimamente com esse homem é um verdadeiro “crime lesa Doutrina”, porque o obrigam, através de uma programação estafante, a verdadeiros sacrifícios, quando deveriam preservá-lo, a fim de que ele continuasse a viver em clima de recolhimento e paz, colocando-se, assim, em condições de prosseguir, dando-nos,

pela sua mediunidade, obras de alto quilate e profundidade doutrinária. No entanto, achamos que o material que nos deixa, o publicado e o inédito, será suficiente para que pelo menos duas gerações abasteçam-se em conhecimento e elevação, desde que todos o estudem e entendam seu alto significado espiritualizante. Nesse prazo, ele mesmo, ou outros, aparecerão para dar novo impulso a este movimento irresistível e histórico que é o Cristianismo, que visa a libertação do homem, escravo do erro, para a sua destinação angelical, e que hoje encontra no Espiritismo a sua forma mais pura de expressão. Cinquenta anos de ininterrupta atividade mediúnica e 150 obras psicografadas: realmente são dados muito significativos, embora não devêssemos nos prender a tempo e números, porque o que realmente vale é a qualidade da obra de Chico Xavier, que passou por várias fases e em todas demonstrou uma autenticidade invejável. Tem uma força de obra sem precedentes, que a qualifica sobremodo, identificando-a com a tarefa do Espírito Consolador, que veio para enxugar a lágrima do aflito e também ensinar-lhe como agir daqui para frente, evitando novas lágrimas e sofrimentos desnecessários. Acho que o fenômeno Chico Xavier deverá ser entendido por todos mais tarde, principalmente quando não mais o tivermos prisioneiro dos laços físicos, quando passar para as paragens de luz, de onde veio. Quando ele, após ter cumprido com sua tarefa, abandonar o

corpo físico, instrumento de tantas dores suportadas com silêncio e resignação, e viver junto dos corações amigos com os quais conviveu durante toda a sua vida, em intimidade de experiências, graças à sua mediunidade, aí, sim, entre lágrimas de saudade, começaremos a entender quem tivemos junto de nós e não soubemos valorizar convenientemente. Referimo-nos à valorização consciente, que nada tem dessas manifestações perniciosas de endeusamento, de divinização inoportuna e oportunista, da qual Chico tem sido alvo seguidamente. Falamos da real dimensão que se dá a quem merece, sem que se tenha em mente, com isto, incensar ou bajular para criar clima de simpatia, despertando sentimentos paternalistas de favorecimento e proteção. Falamos daquele julgamento histórico, isento de paixões baratas e perturbadas pela vontade doentia dos que querem aparecer através da exaltação que fazem. Referimo-nos à valorização que somente os corações superiores serão capazes de fazer. Chico Xavier é o fenômeno psíquico do século e se explica por si mesmo, desde que não haja prevenção preconceituosa, nem adoração insciente.

.Alexandre Sech

Presidente do Centro Espírita Luz Eterna, Curitiba.

5. Pergunta — Quais suas principais observações sobre a identificação dos Espíritos, que habitualmente se

comunicam através de Chico Xavier?

Resposta — Pelo que venho observando há muito tempo, um dos aspectos que mais identificam os espíritos na promoção mediúnica de Chico Xavier, são as peculiaridades de linguagem. Os termos técnicos, as particularidades ambientais e, sobretudo, o estilo característico distinguem claramente os autores. Notemos que nos livros de André Luiz, por exemplo, há termos próprios da profissão médica, o que caracteriza bem o autor espiritual, ao passo que a linguagem de Emmanuel já é de outra natureza. Até mesmo os problemas ventilados em determinados livros mediúnicos, recebidos por Francisco Cândido Xavier, denotam a existência de ângulos diversos. Este aspecto demonstra que tais livros não podem ser criação engendrada pelo médium.

.Deolindo Amorim

6. A obra de Chico Xavier ainda não está devidamente divulgada no exterior. Poderíamos fazer um prognóstico: quando for divulgada, terá maior projeção do que tem aqui, no Brasil. Sugiro que se traduza para o inglês as obras psicografadas por Chico Xavier. E urgente!

.Hernani Guimarães Andrade

Presidente do Instituto Brasileiro de Pesquisas
Psicobiofísicas, São Paulo.

7. Pergunta — Seria lícito analisar a

evolução do Espiritismo no Brasil, dividindo-o nos períodos antes e depois de Chico Xavier?

Resposta — Os ensinamentos dos espíritos são dosados na conformidade do progresso intelectual e moral, do amadurecimento espiritual dos homens terrenos. Três grandes revelações marcaram diferentes etapas, no curso dos milênios, na popularização dos conhecimentos das coisas espirituais. Na última delas — a espírita — como foi, recentemente, abordado em editorial de “Reformador” (março de 1977), o próprio Codificador reportou-se a três períodos distintos, batizando o desenvolvimento das ideias espirituais: o da curiosidade — intensa e ruidosa fenomenologia — , o do raciocínio e da filosofia — estudo e meditação sérios, apenas no início — , e o da aplicação e das consequências — que seguiria, inevitavelmente, aos outros dois.

A propósito da questão 160 de “O Livro dos Espíritos”, Emmanuel lembrou os períodos aludidos e denominou-os de aviso, chegada e entendimento. No Brasil, desde cedo, ainda no século XIX, foi dada ênfase ao sentido do terceiro período, da aplicação e das consequências (Allan Kardec) ou do entendimento (Emmanuel), que é o da vivência do Evangelho de Jesus Cristo, no aspecto religioso da Doutrina dos Espíritos, a que conduz à lógica das conclusões do estudo metódico e sistemático dos aspectos científico e filosófico, como muito bem elucida o próprio espírito Emmanuel em “O

Consolador”. A elaboração dos trabalhos, no transcorrer de um século de vida do Espiritismo no Brasil, em pleno período terceiro, como não podia deixar de ser, seguiria, como seguiu, orientação nos mesmos moldes dos outros dois: no sentido do esforço conjugado dos planos espiritual e físico, do planeta, da contribuição das humanidades invisível e visível que o povoam. À luz dessa realidade, o pesquisador, o estudioso, o espírita laborioso encontrará sempre e lícitamente pontos demarcantes da evolução do Espiritismo, em nosso país e fora dele, todos importantes e necessários, como contributos da edificação comum da mentalidade cristã e das obras que decorrem das atividades dos seres desencarnados e encarnados, solidários entre si e perseguindo idênticos ideais na imensa seara do Senhor.

Nas linhas gerais do processo evolutivo da Doutrina dos Espíritos, no Brasil, se respeitadas as premissas alinhadas neste esforço, parece-nos perfeitamente justo identificar as múltiplas fases do trabalho, para nelas situar esse ou aquele médium como instrumento de equipes de espíritos a utilizarem com vistas ao entendimento das necessidades da programação de longo curso, a cumprir-se por partes, no tempo e no espaço.

Francisco Cândido Xavier, médium precedido por inúmeros outros, na obra do livro espírita, principalmente em terras do Cruzeiro, contemporâneo de diversos medianeiros que também chegaram a

ultrapassar a barreira de meio século de fecundas e continuadas realizações, e de outros já com alguns decênios de lutas e dedicações, é bem a expressão simples e confortadora da progressividade da revelação e do permanente cuidado e carinho de Deus para com os seus filhos em duras experiências no mundo. Analisar as realizações que se ligam, indissolivelmente, ao valoroso espírita-cristão Chico Xavier, é tarefa que, ao nosso ver, deveria ser mais propriamente delegada ao futuro imediato à sua desencarnação e aos decênios seguintes, porque, então, detentores do conhecimento pleno do inteiro patrimônio representado pelo seu mediunato, devidamente esquadrinhado, sem as interferências das emoções ainda próprias da condição de contemporaneidade, os espíritas melhormente — e sem preocupações de ferir a modéstia proverbial do querido médium poderíamos compreendê-lo na verdadeira extensão e profundidade, na qualidade e na influência dos seus escritos. A bibliografia mediúnica, que foi acrescida à literatura espírita nestes últimos cinquenta anos, nascida do lápis de Chico Xavier — e o espaço não nos permite, sequer, considerações ligeiras sobre a oriunda, em nosso plano de suas páginas — é vultosa, considerável. É qualitativamente admirável. Poderíamos, sem dificuldade, num exame sereno e com absoluta isenção, dividir a obra mediúnica, orientada por Emmanuel, igualmente em fases perfeitamente delineadas, dentro de

duas grandes divisões: a primeira, provando a sobrevivência e a imortalidade do espírito “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” — seguido de uma panorâmica da História universal – “A Caminho da Luz” e de alguns manuais de maior valor: “Emmanuel [o livro], Dissertações Mediúnicas”, “O Consolador”, “Roteiro”, etc. Enfim, muitos estudos interessantes e instrutivos virão, a seu tempo. E a obra de Francisco Cândido Xavier, criteriosamente traduzida, estará, tempestivamente, à disposição dos leitores do mundo inteiro, juntamente com a de Allan Kardec e da dos autores que cuidaram dos escritos subsidiários e complementares da Codificação. Mas, enquanto isso, e para que tudo ocorra com a tranquilidade que se almeja na difusão conscienciosa e responsável da Doutrina dos Espíritos, seria de bom alvitre não perder de vista o fato de que Chico Xavier jamais teria obtido êxito, como instrumento do Alto, se não tivesse seguido a rígida disciplina que lhe foi sugerida por Emmanuel, testemunhando e permanecendo na exemplificação do amor ao próximo e do amor a Deus, vivendo o Evangelho.

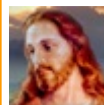
.Francisco Thiesen

Presidente da Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro.

.Antônio César Perri de Carvalho

(Fonte: “Revista Internacional do Espiritismo”,

número 6, Ano LII, julho de 1977.)



Chico Xavier — Mandato de amor — Autores diversos — 2ª Parte

Preâmbulo — Parte II

“Tenho aprendido com os benfeitores espirituais que a paz é a doação que podemos oferecer aos outros, sem tê-la para nós mesmos.”

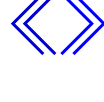
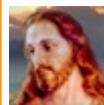
“Mas nunca persigas, não atrapalhes, não desconsidere, não menosprezes e nem prejudiques a ninguém, porque sofrer é muito diferente de fazer sofrer e a dívida é sempre uma carga dolorosa para quem a contraiu.”

.Chico/Emmanuel

“Cada um deve incalculáveis tributos às almas com quem convive.” ^N

.Emmanuel

[1] (Frase psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, na sede da União Espírita Mineira em 1932.)



1

Educai a criança



Um coração de criança
É uma urna de amor, de inocência e
esperança.
É um jasmim em botão de imácula pureza
Perfumando o jardim do Amor e da Beleza.

É uma flor aromal,
Uma ave pequenina,
Que nos recorda a luz puríssima, inicial
Da morada divina!

Mas a alma infantil, como leiva de terra,
Guarda, cria e produz aquilo que ela
encerra!

Coração original, terra pura e inocente
Que desenvolve em si a boa ou má
semente.
Se lhe deres o Amor que salva e regenera,
A esperança no Céu que se resigna e
espera,

Os exemplos do Bem que esclarece e
ilumina,
Os archotes da Fé que sonha e raciocina.
A lição do Evangelho em atos de bondade,
Os perfumes lírios da flor da Caridade.
A verdade, a Luz e o Amor — a trilogia
Que compõe no Universo os hinos da
Harmonia
Vê-la-eis produzir dessas espigas d'ouro
De um dos trigais de abril imensamente
louro.
Se lhe derdes, porém, as sementes do vício
Tereis o pantanal, a chaga, o meretrício,
A ferida social que sangra, que supura,
Os venenos letais da Dor e da Amargura!
Em vez do sol que aclara uma vida sublime,
Vereis a lava hostil que favorece o crime.

Educai, educai o coração da infância,
Roubai-o da torpeza do mal e da
ignorância.

Plantai no coração dos pobres pequeninos
As árvores do Bem cheias de dons
divinos...

Elevai-os na Terra aos píncaros da Luz,
Com os exemplos de Amor da vida de
Jesus!

O coração da criança
É um sacrário de amor, de inocência e
esperança.
Ponde nesse sacrário a hóstia que transude
A chama da Verdade e a chama da Virtude
E tereis praticado o ensino do Senhor

Que fará deste mundo um roseiral de
Amor!

.Guerra Junqueiro^N

“Pelos caminhos da Terra
Nunca procure esquecer
Que todos temos no mundo
Um livro: “Dever e Haver”.

.Casimiro Cunha^N

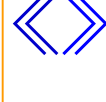
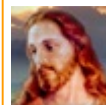
“Uma nova aurora brilha
No mundo exânime e aflito
Cheia das brisas divinas
Feita da Luz do Infinito”.

.Casimiro Cunha^N

[1] (Poema psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, em 14 de julho de 1933, em Pedro Leopoldo. Dedicado a Júlio Leitão. — Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 8, janeiro de 1937.) [Essa mensagem foi publicada também em 2010 pela editora VL e é a 37ª lição da 3ª Parte do livro: “[CHICO XAVIER: O PRIMEIRO LIVRO](#)”]

[2] (Estrofe psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, na sede da União Espírita Mineira, em 1934.)

[3] (Poema psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, na sede da União Espírita Mineira, em 1935.)



2

Amor e humildade



Nós viveremos, universo em fora,
Trazendo dentro d'alma a vida acesa
No ritmo de luz da Natureza,
Que é a eterna vibração da eterna aurora.

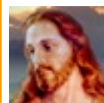
A dor, somente a dor nos aprimora,
Nos caminhos da prova e da aspereza,
Elevando a nossa alma na grandeza
Da grande claridade redentora.

Somos os lutadores peregrinos,
Sonhando pela estrada dos destinos,
Um castelo de paz, ventura e glórias.

Sabemos do passado envolto em ruínas
Que a luz do amor e as rudes disciplinas,
São as chaves das últimas vitórias.

.Raul de Leoni

(Soneto psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, na sede da União Espírita Mineira, em 1936.)



Chico Xavier — Mandato de amor — Autores diversos — 2ª Parte

3

Os mortos verdadeiros



Vós que guardais dos mortos a lembrança,
Sois também, nos espaços, recordados,
Nos eternos caminhos aureolados
Pelos clarões da Bem-aventurança!

No país da Verdade e da Bonança,
Nós ouvimos as súplicas e os brados
De pobres corações despedaçados,
No cadinho da mágua ou da esperança.

Das vibrações ignotas das esferas
Nós que fomos os homens de outras eras,
Queremos mitigar a vossa dor!...

Sois os mortos nos círculos da Vida,
Nos sepulcros de carne apodrecida,
Desejosos de paz, de luz e amor!...

.João de Deus

Este soneto, assinado por João de Deus, foi

psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, na União Espírita Mineira, após os estudos habituais.

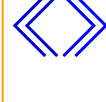
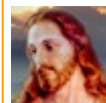
João de Deus, no último verso, não tinha escrito o que se lê acima, e sim o que segue: “Mergulhados num sonho enganador!...”

A uma consideração de Emmanuel, que se achava presente, João de Deus riscou o verso que escrevera, substituindo-o por aquele que se lê no soneto. Por um ligeiro confronto, poderemos verificar a radical transformação no sentido, embora tenha havido uma diminuição no valor poético do soneto.

É que precisamos sacrificar a poesia à frieza da razão, como Kardec, e neste sentido, ponderou Emmanuel: “Vê que estás escrevendo para uma assembleia de espíritas! Eles não estão mergulhados em sonhos enganadores!”

Por este precioso detalhe que nos foi fornecido pelo próprio Cândido Xavier, podemos avaliar, caros confrades, quanta solicitude nos rodeia, e quanta preocupação doutrinária vive à nossa volta, tudo a colaborar conosco para a mais fácil vitória Sobre a nossa própria ignorância.

Mas ainda! Quanto conforto em saber que já não somos mais os mortos verdadeiros, “mergulhados num sonho enganador”, mas os semi-vivos, desejosos de paz, de luz e de amor.



4

No banquete da fraternidade



Em todo o mundo atual há uma ansiedade enorme!...

Acordai da ilusão o espírito que dorme.

Reuni-vos no Amor que salva e regenera.

Aproxima-se a luz da eterna primavera...

Antes, porém, que surja o sol do Novo Dia,
A treva, a insensatez, a miséria e a agonia,
Encherão de amargura o cárcere terrestre!...
Aprendeis a lição puríssima do Mestre,

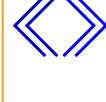
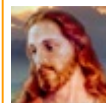
Porque o mundo de agora é um milharal
maduro

De onde há-de formar-se o milênio futuro,
Na ciência e na fé, na paz e no esplendor,
Sobre a Terra da luz, no Reinado do Amor.

.Guerra Junqueiro

(Poema psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier. Fonte: "O Espírita Mineiro", número 17,

agosto de 1937.)



5

Soneto



Houve tempo em que a ciência positiva,
Na aridez de seu método ilusório,
Construía o castelo transitório
Da grande negação definitiva.

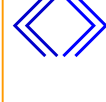
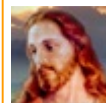
Tudo era matéria primitiva
No centro do seu “modus” vibratório,
Impressionando o mundo do sensório,
Na eterna vibração da força viva.

Mas Kardec abre as últimas cortinas
E sobre o mundo de cadaverinas,
Apresenta outra Luz gloriosa e forte.

Cai a muralha do materialismo.
E a fé raciocinada vence o abismo
Transpondo a escuridão da própria morte.

.Augusto dos Anjos

(Soneto psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, na sede da União Espírita Mineira em homenagem a Allan Kardec, em 3 de outubro de 1937.
— Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 20, outubro de 1937.)



6

A Allan Kardec



Mestre amado, eis aqui meus companheiros
De caminhada espírita-cristã,
Argamassando as luzes do amanhã,
Com o mesmo pão de luz de teus celeiros.

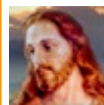
De onde estiveres, mestre, aclara e ensina
O coração de toda a humanidade,
Com a vibração divina da Verdade
E a Fé que consola e raciocina.

Eis que os Planos, visível e invisível,
Celebram tua ação imperecível
Na doutrina de paz, de vida e amor.

Que a tua obra seja continuada
E que vivas na luz de tua estrada
Sob as glórias divinas do Senhor!

.José Tosta

(Soneto psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, na sede da União Espírita Mineira, em 3 de outubro de 1937, ao se comemorar o transcurso do aniversário de Allan Kardec. — Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 21, outubro de 1937.)



7

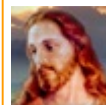
Fé e fanatismo



A primeira ampara e imana,
Muito espírito se engana,
Entre a fé e o fanatismo.
O segundo é o dogmatismo,
Guela aberta de um abismo
Na estrada da vida humana.

.Belmiro Braga

(Poema recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier. — Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 22, novembro de 1937.)



8

Versos



Efêmero é esse orgulho, homem, que
guardas,
Nesse mundo de angústias e de dores,
Onde soluçam seres inferiores
Entre milhões de células bastardas.

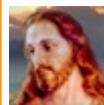
É o teu dia de dor, grande e profundo,
Sob o eterno mistério indevassado,
És o triste fantasma encarcerado
Nas leis organogênicas do mundo.

O corpo que é o teu gozo alto e triunfante,
Que embelezas na Terra e em que presumes
Uma taça de angélicos perfumes,
É um vaso tenebroso e repugnante.

Vive nas luzes, onde não se esbarra
A ventura que sonhas e desejas,
Pois sobre o mundo a boca com que beijas
É a mesma que vomita, cospe e escarra.

.Augusto dos Anjos

(Poesia recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier.
— Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 22, novembro
de 1937.)



9

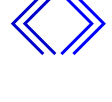
Cifrão



No mundo vale quem tem,
Um cifrão de prata ou de ouro
Mas da morte ao sorvedouro
Jamais escapa ninguém.
No céu só vale o tesouro
Daquele que fez o bem.

.Belmiro Braga

(Poema psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier. — Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 23, novembro de 1937.)



10

Século XX



Lembra o mundo de agora um barco que se
inclina
Sobre o raivoso mar que a fúria
desnor-teia...
Explodem vagalhões... O furacão sem peia
Sacode a imensidão... A maré desatina!

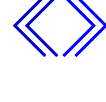
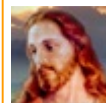
A Fé pergunta, a sós, pela Força Divina,
Transforma-se a esperança em pálida
candeia...
O Pesadelo cresce... A treva desenfreia
Os fantasmas da noite... A incerteza
domina!

Mas vencendo agressão, granizo, vento,
bruma,
Avança o Espiritismo... É um astro que se
apruma,
A luz brilha de novo... A vida não mais
teme!

O Homem levanta o olhar, intrépido e
seguro,
E serve... E aguarda... E crê nas alegrias do
futuro,
Percebendo, por fim, que o Cristo está no
leme!...

.Honório Armond

(Soneto psicografado pelo médium Francisco Cândido
Xavier.)



11

Aos espíritas



Se queres viver à luz
Do Espiritismo cristão,
Guarda o Discípulo Amado
No templo do coração.

Ele foi o Mensageiro
Do Espírito da Verdade
Unindo a Ciência e a Fé
Nas lutas da Humanidade.

Imita o seu sacrifício
Nas oficinas da Luz,
Praticando o ensinamento
Do Evangelho de Jesus.

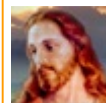
Suporta a calúnia, o apodo,
O ridículo, o tormento,
Sem fugir à tua fé,
Nos dias do sofrimento.

Lembra o Discípulo e o Mestre

Nosso Mestre e Salvador
E farás do teu caminho
Um sacerdócio de Amor.

.Casimiro Cunha

(Poema psicografado por Francisco Cândido Xavier, no
dia 31 de março de 1938, em solenidade realizada pela
União Espírita Mineira.)



12

No banquete fraterno



Paira no mundo atual a sombra espessa e
imensa!

Levantai, meus irmãos, o eterno altar da
crença

Amparando a alma humana, ao pé do
sorvedouro...

A febre da ambição que faz a fome do ouro
Cose sinistramente a fúnebre mortalha
Que conduz as nações ao campo de
batalha!...

Na última inquietação se agita o mundo
velho,

Antes do alvorecer das luzes do Evangelho.

Operários do Bem, apóstolos da Luz
Que buscais cultivar a seara de Jesus,
Revivei, revivei o espírito cristão.

Nunca vos esqueçais da Galileia alpestre,
Aprendendo a humildade e a mansidão do

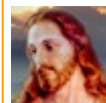
Mestre!...

No banquete fraterno, em cada novo dia,
Seja a luz do Senhor a doce Eucaristia,
Que vos nutra de amor, que vos salve e
conforte
Desde as sombras da Terra, às verdades da
morte!

Se há de cair do mundo um aluvião de
escombros
Ponde a cruz do trabalho e da prova nos
ombros,
Porque a mão do Senhor, nos tempos que
hão de vir,
Vai colher do trigal o bom grão do porvir.

.Guerra Junqueiro

(Psicografado por Francisco Cândido Xavier, na sede da
União Espírita Mineira, em 1938)



13

Caridade



Use o tostão que sobra
E que em nada te aproveita,
Dar sempre é exemplificar
A caridade perfeita!

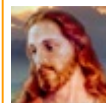
Caridade é, muitas vezes,
Fazer-se sempre o menor,
Está na luz da Humildade
A caridade melhor.

Caridade é perdoar
A quem te causa uma dor
É converter todo o espinho
Numa braçada de flor.

Caridade, enfim, na Terra
É buscar a perfeição,
A perfeição de si mesmo
No templo do coração.

.Casimiro Cunha

(Psicografado por Francisco Cândido Xavier, na sede da
União Espírita Mineira, em 1938.)



14

Companheiros da Doutrina



Examinada de perto,
A luz de nossa doutrina
É sempre a lição que ensina
A paz do caminho certo.

Necessário é discernir
A mistura, ganga, o véu.
Muita vez a água do céu
Torna-se em lama ao cair.

O mal vem de ouvidos moucos.
Ou de olhos enevoados.
Há sempre muitos chamados,
Escolhidos? Muito poucos!

Verdade é que o coração
Que abraça a nossa doutrina,
Penetra numa oficina
De esforço, de luta e ação.

Já não deve andar a esmo

Nas estradas da ilusão,
Mas, buscando a perfeição
Na perfeição de si mesmo.

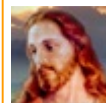
Por isso, a nossa divisa
É oração e vigilância
No Bem que é a substância
Da crença que realiza.

No Evangelho de Jesus
Feliz quem pode guardar
A força de realizar
Os grandes feitos da luz.

E que em vosso coração
Viva o labor profundo
D'Aquele que é a Luz do Mundo
É o meu desejo de irmão.

.Casimiro Cunha

(Poesia recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, na sede da União Espírita Mineira, ao ensejo das conferências do professor Leopoldo Machado, subordinadas ao tema “Das responsabilidades dos espíritas do Brasil” em 23 de junho de 1938. — Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 36, julho de 1938.)



15

Bilhete aos estudiosos



¹ Se é que buscas, meu irmão,
Toda a verdade, sem véus,
Guarda as essências dos céus
No templo do coração.

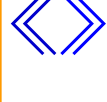
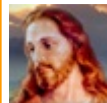
² Não fiques quedando a esmo
Sobre os fatos mais divinos,
Mas busca os bens peregrinos
Da Luz que vive em ti mesmo.

³ Nos labores da existência,
Não te esqueças que é preciso
Construir o paraíso
Nas forças da consciência.

⁴ Mensagens? Mais vida e luz?
Não cesses de trabalhar,
Ninguém pode ultrapassar
O Evangelho de Jesus!

.Casimiro Cunha

(Poesia psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião do dia 6 de agosto de 1939, na sede da União Espírita Mineira, em Belo Horizonte. Inserida no livro “[CARTAS DO EVANGELHO](#)”).



16

Soneto



O homem da Terra, mísero e precito,
No máximo de dor de que há memória,
Vai penetrar a noite merencória
Do seu caminho desvairado e aflito.

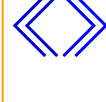
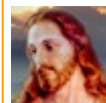
No mundo, em toda a parte, ouve-se o grito
Da mentira em seus dias de vitória!
Ostentação, miséria, falsa glória
Afrontando as verdades do Infinito!

Mas ao coro sinistro das batalhas
Hão de cair as rígidas muralhas
Que guardam a ilusão do mundo velho!...

E após a dor, a treva e a derrocada,
O homem renascerá para a alvorada
Da luz divina e eterna do Evangelho!

.Olavo Bilac

(Soneto recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, na sede da União Espírita Mineira, em 6 de agosto de 1939.)



17

Prece



Do teu trono de eternos esplendores,
Derrama, meu Jesus, a luz divina,
Luz generosa e doce que propina
Vida e consolo aos pobres pecadores.

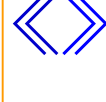
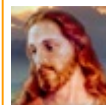
Ante os que buscam teus trabalhadores,
Auxilia a nossa alma pequenina,
Dá-lhe a crença excelsa e peregrina,
Tu que és o amor de todos os amores!

Nesta assembleia há tristes desenganos,
Amargurados corações humanos,
Perdidos na descrença e na maldade...

Dá-nos a fé que vence o ceticismo,
Que o teu amor transponha o grande
abismo,
Salvando-nos da sombra e da impiedade!

.F. L. Bittencourt Sampaio

(Soneto recebido em 6 de agosto de 1939, na sede da União Espírita Mineira. Inserido no livro “**COLETÂNEA DO ALÉM**”).



18

Versos



Também eu, caminheiro ao fim do dia,
Demandeí, no crepúsculo de opala,
O Além, onde outra vida despetala,
O cinamomo eterno da harmonia!...

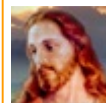
Mas do mundo, da lágrima sombria
Guardo a flor da saudade e ao desfolhá-la
Sinto o mesmo perfume que trescala
Num misto de amargura e de alegria!

Amados! que a minh'alma vos exorte
Meu verso, agora, é a mística da morte,
Sino de catedral radiosa e imensa!...

Como outrora, ante os hinos e ante as
palmas,
Rogo a Deus que conceda às vossas almas
Os tesouros puríssimos da crença.

.Alphonsus de Guimarães

(Soneto recebido em 20 de agosto de 1939, na sede da
União Espírita Mineira.)



19

Lembrança



(Aos meus caroáveis amigos presentes.)

Ninguém morre, ninguém. Na sepultura
Não vive a dor da eterna despedida;
A Morte é tão somente a porta escura,
Onde se enflora o berço de outra vida!

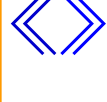
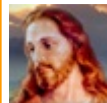
Prossigo a mesma luta indefinida
De minh'alma paupérrima e obscura,
Purificando a lágrima que olvida
A incompreensão, a sombra, a
desventura!...

Feliz o homem que acorda na Alvorada
E vive o esforço aspérrimo do dia
Sem reparar na senda tormentosa...

Para a consciência pura, iluminada
A morte é a estrada excelsa da alegria
Para a sobrevivência esplendorosa!...

.Abílio Machado

(Soneto recebido em 20 de agosto de 1939, na sede da
União Espírita Mineira.)



20

“Na atualidade”



Viveis a extravagância e a decadência,
O pesadelo esdrúxulo e profundo
Do tempo em que o Direito moribundo
Sofre o insulto da força e da violência.

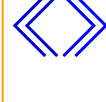
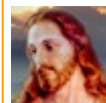
Toda a carne é ilusão, treva e falência,
Só o Espírito altíssimo e fecundo
É a suprema dinâmica do mundo,
Força renovadora da existência.

Ante o assombro da “túnica pretexta”,
Volve o instinto famélico da besta,
Que, de novo, no mundo, engendra a
guerra;

Sempre Caim, no escárnio, dominando,
A comandar, no vórtice nefando,
O turbilhão de lágrimas da Terra!

.Augusto dos Anjos

(Soneto psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião da União Espírita Mineira, em 20 de agosto de 1939.)



21

Vida



Todo anseio da crença acalma as dores,
Toda prece é uma luz para quem chora,
A oração é o caminho cor de aurora
Para o sonho dos pobres pecadores!...

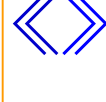
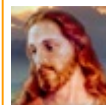
Ó, corações, que a lágrima devora!
Vinde, através dos rudes amargores,
Cantar na luz dos grandes esplendores
Vossa iluminação de cada hora!

Vinde rememorar no espaço findo,
Neste lar de Jesus, ditoso e lindo,
As desventuras para bendizê-las.

Feliz o coração sereno e forte
Que triunfa da lágrima e da morte,
Palpitando na esfera das estrelas.

.Auta de Souza

(Soneto psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, em 1940.)



22

Através dos séculos



Inda chora o Senhor nas horas mudas
Na Cruz de vinte séculos ingratos,
Contemplando a progênie de Pilatos
E a descendência exótica de Judas.

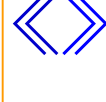
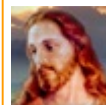
Examina os Herodes insensatos,
Os novos Barrabás de mãos sanhudas
E as multidões misérrimas, desnudas,
Que lhe cospem no ensino a pugilatos.

Chora, Jesus! Amargamente chora,
E clama a sede imensa que O devora,
Buscando gerações, enchendo espaços!

Em toda a Terra, há lívidos incêndios...
E entre as humilhações e os vilipêndios
Contempla o mundo que lhe foge aos
braços.

.Augusto dos Anjos

(Soneto recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, na noite de 30 de março de 1945, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais. Prefácio do livro “[BASTÃO DE ARRIMO](#)”, editado pela União Espírita Mineira, em 1984.)



23

Nossos irmãos, os mortos

Alfredo Nora



(Relato de Jorge Azevedo)

Há tempos, Agripino Grieco, conhecido crítico, visitou o nosso Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo. O crítico um dos mais argutos que possuímos — observou o estranho trabalho psicográfico de Chico Xavier, a sua personalidade sedutora e, lendo, surpreso, os versos psicografados durante a visita e assinados por dois famosos poetas falecidos — o brasileiro Augusto dos Anjos e o português Antônio Nobre — sentiu que, se os versos não eram dos autores citados, pertenciam a poetas de igual força e genialidade. Aliás, essa afirmação — porque Grieco sentiu e afirmou — foi corroborada por todos os integrantes da embaixada literária que o acompanhou a Pedro Leopoldo.

A conclusão a que chegaram os ilustres escritores faz pensar. E nos conforta em meio ao ceticismo dos indiferentes e dos queridos inimigos do Espiritismo. Sim, porque admitiram eles, os visitantes, homens esclarecidos, que se os versos não eram dos autores citados, isto é, Augusto dos Anjos e Antônio Nobre, pertenciam — repetimos para sentir o gosto dessa alegria que nos enche a alma e umedece os olhos — a poetas de igual força e genialidade. Consequentemente, — ó Deus que estais em nós a revelar-se, dia a dia, através de nossas emoções! — admitiram a verdade da psicografia ou, pelo menos, aceitaram o fenômeno psicográfico.

Lembra-nos este caso idêntico episódio ocorrido em Pedro Leopoldo. Conheçamo-lo, mas, antes, venham conosco, por favor, nesse tapete mágico que é o pensamento, até a um tempo em que vivíamos e tínhamos um amigo.

Barra do Piraí, a simpática cidade fluminense, possuiu um poeta que, durante toda a sua vida, procurou amparar os desprotegidos e defender os fracos. Chamava-se Alfredo Nora. Vivemos à sombra de sua bondade e sob a luz de sua inteligência durante vários anos. Gozávamos, minuto a minuto, a sua prosa colorida e suas blagues deliciosas. Identificamo-nos com a sua poesia — lírica ou satírica. Porque, conquanto fosse um poeta essencialmente lírico, possuía, sempre afiado, o estilete da sátira. E, nos seus momentos de euforia espiritual, gostava de perfilar a família em versos

leves e humorísticos. E gostava, também, e muito, de escrever a amigos cartas em versos.

Certa vez, surpreendeu-nos este diálogo entre Nora e a sua esposa, D. Rosa:

— Mas, Nora! Fique certo, hein? Mamãe não vai gostar!

— Vai, sim! Mesmo velha, a mulher conserva a vaidade... E sentir-se retratada num soneto é algo agradável, não? Você não gostou, Rosa, quando a profilei?

— É mais uma prova de que você ainda está apaixonado por mim...

— Eu, hein, Rosa?

— Mas, Nora! Você fez outro perfil meu?!? Meu?!?

— Convencida! Querendo dois perfis! Retratei agora o seu pai!

— Papai?

— Sim, seu pai! Que há de extraordinário? Escute lá!

Tenho um sogro que foi feito
De encomenda para mim.
Rosado, gordo, escorreito,
Responde a tudo: “Pois sim!”

Para tudo ele tem jeito,
Do cabide ao talharim.
Não há sogro mais perfeito,
Nem o há perfeito assim.

Não sabe dar um suspiro.
Por má que a sorte lhe corra,
Vê-lo triste ninguém logra.

Mas o que mais lhe admiro
É aquela santa pachorra
Com que atura minha sogra...

Era assim Alfredo Nora. Quase toda a sua correspondência era feita em versos mais ou menos no estilo do soneto-perfil apresentado. Cursara, quando jovem, bons colégios no Rio e em São Paulo. Fora — diziam — o primeiro aluno de Erasmo Braga. Nora dominava o idioma com facilidade. Seu estilo era leve e agradável. Sob a sua pena acerada a gramática não gemia, arranhava. Mas Nora não lhe dava excessiva confiança. Belos poemas cristãos lhe saíram da alma filtrando-se pela pena. O trabalho excessivo no Seletivo da Central, em Barra do Piraí, esgotou-o. E a vibração de sua alta emotividade completou a clava destrutiva. Quando o deixamos, transferindo-nos para Belo Horizonte, já o querido Nora descia a encosta da vida. E, poucos meses depois da nossa mudança, recebíamos, resignados, a notícia de sua desencarnação. Morríamos, também, um pouco, com ele, conquanto nos sentíssemos ressurgir a certeza de que Nora vivia agora, espiritualmente a nosso lado, amparando-nos e inspirando-nos.

Certo dia, braços amigos nos envolveram na avenida:

— Você já sabe que o Alfredo Nora acaba de mandar-nos uma mensagem pelo Chico Xavier? Hein? Dois sonetos setissílabos maravilhosos pela construção e riqueza de

rimas como pela lição que representam!

Você já sabe? Fale, homem!

Não sabíamos nem podíamos falar: víamos, trêmulas, as árvores da rua, através das lentes embaciadas pelos pingos oblíquos da chuva.

Sob a chuva fina e oblíqua, limpei as lentes dos óculos e procurei, no burburinho da rua a figura esguia do meu amigo: engolira-o, já, a boca da multidão. Parei, entristecido, sob um toldo de lona gotejante.

Nora residia à margem do rio Paraíba, que atravessa a cidade de Barra do Piraí. Mesmo dentro de casa, ouvia, dia e noite, o marulho das vagas inquietas. E, numa noite, aquele marulho monótono inspirou-lhe este poema:

Em noites de luar, o velho Paraíba,
Arregaçando o véu nas pontas das agulhas
Ocultas de granito, em franjas de borbulhas,
Estranho madrigal vai gungunando à riba...

E eu me debruço a ouvir as coisas
misteriosas
Que ele segreda à noite às ribas
silenciosas...

Mas não revelarei o que ele diz: só poetas
Podem ouvir do rio as confissões secretas...

Mandou-mo. E, no “post-scriptum” do seu clássico bilhetinho em versos, me explicava: “Naturalmente, meu caro Jorge, você estranhou aquele verbo gungunar, não foi? Este verbo deriva de um dialeto

africano. Em português, não tem sinônimo exato. A significação está entre vozear, resmungar e murmurar, mas é diferente. Gungunar é falar de modo a ser entendido pela pessoa a quem a gente se dirige e que os outros, embora ouvindo a voz, não possam distinguir as palavras. Não é o mesmo que segredar: o rio segreda, gungunando; gunguna, para segredar.”

Respondi-lhe, tentando fazer humorismo:

Meu caro Nora.

Ora direis... ouvir os rios... Certo perdeste o senso... Mas o que não vês, ou não ouves, é que em seu destino incerto, os rios nunca aprendem português...

Ah, meu Alfredo Nora! Guardei, na memória e no coração, aqueles versos que você, numa hora de angústia, escrevera e me mandara junto deste bilhete de que jamais esqueci:

Aí vai, Jorge Azevedo,
Esta poesia que o medo
De morrer me gungunou...
Mas esse medo não tira
A certeza da mentira
Que esta vida me pregou...

A chuva, agora, descia do azul irizada pelas réstias luminosas de um sol outonal. Sob o toldo, contemplava a multidão vária e inquieta como as vagas gungunantes do Paraíba. Ah, e o poema?

É melhor não pensar, amigos; quando eu penso

No que já foi, no que há de ser de nós,
Pergunto onde estará o oceano imenso
Em que o rio do Tempo tem a foz...
Vamos fazer o Bem, gozar serenamente
A vida — tão pequena! — entre o Belo
atingível,
E deixemos a Deus o abismo incognoscível
Do Princípio e do Fim, da cinza e da
semente...

Mas a voz insistente me ficava no ouvido:

— Você já sabe que o Alfredo Nora acaba
de mandar-nos uma mensagem pelo Chico
Xavier? Hein? Hein? Hein?

E qual não foi minha surpresa quando,
naquele mesmo dia, a voz de Sebastião
Lasneaux, velho amigo de Barra do Piraí,
me trouxe a novidade:

— Veja você, Jorge Azevedo: o Nora não se
emendou! Continua escrevendo bilhetes
em versos...

E estendeu-me alguns papéis impressos,
contando-me o episódio sem os detalhes
que, no mesmo momento, criei, para
compor a cena maravilhosa que minha
imaginação desejava: Chico Xavier virou-
se para Lasneaux e, calmamente, lhe disse:

— Chegou aqui um cavalheiro que lhe
deseja falar!

— Aqui, Chico? Ah, sim... E como se
chama ele?

— Espere. Está me dizendo, Lasneaux, que
se chamava Alfredo.

— Alfredo, Alfredo... Ah, conheci,
realmente, há tempos, um Alfredo... Mas
talvez não seja esse em quem estou

pensando... Por favor: pergunte-lhe o nome inteiro.

— Diz que é da sua terra, Barra do Piraí. Alfredo Nora.

— Ah, conheço! Naturalmente, vai me entregar, agora, algum bilhete em versos...

— Ele está me dizendo que trouxe três sonetos para você. Antes, porém, está agora meio triste, hein!

— Vai lhe entregar, respondendo a sua irônica piada, um bilhetinho em versos...

Meu Lasneaux. Não é bilhete,
Não é ofício, nem ata.
É o coração que desata
Meus pesares num lembrete.

— Você não acha que é ele mesmo?

— Eu não acho, não, Lasneaux. Eu o sinto...
E os sonetos?

— Ei-los. Leia-os alto...

E li os sonetos que o meu Alfredo Nora havia escrito... onde? Olhei, antes, o céu azul: nenhuma nuvem perturbava o esplendor azulíneo. Senti Deus naquela harmonia inconsútil de azul. Pedi, naquele instante, ao meu amigo Nora minúscula partícula da pureza daquele azul para minha alma. E, feliz, li:

Lasneaux, amigo, esta choça
Onde a carne, breve, passa,
Cheia de lama e fumaça
É minúscula palhoça.

A terra, ante o sol da graça,

É feio talhão de roça,
Detendo por balda nossa,
Descrença, guerra, cachaça.

Agora é que entendo isso,
Mas é triste a fé sem viço
Que o sepulcro impõe à pressa...

Espere sem alvoroço:
Além da prisão de osso
A vida real começa.

Ó, meu caro, se eu pudesse
Dizer tudo o que não disse,
Sem a velha esquisitice
Que inda agora me entontece!

Entretanto, é clara a messe
Da sementeira de asnice.
Perdi tempo em maluquice
E o tempo me desconhece.

É natural que padeça
A minha pobre cabeça
Perante a luz face a face.

Não me olvide em sua prece.
Deseje que a luta cesse,
Que a coisa melhore e... passe.

Sujeito que clama e berra
Contra a vida a que se agarra,

Vive em perene algazarra
Colado aos brejais da terra.

Do raciocínio faz garra
Com que à verdade faz guerra,
Na desdita em que se aferra,
Na ilusão em que se amarra.

De mente sempre na birra,
Ouve a ambição que lhe acirra
A paixão que o liga à burra.

Mas a luz divina jorra
E a vida ganha a desforra
Na morte que o pega e surra.

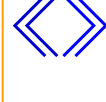
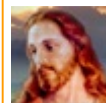
Quando reli estes sonetos, à noite, no
silêncio do meu escritório, senti a
impressão de ouvir, longe, vindo através
da imensidão noturna, o marulho surdo
das vagas do Paraíba. E, através do rumor
longínquo, a sua voz, meu querido Alfredo
Nora, gungunando aos meus ouvidos:

Mas esse medo não tira
A certeza da mentira
Que esta vida me pregou...

Nem a mim tampouco.

.Jorge Azevedo

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, números 1/2, março/abril
de 1952.)



24

Ao companheiro do Espiritismo Cristão



Argonauta do bem que nos redime,
Vara o caminho pedregoso e escuro,
Fugindo às lajes do sinistro muro,
Em que o mal se acastela, em sombra e
crime.

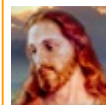
Serve, louvando a angústia que te oprime
E encontrarás no templo do futuro
O velocino de ouro do amor puro
Na vitória da paz, ampla e sublime.

Lidador da bondade e da beleza,
Ergue a pira da fé, ardente e acesa
Na verdade imortal que te ilumina!...

E estendendo a esperança que te invade
Conduzirás a Nova Humanidade
À glória eterna da ascensão divina.

.Cruz e Souza

(Poesia recebida por Francisco Cândido Xavier, na sessão de encerramento do II Congresso Espírita Mineiro, em 5 de outubro de 1952. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 8, outubro de 1952.)



25

Ave, Cristo!



Como outrora, no lago, ante o açoite do
vento,
Cristo, o Mestre e Senhor, vencendo a
noite, avança!...
De Novo, brilha a paz e ressurge a bonança
Sobre o estranho furor do temporal
violento.

Ei-lo excelso e imortal, seguindo, calmo e
atento,
O Celeste Pastor, sem cansaço ou mudança,
No Espiritismo em luz, a Divina Esperança
Que combate a miséria e apaga o
sofrimento...

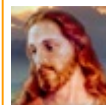
Ave, Cristo de Deus! Ave, glória da Vida!...
Fala, ainda, Senhor, à Terra empobrecida
Do celeste esplendor da glória a que te
elevas!...

O Espiritismo é Cristo ao coração do povo,

Plasmando, no Evangelho, um mundo
grande e novo
Ao sol do Eterno Amor que rompe as
nossas trevas.

.Amaral Ornellas

(Poesia recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier,
em 5 de outubro de 1952, em sessão solene de
encerramento do II Congresso Espírita Mineiro.
Inserida no livro “[ATRAVÉS DO TEMPO](#)”. Fonte: “O
Espírita Mineiro”, número 8, outubro de 1952.)



26

Escola



Vem e agradece a Deus a mão piedosa e
santa,
Que, ao fulgor deste altar, te ilumina e
consola,
Aqui, pulsa, imortal, o coração da Escola,
Em cuja glória humilde a terra se levanta.

Vem e agradece a Deus a salvadora esmola
Dessa fonte de luz que jorra, vibra e canta,
Na vitória do bem que se eleva e agiganta
Sobre as ruínas do mal em que a treva se
isola.

Aqui é o ninho excelso, entre o Lar e a
Oficina,
Entra e louva a lição que desce cristalina,
Do amor que vem do Céu, alto, puro e
fecundo...

A Escola que te educa e sustenta a subida
É o templo em que o Senhor nos enaltece a

vida,
Exalçando a beleza e a redenção do mundo.

.Olavo Bilac

(Poesia psicografada por Francisco Cândido Xavier, no dia 16 de novembro de 1954, por ocasião da inauguração oficial do Ginásio “O Precursor”, em Belo horizonte. Inserida no livro “[TAÇA DE LUZ](#)”. Fonte: “O Espírita Mineiro”, números 33/34, novembro/dezembro de 1954.)



27

Kardec no século XIX



Chora a Terra infeliz de peito aberto em
chaga.

A Dúvida, o Terror, a Guerra e a Guilhotina
Inda espalham, gritando, a treva que
domina

E o suor da aflição que tudo atinge e
alaga...

Desvairada na sombra, a Razão desatina,
Nega a Filosofia... a Ciência divaga...
E a fé perde a visão como luz que se apaga,
Entre a maldade humana e a bondade
divina.

É a noite que se alonga ao temporal
violento,
É a loucura, a miséria e a dor do
pensamento
E, em toda a parte, o mundo é pávida
cratera!...

Mas Kardec é chamado ao torvelinho
insano
E, revivendo a luz do Cristo Soberano,
Acende no horizonte o Sol da Nova
Era!... ^N

.Amaral Ornellas

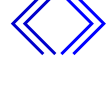
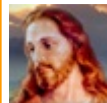
Bondade

“Toda bondade mais simples,
Sincera, nobre, leal
Ajuda na construção
Do Reino Celestial.” ^N

.Meimei

[1] (Alexandrinos recebidos por Francisco Cândido Xavier, na sessão solene realizada na sede da União Espírita Mineira, no dia 18 de abril de 1956, 99.º aniversário de “O Livro dos Espíritos”. Inseridos no livro “**DOCTRINA E VIDA**”. — Fonte: “O Espírita Mineiro”, números 49/50, março/abril de 1956.)

[2] (Estrofe psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier. Fonte: “O Espírita Mineiro”, números 59/60/ 61, janeiro/março de 1957.)



28

Século XX



Ante o século XX, em que a vida proclama
A vitória solar do cérebro sublime,
Alastram-se no mundo a santidade e o
crime
A glória senhoril e a decadência em lama.

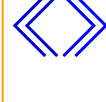
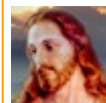
Alteia-se no espaço a inteligência em
chama,
Enquanto, a pleno chão, em lágrimas se
exprime
O espírito sem fé a que se acolhe ou arrime,
Entre a aflição que o fere e a luta que o
reclama.

Qual estrela, porém, sobre o estranho
conflito,
Refulge o Espiritismo — a fonte do
Infinito,
A verter sem que o lodo a tisne ou
sobrenade!

A grandeza do céu volve a falar de novo...
É Jesus que retorna ao coração do povo
Para erguer sobre a Terra a nova
Humanidade.

.Amaral Ornellas

(Soneto psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, no dia 24 de junho de 1958, quinquentenário da União Espírita Mineira e data do encerramento do III Congresso Espírita Mineiro. Inserido no livro “[SERVIDORES NO ALÉM](#)”. — Fonte: “O Espírita Mineiro”, números 76/77, junho/julho de 1958.)



29

Em Campos Azevedo Cruz esteve presente



Com o título acima, o jornal “A Cidade”, de Campos, Estado do Rio (edição 28.11.1972), abriu o noticiário sobre a presença de Francisco Cândido Xavier na grande cidade fluminense.

Eis o que escreveu o jornal:

Francisco Cândido Xavier, famoso médium espírita-cristão, que no último fim de semana cumpriu em Campos uma ampla programação elaborada pela Sociedade de Estudos e Difusão Allan Kardec, inclusive o reconhecimento do título de “Cidadão Campista” conferido pelo Legislativo, marcou em reunião realizada no Grupo Espírita “Francisco de Assis” a presença do poeta campista Azevedo Cruz, autor de “Amanta Verba”, que é um hino de amor a Campos, que, através de sua faculdade mediúnica, ditou um belíssimo poema intitulado “Saudade de Campos”, em

presença de mais de mil pessoas, provando em síntese o dogma da imortalidade da alma e da comunicação dos espíritos.

Para os espíritas e não espíritas de Campos, a visita de Francisco Cândido Xavier, a figura máxima do movimento desenvolvimentista da Doutrina codificada por Allan Kardec, deixou frutos memoráveis principalmente no que tange à unidade dos seguidores do Cristianismo Redivivo, em torno de uma finalidade comum a todos. (...)

SAUDADE DE CAMPOS

Em êxtase, contemplo as vastidões
ignotas...

Fulgem constelações... O Universo se
estira...

Andrômeda, Perseu, Centauro, Fênix, Lyra,
Nesse mar de esplendor são pálidas
ilhotas...

Ouro, prata e rubis em vagas de safira,
Precipitam-se além, nas amplidões
remotas...

O céu recorda pauta... Os astros lembram
notas,
Na canção de harmonia a que tudo se atira...

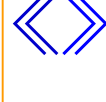
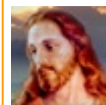
Mas torno a relembrar no reino em que me
movo.

Uma cidade, um rio e a grandeza de um
povo,
Celestes dons de Deus que a vida me
descerra...

Encharcado de sonho, em meu amor
profundo,
Solução de alegria ao rever-me no mundo,
Para beijar de novo a luz de minha Terra...

.Azevedo Cruz

(Soneto psicografado por Francisco Cândido Xavier, em reunião realizada no Grupo Espírita Francisco de Assis, em 26 de novembro de 1972, na cidade de Campos, Rio de Janeiro. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 146, novembro/dezembro de 1972.)



30

Oração de paz



Em tudo o que ames,
Deus te conduza.

Com que vivas,
Deus te aperfeiçoe.

No que saibas,
Deus te aproveite.

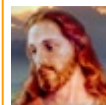
Onde fales,
Deus te inspire.

No que faças,
Deus te esclareça.

Em tudo o que peças,
Deus te dê o melhor.

.Emmanuel

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em 14 de maio de 1975, em Uberaba, Minas Gerais. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 176, setembro/dezembro de 1978.)



31

Chamo-me Caridade



Chamo-me Caridade — o simples nome
De um coração amigo em senda escura,
A esmolar-te migalha de ternura
Para aqueles que a lágrima consome!

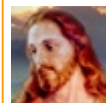
Vê como a sombra aspérrima enclausura
A tristeza, a nudez, a mágoa e a fome!
Sem alívio de bálsamo que o tome,
Corre o pranto mortal da desventura.

Venho por Ele, o Cristo, que te espera,
Rogar-te amparo e amor à alma sincera,
Mesmo se o fel te amargure o peito aflito!

Semeia paz e luz por onde fores,
E encontrarás, ao fim das próprias dores,
O roteiro de sóis para o Infinito!...

.Auta de Souza

(Soneto recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 168, julho/agosto de 1976.)



32

Brasil da paz



Na caverna primitiva,
Armada de pedra e clava,
A Terra move-se escrava
Do Sul ao Setentrião.
Sob o medo que a domina,
Espessa nuvem a encerra:
É o carro estranho da guerra,
Gerando destruição.

Desde os lêmures remotos
À Atlântida bela e flórea,
Hoje segredos da História
No torvo arquivo do mar,
Suplicam povos nascentes:
— “Viver e amar!... Ao porvir!...
Crescer, lutar, construir!...”
E a guerra pede: “arrasar!...”

Das glebas remanescentes
Aninha-se na Caldeia,
Paira fremente na ideia

Dos seguidores de Deus!...
Antigos povos pastores
Bradam rixas e vinganças
E empunham pérfidas lanças
Na guerra dos filisteus.

Filósofos pregam paz
Sobre espadas e tambores.
Há novos conquistadores
Decretando novas leis...
Passa a rude caravana.
Sesóztris, Ramsés, Cambises
E as multidões infelizes,
Seguindo sobas e reis.

Um dia, Alguém contra o ódio
Desce da Altura Infinita,
Faz-se a palavra bendita
De vida, verdade e amor,
Mas a voz da crueldade
Dirige-se em rumo certo
E impõe-lhe, a cenário aberto
A morte de malfeitor.

Desde Jesus, entretanto,
Cresce a Divina Demanda,
O bem sugere e comanda
No direito natural...
Tantas armas se acumulam,
Tanta violência subleva
Que a treva receia a treva
E o mal sente o horror do mal...

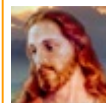
No contexto das Nações
Eis que o duelo se atiaça,
Mas a chama de Justiça

Acende a luz da razão;
Rogam-se ajustes, tratados,
Cessação de toda luta.
Concórdia, amparo, permuta,
Auxílio e cooperação.

Brasil, no posto da paz
Em que a vida te agasalha,
Serve, abençoa, trabalha
Na fé a que o Céu te induz!
E ainda que o ódio estoure,
Clama, em brado soberano,
Que em todo conflito humano,
O vencedor é Jesus.

.Castro Alves

(Poema recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública de beneficência do Centro Espírita União, em São Paulo, na noite de 20 de outubro de 1982. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 190. Outubro/dezembro de 1982.)



33

Milênio segundo



Dez séculos são passados...
Bizâncio empalidecida
Transfere esplendor e vida
Ao poderio de Othão.
Desde o Grande Constantino,
O Ocidente, aos tempos novos,
Faz-se assembleia de povos,
Esperando a Paz em vão.

Há quem sonhe liderança
De nível superior...
Alguém que trouxesse amor
À construção do porvir;
Mas, entre os feudos altivos,
Irrompe Henrique Segundo,
Que grita, à face do mundo:
— “Conquistar ou destruir...”

O milênio começava
Tendo a Guerra por destino...
Crescêncio, Arnaldo e Arduíno

São ínclitos europeus;
Tramam ódios e batalhas,
Morrem, no entanto, esquecidos,
Hoje, heróis de tempos idos
Na pátina dos museus.

Pedro, o Eremita, aparece...
Iniciam-se as Cruzadas,
Nas Cortes e nas Estradas,
Ao brado de “Deus o quer...”
Viajam para a matança
Frederico, Godofredo...
Todo o Ocidente sem medo
Cede as vidas que tiver.

Após Francisco de Assis,
Destaca-se a Renascença;
Fulge o prodígio da Imprensa,
A Arte é brilho e elevação.

A América é um Mundo Novo,
Mas, entre o ouro e os conchavos,
Há milhões de homens escravos,
Rogando libertação!...

Clamando pelo Direito
Que a tirania extermina,
No cepo da Guilhotina
Pede a França novas leis;
Entretanto, Bonaparte,
Águia da força e do mando,
Passa, na Terra, formando
Tronos outros e outros reis.

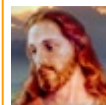
Novos tempos, novas armas....
Nações alteram limites,

Há sinistros apetites,
Na Terra, no Mar, no Ar...
A vida suplica aos Homens:
— “Deus existe!... Sois cristãos.
Entrelaçai vossas mãos!...”
E os Homens gritam: “lutar!...”

Os Grandes conquistadores
Passaram a Nobre Arquivo,
Um só deles está vivo.
Espalhando amor e luz!...
Desde o Século Primeiro,
Esse Imortal Companheiro
É Jesus, sempre Jesus!...

.Castro Alves

(Poema recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública beneficente do Centro Espírita União, em São Paulo, na noite de 5 de outubro de 1983. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 193, agosto/outubro de 1983.)



34

Vida e triunfo



Quem disse, coração, que a prova te
agrilhoa?

Que não tens condições para fazer o bem?

Olha a terra em que estás, maravilhosa e
boa,

Sustentando e brunindo a força que a
mantém!...

A árvore entrega ao vento as próprias
folhas mortas,

O rio lança ao mar os detritos do mundo.

Muitas vezes, a flor com que te reconfortas

Vem de semente, ao léu, no pântano
profundo...

Verte o ouro aos filões ocultos no cascalho.

O brilhante mais puro foi carvão.

Sob o trator, a gleba é um cântico do
trabalho,

Acalentando, humilde, a luz da evolução.

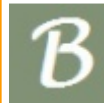
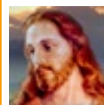
Não te digas inútil, nem te rales
Em assuntos hostis de azedume e tristeza;
Segue, deixando ao longe amarguras e
males,
A estrada é um festival de esplendor e
beleza!...

Nada se perde. A dor é o berço da alegria,
O gelo unicamente é ausência de calor,
Tudo o que foge à lei, de novo, se inicia,
Tudo a vida refaz nas gradações do amor.

Ampara, ama, abençoa!... Agindo e crendo,
avança!...
A Caridade irmana, o Bem constrói a paz!...
Deus te envia ao caminho as asas da
esperança,
Esquece-te a servir, confia e vencerás!...

.Maria Dolores

(Poema recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública de beneficência do Centro Espírita União, em São Paulo, na noite de 3 de outubro de 1984. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 196, julho/outubro de 1984.)



35

Oração do Natal



Natal volta de novo, em nova melodia
Espalhando na Terra a celeste alegria.

Agradecemos, Jesus, a concessão
Do mais formoso dia!...

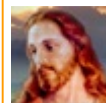
Aos estudos do tempo me consagro,
Noto que a inteligência
Nunca nos deu tanta ciência
A fim de te servir e acompanhar...
As grandes máquinas voam, do solo para o
ar...

E me ponho a pensar:
Senhor, agora, o que mais necessitamos,
De mais forças, domínio, ouro e poder,
A fim de que vivamos de conquista em
conquista,
Tendo somente, em vista, escravizar e
escravizar?!?...

Entretanto, Jesus, agora venho
Pedir-te ao coração talvez ainda amarrado
ao lenho:
Dá-nos mais amplo entendimento da
verdade,
Para seguir contigo Amado e Excelso
Amigo,
No sustento da paz e na luz da humildade!

.Maria Dolores

(Poema recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, na noite de 5 de outubro de 1987, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, Minas Gerais. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 203, setembro/dezembro de 1987.)



36

Caminho adiante



A sombra em torno à estrada não te importe...

Segue varando injúrias e ameaças,
Estende os dons do amor no bem que faças,
Sem que a luta te desconforte.

Sê ante o mundo o amparo humilde e forte...

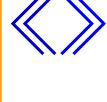
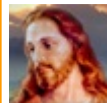
Levanta corações na luz que abraças,
Distribuindo graças sobre graças,
Na fé que extingue a dor, a treva e a morte!

Por mais pedra à frente, crê e avança,
Por facho de bondade e de esperança.
Que o dever de servir jamais te doa!...

Alguém te apoiará, dia por dia,
A envolver-te de paz e de alegria!...
Esse alguém é Jesus que te abençoa.

.Auta de Souza

(Soneto psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, Minas Gerais, na noite do dia 27 de fevereiro de 1988.)



37

Carta a minha mãe



Quis visitar-te o anônimo jazigo
Em que a humildade em paz se nos revela,
Contemplo a cruz, antiga sentinela
Erguida ao lado de um cipreste amigo.

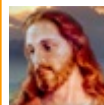
Busco a memória e vejo-te comigo;
Estamos sob o verde da aquarela,
Teu sorriso na túnica singela
É luz brilhando neste doce abrigo.

Recordo o ouro, Mãe, que não quiseste,
Subindo para os sóis do Lar Celeste
Para ensinar as trilhas da ascensão.

Venho falar-te, em prece enternecida
Do amor imenso que me deste à vida,
Nas saudades sem fim do coração.

.Auta de Souza

(Soneto recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, na noite de 12 de março de 1989, em Uberaba, Minas Gerais. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 208, janeiro/março de 1989.)



38

Saudade



Agradeço-te o socorro que me deste
Quando caí do conforto do ninho...
Beijaste-me no lenço de alvo linho,
Mas regressaste, cedo, à Luz Celeste...

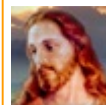
Venho rogar em teu lar de cipreste,
Em que foste bondade, alegria, carinho
E o apoio da fé na secura do agreste,
Que serão luz e vida em meu caminho.

Estou no Além... Já procurei-te, em vão,
E seguirei, enfim, onde possa chamar-te,
Sempre com Deus em minha devoção...

Confio em ti, vida de minha vida,
Um dia, hei de encontrar-te, Mãe querida,
Pela saudade atroz do coração.

.Luiz de Oliveira

(Soneto recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, na noite de 23 de março de 1991, em Uberaba, Minas Gerais. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 216 março/abril de 1991.) [Esta mensagem foi publicada em dezembro de 1992 pela editora [GEEM](#) e é a 28.^a lição do livro “[PREITO DE AMOR](#)”]



39

Nunca esmoreças



Alma fraterna, recorda:
Os momentos infelizes
Parecem noite de crises
Em que o Céu lembra um vulcão;
Ribombam trovões no espaço,
Coriscos falam da morte,
Passa irado o vento forte,
Tombando troncos no chão...

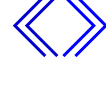
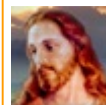
Os animais pequeninos
Gritam pedindo socorro
Descendo de morro em morro,
Cai a enxurrada a correr...
Mas, finda a borrasca enorme,
No escuro da madrugada,
Em riscas de luz dourada,
Vem o novo amanhecer.

Assim é também na vida,
Se atravessas grandes provas,
Na estrada em que te renovas,

Guarda a calma ativa e sã;
Sofre, mas serve e caminha,
Vence a sombra que te invade,
Se a hora é de tempestade,
Há novo dia amanhã...

.Maria Dolores

(Poema psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier. — Fonte: “Jornal Município de Pitangui”, número 25 setembro de 1991.) [Esta mensagem foi publicada originalmente em 1980 pela editora [CEU](#) e é a 25.^a lição do livro “[A VIDA CONTA](#)”]



40

Verbo de luz



Sofreste, de inesperado,
O estranho golpe da ofensa
Que te envolve em dor imensa,
No espinheiro do pesar.
Mas o remédio mais puro
Que restaura a alma ferida
Vem da farmácia da vida:
Esquecer e perdoar.

Honrando o cérebro eleito,
A ciência alteia a voz,
E expõe o carro veloz,
A nave aérea, o radar...
A paz em casa, entretanto,
Além da luz da Ciência,
Pede a dupla providência:
Esquecer e perdoar.

No livro da Natureza,
Solo que aceite o trator,
Garante com mais amor

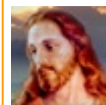
A semente, o pão e o lar.
Da fornalha desumana,
Vem a fina porcelana...

A ostra desconhecida
Cede ao mundo, sem protesto,
A pérola em plena vida,
Ensinando-nos, vencida:
Esquecer e perdoar.

Assim também, alma irmã,
Nos dias de dor e luta,
Acalma-te, espera, escuta
Sem tristeza a reclamar,
E ouvirás a voz dos Céus,
Em meio da própria ação,
A dizer-te ao coração:
Esquecer e perdoar!

.Maria Dolores

(Poema psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 221, janeiro/fevereiro de 1992.) [Essa mensagem foi publicada originalmente em 1990 pela editora **IDEAL** e é a 14.^a lição do livro: “**DÁDIVAS DE AMOR**”.]



41

Século XX



Século XX... Entardece.
Fim do milênio segundo.
Jesus tutelando o mundo,
Horas de paz e de prece.

Conflito, inveja, rancor,
De nada valem na Terra,
E o ódio que faz a guerra,
Só se desfaz pelo amor.

Desde milênios distantes,
Assírios, gregos, romanos,
Formavam grupos insanos,
Ostentando o orgulho vão...
Viviam de luta armada,
Foice, força, pedra, espada,
Terror e devastação.

Nesse clima belicoso,
Entre nós, brilha Jesus!...
Mas a guerra do poder,

Pela astúcia e pelo mando,
Deu-lhe num gesto nefando,
Martírio e morte na cruz!...

Depois da angústia do Cristo,
A guerra vai aos cristãos,
Que morrem, dando-se as mãos
Na arena do horror e fel.
Temos depois as Cruzadas,
Com matança nas estradas,
Domina o gládio cruel.

No entanto, os povos do tempo
Estavam todos cansados
De tantas guerras... Pediam,
Nas sombras da Idade Média,
Termo a qualquer desavença.
Surge, então, a Renascença,
Por elevada esperança,
Mas a guerra ressurgiu
Nos movimentos da França.

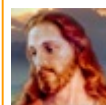
Século XX... Anoitece.
Ouço dele estranhas vozes,
O nosso Século XX
É daqueles mais ferozes!...

Espíritas, companheiros,
Recordai a trilogia,
União, serviço e amor,
Nas lutas de cada dia.
Resguardai com zelo e fé
Nossa Doutrina de luz.!...
Ante a treva mais espessa,
Que nenhum de nós se esqueça

Da rota para Jesus!...

.Castro Alves

(Poema recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier em reunião pública comemorativa ao aniversário do Centro Espírita União, sediado à rua dos Democratas, 527, bairro Jabaquara, na cidade de São Paulo, na noite de 7 de outubro de 1992.) [Esta mensagem foi publicada originalmente em 19-03-1993 pela editora [CEU](#) e é a 12.^a lição do livro “[ESPERANÇA E LUZ](#)”]



Chico Xavier — Mandato de amor — Autores diversos — 3ª Parte

Introdução

“Eu vi o Chico receber a primeira mensagem!”



“Era a noite de 8 de julho de 1927. Em torno de uma mesa singela, alguns poucos companheiros espíritas. E, entre eles, a figura humilde e boa de um adolescente, com apenas 17 anos de idade.

Momentos depois (...) tendo um lápis entre os dedos morenos, o moço começou a encher folhas e mais folhas. Escrevia, escrevia...

O moço era Francisco Cândido Xavier: filho do Sr. João Cândido, vendedor de bilhetes de loteria, marido de D. Maria João de Deus, a boa senhora que toda Pedro Leopoldo estimava. Estava escrevendo, ele, a sua primeira mensagem, iniciando, assim, na simplicidade de uma casinha tosca, o seu abençoado labor de médium.

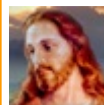
Aquela mensagem era a primeira de uma série de milhares de outras mensagens, todas elas distribuindo amor e luz,

consolação e esclarecimento.”

O velhinho que, decorridos 40 anos, recordou tudo isso, enquanto o rádio emudecia, chorou de emoção e saudade ao relatar aos companheiros da União Espírita Mineira, que o foram visitar: “Eu vi o Chico receber a primeira mensagem! (...)”

.Antônio Barbosa Chaves

(Antonio Barbosa Chaves foi companheiro de Chico no Centro Espírita Luiz Gonzaga. Dirigia as tarefas na ausência de Lico. O jornal “O Espírita Mineiro” fez-lhe esta entrevista em julho de 1967, após o que veio a desencarnar.) (Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 172, maio/julho de 1977.)

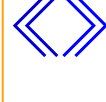
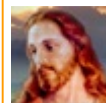


Preâmbulo — Parte III

“Berço e túmulo são simples marcos de
uma condição para outra.”

“Somos responsáveis por nossa tragédia e
por nossa glória.”

.Chico/Emmanuel



1

Mensagem ao Prof. Levino Albano Conceição

(Exímio violinista, cego desde os sete anos de idade.)



Meu amigo, que as flores da paz de Jesus possam desabrochar em teu coração, enchendo-te a alma toda de claridades divinas.

Teu espírito desejaria uma palavra de nossa parte que te viesse orientar no labirinto de todas as preocupações, da vida material. Sofre, desassombradamente, a provação que a misericórdia divina te reservou na face da Terra. A vida no exílio terrestre vale pela sua expressão de sacrifício e de aprendizado. As amarguras que encontraste no mundo têm suas causas profundas no passado obscuro e caliginoso.

Houve um tempo em que não soubeste perceber as grandiosidades da lei divina da fraternidade e do amor, e foste tu quem, contemplando o pretérito cheio de

sombras, quiseste renascer, organizando um mapa de amarguras purificadoras. Quiseste perambular no mundo, através de todas as dificuldades, vencer nos caminhos tristes e escuros, para levar aos que sofrem o valor de tua coragem e o apoio do teu coração. Quiseste conhecer a cegueira para ajudar a quantos se encontram sob as suas cruzes na face do orbe terrestre. E vieste e venceste. E bem sabes que mais mérito possuem todos aqueles lavradores que encontraram obstáculo e a terra ingrata para a germinação de sua semente. A tua obra e a tua ação sempre e constantemente representam esse trigo raro.

Na balança de Deus, porém, esse fruto de sacrifício é mais doce. Continua em teu apostolado fraterno. Espíritos abnegados e amigos estendem-te as mãos, do plano espiritual, e a sua proteção constitui para o teu esforço o maior penhor de tua vitória.

A cegueira física é quase sempre a melhor forma para que se estabeleça a plena visão espiritual. No teu mundo interior, onde espreias o teu olhar nas regiões divinas da inspiração e da imortalidade, conserva sempre o culto da beleza, do amor e da fraternidade, em hinos de esperança no porvir glorioso que te aguarda, no mundo espiritual onde, se bem souberes escalar o calvário dos teus sacrifícios, receberás a láurea de vencedor, em compensação do teu desassombro e do teu heroísmo!

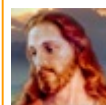
Esperando, pois, que conserve teu idealismo acima de todas as inquietações e de todas as angústias da vida material, peço a Jesus

que te ampare, concedendo-te todas as possibilidades para que te desincumbas das tuas suaves obrigações de missionário da harmonia.

Ora, crê, trabalha e espera, um dia, quando entoares o hino de amor a Deus, despertarás na visão larga e divina de todas as coisas. Teus amargores estarão terminados. Teus sonhos levados a efeito no belo plano de todas as concretizações. Teu passado estará redimido. Uma onda de luz banhará, então, os teus olhos numa ressurreição de vida gloriosa e as mãos suaves e doces do Divino Jardineiro terão plantado para sempre em tua alma os lírios maravilhosos da Imortalidade radiosa e da eterna esperança.

.Emmanuel

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em Belo Horizonte, a 6 de abril de 1937, ao mesmo tempo em que o professor recebia, do Espaço, duas inspirações musicais, da mais alta Espiritualidade. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 11, abril de 1937.)



2

Mensagem ao Dr. Davidson Pimenta da Rocha

(Confirmada, depois de 35 anos, mensagem
mediúnica de Chico Xavier)



O fato ocorreu há 44 anos: indo a Pedro Leopoldo em 28 de janeiro de 1948, o Dr. Davidson Pimenta da Rocha recebeu mensagem ditada por Emmanuel ao médium Francisco Cândido Xavier, que publicamos nesta edição, na qual lhe fora anunciada tarefa no campo da mediunidade curadora.

Transcorridos 35 anos, o Dr. Davidson Pimenta da Rocha vê confirmada a informação de Emmanuel, estando, atualmente, no desempenho do trabalho de médium curador, obtendo êxito em diversos casos de pessoas que o procuram. Pelas mãos do nosso vice-presidente Noraldino de Mello Castro, amigo pessoal do Dr. Davidson, recebemos cópia da mensagem em referência, que publicamos para conhecimento dos

leitores e para evidenciar, embora desnecessariamente, a segurança do trabalho mediúnico do querido companheiro Chico Xavier.

Eis a mensagem:

Meu amigo, muita paz.

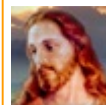
Não permita que a dúvida lhe destrua a sementeira. É razoável caminhar com prudência e serenidade, mas não perca as suas bases na confiança em Jesus e em si mesmo. Não somente o irmão que lhe auxilia a ação mediúnica ostensivamente se acha interessado em seu desenvolvimento. Outros vários guardam justa expectativa a seu respeito. Ânimo e coragem. Não se precipite em realizações prematuras, todavia, procure com calma e perseverança os seus objetivos na espiritualização. A tarefa curadora, com a colaboração de Tamandaré e outros mensageiros, será iniciada no momento oportuno.

Cremos que a fase presente ainda é de esforço preparatório. Continue acentuando os seus alicerces, a fim de que o edifício do porvir possa sustentar a extensão de seus trabalhos e não desfaleça. As sensações de esgotamento cederão à medida que se lhe intensifique o concurso na tarefa do bem. Com o auxílio do Alto, as suas faculdades produzirão muita paz e muita luz.

Que o Senhor nos fortaleça, ilumine e abençoe.

.Emmanuel

(Mensagem recebida por Francisco Cândido Xavier, na noite de 28 de janeiro de 1948, em Pedro Leopoldo. —
Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 192, abril/julho de 1983.)



3

Solidariedade



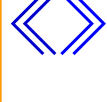
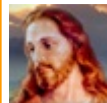
Plantemos flores onde repontem,
ameaçadores, espinheiros agrestes.

Lancemos a mensagem do bem, onde o mal
procura envolver situações, criaturas e
coisas, estabelecendo aflições inúteis.
Estendamos os recursos da amizade leal,
onde a discórdia tente consolidar o escuro
domínio que lhe é próprio. Auxiliemos
com o nosso concurso irmão, onde a
leviandade desajuda.

Façamos da solidariedade a bandeira de
nossa marcha permanente para diante,
dentro da nossa sede de progresso, porque,
em verdade, somente a compreensão, a
tolerância e a fraternidade, com o perdão e
o amor por normas inalteráveis de serviço,
conseguem efetivamente amparar, lenir,
soerguer e salvar.

.Meimei

(Pagina recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, na reunião da noite de 10 de junho de 1951, em Pedro Leopoldo. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 9/10, novembro/dezembro de 1952.)



4

De que o Espiritismo precisa



O Espiritismo precisa... ^N

Nos centros doutrinários:

de amigos do bem e da verdade, que saibam exemplificar a compreensão e a boa vontade para o soerguimento de todos, através da elevação de si próprios.

Na ciência:

de investigadores e estudiosos, que unam o raciocínio e o sentimento, elevando o coração ao nível da inteligência.

Na política:

de legisladores e administradores dignos, que não menosprezem o sacrifício pessoal, habilitados a criar mais altos padrões de caráter para a mente do povo.

Na imprensa:

de jornalistas humanos, construtores do bem e adversários do escândalo, livres da influência financeira, a serviço do bem geral.

No magistério:

de professores devotados, que possam plasmar a alma da infância e da juventude nas linhas eternas do ideal superior.

Nos lares:

de pais e mães consagrados à missão que esposaram, de filhos e irmãos que se auxiliem, reciprocamente, no testemunho leal da comunhão fraterna.

Nas organizações de trabalho:

de cooperadores que se honrem no cumprimento do dever, dedicados ao progresso e ao aperfeiçoamento, para a justa exaltação da dignidade do serviço.

No campo:

de colaboradores da natureza, de amigos sinceros do solo, das plantas e dos animais, que, semeando e ajudando alegremente, se façam intérpretes dos propósitos divinos.

Na arte:

e tradutores fiéis da bondade e da beleza, que auxiliem o pensamento a escalar os mais altos cimos da vida.

Na mediunidade, na pregação, na

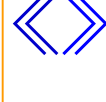
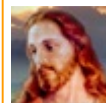
propaganda:

de corações corajosos e confiantes, conscientes de suas responsabilidades e fiéis aos seus compromissos com o Infinito Bem, que se expressem com os atos, acima das palavras, plenamente integrados na execução das boas obras, a fim de que o Reino do Senhor se estabeleça, em definitivo, na Terra, assegurando a felicidade dos homens para sempre.

.André Luiz

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, numa homenagem do Centro Espírita Luiz Gonzaga, de Pedro Leopoldo, ao II Congresso Espírita do Estado de Minas Gerais. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 8, outubro de 1952.)

- [1] A frase :“O Espiritismo precisa...” não consta dos originais, foi colocada para dar ênfase aos parágrafos subsequentes. K. J.



5

Educação



Educa o terreno e terás o pão farto.

Educa a árvore e receberás a bênção da fartura.

Educa o minério e obterás a utilidade de alto preço.

Educa a argila, e plasmarás o vaso nobre.

Educa a inteligência e atingirás a sabedoria.

Educa as mãos e acentuarás a competência.

Educa a palavra e colherás simpatia e cooperação.

Educa o pensamento e conquistarás a ti mesmo.

Sem o alfabeto anoitece o espírito.

Sem o livro falece a cultura.

Sem o mérito da lição a vida seria animalidade.

Sem a experiência e a abnegação dos que ensinam,

o homem não romperia as faixas da infância.

Em toda parte, vemos a ação da Providência
Divina, no aprimoramento da Alma
Humana.

Aqui é o amor que edifica.

Além é o trabalho que aperfeiçoa.

Mais adiante é a dor que regenera.

Meus amigos, a Terra é a nossa escola
milenária e sublime.

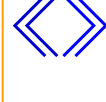
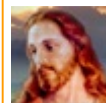
Jesus é o nosso Divino Mestre.

O Espiritismo, sobretudo, é obra de
educação.

Façamos, pois, da educação com o Cristo o
culto de nossa vida, para que a nossa vida
possa educar-se e educar com o Senhor,
hoje e sempre.

.Emmanuel

(Página psicografada por Francisco Cândido Xavier, no
dia 16 de novembro de 1954 na sessão solene de
inauguração oficial do Ginásio “O Precursor”, em Belo
Horizonte. Inserida no livro “[TAÇA DE LUZ](#)”. Fonte:
“O Espírita Mineiro”, números 33/34, novembro
dezembro de 1954.)



6

Prece



Senhor:

Esta é uma das casas que nos deste à oração para que a tua bênção nos clareie o caminho.

Ensina-nos a construir dentro dela o lar de nossos corações, em cuja doce intimidade aprendamos de ti a bondade e a renúncia, o devotamento e a compaixão.

Que dela faças um lugar consagrado ao teu serviço, onde estejamos contigo, de alma descerrada aos sofrimentos e necessidades do próximo, a fim de que os nossos irmãos de humanidade aqui te encontrem a Celeste Presença.

Ajuda-nos a exaltá-la, através do respeito à nossa própria consciência para que ela seja dignificada na veneração dos outros.

Discípulos do Espiritismo que te restauram na Terra a Doutrina da Luz, faze-nos compreender que o Centro Espírita é um templo de trabalho educativo e de

solidariedade humana, onde a honra do teu nome está empenhada em nossas mãos.

Induze-nos à concórdia e à simplicidade, para que a separação e o orgulho não nos arrojem às trevas.

Desperta-nos o sentimento e o raciocínio em tuas lições, para que tenhamos o coração e o cérebro sintonizados no verdadeiro bem, escalando os degraus da caridade e da cultura no rumo da Sabedoria e do Amor que nos aguardam na imortalidade vitoriosa.

Senhor, não desconhecemos que os nossos próprios enganos podem obscurecer-nos o entendimento, imobilizando-nos os passos nos labirintos da sombra.

Auxilia-nos, assim, a cultivar o caráter acima da convicção e o exemplo acima das palavras.

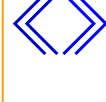
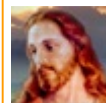
Mergulha as raízes da nossa existência nas águas de tua misericórdia, para que a fraternidade frutifique em nossos dias e inspira-nos a humildade para que não vivamos distraídos na ilusão.

Concede-nos a alegria incessante do serviço, a fim de que sejamos agradecidos ao suor e às lágrimas dos companheiros que lutaram e sofreram, antes de nós, para que este santuário se erga em teu nome e compadece-te de nossas mãos no arado de nossos deveres, para que sejamos fiéis à tua confiança, hoje e sempre.

Assim seja.

.Emmanuel

noite de 18 de abril de 1956, ao término da sessão solene de inauguração da nova sede da União Espírita Mineira. Fonte: “O Espírita Mineiro”, números 49/50, março/abril de 1956.)



7

Ante o livro espírita



Melhore suas aquisições, buscando algo novo.

Mas compre o livro espírita, que lhe indicará o caminho para mais alta renovação.

Ampare a escola que alfabetiza.

Mas sustente o livro espírita que educa.

Consulte o noticiário, com respeito aos sucessos do mundo.

Mas ouça o livro espírita, a fim de erguer-se a horizontes mais vastos.

Compareça às obras de socialização e progresso.

Mas ajude o livro espírita na consolidação da verdadeira fraternidade.

Brinde o companheiro com a novidade do dia.

Mas dê-lhe o livro espírita, que é valor
para toda hora.

Aconselhe a utilização dos produtos que
favoreçam a saúde e o asseio do corpo.

Mas divulgue o livro espírita, que mantém
o equilíbrio e a higiene da alma.

Observe o cinema, o rádio, a televisão e as
outras formas da arte, buscando conhecer.

Mas atenda ao livro espírita, que ensina a
discernir.

Prestigie os métodos da lavoura e as técnicas
da indústria, o comércio e as obras
coletivas, tanto quanto os outros campos
de ação e produção.

Mas estimule o livro espírita, que ilumina
o trabalho.

Socorra esse ou aquele irmão caído, entre as
sombras da prova.

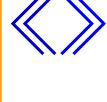
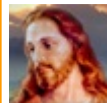
Mas ofereça-lhe o livro espírita, que aclara
o entendimento.

Enriqueça o ambiente próprio com fatores
de conforto e alegria.

Mas recorde que o livro espírita é bênção
de Jesus, aprimorando a vida com você e
em você.

.André Luiz

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido
Xavier. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 210,
julho/outubro de 1989.)



8

Minha mãe



Da luz do Além vejo terras distantes
Num quadro de expressão que nunca vira.
Orion, Sirius, Aldebaran, Alfa e Lira...
Na celeste harmonia de gigantes.

A saudade cruel é a força que me inspira.
Todo ambiente em torno é belo como
dantes
No reduto das rosas fascinantes
Sustentadas aos toques da safira.

Busco uma casa amiga, o coração estala.
Encontro minha mãe! Corro a beijá-la
Abraçado no amor de que me inundo.

Meu Deus! Não quero o céu, mesmo em te
amando.
Quero ficar com minha mãe rezando
Na verdadeira paz que achei no mundo!...

.Azevedo Cruz

A União Espírita Mineira imprimiu com grande alegria a mensagem dedicada ao Dia das Mães, no ano de 1990. Na forma de cartão postal e ilustrada com o mesmo motivo artístico usado na capa do livro “Roseiral de Luz”, a mensagem recebida pelo querido médium Francisco Cândido Xavier contém detalhes dignos de nota, que gostaríamos de registrar.

Por informação do próprio médium, a recepção mediúnica das mensagens, que anualmente são dedicadas às mães, em geral acontece em fins de fevereiro ou início de março, vindo sempre assinadas pelos generosos espíritos de condição feminina, como Meimei, Maria Dolores, Sheila, etc. No ano de 90, entretanto, foi diferente. Passava o mês de março, a página não vinha. O médium preocupou-se. Procurou a orientação de seu benfeitor espiritual. Emmanuel explicou-lhe que para atender determinados impositivos de ordem emocional do próprio médium, se Jesus permitisse, naquele ano a mensagem viria escrita por um espírito de condição masculina. Pediu a Chico paciência e oração e, no dia 25 de março de 1990, apresentou-se dizendo trazer consigo um poeta que se responsabilizaria pela página às mães.

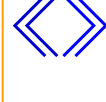
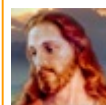
Emmanuel recomendou-lhe o comparecimento ao Centro Espírita da Prece, no horário habitual da reunião, pedindo-lhe especial concentração para o

recebimento da aludida mensagem. Este seria o objetivo principal da ida de Chico ao Centro. Assim, tivemos o belíssimo soneto escrito pelo “Príncipe dos Poetas Campistas” — Azevedo Cruz — através da psicografia do médium amigo.

Ao nos passar a mensagem para a impressão, Chico emocionou-se até às lágrimas, lendo suas estrofes pausadamente. Disse-nos o quanto a mensagem o havia tocado, pela grandeza de alma do poeta Azevedo Cruz. Falou-nos do ambiente espiritual iluminado no qual ele vive, por conquista e mérito, onde roseiras cheias de luz crescem sustentadas por grandes safiras. Ressaltou a beleza do amor a brotar do coração do poeta e sua renúncia autêntica ao empreender seu retorno à Terra. Afinal — disse-nos — o soneto indica uma “descida dos céus para a Terra”...

.Geraldo Lemos Neto

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 212, janeiro/abril de 1990.)



9

Falando a Jesus no Natal

(A mensagem de Natal do ano de 1990)



Já se tornou tradição, no Movimento Espírita do Brasil — abençoada tradição! — a mensagem de Natal psicografada, todos os anos, pelo querido companheiro Francisco Cândido Xavier, que a imprensa espírita divulga amplamente e as instituições mandam imprimir para farta distribuição.

Apressamo-nos a publicar a mensagem de Natal, psicografada em 29 de setembro de 1990, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, Minas Gerais.

Nosso objetivo é brindar os leitores com a leitura do soneto de nossa benfeitora Maria Dolores, com eles dividindo a alegria de conhecer a linda e espiritualizada produção.

Senhor, o Teu Natal de novo se descerra...
Ouve-se mais de perto as vozes cristalinas
Dos pastores que ouviram as palavras
divinas:
— “Glória a Deus no alto céu e paz na
Terra!...”

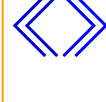
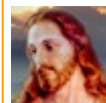
Proclamando a verdade que não erra,
Amas, trabalhas, sofres mas ensinas...
Não possuis arma alguma, entretanto,
dominas,
Com a força do bem que a Tua vida
encerra.

Conquistadores passam nos milênios,
Carrascos, sob a máscara de gênios,
Ficas, porém, conosco, em nosso amor
profundo!...

Cantamos Teu Natal, sobre guerras e povos,
Sabendo que és, com Deus, também nos
tempos novos
A esperança da paz e a luz do amor no
mundo.

.Maria Dolores

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 213, maio/agosto
de 1990.)



10

Regressão da memória



“Se fomos trazidos à Terra para esquecer o nosso passado, valorizar o presente e preparar em nosso benefício o futuro melhor, por que provocar a regressão da memória do que fomos ou fizemos, simplesmente por questões de curiosidade vazia, ou buscar aqueles que foram nossos companheiros, a fim de regressar aos desequilíbrios que hoje resgatamos?

A nossa própria existência atual nos apresentará as tarefas e provas que, em si, são a recapitulação de nosso passado em nossas diversas vidas, ou mesmo somente de nossa passagem última na Terra, fixada no mundo físico, curso de regeneração em que estamos integrados nas chamadas provações de cada dia.

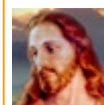
Por que efetuar a regressão da memória, unicamente para chorar a lembrança dos pretéritos episódios infelizes, ou exibirmos grandeza ilusória em situações

que, por simples desejo de leviana retomada de acontecimentos, fomos protagonistas, se já sabemos, especialmente com Allan Kardec, que estamos eliminando gradativamente as nossas imperfeições naturais ou apagando o brilho falso de tantos descaminhos que apenas induzirão a erros que não mais desejamos repetir?

Sejamos sinceros e lancemos um olhar para nossas tendências.

.Emmanuel

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em sua casa, em Uberaba, Minas Gerais, no dia 30 de julho de 1991. — Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 219, setembro/outubro de 1991.)
[Esta mensagem foi publicada originalmente em 19-03-1993 pela editora [CEU](#) e é a 18.^a lição do livro “[ESPERANÇA E LUZ](#)”]



11

Mensagens psicografadas há 53 anos



1. Recordar é viver, de novo, as emoções de um acontecimento que se perde nas brumas do tempo.

Vamos, pois, todos que viveram as emoções de uma noite de agosto do longínquo 1939, recordar...

Corria o ano da graça de N. S. Jesus Cristo de 1939, e o Centro Espírita Luz, Amor e Caridade realizava concorrida reunião solene para dar posse a sua nova Diretoria, que teria mandato de 1939-1940, ocasião em que fora escolhido para a Presidência o saudoso confrade Bady Elias Curi, mais tarde presidente da União Espírita Mineira.

Muitos companheiros queridos, abrilhantando a solenidade, inclusive a simpática e querida figura do professor Cícero Pereira, na época presidente da Casa Mater de Minas, distinguido com o convite para presidir o ato solene.

Geraldo Benício Rocha, que integrava o Grupo Meimei, de Pedro Leopoldo, fora escolhido 1º secretário da Diretoria que se empossava.

Entre os convidados, a figura querida de todos de um jovem de 29 anos de idade, escondendo-se na sua modéstia, ocultando-se na sua humildade. O

seu nome: Francisco Cândido Xavier, nosso querido companheiro, hoje residindo em Uberaba, desde 1959.

A certa altura da brilhante solenidade, que teve expressivo concurso do presidente empossado, Bady Elias Curi, a assistência, em silêncio, concentra-se para que o moço Chico Xavier, com o lápis entre os dedos e laudas de papel diante de si, aguarde a presença, pela psicografia, dos amigos espirituais.

Geraldo Rocha, redigindo a ata, registra no livro próprio as seguintes palavras: Dos momentos que se seguiram à palavra de Bady Curi, que, ainda uma vez, dirigiu-se à assistência, convidando-a à prece, para que o médium Francisco Cândido Xavier, pioneiro da propagação evangélica no Brasil, já pelas obras extraordinárias e incomparáveis faculdades, como ainda pela bondade de seu coração, devotamento, honestidade e humildade insuperáveis, entrasse em comunicação com a alma de luz, que é o seu guia espiritual Emmanuel, que nos trouxe, com a afluência das fontes cristalinas do seu saber, do seu amor e da sua cultura, o que transcrevo:

ESPÍRITAS, UNAMO-NOS!...



2. Meus amigos, que o Cordeiro de Deus vos encha o coração de muita paz! De boa vontade e acorrendo como sempre aos eventos promissores da Doutrina, aqui nos achamos de modo a vos trazer o nosso testemunho de fraternidade constante.

Nesse momento, realizais o início de uma nova etapa evolutiva, nesta casa de amor fraternal, onde os postulados sublimes do Espiritismo constituem o objetivo sagrado das atividades de todos os corações.

Não aproveitaremos o ensejo para palestras filosóficas ou doutrinárias, mas procuraremos aplicar o momento fugaz na exaltação da fraternidade que os deverá reunir os esforços no mesmo tempo de realização e de luta.

Trazendo-vos o coeficiente modesto de nossas energias espirituais, desejamos encarecer entre vós outros a necessidade de união e concórdia, a fim de levarmos a bom termo a nossa missão divina, ante o coração augusto d'Aquele que, do Alto, vela constantemente pelos vossos destinos.

Os núcleos doutrinários devem florescer por toda parte, de modo a efetivarmos os mais belos movimentos de assistência ao espírito coletivo, contudo, temos de imprimir ao nosso labor o mais alto sentido educativo, na realização da verdadeira fraternidade e da solidariedade real, à luz sacrossanta do Evangelho.

É certo que vivemos uma época aguda e difícil. As vibrações antagônicas são objeto de angústia no próprio lar, em cujo instituto divino necessitais erigir a concórdia e a paz inalterável.

Por todos os recantos a luta ressurgue fragorosamente. Não buscaremos senão na solidariedade plena o recurso de nossa estabilidade, num campo como o da atualidade, onde quase todas as forças periclitam.

Minhas palavras destinam-se tão somente a utilizar o nosso momento familiar nesta casa, comemorando a elevação dos novos amigos aos postos de responsabilidade relevante, com um voto de louvor aos

laços fraternos que deverão reunir todos os nossos esforços dentro da claridade profunda dos postulados evangélicos.

Se o homem desesperado dos tempos modernos é convocado às lutas acerbadas, que não diremos do discípulo do Senhor, compelido ao testemunho da fé viva?

De vós, como de nós outros, operários da mesma oficina, sem a indumentária carnal, espera o Divino Mestre as provas mais amplas de devotamento e de coragem. Não bastará estudarmos, é preciso sentir. Não bastará doutrinar com os bens intelectivos. É necessário evangelizar com os mais altos testemunhos do coração. O que retarda a marcha são as vibrações antagônicas e esterilizadoras.

Faz-se mister abraçarmos uns aos outros com amor, como irmãos muito caros que se levantam no mesmo instante das fraquezas iguais. Com amor e humildade, com fraternidade e com fé realizaremos a edificação de nós mesmos nos mais elevados testemunhos de compreensão do Cristo. Não desconhecemos que existem no Espaço, nas Esferas mais próximas dos ambientes terrestres, os grandes agrupamentos da sombra que se movimentam, muitas vezes, com êxito para anular todos os trabalhos da Luz. Mas será possível que venhamos a ceder inermes, ante as energias contrárias, que nos assediam os esforços? Não podemos crer na sombra, mas no poder de iluminação do Divino Mestre. Cremos na Luz, no amor vitorioso, na caridade que regenera e que absolve.

Tomando por objeto de minhas palavras essas legendas profundas, eu rogo a Deus que faça de todos nós, encarnados e desencarnados, operários irmãos e trabalhadores devotados.

Cada vez que sentirdes o desânimo a penetrar a consciência, em cada instante que atentardes mais para os outros que para vós mesmos, lembremo-nos que uma força de sombra está se aproximando. O Espiritismo é a nossa luz. Brilhemos dentro dela com a coragem e o devotamento do discípulo sincero. Nossas pobres considerações desta noite, meus queridos amigos visam tão somente examinar as nossas necessidades em família. Dentro, porém de nossa fraternidade pura, eu vos compreendo a todos, sabendo contemplar em cada um uma boa fibra de companheiro.

Unamo-nos, pois, no mesmo apostolado de realização e de paz e que Deus, na sua misericórdia, ampare os queridos amigos que ascendem nesta noite a novos postos, permitindo que possam desempenhar com o mais profundo brilhantismo espiritual a tarefa para que foram chamados a desempenhar neste instituto cristão, onde as bênçãos da luz, do amor e da caridade florescem para as almas sob o divino orvalho do desvelado ama de Jesus Cristo.

.Emmanuel

3. LUZ, AMOR E CARIDADE



Que a luz floresça em obras de bonança
Neste templo de vida superior,
Trazendo a paz que acalma toda a dor
Sob os raios divinos da Esperança!

Que em tudo aqui resplenda o grande Amor
Em cujos bens o Espírito descansa
Na luminosa bem-aventurança
Que conduz às vitórias do Senhor!

Luz e Amor ensinando que em Verdade
Fora da compreensão da Caridade,
Não existe nem Paz, nem Salvação!

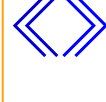
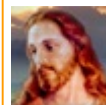
Senhor, que essa bendita trilogia,
Seja entre nós o laço da harmonia
Que esclareça e console o coração!

.João de Deus

(Mensagem e soneto psicografados pelo médium Francisco Cândido Xavier, na noite de 17 de agosto de 1939 no Centro Espírita Luz, Amor e Caridade, em Belo Horizonte, Minas Gerais, em reunião solene de posse da Diretoria do referido Centro, eleita para gestão de 1939 a 1940, sendo eleito presidente o saudoso confrade Bady Elias Curi. Os textos acham-se transcritos nas folhas 38-V e 39, do Livro de Atas das Assembleias Gerais e das Reuniões da Diretoria, iniciado em 22 de janeiro de 1933. A ata, da qual foram extraídos, foi redigida pelo 1.º secretário, Geraldo Rocha. Nas transcrições ora feitas, do livro de atas do Centro Espírita Luz, Amor e Caridade, não fizemos nenhuma alteração. Conforme verificará o leitor, respeitando a ortografia da época e o aspecto redacional da ata, com o que tributamos fidelidade aos históricos documentos, que remontam aos idos de 1939.

Tanto o trecho da ata quanto a mensagem de Emmanuel e o soneto de João de Deus, foram transcritos “ipsis verbis” para que seja conservado o mesmo sabor da época em que foram escritos [No livro digital foram efetuadas atualizações ortográficas. K. J.].

Sob o ponto de vista doutrinário-evangélico, ressaltamos, na mensagem de Emmanuel, a mesma diretriz, o mesmo equilíbrio e segurança, o mesmo pensamento Integralmente voltado para o espírito e a essência do Cristianismo, do qual tem sido fiel intérprete e fiel seguidor ao longo do tempo.)



Chico Xavier — Mandato de amor — Autores diversos — 4ª Parte

Introdução

Um trabalho de amor



Tarefa de divulgação da mensagem cristã consoladora da Doutrina Espírita, que preenche a vida do estimado e querido médium Francisco Cândido Xavier, prossegue seu caminho.

É o livro espírita descortinando horizontes mais amplos e atmosferas sempre renovadas aos limitados sentidos humanos.

Diante de programação espiritual tão delicada, a completar este ano 135 anos de codificação com Allan Kardec e 65 anos de desdobre complementar com Emmanuel/Chico Xavier, voltamos nossa atenção a todos os tarefeiros que, no plano maia direto e muitas vezes humildemente, empreendem seus melhores esforços no acompanhamento dos meandros e detalhes que medeiam a gestação de um livro espírita.

Nomeá-los um a um fugiria de nosso

objetivo de homenagem e reconhecimento, razão pela qual focalizaremos nossos comentários em torno de um representante dedicado desta classe de trabalhadores que executam e sustentam editorialmente a tarefa do médium Chico Xavier.

Forçoso lembrarmos a figura do confrade Vivaldo da Cunha Borges, trazendo a lume alguns detalhes de seu valoroso e eficaz trabalho.

Amigo constante do médium, responsabiliza-se pela diagramação da quase totalidade dos livros recebidos por Chico, desde 1975. Para tanto, mantém um trabalho de organização exemplar em seu gabinete, onde gasta grande parte do dia em abençoado labor. As mensagens, mal saídas do lápis mediúnico, lhe são entregues para a datilografia e as devidas correções. Aquelas sem título são por ele intituladas e, após o período de revisão, todas são cuidadosamente arquivadas em pastas classificadas segundo o espírito comunicante (Emmanuel, Meimei, Maria Dolores, poetas, etc.). Outras são catalogadas segundo o local onde foram recebidas, como a Fundação Marietta Gaio e outras instituições espíritas do país.

Encontramos ainda o trabalho curiosamente denominado de “garimpo”, que se consubstancia num esforço paciente de busca a mensagens antigas, psicografadas pelo médium há várias décadas, e que ainda se encontram inéditas. Elas são encontradas em diversos centros e instituições espíritas por onde Chico Xavier tenha passado e, quanto possível,

arquivadas com as adaptações adequadas à nossa época, registrando-se o local e a data em que vieram à luz.

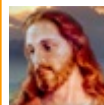
Cada uma dessas pastas de arquivo funciona qual útero abençoado, na geração de mais um livro. Quando a Espiritualidade Maior, por intermédio do médium amado, considera a oportunidade de mais uma publicação, temos a definição do novo título e o prefácio da obra surge, geralmente ditado por Emmanuel. Todo o material passa, então, à diagramação, sendo separado em novas pastas, na exata forma com que aparecerá nas livrarias.

Ao lado deste trabalho de grande cuidado e importância, assinalamos também a exaustiva tarefa de catalogação de todas as mensagens psicografadas por Francisco Cândido Xavier. Tarefa executada com esmero por nosso irmão Vivaldo. Vamos encontrá-las todas, classificadas segundo o Espírito comunicante, por ordem alfabética de seus títulos, com a indicação do livro e da respectiva página em que se encontram, ou, se for o caso, com a indicação de “inérita”.

Que os tarefeiros do livro espírita, homenageados aqui, através de nosso irmão Vivaldo da Cunha Borges, recebam a gratidão inequívoca da comunidade espírita de Minas Gerais. Isto porque um trabalho executado com tamanha dedicação e eficiência só poderá ser fruto de muito, muito amor. (...)

.Geraldo Lemos Neto

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 201, janeiro/abril de 1987. Também inserido no “Anuário Espírita de 1988”, número 25, IDE, Araras, São Paulo.)



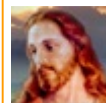
Chico Xavier — Mandato de amor — Autores diversos — 4ª Parte

Preâmbulo — Parte IV

“Não creia em salvadores que não demonstrem ações que confirmem a salvação de si mesmos.”

“Se o homicida conhecesse, de antemão, o tributo de dor que a vida lhe cobrará, preferiria não ter braços para desferir qualquer golpe.”

.Chico/Emmanuel



1

Uma entrevista com o outro mundo^N



Espírito entrevistado: Emmanuel.

1. — Já está havendo intensificação no selecionamento de Espíritos para reencarnados nestes últimos tempos, dadas as frequentes demonstrações de precocidade?

“A intensificação no trabalho seletivo de valores novos para o mundo regenerado de amanhã, na esfera da reencarnação, vem sendo levada a efeito de modo gradativo, pela Espiritualidade Superior.”

2. — Seria de melhor proveito para os Centros Espíritas o se dedicarem à elucidação das crianças, embora diminuído trabalhos de mediunismo?

“A assistência à mente infanto-juvenil, no campo do Espiritismo Cristão é serviço básico de que não deveríamos descuidar.

A educação é obra de tempo, esforço e paciência e sem que nos voltemos para a sementeira com a dedicação precisa, não alcançaremos a colheita valiosa.

Repetimos que a criança é o futuro, com a preocupação de que os princípios do bem ou do mal que inocularmos na formação do mundo infantil são vantagens ou desvantagens para nós mesmos, de vez que o porvir nos espera, de modo geral, em novas existências.

Creemos, assim, que, se necessário, a redução dos trabalhos do mediunismo, é medida de importância fundamental nas instituições do Espiritismo Evangélico, favorecendo-se maior expansão da obra de socorro espiritual à criança, na execução dos nossos programas doutrinários.”

3. — Será um mal explicar-se à criança as finalidades do mediunismo?

“O conhecimento, em qualquer de suas modalidades, deve ser dosado na distribuição que lhe diga respeito.

Dentro das possibilidades de compreensão, em cada classe de aprendizes da nossa Consoladora Doutrina, os ensinamentos rudimentares, acerca do mediunismo, são sempre úteis, ressaltando-se, porém, a necessidade de evitar-se o excesso em quaisquer atividades, nesse sentido, para não viciarmos a imaginação infantil com inutilidades ou inconveniências que redundariam em prejuízo ou perda de tempo.”

4. — É de boa orientação os encarnados

preocuparem-se mais com os seus “semelhantes” do que com os desencarnados, nas sessões práticas, através de estudos metodizados?

“Acreditamos que quando a palavra do Senhor nos induziu ao auxílio ao próximo, (v. **PARÁBOLA DO SAMARITANO**) naturalmente cogitou do “próximo mais próximo de nós”. Admitimos assim, que sem nos interessarmos fraternalmente pelo progresso e pela iluminação das nossos semelhantes, quando encarnados, dificilmente seremos amigos reais ou prestimosos companheiros para os nossos irmãos desencarnados.”

5. — Face ao crescimento das Juventudes e Mocidades Espíritas, onde cada jovem deve ter sua tarefa de serviço, não seria de bom alvitre que todos os Centros Espíritas organizassem as Escolas de Moral Cristã para as crianças?

“A escola de preparação infantil do Evangelho, nos Centros Espíritas, é um impositivo, a que não podemos fugir sem grave dano institucional para as nossas edificações doutrinárias do presente e do futuro.”

6. — À vista do conceito de que “a criança é o futuro” estará sendo eficiente, como cooperadora de JESUS, a diretoria do Centro Espírita que só se aplica em sessões mediúnicas?

“Há Centros de nosso ideal spiritista cristão que naturalmente funcionam à maneira de pronto-socorro para os sofrimentos morais

que envolvem encarnados e desencarnados e, quanto a isso, será sempre de bom alvitre ponderar a especialização de cada agrupamento de companheiros da caridade e da luz.

Entretanto, ainda que não seja de solução imediata o problema da educação infantil nos conjuntos que atendem à finalidade a que nos referimos, o assunto não deve ser considerado indevassável ou inútil, a fim de que a escola de formação evangélica da criança se materialize, junto deles, tão logo se ofereça a necessária oportunidade.”

7. — Como encararmos a criança dentro do Espiritismo Cristão?

“Cada criança que surge é nosso companheiro de luta, na mesma experiência e no mesmo plano, enquanto encarnados, cabendo-nos a obrigação de oferecermos a ele condições melhores que aquelas em que fomos recebidos, a fim de que se constitua nosso continuador sobre a Terra melhor a que retornaremos mais tarde.”

8. — Existam responsabilidades para os pais espíritas que se descuidam do encaminhamento de suas crianças no entendimento do Espiritismo com JESUS?

“Os pais são educadores responsáveis e, por isso mesmo, a primeira escola de cada criatura é o lar em que nasceu.

Os dirigentes espíritas do santuário doméstico são convocados a grandes deveres junto dos filhos que recebem, de

vez que são detentores de mais amplos conhecimentos de sublimação espiritual diante das Leis divinas.

Em razão disso, precisamos considerar em Doutrina que acima dos menores delinquentes permanecem os pais levianos e voluntariamente irresponsáveis.”

9. — É possível a renovação do mundo em que habitamos, além da reforma interior de cada um para o Bem, sem darmos à criança de hoje o embasamento Evangélico?

“Sem a renovação espiritual da criatura para o bem, jamais chegaríamos ao nível superior que nos compete alcançar.

Ajudar a criança, amparando-lhe o desenvolvimento, sob a luz de Cristo, é cooperar na construção da reforma santificante da Humanidade, na direção do mundo redimido de amanhã.”

10. — O conceito de “Espiritismo novo” é o de admitirmos que o campo da Terra nos foi individualmente dedicado e que o “lado de Lá” está afeto aos prepostos de JESUS?

“Certamente o trabalho geral é de cooperação, permuta e solidariedade, salientando-se, porém, que a maior percentagem de serviço dos encarnados está naturalmente concentrada no plano de matéria densa em que se agitam os seus semelhantes.”

11. — É oportuno o desencadeamento de insistente campanha para a transformação

do “bom médium” em “médium bom”?

“A transformação do “bom médium” em “médium bom” é serviço precioso, de vez que não vale atender a simples fenômenos, destinados a convicções da curiosidade respeitável, mas nem sempre construtiva, e sim aproveitar os valores da Doutrina e incorporá-los à nossa própria experiência, a fim de que o próximo seja mais feliz e a vida mais elevada e mais digna, ao redor de nós.

12. — O desenvolvimento da mediunidade se processa mais na corrente mediúnica ou nas ações, palavras e pensamentos de todos os minutos do médium?

“O desenvolvimento da sublimação mediúnica permanece na corrente dos pensamentos, palavras e atos do mediano da vida espiritual, quando ajustado ao ministério de fraternidade e luz que a sua tarefa implica em si mesma.”

13. — Sendo verdade que o “clima” mental do médium atrai Espíritos condizentes, bons ou maus, como agiremos diante dos médiuns que se dizem inconscientes e que dão comunicações alternadas e seguidas?

“O médium não deve perder de vista a disciplina de si próprio. A ordem é atestado de elevação.”

14. — A tese da mediunidade inconsciente estará sendo estudada e observada COM CONSCIÊNCIA pela totalidade dos médiuns que se apregoam portadores de tal mediunidade? Cabe-nos significar-lhes

nossas dúvidas ou aguardar com o tempo?

“Na esfera do mediunismo há realmente incógnita que só o esforço paciente de nossos trabalhos·conjugados no tempo conseguirão solucionar.

Incentivemos o estudo e o auxílio, dentro da solidariedade cristã, e, gradativamente, diminuiremos as múltiplas arestas que ainda impedem a nossa sintonia na execução dos serviços a que fomos chamados, porquanto o problema não deve ser examinado unilateralmente, reconhecendo-se que o serviço é de nossa responsabilidade coletiva nos círculos doutriniais.”

15. — É verdade que quando nos reunimos para estudos doutrinários e evangélicos os Guias espirituais trazem para o ambiente, Espíritos necessitados de entendimentos e, por isso, sofredores?

“Sim. Uma simples conversação evangélica pode beneficiar vasta fileira de ouvintes invisíveis.”

16. — O passe mediúnico só é possível através da incorporação ou é viável sob influenciação do Guia?

“O passe é transfusão de forças magnéticas de variado teor e pode ser administrado sob a influenciação dos desencarnados, que se devotam à caridade, sem necessidade absoluta de incorporação total na instrumentação mediúnica.”

17. — A concepção do “ide e pregai” é extensível às atividades do trabalhador que

leva aos morros e bairros pobres a ajuda material, entregue com alegria e boas palavras?

“Com os atos e as palavras que traduzam o ensinamento vivo do Cristo, o “ide e pregai” pode ser comparado ao “ide e salvareis”. Conjuguemos o ensino com a realização e estaremos expressando Jesus para a região em que vivemos.”

18. — O médium desenvolvido é aquele que se socorre mais pela inspiração ou o que se orienta exclusivamente pela comunicação?

“Preferimos responder que o médium mais apto ao serviço do bem com os grandes instrutores da vida mais alta será sempre aquele que se orienta, acima de tudo, pela prática viva do Evangelho da Redenção.”

19. — É oferecer “desencanto” às almas das crianças o levá-las em visitas aos lares pobres, quando da distribuição de auxílios?

“Não devemos impor à criança os quadros monstruosos ou infernais criados pela nossa indiferença ou pela nossa ignorância na Terra, mas o cérebro e o coração da infância podem ser singularmente auxiliados pela visão gradativa dos problemas enormes que a aguardam no futuro, na esfera do sofrimento humano.”

20. — Em razão do constante crescimento das hostes spiritistas, o que é visível em superfície, é de boa lógica cuidarmos desde já da 2ª linha — as crianças — para

que elas nos substituam, porém, crescidas em profundidade?

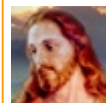
“Amparemos a inteligência infantil, a fim de que o coração da Humanidade fulgure com o Cristo, no porvir sublimado do mundo de amanhã. O Espiritismo, como renascença do evangelismo, é a nova aurora da redenção humana. Em suas luzes divinas, a criança pode e deve receber o glorioso roteiro de nossa ascensão para a vida superior.”

.Emmanuel

.Isaltino da Silveira Filho

(Entrevista concedida em Pedro Leopoldo. Publicada no jornal “Seara Juvenil”, em setembro de 1951. Distribuída pelo Centro Espírita Ivon Costa. Reeditada pelo Instituto Maria, Depto. Editorial, Juiz de Fora, em forma de livreto, em 15 de abril de 1987.)

[1] [Esta entrevista de Isaltino da Silveira Filho ao médium F. C. Xavier, foi publicado em [OPÚSCULO](#) pelo CENTRO ESPÍRITA “IVON COSTA”, com o título “**Palpitante entrevista como Outro Mundo**” e pela data de edição (09-1951) é historicamente o primeiro da série “OPÚSCULOS” desta compilação.]



2

Entrevista do médium Chico Xavier

[Sobre detalhes de sua vida pessoal]



Há cerca de dois anos, alguns repórteres de renomada revista brasileira, hoje ausente de circulação, vieram a Uberaba exclusivamente para ouvir os médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira. Ambos, mediante a apresentação de perguntas por escrito, forneceram as respectivas respostas. Alguns meses depois, uma reportagem saía sobre o médium de “Parnaso de Além Túmulo”, porém, inteiramente alterada, veiculando notícias e abordando fatos aos quais os médiuns absolutamente não se referiram.

Na ocasião, o diretor da Exposição Espírita Permanente solicitou cópias das aludidas entrevistas e, graças a isso, os leitores poderão tomar conhecimento do conteúdo das mesmas.

Eis, na íntegra, essa documentação que se

reveste de profundo interesse para nós, os espíritas do Brasil:

1. Pergunta — Qual a situação do Espiritismo no momento, no Brasil e no mundo?

Resposta — O Espiritismo no Brasil é o Cristianismo Redivivo. Religião é ação de Nosso Senhor Jesus Cristo, através das explicações de Allan Kardec, junto do povo e com o povo, ensinando-nos com os princípios da evolução e da reencarnação, da fraternidade e da justiça, que todos somos responsáveis pelos próprios atos e que as leis divinas funcionam na Terra ou em outros mundos, nos mecanismos da consciência de cada um. Os benfeitores desencarnados esperam que essa noção fundamental do Espiritismo no Brasil alcance as múltiplas escolas do Espiritismo, existentes em outros países.

2. Pergunta — Relacione nomes dos médiuns que considera como os que mais trabalham.

Resposta — Admiramos profundamente todos os companheiros da mediunidade que respeitam as funções em que foram situados pelas exigências da construção espírita-cristã.

3. Pergunta — Qual a sua missão pessoal?

Resposta — Sinto-me na maravilhosa máquina do serviço espírita, à feição de insignificante peça de emergência, precisando repelões e consertos constantes pelas imperfeições que traz.

4. Pergunta — Qual a sua obrigação para com a sociedade?

Resposta — O dever comum de servir na medida de nossas possibilidades.

5. Pergunta — E para com o Espiritismo?

Resposta — Corrigir meus defeitos e fazer aos outros o que desejo para mim mesmo.

6. Pergunta — Acredita na regeneração?

Resposta — Sim.

7. Pergunta — E no arrependimento?

Resposta — Também.

8. Pergunta — A velhice o preocupa?

Resposta — Não.

9. Pergunta — Seu ritmo de trabalho diminuiu ou aumentou em relação aos anos anteriores?

Resposta — Nem mais, nem menos.

10. Pergunta — Considera-se cansado?

Resposta — Não.

11. Pergunta — O tempo o modificou?

Resposta — cremos que, em matéria de compreensão e experiência, todos nos assemelhamos aos frutos que o tempo vai amadurecendo a pouco e pouco.

12. Pergunta — Acha-se mais lúcido?

Resposta — Quanto mais os bons espíritos escrevem por meu intermédio, fazendo luz, mais reconheço a extensão de minha ignorância pessoal.

13. Pergunta — Está mais triste ou desiludido?

Resposta — Depois de meio século em minha atual reencarnação, sinto-me mais

alegre e otimista.

14. Pergunta — Ama a vida?

Resposta — Como não? A vida é a Presença Divina em toda a parte.

15. Pergunta — Como encara a morte?

Resposta — Mudança completa de casa, sem mudança essencial da pessoa.

16. Pergunta — Seus últimos trabalhos de psicografia são mais importantes do que os anteriores?

Resposta — Os livros produzidos mediunicamente por meu intermédio pertencem aos autores desencarnados e o julgamento em torno deles, a meu ver, é função do público e não minha.

17. Pergunta — Defina, por favor, o que é um médium, o que é psicografia, e como explica a existência de Deus.

Resposta — Acreditamos que para melhores esclarecimentos sobre médiuns e mediunidade, as obras de Allan Kardec devem ser consultadas e estudadas. Com todo o nosso respeito aos entrevistadores, devemos dizer que solicitar de nós uma explicação sobre Deus é o mesmo que pedir a um verme para que se pronuncie quanto à glória e à natureza do sol, embora o verme, se pudesse falar, diria com toda certeza da veneração e do amor que consagra ao sol que lhe garante a vida.

18. Pergunta — A cultura é essencial para uma pessoa ser médium?

Resposta — A mediunidade pode

manifestar-se através da pessoa absolutamente inculta, mas os bons espíritos são de parecer que todos os médiuns são chamados a estudar, a fim de servirem com mais segurança.

19. Pergunta — Pretende atingir novos objetivos? Quais seriam eles?

Resposta — Grande misericórdia me fará a Providência Divina permitindo-me a possibilidade de continuar trabalhando e aprendendo.

20. Pergunta — Por que mudou-se de Pedro Leopoldo?

Resposta — Motivo de saúde.

21. Pergunta — Por que escolheu Uberaba para residir?

Resposta — Os benfeitores espirituais me auxiliaram a escolher o clima e o ambiente de Uberaba, como sendo, até agora, os mais adequados à minha saúde física e trabalho espiritual.

22. Pergunta — Acha que o povo de Uberaba o recebe bem?

Resposta — Tenho recebido da generosidade uberabense demonstrações de estima e apreço que nunca mereci.

23. Pergunta — Pretende mudar-se outra vez?

Resposta — Subordino o futuro aos desígnios da Vida Superior.

24. Pergunta — Quanto ganha atualmente? Tem um emprego? Onde? Teve promoções neste emprego? O que acha de seus colegas de

trabalho? Quais são suas funções exatas neste trabalho?

Resposta — Aposentei-me no Serviço Público Federal, na condição de escriturário, nível 8, em janeiro de 1961, por incapacidade física, depois de haver completado a quota de trinta anos de serviço.

25. Pergunta — Tem carro?

Resposta — Não.

26. Pergunta — Quantos empregados?

Resposta — Nunca os tive.

27. Pergunta — Como está seu estado de saúde?

Resposta — Sempre relativamente bem, de acordo com a bênção de Deus, exceção natural dos olhos, que os tenho enfermos há muito tempo.

28. Pergunta — Sente-se forte?

Resposta — Às vezes.

29. Pergunta — Com o mesmo entusiasmo de sempre?

Resposta — Sim.

30. Pergunta — Com quem faz tratamento dos olhos?

Resposta — Médicos distintos e humanitários, tanto quanto benfeitores espirituais incansáveis, há mais de vinte anos, auxiliam-me a conservar o resto da visão física que possuo.

31. Pergunta — Já estive em hospitais?

Resposta — Não para tratamento dos olhos.

32. Pergunta — Fez operações dos olhos?

Resposta — Não.

33. Pergunta — Sente dores?

Resposta — Comumente.

34. Pergunta — Enxerga com dificuldade?

Resposta — Sim.

35. Pergunta — Espera curar-se?

Resposta — Do ponto-de-vista orgânico, recebo minha antiga enfermidade do corpo como sendo débito de outras encarnações, que devo pagar com paciência.

36. Pergunta — O tratamento é rigoroso?

Resposta — Rigoroso e constante.

37. Pergunta — Quais os remédios que toma?

Resposta — Diversos para o sustento dos olhos.

38. Pergunta — A cegueira seria uma tragédia?

Resposta — Seria uma provação, sem ser uma tragédia.

39. Pergunta — Diga um exemplo de algo que o faça sofrer.

Resposta — Ofender ou prejudicar alguém.

40. Pergunta — Chora habitualmente?

Resposta — Não sei de alguém na Terra que não tenha chorado alguma vez.

41. Pergunta — Prefere a solidão?

Resposta — A solidão é boa somente para refletir, porque, sem dúvida, fomos

criados para viver uns com os outros.

42. Pergunta - Gosta de animais?

Resposta — Sim.

43. Pergunta - Como cidadão, o que acha da atual situação social do Brasil?

Resposta — Creio profundamente na segurança e na felicidade do nosso país.

44. Pergunta - Diga o nome dos políticos em quem confia.

Resposta — Estou convencido de que todos os políticos, sejam eles quais forem, merecem o nosso respeito e a nossa cooperação para serem, para nós, aquilo que nós esperamos deles.

45. Pergunta - Dos candidatos à Presidência da República que se apresentaram qual o que prefere?

Resposta — Roguemos a Jesus nos conceda governantes sempre progressistas e leais ao bem de todos.

46. Pergunta - É preciso acabar com a pobreza?

Resposta — Sim, pela riqueza do trabalho honesto que devemos cultivar indistintamente.

47. Pergunta - As reformas devem ser urgentes?

Resposta — Em matéria de reformas, os benfeitores espirituais me ensinam que não devo esquecer primeiramente as que se referem à melhoria de mim mesmo.

48. Pergunta - A revolução pode ser evitada?

Resposta — A revolução em que acredito é

aquela ensinada por Nosso Senhor Jesus Cristo, que começa pela corrigenda de cada um, na base do “façamos aos outros aquilo que desejamos que os outros nos façam”. (LC)

49. Pergunta - Condena o racismo?

Resposta — Todos somos irmãos perante Deus, guardadas as posições que o merecimento real em serviço e cultura conferem a cada um.

50. Pergunta - O socialismo traz benefícios?

Resposta — Creio nos benefícios da fraternidade sentida, admitida e praticada que Jesus nos ensinou e exemplificou.

51. Pergunta - É a favor da promoção da classe operária?

Resposta — Todos somos operários da vida e creio que a bondade de Deus faz diariamente a promoção do trabalho para quem o procura, coroando de bênção o esforço honesto de toda pessoa, sem distinção de credos ou de atribuições, que busque realmente servir.

52. Pergunta - Qual a contribuição do marxismo para a civilização?

Resposta — Faltam-me quaisquer estudos sobre o marxismo.

53. Pergunta - Onde passa as férias?

Resposta — Dizem que os aposentados estão em férias permanentes, mas prossigo trabalhando nas tarefas espíritas com o entusiasmo de sempre.

54. Pergunta - Gosta de fazendas?

Resposta — Sim.

55. Pergunta - E de praias?

Resposta — Sim.

56. Pergunta - Viaja de quê?

Resposta — Preferentemente de ônibus.

57. Pergunta - Sozinho?

Resposta — Sim, quando não tenho a felicidade de viajar com os amigos.

58. Pergunta - Quando tem férias?

Resposta — De raro em raro, consigo uns dias de relativo repouso físico para refazimento.

59. Pergunta - Durante quanto tempo?

Resposta — Nunca mais de uns vinte dias por ano.

60. Pergunta - Pratica algum esporte?

Resposta — Sim, exercício a pé.

61. Pergunta - Como recebe os ataques que lhe são feitos?

Resposta — Como avisos preciosos contra as imperfeições que carrego.

62. Pergunta - Acredita que tenha inimigos?

Resposta — Acredito que tenho amigos que ficaram diferentes quando reconheceram que não sou a pessoa ideal que eles julgavam que eu fosse.

63. Pergunta - Gosta de literatura?

Resposta — Sim.

64. Pergunta - Quais seus escritores preferidos?

Resposta — Admiro todos os escritores bastante corajosos para esquecerem as conveniências pessoais, procurando escrever em auxílio real dos seus leitores.

65. Pergunta - Gosta de pintura?

Resposta — Sim.

66. Pergunta - Quais seus pintores preferidos?

Resposta — Minha deficiência ocular nunca me permitiu qualquer estudo especial acerca de pintura, embora tenha o prazer de respeitar os bons quadros e admirá-los.

67. Pergunta - Gosta de cinema?

Resposta — Sim.

68. Pergunta - Qual o gênero de filmes?

Resposta — Filmes que nos façam sentir melhores.

69. Pergunta - Acha que o cinema tem o direito de alterar a realidade?

Resposta — Sim, quando se trata da educação do sentimento popular, pois não acredito que Deus nos conduza a conhecer a realidade para rebaixar-nos.

70. Pergunta - Cite artistas de que goste.

Resposta — Respeito todos os artistas que auxiliam o povo a pensar e a agir para o bem comum.

71. Pergunta - O cinema orienta a juventude ou é prejudicial a ela?

Resposta — O cinema é instrumento da educação, dependendo das diretrizes daqueles que o manejam.

72. Pergunta - Ouve música?

Resposta — Tanto quanto possível.

73. Pergunta - Quais os compositores que prefere?

Resposta — Dos antigos, admiro profundamente Beethoven e Mendelssohn, sem esquecer o amor que consagramos aos compositores nossos, como sejam Villa-Lobos e, na música popular, o nosso inesquecível Noel Rosa.

74. Pergunta - E jornais?

Resposta — Procuro os jornais que me ajudem a equilibrar o espírito e melhorar o sentimento.

75. Pergunta - Lê as colunas políticas?

Resposta — Somente para efeito de informação.

76. Pergunta - Descreva, por favor, como passa o dia.

Resposta — Meu dia é demasiadamente vulgar para ser descrito.

77. Pergunta - A que horas levanta?

Resposta — Sete.

78. Pergunta - O que faz de manhã?

Resposta — Trabalho com os amigos espirituais, seja psicografando ou revendo com eles as páginas de autoria deles mesmos, sempre com a assistência de Emmanuel, o instrutor espiritual que me

orienta as faculdades mediúnicas, desde 1931.

79. Pergunta - A que horas almoça?

Resposta — Meio-dia.

80. Pergunta - O que come habitualmente?

Resposta — Refeição comum do interior brasileiro.

81. Pergunta - Quais os seus pratos preferidos?

Resposta — Não tenho predileções.

82. Pergunta - O que bebe?

Resposta — Água.

83. Pergunta - Dorme depois do almoço?

Resposta — Não.

85. Pergunta - Gosta de doces?

Resposta — Sim.

86. Pergunta - E de café?

Resposta — Sim.

87. Pergunta - Fuma?

Resposta — Não.

88. Pergunta - O que faz à tarde?

Resposta — Nas horas da tarde, além do tratamento ocular, atualmente ocupo-me de correspondência usual, de datilografia das páginas escritas pelos benfeitores espirituais por meu intermédio, sob a orientação deles, à exceção dos domingos que dedico ao trabalho de correspondência mais íntima.

89. Pergunta - Toma lanche?

Resposta — Raramente.

90. Pergunta - A que horas é o seu jantar?

Resposta — Depois dos quarenta, deixei o hábito de jantar.

91. Pergunta - Faz algum regime?

Resposta — Os amigos espirituais ensinam que devemos comer só para viver, entretanto, estou aprendendo a lição vagarosamente.

92. Pergunta - Com quem faz refeições?

Resposta — Com as pessoas amigas, de cuja companhia possa dispor.

93. Pergunta - O que faz à noite?

Resposta — Nas noites de segundas, sextas-feiras e sábados, estou em contato com o público, nas reuniões da Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, habitualmente das dezenove horas até a madrugada. Nas noites de quartas-feiras, coopero nas reuniões íntimas de desobsessão na mesma organização espírita a que me referi. Nas noites de terças e quintas-feiras, trabalho com Emmanuel e outros orientadores espirituais na formação de livros mediúnicos, e nas noites de domingo faço uma pausa, para estudar os assuntos gerais da semana ou descansar os olhos da atividade intensiva.

94. Pergunta - A que horas se deita?

Resposta — Nunca me deito antes das duas

da madrugada.

95. Pergunta - Dorme tranquilo?

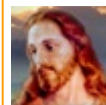
Resposta — Sim.

96. Pergunta - Tem sonhos?

Resposta — Graças a Deus que todos temos neste mundo a felicidade de sonhar. Creio que Deus, em sua infinita bondade nos reservou o sonho como sendo um direito de toda criatura, no qual nenhuma outra criatura consegue interferir.

.Chico Xavier

(Uberaba, 15 de fevereiro de 1964. Fonte. “O Espírita Mineiro”, número 123, janeiro/fevereiro de 1967.)



3

Evangelização da criança



(Perguntas elaboradas pelo Depto. de Evangelização da Criança de Juiz de Fora. Respostas fornecidas pelo Dr. Bezerra de Menezes, através do médium Francisco Cândido Xavier, em Uberaba, na noite de 10 de novembro de 1964.)

1. Pergunta — Qual é o valor espiritual de uma Escola Espírita de Evangelização (E.E.E.) em instituição espírita?

Resposta — “Filhos, Jesus nos abençoe. Vinculemos propósitos e tarefas às raízes kardequianas que nos presidem esforços e manifestações. Da importância de uma Escola Espírita de Evangelização para crianças falaram, positivamente, os instrutores de Allan Kardec, em lhes respondendo à questão 383, de “O Livro dos Espíritos”, quando assim se expressaram, em torno do estado de infância: “Encarnado, com o objetivo de se aperfeiçoar, o espírito, durante esse

período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.” Meditemos no assunto que foi objeto da melhor atenção do Codificador, nas primeiras horas da Doutrina Espírita.

2. Pergunta — Que diz da existência, no lar, de E.E.E.? E da administração de aulas para crianças, num Centro Espírita, no Posto mediúnico? (A existência de um grupo espírita para fins mediúnicos, num lar, sabemos prejudicar a atmosfera psíquica.)

Resposta — “Consideramos que o culto do Evangelho em casa pode funcionar em apoio da Escola Espírita de Evangelização, sob amparo e supervisão dos pais que, a rigor, são os primeiros orientadores dos filhinhos. Somos de opinião que o recinto de evangelização pública, num templo espírita, é sempre o lugar mais adequado à evangelização da criança, porquanto semelhante cenáculo do pão espiritual guarda consigo a natureza da escola”

3. Pergunta — O Espiritismo e a ciência se completam reciprocamente: (Kardec, Gênese, página 20). “É preciso *psicologizar* a educação”. (Pestalozzi) Temos nos esforçado para estudar e transmitir aos orientadores (professores de E.E.E.) noções de Psicologia, Pedagogia e Didática. Perguntamos: para o nosso caso, devemos considerar estes estudos como indispensáveis? Úteis? Desnecessários? Prejudiciais?

Resposta — “Admitimos com a lógica que esses estudos são indispensáveis a quantos esposaram de maneira específica o trabalho

do ensino, e positivamente úteis a nós todos, os espíritos desencarnados e encarnados, entregues ao serviço de educação de nós mesmos, a fim de que possamos mais profundamente auxiliar e educar.”

4. Pergunta — A Psicologia autoriza sejam adotadas histórias de animais, vegetais e coisas inanimadas que “falam”, etc., para a faixa de idade chamada fase da fantasia (até os 6 anos, aproximadamente). Perguntamos: a) Nas E.E.E., o emprego deste recurso psicológico é perfeitamente justo? b) ou nas E.E.E., embora características psicológicas justifiquem, este recurso deve ser evitado?

Resposta — “Cremos que os orientadores espíritas das Escolas Espíritas de Evangelização devem efetuar rigorosa triagem nos recursos mentais que serão administrados à criança, suprimindo quaisquer apontamentos tendentes a acalantar fanatismo ou superstição no ânimo infantil. Nesse aspecto do assunto, as ficções compreensíveis e naturais na chamada fase da fantasia exigem a seleção necessária, entendendo-se que é sempre aconselhável fornecer a realidade ao espírito da criança, na dose adequada às circunstâncias. Não podemos esquecer que é necessário preparar os pais e mães, mentores e servidores de amanhã para a fé raciocinada que a Doutrina Espírita preconiza.”

5. Pergunta — Estamos com o objetivo de, nas E.E.E., programar atividades de trabalho compatíveis para crianças de até 11, 12 anos, mas estamos achando difícil. Será conveniente insistir?

Haverá meios de se contornar as dificuldades psicológicas?

Resposta — “Estudo e trabalho são apoios indispensáveis à educação e que todos nós, criaturas em evolução e regeneração, precisamos receber, desde cedo.”

6. Pergunta — Há certas histórias muito bem engendradas e atraentes, portadoras de belas mensagens educativas, mas que, em certos trechos do enredo, ou mesmo no desfecho (“A galinha ruiva”, por exemplo), são absurdos ou anti-cristãos. Podem ser ministradas “ipsis literis”, embora se expliquem os erros depois? Podem ser ministradas desde que se acrescentem fórmulas cristãs, respeitando-lhes o enredo? Podem ser ministradas se o enredo ou desfecho for adaptado?

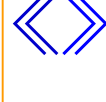
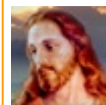
Resposta — “Em matéria de alimento espiritual, é nosso dever sustentar a limpeza dos recursos em serviço. Na refeição comum, determinado prato serve e não serve. Os orientadores espíritas dispõem fartamente de provisões edificantes para a instrução dos pequeninos, sem necessidade de recorrer a elementos outros, incompatíveis com a obra de elevação que abraçaram.”

7. Pergunta — Será que uma E.E.E. de uma entidade espírita corre o risco de prejudicar demais a formação do caráter das crianças, se os orientadores deixarem de observar para consigo mesmos certos requisitos como: cumprimento de horários, preparação criteriosa das aulas, assiduidade, etc.?

Resposta — “Perfeitamente. A primeira cartilha da criança, na escola da vida, é o exemplo dos adultos que a cercam.”

.Emmanuel

(Transcrita da Revista “O Médium”, janeiro de 1965,
Juiz de Fora, MG. Fonte: “O Espírita Mineiro”,
números 111/112, abril /maio de 1965.)



4

D. Carmem Pena Perácio fala sobre o Chico



("O Espírita Mineiro" entrevistou em 1967 a Sra. Carmem Pena Perácio, veneranda senhora que orientou os primeiros contatos de Chico Xavier com o serviço mediúnico.)

Uma palavra deveria se fazer ouvir neste aniversário de mediunidade de Francisco Cândido Xavier: a de D. Carmem Pena Perácio, veneranda mulher que orientou os primeiros passos do médium em seu trabalho, juntamente com seu esposo, Sr. José Hermínio Perácio, recentemente desencarnado.

"O Espírita Mineiro" esteve em sua residência, no Bairro Sagrada Família, Rua Genoveva de Souza, 864, com objetivo de colher-lhe as impressões tão valiosas para esta nossa edição comemorativa, tendo sido fraternalmente recebido.

D. Carmem, cuja vivacidade espiritual

causou-nos a maior admiração, colocou-se inteiramente à vontade, respondendo a todas as perguntas que lhe formulamos.

Eis, a seguir, o resultado de nossa entrevista com a dedicada servidora do Espiritismo, à luz do Evangelho Redentor:

1) E.M. — Poderia dizer-nos alguma coisa quanto aos motivos da aproximação de Chico da Doutrina dos Espíritos?

Resposta — Pois não! Em maio de 1927, adoeceu em Pedro Leopoldo uma irmã de Chico, atingida por violenta obsessão que, à época, foi considerada como loucura. Meu companheiro, José Hermínio Perácio, atendendo a pedido do Sr. João Cândido Xavier, pai de Chico, que desejava ver sua filha curada, foi a Pedro Leopoldo ver a enferma.

2) E.M. — Onde residia a senhora na época?

Resposta — Morávamos na Fazenda Maquiné, município de Curvelo, para onde a doente foi levada por meu marido, que era médium curador. Na Fazenda Maquiné, com o auxílio de nossos protetores espirituais, sob a misericórdia do Infinito, ela obteve grandes melhoras, restabelecendo-se muito depressa.

3) E.M. — Estava presente à reunião em que Chico recebeu a primeira mensagem do plano espiritual? Como se iniciou Chico na mediunidade, no desdobrar dos acontecimentos a que a senhora se refere?

Resposta — Na segunda quinzena de junho de 1927, meu marido e eu acompanhamos a irmã de Chico a Pedro Leopoldo, com a

alegria de restituí-la ao lar, curada da obsessão da qual fora acometida. Ali demoramo-nos por alguns dias. Compreendemos, então, que os nossos irmãos em Pedro Leopoldo necessitavam de um grupo espírita evangélico. Meu esposo e eu, com alguns companheiros, fundamos o Centro Espírita Luiz Gonzaga, que funciona até hoje. Lembro-me de que na sessão pública de 8 de julho de 1927, o Centro funcionava numa residência particular, ouvi um amigo espiritual aconselhando que Chico tomasse do lápis, a fim de experimentar a psicografia. Transmiti a recomendação e Chico obedeceu imediatamente, recebendo de maneira muito rápida várias mensagens, que foram assinadas por um benfeitor do Alto. Ficamos todos muito contentes com o fato, sendo que, daí a dois dias, voltávamos para nossa casa de Maquiné. Chico acompanhou-nos para ficar em nossa companhia durante alguns dias na fazenda e, aí, na primeira reunião mediúnica que efetuamos, após a chegada, no momento das orações, com aquela humildade que sempre o acompanhou, perguntou-nos se podia fazer parte em nossas preces, o que, naturalmente, foi permitido, com muita alegria para mim e para o meu companheiro.

4) E.M. — Que aconteceu de novo, então?

Resposta — Durante a reunião, enquanto estávamos pedindo, em oração ao Senhor, pela conservação da melhora de nossa irmã, ouvi uma voz suave, doce, tão

cativante, que logo reconheci não pertencer a qualquer criatura encarnada. A voz declarava ser “Emmanuel”, amigo espiritual de Chico. Depois de ouvi-lo, surgiu em minha visão mediúnica uma bela entidade, com vestes sacerdotais e apresentando uma aura tão brilhante que, através da luz que irradiava, eu podia ver seu rosto calmo, tranquilo e sorridente. Depois de identificar-se como sendo amigo espiritual do jovem ali presente conosco, recomendou-me: “Irmã, fale ao Chico para tomar do lápis e papel”. Imediatamente, providenciamos a busca deste material, sob forte emoção. Alguns instantes depois, Chico passou a receber uma mensagem. Terminada a psicografia, vimos que a mensagem orientava a continuação do tratamento de nossa irmã e era assinada por sua mãe, Maria João de Deus, que tantas vezes lhe aparecera através de sua vidência mediúnica.

5) E.M. — Como receberam este acontecimento?

Resposta — Com muita alegria, porque em seus dizeres maravilhosos, tais páginas traziam sadios conselhos para todos nós, os necessitados de amparo espiritual, com instruções muito importantes para a doente, que fora recuperada, para mim que também me achava no início do desenvolvimento mediúnico, para meu marido e para Chico, a quem a mensagem incentivava as tarefas curativas, na aplicação dos fluidos magnéticos que possuía em benefício dos sofredores.

6) E.M. — Quer dizer, D. Carmem, que a senhora identificou a presença de Emmanuel junto de Chico, antes dele mesmo?

Resposta — Sim. Nosso caro Chico somente passou a percebê-lo, mediunicamente, quatro anos mais tarde, em 1931.

7) E.M. — A senhora pode explicar a razão disto?

Resposta — Amigos espirituais me disseram, por várias vezes, que ele acompanhava Chico, de muito perto, desde a infância e que, ainda depois de seus primeiros passos na mediunidade, ele, Emmanuel, o observava e protegia, deixando que outros amigos desencarnados lhe exercitassem a mediunidade escrevente, antes que ele pudesse começar com de a grande tarefa dos livros psicografados.

8) E.M. — Com respeito à tarefa dos livros mediúnicos, a senhora observou mais alguma coisa?

Resposta — Sim. Numa de nossas reuniões, nos primeiros tempos do Centro Espírita Luiz Gonzaga, em Pedro Leopoldo, me foi mostrado um quadro fluídico que, na época, nenhum de nós entendeu. Mediunicamente, vi que do teto estava “chovendo livros” sobre a cabeça de Chico e sobre todo o grupo. Mais tarde, quando Foi publicado o “Parnaso de Além Túmulo”, vim a saber, através de um Espírito amigo, que a visão fora criada por Emmanuel, que desejava avisar-nos, simbolicamente, quanto à missão que Chico viria a desempenhar, recebendo

livros do plano espiritual. Posso dizer que o quadro da “chuva de livros” foi maravilhoso. Decorridos quase quarenta anos, guardo-o ainda em minha memória, como se tudo tivesse acontecido ontem!

9) E.M. — A senhora e seu esposo continuaram na fazenda de Maquiné?

Resposta — Pouco tempo depois de maio de 1927, recebemos conselhos dos amigos espirituais para transferirmos residência para Pedro Leopoldo, pois com a presença do meu companheiro o desenvolvimento do nosso estimado Chico se faria com maior facilidade. Sempre dedicamos a Chico especial afeição e, assim, nos foi muito agradável a mudança da fazenda de Maquiné para Pedro Leopoldo, onde continuamos sob as ordens de nossos guias. Além de nossas sessões habituais no Centro, reuníamos meu marido, Chico e eu. Depois de muitas mensagens familiares e íntimas, Chico começou a receber poesias comoventes e lindas, assinadas por poetas que não conhecíamos, nem mesmo de nome. Havia noite em que até mesmo três poesias eram psicografadas. Já possuíamos bastante material, quando meu companheiro sugeriu a Chico que escrevesse ao Sr. Manuel Quintão, naquele tempo diretor da Federação Espírita Brasileira, explicando o que estava acontecendo e pedindo orientação.

10) E.M. — Quintão respondeu logo?

Resposta — Imediatamente. Disse-nos, em

carta a Chico, que havia lido as poesias que ele enviara. Pedia a remessa de outras mensagens que tivéssemos em mãos e comunicava-nos que a Federação providenciaria a publicação de um livro, surgindo, então, o “Parnaso de Além Túmulo”. O Sr. Manuel Quintão deu-nos grande estímulo.

11) E.M. — E depois?

Resposta — Depois vieram outras mensagens maravilhosas, de outros Espíritos. Vários companheiros encarnados, entre eles meu marido, e Juquinha, se devotaram, então, com mais ardor pela cristã. em consolidação das tarefas do Centro Espírita Luiz Gonzaga, que merecia, cada vez mais, nossas atenções.

12) E.M. — Ficaram muito tempo em Pedro Leopoldo?

Resposta — Seis anos. De 1928 a 1934. Premidos por necessidades materiais, mudamo-nos para Belo Horizonte, onde estamos até hoje, ficando como presidente do Centro, naquela época, José Cândido Xavier, irmão de Chico.

13) E.M. — Conte-nos algo de que se lembra, relativamente à presença de Chico nas reuniões.

Resposta — Além das mensagens que nos instruíam e confortavam tanto, inúmeras vezes éramos surpreendidos por fatos interessantes, como pétalas que caíam do teto junto a nós e perfume de rosas no ambiente.

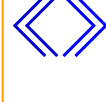
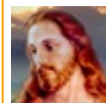
14) E.M. — Como a irmã recorda aqueles dias que já se vão tão longe?

Resposta — Com muita emoção e saudade! São quarenta anos que se foram, e aqueles dias maravilhosos jamais poderão ser esquecidos. De joelhos, peço sempre ao nosso Pai de Amor cada vez mais luzes e forças espirituais para o nosso bondoso Chico. (...)

.José Martins Peralva Sobrinho

Belo Horizonte. 9 de junho de 1967.

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 125, julho de 1967, Edição Especial.)



5

A palavra do médium

Quarenta anos de mediunidade 1967



“Estes quarenta anos de mediunidade passaram para o meu coração como se fossem um sonho bom. Foram quarenta anos de muita alegria, em cujos caminhos, feitos de minutos e de horas, de dias, só encontrei benefícios, felicidades, esperanças, otimismo, encorajamento da parte de todos aqueles que o Senhor me concedeu, dos familiares, irmãos, amigos e companheiros. Quarenta anos de felicidade que agradeço a Deus em vossos corações, porque sinto que Deus me concedeu nos vossos corações, que representam outros muitos corações que estão ausentes de nós. Agora, sinto que Deus me concedeu por vosso intermédio uma vida tocada de alegrias e bênçãos, como eu não poderia receber em nenhum outro setor de trabalho na Humanidade. Beijo-vos, assim, as mãos, os corações.

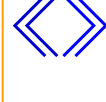
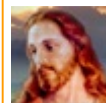
Quanto ao livro, devo dizer que, certa feita, há muitos anos, procurando o contato com o espírito de nosso benfeitor Emmanuel, ao pé de uma velha represa, na terra que me deu berço na presente reencarnação, muitas vezes chegava ao sítio, pela manhã, antes do amanhecer. E quando o dia vinha de novo, fosse com sol, fosse com chuva, lá estava, não muito longe de mim, um pequeno charco. Esse charco, pouco a pouco se encheu de flores, pela misericórdia de Deus, naturalmente. E muitas almas boas, corações queridos, que passavam pelo mesmo caminho em que nós orávamos, colhiam essas flores, e as levavam consigo com transporte de alegria e encantamento. Enquanto que o charco era sempre o mesmo charco. Naturalmente, esperando também pela misericórdia de Deus, para se transformar em terra proveitosa e mais útil. Creio que nesses momentos, em que ouço as palavras desses corações maravilhosos, que usaram o verbo para comentar o aparecimento desses cem livros, agora cento e dois livros, lembro este quadro que nunca me saiu da memória, para declarar-vos que me sinto na condição do charco que, pela misericórdia de Deus, um dia recebeu essas flores que são os livros, e que pertencem muito mais a vós outros do que a mim. Rogo, assim, a todos os companheiros, que me ajudem através da oração, para que a luta natural da vida possa drenar a terra pantanosa que ainda sou, na intimidade do meu coração, para que eu possa um dia servir a Deus, de

conformidade com os deveres que a Sua infinita misericórdia me traçou. E peço, então, permissão, em sinal de agradecimento, já que não tenho palavras para exprimir a minha gratidão. Peço-vos, a todos, licença para encerrar a minha palavra despretensiosa, com a oração que Nosso Senhor Jesus Cristo nos legou.”

.Chico Xavier

Proferidas essas palavras, Francisco Cândido Xavier, com voz embargada pela emoção, orou o “Pai Nosso”, acompanhado, em silêncio, por todos os presentes.

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 137, abril, maio, junho de 1970)



6

Autenticidade mediúnica de Chico Xavier



Nunca é demais falarmos e reafirmarmos publicamente o alcance da obra mediúnica de Chico Xavier. Com o querido companheiro, servindo de instrumento fiel da Espiritualidade Superior, a codificação espírita tornou-se mais sólida, os ensinamentos de Jesus mais divulgados e compreendidos. Todos os fatos provam a autenticidade do trabalho mediúnico de Chico Xavier. As bênçãos de luz que abundam de suas mãos, de sua fala, de seu viver.

Para relembrarmos mais uma vez o “Pinga Fogo” e, ao mesmo tempo, ilustrarmos o assunto em questão, transcreveremos uma das perguntas feitas ao médium sobre o caso Augusto dos Anjos, pelo Sr. João Scantimburgo.

“Chico Xavier, embora o senhor possa considerar elucidada a questão que vou

propor, ao responder ao entrevistador Herculano Pires, faço a pergunta: o que o senhor tem escrito de Augusto dos Anjos, por exemplo, não seria apenas reminiscência da leitura?”

Chico Xavier — Em 1931, quando eu ia fazer 21 anos, o Espírito de Augusto dos Anjos sentia muita dificuldade em escrever por meu intermédio. Nesse tempo, eu trabalhava num armazém e esse armazém me dava também serviços para cuidar de uma horta muito grande, com plantações de alho, porque o alho na região em que eu nasci era um fator econômico de muita importância. Então, depois das 6 horas da tarde, para mim era um prazer regar os canteiros de alho e os espíritos começavam a conversar comigo. Eu sentia muito prazer naquelas horas, porque me isolava de todo o serviço do armazém para ficar completamente à disposição dos Espíritos amigos. Então, ele começou a ditar uma poesia, que está no “Parnaso de Além Túmulo”, o primeiro livro de minha mediunidade. A poesia chama-se “Vozes de uma Sombra”. Ele começou a falar, com aquelas palavras maravilhosas, muito técnicas. Eu, com o regador na mão, custava a compreender. E ele falava e falava que gostava de escrever no campo, e que aquela era uma hora em que ele queria ditar, para que eu ouvisse e pudesse compreender à hora de escrever, porque muitas vezes escrevo também como médium ouvinte. Eu sentia aquela dificuldade e ele falou assim comigo: “Olhe, você quer saber de uma coisa? Vou

escrever o que puder, pois a sua cabeça não aguenta mesmo!” E a poesia está no livro só com o que ele pode, mas era muito, muito mais, era uma beleza! Ela falava de fótons, cores, de mundos, galáxias. Quem era eu para entender aquilo, eu que estava regando canteiros de alho?

.Chico Xavier

(Fonte: “Chico Xavier no Pinga Fogo”, Editora Edicel)

A mensagem do homenageado



(Discurso de agradecimento do médium Francisco Cândido Xavier, quando do recebimento do título de cidadão honorário de Belo Horizonte, em reunião solene da Câmara Municipal – dia 8/11/1974, realizada na então Secretaria de Saúde do Estado de Minas Gerais.)

Exmo. Sr. Dr. Helvécio Horta Arantes, M. D. Presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte.

Exmo. Sr. Dr. José Augusto, M. D. Senador da República.

Exmo. Dr. Expedito Faria Tavares, M. D. Secretário do Interior e M. D. representante de S. Excia. o Sr. Governador do Estado de Minas Gerais.

Exmo. Sr. Dr. José Xavier Nogueira, M. D. representante de S. Excia. o Sr. Prefeito Municipal de Belo Horizonte.

Exmo. Sr. Dr. João Ferraz, M. D. Deputado Federal.

Exmo. Sr. Dr. Freitas Nobre, M. D.



Deputado à Câmara Federal.

Exmo. Sr. Dr. Antônio de Assis Lucena, M. D. representante de S. Excia. o Sr. Secretário de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais.

Exma. Sra. professora D. Maria Philomena Aluotto Berutto, M. D. Presidente da União Espírita Mineira, em Belo Horizonte.

Exmo. Sr. Dr. César Julião de Salles, M. D. Prefeito Municipal de Pedro Leopoldo.

Exmo. Sr. Dr. Antônio Paiva Mello, M. D. Presidente da Federação Espírita do Estado da Guanabara.

Exmo. Sr. Capitão Eduardo Carlos Albuquerque Duarte, M. D. representante de S. Excia. o Cel. João Saraiva Coelho, distinto Comandante do C.P.O.R., em Minas Gerais.

Exmo. Sr. Dr. Stefenson Newman Alves Pereira, M. D. representante do 11. D. Comandante do 12º R.I., em Belo Horizonte, Cel. Izídio Caldeira Brant.

Exmo. Sr. Ten. Nicanor Fernandes Bacellar, M. D. representante de S. Excia. o Comandante da 11ª CSM.

Exmo. Sr. Cel. José de Andrade Drumond, M. D. Chefe do Estado Maior da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais e M. D. representante de S. Excia. o Sr. Cel. Vicente Gomes da Mota, Comandante Geral da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais.

Exmo. Sr. José Gonçalves Pereira, M. D. representante da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, notadamente da Federação Espírita do

Estado de São Paulo.

Exmo. Sr. Desembargador Dr. Martins de Oliveira, M. D. Presidente da Academia Mineira de Letras.

Exmo. Sr. Dr. Alfredo Marques Vianna Góis, M. D. Presidente da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais.

Exmo. Sr. Dr. José Pinto Mourão, M. D. representante da Associação Comercial de Minas Gerais.

Exmo. Sr. Álvaro Diniz de Deus, M. D. representante e Presidente da Câmara Municipal da cidade de Uberaba.

Exmos. Srs. vereadores da Edilidade Belorizontina.

Exmo. Sr. Vereador Dr. Sérgio Ferrara, M. D. representante da Câmara Municipal de Belo Horizonte.

Digníssimas autoridades civis, militares e religiosas presentes. Exmas. Sras. e Exmos. Srs., queridos amigos de Belo Horizonte.

Ouvi, reconhecidamente, as elevadas considerações do Exmo. Sr. Dr. Helvécio Horta Arantes, M.D. Presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte, em torno da minha presença nesta solenidade.

Ouvi, com reconhecimento profundo, a saudação do nosso muito digno vereador à Câmara Municipal da capital mineira, Dr. Sérgio Ferrara, meu amigo e benfeitor, a quem devo a generosa propositura que entrega, honrosamente, para mim, a Cidadania Honorária de Belo Horizonte, conforme o disposto na Lei nº 2.131, de 20 de setembro de 1972, nesta respeitável casa de leis.

E tenho no meu coração as palavras amigas, reconfortadas, de nossa estimadíssima professora D. Maria Philomena Aluotto Berutto, muito digna Presidente da União Espírita Mineira, felicitando-me pela honraria desta noite em nossa augusta Câmara V9unicipal da capital do Estado de Minas Gerais.

Tudo ouvi, rogando a Deus para que, em Sua infinita misericórdia, me faça digno de merecer tanta gentileza e tantas atenções.

Todos sabemos que a palavra é uma conquista inalienável das civilizações. Decerto que a Divina Providência nos concedeu este canal de comunicação por chave básica de nosso relacionamento comum. Entretanto, ocasiões aparecem nas quais toda a pompa verbalística é insuficiente para vestir as emoções que nos galvanizam a alma. Encontro-me no momento assim, em que os melhores raciocínios me sonegam recursos para configurar-vos o meu profundo reconhecimento. Isso decorre do conflito em que me vejo, à altura de vossa magnanimidade em Belo Horizonte, para com este vosso pequenino servidor.

Contrasta com a minha pequenez e entrego-me aos mais profundos processos de autocrítica, para reconhecer a minha total desvalia. Por isso mesmo, sem qualquer credencial que assinale a minha presença, compareço diante da augusta Edilidade de Belo Horizonte, cumprindo o dever de dizer-vos que não tenho qualidades ou méritos para corresponder à vossa

benemerência.

Será justo entender uma honraria qual à que brilha nesta solenidade por elevada remuneração social a serviços prestados à segurança e ao bem geral. E não me sentindo absolutamente credor de honra tamanha e observando as raízes espirituais que precederam à preciosa concessão desta solenidade, peço vênias à respeitada Câmara Municipal de Belo Horizonte para considerar honraria tão alta como conquista que pertence, acima de tudo, à venerada cristandade da nossa Capital, generosa e progressista.

A luminosa titulação da Edilidade Belorizontina pertence aos templos católicos que nos alicerçaram a fé cristã, a mesma fé que nos preside os destinos.

Pertence aos templos evangélicos da capital do Estado de Minas Gerais, que nos impulsionam ao estudo permanente das Sagradas Escrituras, e que nos induzem a louvar a infinita bondade do Senhor.

E pertence aos templos espíritas, que nos oferecem, hoje, os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo em novas dimensões, segundo os princípios codificados por Allan Kardec.

Digamos mais: a condecoração que verte da generosidade dos nossos legisladores pertence igualmente aos nossos pais, gênios protetores que nos ergueram o coração para a ideia de Deus.

Pertence aos orientadores da nossa vida pública, que sempre exemplificaram e exemplificam, para nós, o respeito à ordem e à segurança.

Pertence aos nossos líderes nas múltiplas experiências em que se nos desdobra a evolução, que nos traçaram e traçam, constantemente, seguras diretrizes de trabalho e de progresso.

E pertence, igualmente, a todos aqueles que nasceram nestes montes, acreditando no poder e na misericórdia de Jesus Cristo, e que nos ensinam na vivência do amor de cada dia e tão somente, o amor que Ele, o Divino Mestre, nos legou... (Com a mudança da fita da gravação, perderam-se algumas palavras da frase acima) o pequeno servidor com a incumbência de agradecer o elevado troféu que se desvincula ao mérito indiscutível.

Permito-me, com a vossa aprovação, lembrar alguns deles, no livro de minha gratidão inarredável, dos pioneiros que nos esperam na Espiritualidade Maior, lembro-me de Raul Hanriot, de Modesto Lacerda, de José Hermínio Perácio, de José Flaviano Machado, do professor Cícero Pereira, de Rodrigo Agnelo Antunes, do senador Camilo Chaves, de Bady Cury, de Antônio Loreto Flores, de Antônio Aleixo Martins, do nosso sempre lembrado Virgílio de Almeida e de tantos outros, sem olvidarmos D. Guiomar Lélis Pereira, D. Paulina Borges, Henrique Kemper e tantos outros companheiros que estão guardados em nossa memória.

Dos militantes na atualidade, peço licença para considerar o meu profundo respeito à atuação da Exma. Sra. Maria Philomena Aluotto, muito digna presidente da União Espírita Mineira, nesta capital, em cujas

mãos temos os destinos na orientação da Doutrina Espírita no Estado de Minas Gerais. E destaco, no meu reconhecimento, dentre muitos, José Martins Peralva, Dr. Noraldino de Mello Castro, Dr. Pedro Valente da Cunha, o professor Henrique Rodrigues e tantos companheiros que trabalham pela construção de um mundo melhor.

E peço, ainda, o vosso consentimento para recordar, aqui, com o meu profundo amor, algumas senhoras espíritas de Belo Horizonte a quem devo dedicação maternal, quais sejam D. Carmem Pena Perácio, D. Lucília de Lima Cavalcanti, D. Laurita Gonçalves, D. Marieta Nobre, anjos maternais do meu caminho, para os quais se voltam os meus pensamentos de gratidão.

Devo dizer, porém, que a transferência simbólica da honraria desta solenidade aos companheiros espíritas cristãos de Belo Horizonte não invalida em mim a orgulhosa alegria de me sentir filho adotivo da nossa capital, conquanto a minha apagada condição para servir-vos.

Crede, no entanto, que seguirei para a frente, nos dias que a Divina Providência me designar ainda, na presente encarnação, transportando no íntimo de minha alma este depósito de amor e de reconhecimento a vós todos, queridos amigos e caros benfeitores belorizontinos, rogando a Deus vos recompense a bondade.

Entretanto, rogo, ainda, a licença necessária para declarar, de público, que minha

dívida de agradecimento e de afeto para com Belo Horizonte é mais profunda e recuada no tempo. Quero, com permissão vossa, referir-me ao tesouro de carinho e proteção que recebi, na infância, da inesquecível professora belorizontina que me tutelou espiritualmente na escola, e me favoreceu com a instrução do curso primário, reverenciando o trabalho de todas as distintas educadoras do Grupo Escolar São José, em Pedro Leopoldo, do presente e do passado. Desejo reportar-me a D. Rosália Laranjeira, a distinta educadora de Belo Horizonte, que entregou a própria existência ao apostolado por amor à criança, deixando-nos perceber que magistério e sacrifício são palavras sinônimas.

Depois de minha mãe, a ela, a professora que me orientou nos primeiros dias, devo a certeza de que a luz de Deus brilha em nossas vidas, de que nenhum valor se obtém, na existência, sem trabalho, que a nossa liberdade tem o tamanho do nosso dever cumprido, que a paz e a união devem imperar sobre nós, em nome de Jesus, acima de quaisquer dissensões a que estejamos inclinados, e de que a violência não nos pode servir em tempo algum.

A ela, à memória dessa inesquecível professora de Minas Gerais, que foi para mim neste mundo um exemplo, e que, depois do adeus ao plano físico, se transformou numa estrela em meu caminho e em meus passos, a ela, as minhas homenagens desta hora, homenagens que torno extensivas a todas

as professoras da infância, especialmente às senhoras professoras do ensino primário, porque, depois de nossos pais, delas recebemos as primeiras luzes para a vida.

Saúdo em memória de D. Rosália Laranjeira, a mesma educadora que nos deixou as bases do Grupo Escolar Prof. Caetano de Azeredo, nesta capital. Saúdo, em memória dela, a todas as senhoras professoras da Escola Primária, a todas que se dedicam às crianças em Minas e no País, porquanto a elas devemos os alicerces da cultura e da religião, do progresso e da sublimação espiritual na orientação da brasilidade cristã que ilumina o nosso país, à frente do mundo.

Aqui, a emoção traça limite à minha pobre palavra. Agradeço à muito digna Câmara Municipal de Belo Horizonte a magnanimidade com que me acolheu neste recinto e nesta solenidade. Agradeço, mais uma vez, ao Dr. Sérgio Ferrara, D.D. vereador à Câmara Municipal de Belo Horizonte, a elevada concessão deste momento. Agradeço a presença de todas as dignas autoridades que nos acompanharam com tanta bondade e com tanta distinção neste recinto. Agradeço as gentilezas recebidas do Exmo. Cel. José de Andrade Drummond, D. D. chefe do Estado Maior da Polícia Militar de Minas Gerais. Agradeço as atenções do Exmo. Sr. Dr. Francisco de Paula Andrade, M. D. assessor da Presidência da Câmara Municipal de Belo Horizonte. Agradeço à União Espírita Mineira. Agradeço à delegação dos amigos e companheiros da

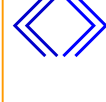
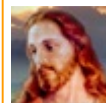
capital de São Paulo e das diversas cidades paulistas que aqui se reúnem conosco e que prestigiaram nossa solenidade. Agradeço às delegações das generosas instituições espírita-cristãs, em diversas cidades de Minas Gerais, que aqui se fazem representar. Agradeço a todos os amigos de outras regiões e de outros estados, presentes conosco. Agradeço, nesta hora de profunda significação para minha vida, agradeço à cidade de Pedro Leopoldo e à cidade de Uberaba, a felicidade de trabalhar, de viver, de confiar, de esperar em Jesus e de poder guardar a minha fé espírita-cristã como florão maior dentro das imperfeições que carrego. Agradeço a cooperação da senhorita professora Maria Elpídia Lisboa, incansável amiga que nos prestigiou na comissão organizadora desta solenidade. Agradeço a cooperação do Coral Ars Nova, da Universidade Federal de Minas Gerais, na presença do Dr. Márcio Veloso e do Sr. Maestro Carlos Alberto Pinto da Fonseca. Agradeço as atenções da imprensa falada, escrita e televisada da nossa capital, imprensa essa que nos dispensou tanta magnanimidade, tanta gentileza. Agradeço a todos os amigos aqui presentes conosco. Agradeço àqueles que oraram, pedindo para que a minha palavra pudesse, de algum modo, ser ouvida com o amparo dos amigos espirituais, embora eu não tenha recursos de filtragem para traduzir todo o reconhecimento que me vai dentro da alma. Agradeço, por último, a presença de

meus queridos familiares, que nunca interferiram na mediunidade colocada em minhas frágeis mãos, agradecimento que é de coração, porque de todos tenho recebido apoio, compreensão, carinho, solidariedade para que não se comercializasse o trabalho daqueles que nos orientam de uma Vida Maior. E agradeço a Belo Horizonte, a todos aqueles que se encontram na órbita da vida administrativa, religiosa, cultural e de trabalho e de progresso que caracteriza a presença de Minas Gerais.

Agradeço a todos pela gentileza, pela magnanimidade do acolhimento desta hora, e encerro pedindo a Deus que nos abençoe, que mantenha Belo Horizonte como sendo coração vibrante da terra que Deus nos concedeu para nascer, cooperando no progresso e na união de todos, unindo os sentimentos generosos do povo de Minas aos sentimentos generosos de todos aqueles que se encontram em outras unidades da Federação, para que nós todos, confiando na vitória dos ideais cristãos e da vivência cristã no mundo de amanhã, possamos estar coesos, unidos, cada vez mais unidos, cultivando a paz e a concórdia, o trabalho e o progresso por um Brasil maior com Jesus e por Jesus.

.Chico Xavier

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 160, novembro/dezembro de 1974.)



8

Agradecendo à comunidade espírita brasileira



Informados de que o médium Chico Xavier estaria completando, neste 1975, as suas “Bodas de Ouro” com a mediunidade, fomos procurá-lo para alguns apontamentos em torno da ocorrência, e o diálogo começou:

1. Pergunta — Chico, 1975 é o seu cinquentenário de serviço mediúnico?

Resposta — Ainda não.

2. Pergunta — Quando foi a sua primeira atuação em público?

Resposta — 8 de julho de 1927.

3. Pergunta — E o seu primeiro livro psicografado?

Resposta — 1931.

4. Pergunta — Até agora quantos livros publicados?

Resposta — 134.

5. Pergunta — Você confirma a doação gratuita dos direitos autorais que lhe cabem?

Resposta — Sim.

6. Pergunta — Poderá especificar, por número de obras, as instituições que as receberam?

O médium consulta um folheto em arquivo e esclarece:

Resposta — 84 livros foram cedidos à Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro; 14 foram entregues à Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba; 12 foram doados à Livraria Editora Allan Kardec, em São Paulo; 9 estão cedidos ao Grupo Espírita Emmanuel, da cidade de São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo; 5 foram doados ao Instituto de Divulgação Espírita, em Araras, Estado de São Paulo; 4 foram cedidos à Livraria Espírita “O Clarim”, da cidade de Matão, Estado de São Paulo; 2 estão sob a responsabilidade do Grupo Espírita Fabiano, no Rio de Janeiro; 1 foi cedido à Editora Espírita Boa Nova, em São Paulo, capital; 1 foi entregue à Editora Cultural Espírita Ltda., em São Paulo, capital, e 1 está doado à Editora Pensamento, em São Paulo, capital.

7. Pergunta — Você não tem participação ou influência na destinação desses livros?

Resposta — Nenhuma participação pessoal. Devo, aliás, acentuar que todos eles foram confiados pelos benfeitores espirituais que os escreveram a instituições respeitáveis.

8. Pergunta — Discos? Sabe-se que você num deles

apareceu com Roberto Carlos e Erasmo Carlos, em parceria. Esses discos são igualmente doados?

Resposta — Sim. Os discos até agora produzidos por nós pertencem à Comunhão Espírita Cristã, nossa benemérita instituição em Uberaba.

9. Pergunta — Você é diretor da Comunhão Espírita Cristã?

Resposta — Não sou diretor, mas apenas um companheiro de serviço espiritual, desde a fundação da nossa casa, que se encontra magnificamente administrada por nossa abnegada irmã Srta. Dalva Rodrigues Borges, que se faz acompanhar por devotados companheiros da causa espírita-cristã. Dalva e os outros diretores tudo fazem pelo engrandecimento e respeitabilidade de nossa instituição.

Num testemunho público, assim qual este, em que respondo aos caros amigos do “Lavoura e Comércio” sobre assuntos tão íntimos, sinto-me no dever de salientar a nossa admiração e respeito pela dedicação incessante de nossa irmã Dalva Rodrigues Borges que, na direção da Comunhão Espírita Cristã, é para nós todos um exemplo de trabalho e dignidade, elevação e amor ao próximo, seja nas obras assistenciais que o seu devotamento mantém com segurança, ou seja na fidelidade e limpidez com que se consagra à sustentação da cultura espírita, ante os princípios de Allan Kardec nos ensinamentos de Jesus.

10. Pergunta — Então, funciona você simplesmente

por médium?

Resposta — Sim, por médium, com responsabilidade sobre a formação dos livros e mensagens avulsas que recebo dos amigos espirituais, enviados pelos mesmos benfeitores da Vida Superior, quanto ao que desejam se faça com o trabalho deles, seja quanto à publicação desse ou daquele impresso ou folheto avulso.

11. Pergunta — Será isso um serviço de divulgação dos serviços da casa propriamente ditos?

Resposta — Sim, em função dos livros recebidos mediunicamente por mim, com responsabilidade expressa de minha parte no lançamento das ideias que contenham, tanto em Pedro Leopoldo, de 1927 a 1958, e em Uberaba, de 1959 até agora, esse serviço de controle das doações de livros ou de distribuição dos originais das mensagens diversas tem estado sob a minha responsabilidade, como não podia deixar de ser.

12. Pergunta — E isto não gera conflitos?

Resposta — Não. Tanto em Pedro Leopoldo quanto em Uberaba, os companheiros da tarefa espírita me auxiliam, com respeito e bondade para que eu possa cumprir o meu dever.

13. Pergunta — Compreendendo-se um serviço desses em suas mãos e observando a sua movimentação pública em televisão, reuniões de beneficência, solenidades de cidadania e tarde de autógrafos, como você pode sustentar as despesas de semelhantes apresentações se você não recebe remuneração pelos livros editados?

Resposta — Sempre tive, graças a Deus, um grupo de bons amigos que me amparam as tarefas, para que a mediunidade em mim possa sobreviver com as obrigações que a própria mediunidade me trouxe.

14. Pergunta — Que nos diz das cidadanias honorárias que vem recebendo?

Resposta — Vou às solenidades referentes a elas, quando isso me é possível, ao modo de um caixeiro viajante que se incumbe de receber documentação da firma a que pertence. Em todas as cerimônias de cidadania, com o amparo de Emmanuel, tenho procurado transferir as homenagens programadas aos companheiros espíritas, reconhecendo que essas titulações pertencem a eles e não a mim. Nesse sentido, peço licença para lembrar uma trova que recebi do poeta desencarnado Milton da Cruz, muito apropriada ao assunto:

“Para a jornada segura
Não te esqueças, companheiro,
Que todo lugar de altura
Revela um despenhadeiro.”

15. Pergunta — Chico, você vai nos desculpar, mas o repórter é obrigado a informar, e informar certo. É verdade que você está construindo residência em Uberaba?

Resposta — É verdade.

16. Pergunta — Mas você não está residindo em casa própria, anexa à Comunhão Espírita Cristã?

Resposta — Sim, até agora tenho residido

numa casa que a Comunhão Espírita Cristã me concedeu legalmente pelo usufruto, em condomínio com o nosso estimado amigo Dr. Waldo Vieira. Realmente, não tenho motivos para a mudança de situação, nesse sentido, porque tanto a Diretoria da nossa instituição, quanto o nosso amigo Dr. Waldo Vieira sempre me dispensaram o máximo apreço, mas alguns dos meus familiares de Pedro Leopoldo compreendem que já atravessei a fronteira dos sessenta janeiros e pretendem transferir-se para junto de mim. Com isso, tenho necessidade de maior espaço.

17. Pergunta — Essa residência terá sido custeada pelas editoras dos seus livros psicografados?

Resposta — De modo algum. Sempre respeitei as entidades espíritas, às quais são doados os livros de nossos benfeitores espirituais. Não poderia pedir a elas, nem delas receber qualquer auxílio para esse fim, exclusivamente pessoal.

A pergunta do repórter ficou nas reticências respeitadas, mas Chico Xavier complementou, depois de nossa pausa:

A residência que está em meu nome e na fase terminal foi custeada por um grupo de amigos, que espontaneamente se propuseram a isso. Em 1974, e agora, em 1975, recebi deles as doações de que já constam em maior parte na minha ficha de imposto, junto à Receita Federal. Nesse sentido, tomo a liberdade de solicitar aos nossos distintos amigos do “Lavoura e Comércio” o obséquio de anotar os nomes dos amigos que se reuniram para que eu

tenha casa própria, em Uberaba. Isso será uma honra para mim, de vez que me valerei desta oportunidade para prestar contas à digna comunidade espírita em geral, quanto ao meu comportamento, erguendo moradia própria, sem lastro financeiro suficiente para cobrir despesa de tamanho vulto. Esses amigos, que considero meus benfeitores, com a relação das importâncias que dispenderam, em meu favor, na aquisição do terreno para a construção referida e nessa mesma construção propriamente dita, são os seguintes:

O médium procura uma lista próxima e a lê, pausadamente, para nós.

Sr. Horácio Sabino Batista, residente em São Paulo, Capital, cinquenta mil cruzeiros.

Sr. Jorge Manoel Gaio e sua esposa, Sra. Nair Gaio, residentes no Rio de Janeiro, cinquenta mil cruzeiros.

Sr. Francisco Galves e sua esposa, Sra. Encarnação Blasques Galves, residentes em São Paulo, Capital, quarenta mil cruzeiros.

Sr. Pedro Arthur Luchesi e sua esposa, Sra. Maria Eunice Luchesi, residentes em São Paulo, Capital, dez mil cruzeiros.

Sr. Walter Castro Rocha e sua esposa, Sra. Ciloca Rocha, residentes em São Paulo, Capital, quinze mil cruzeiros.

Sr. Manuel Fernandes e sua esposa, Sra. Aurora Fernandes, residentes em Santo André, Estado de São Paulo, cinco mil cruzeiros.

Srta. Ruth Pitombo, residente em São Paulo,

Capital, seis mil e quinhentos cruzeiros.

Sr. José da Fonseca e sua esposa, Sra. Eugênia da Fonseca, residentes em Santos, Estado de São Paulo, vinte mil cruzeiros.

Dr. Oswaldo de Castro e sua esposa, Sra. Terezinha de Castro, residentes em São Paulo, Capital, dez mil cruzeiros.

Dr. Elias Barbosa e sua esposa, Sra. Cândida Barbosa, residentes em Uberaba, Minas Gerais, dez mil cruzeiros.

Sr. Jaime de Castro e sua esposa, Sra. Therezinha de Castro, residentes no Rio de Janeiro, cinco mil cruzeiros.

Total: duzentos e vinte e um mil e quinhentos cruzeiros.

Agradeço profundamente aos amigos do “Lavoura e Comércio” a publicação desta prestação de contas que devo à nossa respeitável comunidade de Uberaba, pois esta é a casa em que, se Jesus permitir, desejo em nossa cidade viver, trabalhar e envelhecer, com a bênção de Deus, sendo assunto que me cabe esclarecer agora, para que em minha morte não surjam perturbações a respeito.

18. Pergunta — Com a sua informação de que os amigos se reuniram para fazer a você a doação espontânea de residência inteiramente de sua propriedade, em Uberaba, podemos saber de quem partiu a ideia de que você precisava dessa moradia para residir com seus familiares?

Resposta — Devo essa iniciativa à Exma. D. Maria Eunice Lucchesi, que considero por devotada benfeitora, na capital de São Paulo.

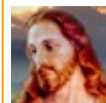
19. Pergunta — Chico, uma última pergunta: qual a

sua impressão do encontro com Sua Excia. Reverendíssima o Sr. Arcebispo de Uberaba, Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, na TV desta cidade?

Resposta — Sempre consagrei o máximo respeito e entranhado carinho por Sua Excelência, Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, nosso muito amado senhor Arcebispo de Uberaba, e encontrá-lo pessoalmente foi uma elevada honra para mim. Minha veneração por ele aumentou profundamente ao encontrá-lo em pessoa, e a presença dele foi para mim uma bênção de Deus.

.Chico Xavier

(Extraído do Jornal “Lavoura e Comércio”, de Uberaba MG edição de 24 de março de 1975. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 162, março abril de 1975.)



9

União Espírita Mineira pergunta, Francisco Cândido Xavier responde



A Casa Mater de Minas Gerais tem a honra de publicar, em seu órgão oficial, a entrevista que supomos seja a primeira concedida pelo médium Francisco Cândido Xavier depois que transferiu suas atividades para o Grupo Espírita da Prece, da cidade de Uberaba, Minas Gerais.

Formulamos dez perguntas, por nós consideradas oportunas, tendo o querido amigo atendido com a compreensão, o carinho e a simplicidade a que estamos habituados, neste longo convívio com o cidadão e o médium.

Oferecemos, pois, com imensa alegria, aos nossos leitores, espíritas e não-espíritas, as respostas que Chico Xavier deu às perguntas elaboradas pela Diretoria da União Espírita Mineira, através das quais identificamos o companheiro de sempre:

equilibrado, honesto consigo mesmo e com os outros, consciente de suas responsabilidades pessoais e doutrinárias, generoso e simples.

Acompanhar, pela leitura, o pensamento de Francisco Cândido Xavier, nas respostas dadas, significa, a nosso ver, excursionar, à luz meridiana do amor e da verdade, pelas trilhas amorosas, fraternas e sábias do seu coração e da sua inteligência.

1. Pergunta — Querido amigo Chico Xavier: em nossa edição anterior, noticiamos sua transferência para Uberaba, em 1959. Ao chegar nessa cidade, iniciou, imediatamente, suas tarefas na Comunhão Espírita Cristã, da qual vem se desligar agora?

Resposta — Sim. Tendo chegado a Uberaba a 5 de janeiro de 1959, nessa mesma data iniciamos as nossas atividades mediúnicas, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã.

2. Pergunta — Sua produção mediúnica envolve o trabalho do livro, mensagens esparsas (em encontros mais íntimos e no final das reuniões públicas), entrevistas em jornais e apresentações na televisão e no rádio. Nossa pergunta prende-se, especificamente, aos livros psicografados: quantos foram produzidos em Pedro Leopoldo (até 1958) e em Uberaba (de janeiro de 1959, até agora)?

Resposta — Até agora, temos 135 livros psicografados, dos já publicados, a saber: 60 em Pedro Leopoldo, de 1931 a 1958, e 75 em Uberaba, de 1959 até agora.

3. Pergunta — Seu trabalho, em Uberaba, consistiu sempre na divulgação doutrinária e em tarefas

assistenciais, aliadas ao evangélico serviço do esclarecimento e reconforto pessoais aos que o procuram. Quais as atividades que serão desenvolvidas pelo querido amigo, em particular e em geral, no Grupo Espírita da Prece?

Resposta — No Grupo Espírita da Prece, recém-fundado, as nossas tarefas habituais, permitindo Jesus, serão as mesmas de sempre, embora com ligeiras modificações no trabalho assistencial.

4. Pergunta — Quais os dias e horários de funcionamento do Grupo Espírita da Prece, seu novo campo de trabalho espírita-cristão?

Resposta — Do ponto de vista das tarefas públicas, teremos duas reuniões semanais de evangelização, estudos doutrinários e assistência espiritual, às sextas-feiras, começando às dezenove horas e, aos sábados, as nossas tarefas estarão divididas entre um Culto do Evangelho, com atividades de assistência, na zona rural, iniciando-se às dezesseis horas e uma reunião pública de evangelização e estudos da Doutrina Espírita, às vinte horas. Além dessas duas reuniões públicas semanais, a entidade terá serviços outros de ordem privativa, em outros dias da semana.

5. Pergunta — O Grupo Espírita da Prece terá personalidade jurídica, com estatuto e Diretoria, ou existirá e funcionará em moldes diferentes?

Resposta — O Grupo Espírita da Prece terá personalidade jurídica, com estatuto e Diretoria, nos moldes habituais de nossas instituições, o que será providenciado em momento oportuno.

6. Pergunta — O Brasil inteiro sabe que o caro irmão nada usufrui do produto das vendas dos livros psicografados, isto porque os direitos autorais são cedidos. As cessões desses direitos foram feitas sempre para as editoras, ou também para quaisquer outras entidades?

Resposta — Os direitos autorais dos livros trazidos até nós por nossos benfeitores espirituais, por meu intermédio, foram sempre cedidos gratuitamente, seja às editoras espíritas, ou a quaisquer outras entidades, sendo que frequentemente as instituições a que nos referimos funcionam ligadas aos respectivos institutos editoriais.

7. Pergunta — Há muito tempo não transmitem os espíritos, por seu intermédio, obras romaneadas. Este ciclo já foi terminado ou pretendem os amigos espirituais, oportunamente, dar continuidade à série “Paulo e Estêvão”, “Há Dois Mil Anos”, “50 Anos Depois”, “Renúncia” e “Ave, Cristo”, autênticas pérolas da literatura histórico-mediúnica? Nossa pergunta tem por objetivo atender a indagações que nos são formuladas com bastante frequência.

Resposta — O nosso trabalho tem sido sempre subordinado aos critérios específicos de Emmanuel, o benfeitor espiritual que me vem caridosamente amparando desde 1931. No trabalho mediúnico em que me encontro, creio que ele faz sempre o melhor no aproveitamento dos escassos e estreitos recursos que, de minha parte, posso oferecer, dentro das limitações e deficiências em que me vejo.

8. Pergunta — Os benfeitores espirituais não têm produzido, ultimamente, obras de cunho científico, como “Mecanismos da Mediunidade”, “Evolução em Dois Mundos”, “Pensamento e Vida”, etc. Entendemos nós que Emmanuel supervisiona, no momento, a reformulação de suas atividades. Perguntamos-lhe: estarão em pauta, na planificação do nosso querido instrutor Emmanuel, livros científicos, para publicação oportuna, que atenderiam a ponderável faixa de leitores, ou o pensamento da Espiritualidade converge, atualmente, para a missão evangelizadora do Brasil, segundo sua destinação de “Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”?

Resposta — A pergunta mostra sadio e belo otimismo dos nossos queridos companheiros da União Espírita Mineira e agradeço muito porque isso demonstra confiança e bondade dos caros companheiros para com este pequeno servidor. Estou igualmente certo de que os nossos benfeitores espirituais estarão traçando planos de trabalho os mais construtivos e enobrecedores possíveis. No entanto, em meu caso pessoal, não posso iludir-me quanto às minhas possibilidades sempre mais estreitas. Imaginemos um trabalhador usando uma engrenagem com sessenta e cinco janelas de formação e quarenta e oito de funcionamento regular. Os programas da oficina em que essa máquina esteja podem ser os melhores, entretanto, essa máquina, em si, não poderá ter fugido à lei do desgaste no campo material da vida. Naturalmente que outras máquinas serão trazidas, em momento oportuno, aos serviços que não devem e nem podem

parar.

Estamos convencidos de que numerosos companheiros estarão em desenvolvimento na mediunidade, nas áreas de nossa renovadora Doutrina e atenderão, de maneira imprevisível a nós, os companheiros encarnados, aos planos elevados de serviço que forem traçados no Mais Alto, para o desdobramento das tarefas renovadoras de nossos princípios com Allan Kardec, interpretando Jesus. Quanto a mim mesmo, estarei onde sempre estive, isto é, atualmente na condição de um antigo feixe de imperfeições, nas mãos caridosas dos bons espíritos, rogando a eles que me auxiliem a fazer de mim o melhor que puderem, para que eu seja o melhor que possa.

9. Pergunta — E a série, extraordinária, de André Luiz? Será que, nesta nova fase, o querido ex-médico terrestre que de “Nosso Lar” a “Libertação” descortinou fascinantes panoramas do mundo espiritual, dará sequência àquela maravilhosa série revelacionista, em que os problemas doutrinários foram amplamente desenvolvidos? Que nos diz de suas condições atuais para esses novos e luminosos empreendimentos?

Resposta — Nesse sentido, sem qualquer propósito de fazer humor, lembro-me de um apólogo que me foi contado por nossa querida Meimei. Uma lâmpada possante, que iluminava certa estrada, entrou em complicações, apagando-se de repente, e foi enviada a conserto. Servidores do trânsito, então, trouxeram ao lugar dela um pirilampo doente para que ele

clareasse o caminho. O pirilampo, assustado com as responsabilidades que lhe conferiam, compreendeu que nunca seria a lâmpada, mas, consciente das necessidades e situações complexas do momento, respondeu receoso: “Bem, eu farei o que puder...” Lembro-me disso e pergunto aos queridos amigos da União: que será de mim, que nem mesmo um vaga-lume doente chego a ser?

10. Pergunta — Querido Chico Xavier: todos nós que o amamos e compreendemos a transcendência da obra de renovação que os Espíritos superiores realizam por seu intermédio, embora sem condições reais, sob o ponto de vista do entendimento, para penetrarmos-lhe o sentido profundo, desejaríamos, com toda a força de nosso coração, fazer algo em favor da sua felicidade, da sua paz, do seu trabalho. Se lhe fosse dado, na oportunidade desta entrevista, pedir uma ou várias coisas aos espíritas brasileiros, o que pediria através das colunas de “O Espírita Mineiro”, jornal que o querido amigo pode considerar seu, hoje, amanhã e sempre? Consideraremos sua resposta por mensagem de seu coração ao coração da coletividade espírita nacional.

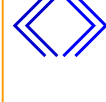
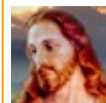
Resposta — Queridos amigos, se algo posso dizer em resposta, devo afirmar que de todos os companheiros espíritas, sem nenhuma exceção, tenho recebido, constantemente, os mais elevados testemunhos de carinho e de auxílio, solidariedade e proteção. Nada poderia, de minha parte, pedir à nossa querida família espírita-cristã do Brasil, que tudo me proporciona em benefícios incessantes para que eu trabalhe e seja feliz. Assim

sendo, se algo posso rogar aos nossos irmãos, peço a todos o apoio da prece, em meu favor, para que eu seja reconhecido a eles todos e grato aos amigos espirituais que tanto me ampararam, esperando que eu venha a errar menos e a acertar mais no desempenho de meus deveres.

E à querida União Espírita Mineira o meu “muito obrigado”, com o respeito e gratidão de sempre.

.Chico Xavier

(Entrevista concedida em Uberaba. MG, no dia 2 de Julho de 1975. Fonte. “O Espírita Mineiro”, número 164, julho/agosto de 1975.)



10

Chico Xavier explica sua doença e como convive com ela



Encontramos Chico Xavier emagrecido e com voz mais tênue. Vêmo-lo, inobstante, bem humorado, receptivo, de nada se queixando. Transcende uma filosofia de vida positiva e autocurativa. Tudo que não podemos mudar está bem, porque vem de Deus. Desde novembro de 1976, quando o problema anginoso e coronariano limitou em muito seu ritmo de vida e de trabalho, desde logo optou por se ajustar à nova situação, com paciência e perseverança.

Nesta última visita, contou-nos que, tendo indagado de Emmanuel acerca da sua enfermidade coronariana, ouviu de seu incansável guia e benfeitor as seguintes considerações aqui reproduzidas de memória: “Afinal o que é que querias? Não malbarataste as energias do corpo físico? As lutas e caminhadas na seara do bem, embora contando com o amparo do

Mundo Maior, não excluem as limitações e desgastes do vaso físico terrestre”.

Levâramos conosco uma agenda de entrevista com 30 perguntas mas, durante as 3:30 horas que conversamos, Chico, Noemi e eu (Chico disse-nos: “Tens uma esposa angelical, iluminada por Deus”, ao que Noemi respondeu: “Eu não te conhecia, mas, agora, posso dizer que conheci um segundo Jesus na Terra”. Resposta do médium: “É sua bondade que diz isso, eu sou uma pessoa com os mesmos defeitos de um homem comum”, etc.). Só no fim é que me atrevi a dizer: “Chico, trouxe comigo umas perguntas escritas, sem maior importância. Se dispuseres de algum tempo, mais adiante, quem sabe?... Mas talvez seja até melhor esquecermos isso agora”.

Toma das folhas manuscritas, olha-as e acrescenta: “Deixe-as comigo”. Três dias depois, com uma viagem a São Paulo nesse ínterim, envia as respostas pelo correio. A partir desta edição de “Folha Espírita”, vamos transmitir aos leitores o conteúdo dessas novas revelações.

Poucos dias após o abalo orgânico sofrido, Chico Xavier assim nos descreve em carta a fase de lenta convalescença a que se submete e cujo trecho reproduzimos com sua licença:

“Estou melhorando, mas lentamente. Ainda não posso permanecer em reuniões públicas senão de quatro horas da tarde às nove e meia horas da noite. Devo usar vários medicamentos com muita pontualidade e não consigo muito esforço

ou algum esforço maior. Sem atender a esses requisitos do corpo físico, a dor aparece, à feição de alguém que veio morar comigo, por dentro do peito, e, então, essa dor é uma espécie de enfermeira invisível que me obriga a deitar. Mas estou observando a mim mesmo com muito otimismo e paz e creio que, com os medicamentos em pauta e com as inevitáveis reduções de trabalho, ainda poderei usar minha máquina física da atualidade, se Jesus permitir, por muito tempo”.

Chico diz sentir que sua mediunidade parece estar melhor afinada após a fase aguda da enfermidade, e revela: “Podes entender comigo esta história: neste ano completo os 50 janeiros de mediunidade e tendo passado por outros 40 em atividade profissional, não posso ser ingrato para com o corpo que me serve de moradia, há 66 anos. Louvado seja Deus! Tudo está seguindo da melhor maneira possível. E eu, continuando sem a dor, que é semelhante a uma campainha no tórax, tudo vai bem. Não tenho dúvidas quanto ao processo anginoso ou à insuficiência coronariana de que sou portador, mas estou, graças a Deus, em paz e com muita alegria.”

Nos dois Planos da vida

1. Pergunta — Por que, na maioria dos casos, após a morte, a fisionomia dos desencarnados adquire uma expressão de suave paz?

Resposta — A maioria das criaturas, em se

desencarnando, de maneira pacífica, isto é, com a paz de consciência, quase sempre reencontra entes queridos que a antecederam na viagem da chamada morte física (...) e deixa no próprio semblante as derradeiras impressões de paz e alegria que o corpo consegue estampar.

2. Pergunta — Que lhe ocorre dizer sobre o seguinte pensamento do filósofo Nietzsche: “É preciso a angústia de ser um caos para dali gerar uma estrela”?

Resposta — Permita-me responder com uma nova pergunta: não nos parece igualmente a nós outros, que o nascimento da criatura humana — que pode ser comparável a uma estrela de inteligência — é precedido por um caos aparente (...) nos claustros da vida fetal?

3. Pergunta — Sempre me pareceu que nós, a maioria das pessoas, desconhecemos a imensa força do pensamento na formulação da existência. O pensamento pode reformular a vida de uma pessoa?

Resposta — Sem dúvida. Os benfeitores espirituais são unânimes em asseverar que toda renovação do espírito, em qualquer circunstância, começa na força mental. O pensamento é a força criadora nas menores manifestações.

4. Pergunta — Como encontrar motivação e despertar em nosso íntimo novas e insuspeitadas fontes de energia na reedificação da nossa felicidade? Em outras palavras: qual o caminho para nos

sintonizarmos com os inesgotáveis mananciais de energia do Universo?

Resposta — Dizem os amigos espirituais que a iniciação da verdadeira felicidade está em fazer os outros felizes. Ao doar alegria e paz, bom ânimo e segurança ao próximo, encontramos a fonte de energia que nos fará constantemente motivados para a sustentação da felicidade para nós mesmos.

5. Pergunta — Que lhe ocorre dizer às pessoas que, embora se esforcem, não conseguem se espiritualizar, porque se sentem cativas de remanescentes paixões ou fortes algemas emocionais?

Resposta — Ainda quando nos sintamos encarcerados em ideias negativas que, às vezes, nos colocam em sintonia com inteligências encarnadas ou desencarnadas, ainda presas a certos complexos de culpa, conseguiremos a própria liberação desses estados, claramente infelizes, se nos dispusermos com sinceridade a varar a concha do nosso próprio egoísmo, esquecendo, quanto ao aspecto inarmônico de nossa vida mental, para servir aos outros, especialmente àqueles que atravessam provações e problemas muito maiores do que os nossos.

6. Pergunta — Qual o melhor antídoto contra a falta de confiança em nós mesmos?

Resposta — Os amigos da Vida Maior nos ensinam que na prática da humildade, na

prestação de serviços aos nossos irmãos da Humanidade, adquiriremos esse antídoto contra a falta de confiança em nós próprios, de vez que aprenderemos, na humildade, que o bem verdadeiro, de que possamos ser intérpretes, em favor dos nossos semelhantes, procede de Deus e não de nós.

7. Pergunta — Que lhe ocorre dizer às pessoas que pedem a Deus para morrer, por não encontrar significado para viver, por ter perdido as esperanças de auto-realização?

Resposta — Creio, sinceramente, que devemos pedir a Deus, conforme o ensinamento de nossos instrutores, não o afastamento de nossas provas, mas sim a força necessária para suportá-las proveitosamente. Não nos adianta solicitar a morte prematura, a pretexto de sermos fracos para carregar os benefícios do sofrimento, porque deixar o trabalho antes de completá-lo, nada mais seria que agravar os nossos problemas próprios, porquanto chegaremos sempre e inevitavelmente à convicção de que a morte não existe como sendo o fim de nossas preocupações e responsabilidades.

8. Pergunta — Você concorda com este preceito: “Para pequenos males, orações comuns. Para grandes males, orações fervorosas”?

Resposta — Consideremos que, seja qual for o nosso caso, na necessidade de socorro ou no louvor pelas bênçãos

recebidas, a nossa oração deve ser sempre um ato íntimo de nossa comunhão com a Providência Divina, segundo a nossa fé.

9. Pergunta — Que lhe parece de maior valor: as atitudes perante os fatos, ou os fatos em si?

Resposta — Lição e aplicação ou teoria e prática precisam uma da outra, entretanto, acredito que, se estamos em grande necessidade ou em grande sofrimento, mais valem o socorro possível ou o remédio providencial que uma longa série de ensinamentos sobre a caridade, ou sobre a ciência de curar, sem a possível ação imediata que os realize.

10. Pergunta — Quando realmente não temos solução para algum grave problema pessoal, o melhor não seria entregar o caso a Deus, a fim de que, cedo ou tarde, d'Ele proviesse a solução?

Resposta — Nos problemas complexos, em que a nossa atuação é passível de complicar ou agravar ainda mais as tribulações alheias, creio que a oração intercessória, rogando o auxílio dos mensageiros de Deus, será providência ideal. Assim dizemos porque, onde não dispomos de meios para ajudar, principalmente nas questões de ordem espiritual, mais vale silenciar e orar que tumultuar e confundir.

11. Pergunta — Você acredita que se nós, os terrestres, fôssemos mais evoluídos e pacíficos, as humanidades de outros

planetas já teriam entrado em contato amplo conosco?

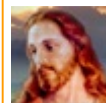
Resposta — Provavelmente, sim. Uma evolução espiritual iluminada pelo amor fraterno, consoante os ensinamentos de Jesus, devidamente praticados, nos colocaria em condições de receber os seres superiores de outros campos cósmicos do Universo para compreendê-los e assimilar-lhes as lições de progresso que nos pudessem ministrar.

12. Pergunta — Às vezes, me parece que nós, na sociedade atual, trabalhamos em ritmo frenético, transformando o trabalho num fim em si mesmo. Entende você que esse acúmulo de trabalho e responsabilidades está de acordo com a evolução em Deus, ou simplesmente se trata de excesso de zelo nosso, uma espécie de desvio ou escapismo concebido por nós próprios?

Resposta — Caro Fernando, conforme o nosso abnegado Emmanuel afirma, creio que “Deus cria a vida e o homem cria a existência que se lhe faz particular, dentro da própria vida”. Em matéria de trabalho, misturado com a aflição que nos caracteriza hoje as experiências na Terra, apesar de reconhecermos a irreversibilidade do progresso, admito que o assunto pertence a nós mesmos, ao gênero e ambiente de vivências escolhidas por nós.

.Fernando Worm

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 171, fevereiro/abril de 1977.)



11

Um encontro fraterno e uma mensagem aos espíritas brasileiros



No exato momento em que as forças vivas da família brasileira lembram o aniversário de cinquenta anos de labor mediúnico do nosso querido médium espírita Francisco Cândido Xavier, a se verificar em julho próximo, é justo que recordemos nosso encontro com o citado médium.

Procuraremos registrar aqui, com a maior fidelidade possível, o conteúdo desse encontro, o diálogo que mantivemos com vistas ao mais perfeito conhecimento por parte de quantos se interessam pelo assunto, assumindo nós, todavia, a responsabilidade do pensamento traduzido, a fim de evitar aborrecimentos ao nosso querido médium.

Inicialmente, nosso encontro foi uma resposta satisfatória a uma carta que lhe

endereçamos, em que fazíamos uma apreciação crítica do movimento espírita em geral e do de unificação em particular, confiando-lhe, assim, as nossas preocupações doutrinárias.

Suas palavras ainda ressoam em nossa acústica doutrinária, convidando-nos a uma meditação séria em torno do Espiritismo, que revive o Cristianismo primitivo em sua simplicidade e que tem no “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” ^(Jo) a sua expressão máxima.

— Jarbas, amigo, precisamos conversar desapassionadamente sobre o nosso movimento. É preciso que nós, os espíritas, compreendamos que não podemos nos distanciar do povo. É preciso fugir da tendência à elitização no seio do movimento espírita. É necessário que os dirigentes espíritas, principalmente os ligados aos órgãos unificadores, compreendam e sintam que o Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar. É indispensável que estudemos a Doutrina Espírita junto com as massas, que amemos a todos os companheiros, mas sobretudo aos espíritas mais humildes social e intelectualmente falando, e deles nos aproximarmos com real espírito de compreensão e fraternidade. Se não nos precavermos, daqui a pouco teremos em nossas casas espíritas, apenas falando e explicando o Evangelho de Cristo, as pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais e confrades de posição social mais elevada. Mais do que justo evitarmos isso (repetiu várias vezes), a

elitização no Espiritismo, isto é, a formação do “espírito de cúpula”, com a vocação de infalibilidade, em nossas organizações.

— Então, caro Chico, o problema não é de direção ou, melhor diríamos, de administração espírita?

— Não, o problema não é de direção ou administração em si, pois precisamos administrar até a nós mesmos, mas a maneira como a conduzem, isto é, a falta de maior aproximação com irmãos socialmente menos favorecidos, que equivale à ausência de amor, presente no excesso de rigorismo, de suposta pureza doutrinária, de formalismo por parte daqueles que são responsáveis pelas nossas instituições; é a preocupação excessiva com a parte material das instituições com a manutenção, por exemplo, de sócios contribuintes ao invés de sócios ou companheiros ligados pelos laços do trabalho, da responsabilidade, da fraternidade legítima; é a preocupação com o patrimônio material ao invés do espiritual e doutrinário; é a preocupação de inverter o processo de maior difusão do Espiritismo, fazendo-o partir de cima para baixo, da elite intelectualizada para as massas, exigindo-se dos companheiros em dificuldades materiais ou espirituais uma elevação ou um crescimento, sem apoio dos que foram chamados pela Doutrina Espírita a fim de ampará-los na formação gradativa.

Naquele instante, recordamos que Allan Kardec deixou bem claro na “[INTRODUÇÃO AO O LIVRO DOS ESPÍRITOS](#)” que o

caminho da Nova Revelação seria de baixo para cima, das massas para a elite, porque “quando as ideias espíritas forem aceitas pelas massas, os sábios se renderão à evidência”.

Recordou, ainda, o dever imperioso de todos nós de evitar a deturpação da mensagem dos espíritos, como aconteceu com o Cristianismo oficializado por Constantino. A Doutrina dos Espíritos veio para restaurar o Cristianismo, mas na sua feição evangélica primitiva, entendendo-se que em Espiritismo Evangélico é respeitar e auxiliar, amparar e elevar sempre, entendendo-se que os melhores e os mais cultos são indicados a se fazer apoio de seus irmãos em condições difíceis para que se alteiem ao nível dos melhores e mais habilitados ao progresso.

Aí está a essência de nossa conversação. Nesse sentido, ressaltou muito bem o nosso irmão Salvador Gentile em “Anuário Espírita 1977”:

“Por mais respeitáveis os títulos acadêmicos que detenhamos, não hesitemos em nos confundir na multidão para aprender a viver, com ela, a grande mensagem”.

Depois deste diálogo, penetramos mais profundamente as palavras do Dr. Bezerra de Menezes em “Unificação, serviço urgente mas não apressado”: “É indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos mensageiros divinos a Allan Kardec, sem compromissos, sem personalismo deprimente, sem pruridos de conquista e poderes terrestres transitórios”.

“Respeito a todas as criaturas, apreço a todas as autoridades, devotamento ao bem comum e instrução do povo, em todas as direções, sobre as verdades do espírito, imutáveis, eternas”.

“Nada que lembre castas, discriminações, evidências individuais, privilégios, imunidades, prioridades”.

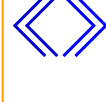
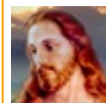
“Amor de Jesus sobre todos, verdade de Kardec para todos”. Em essência, esse pensamento é repetido pelo mesmo espírito em mensagem que vai publicada noutro local de “O Triângulo Espírita”.

Emmanuel também é incisivo em “Aliança Espírita”: “Educarás ajudando e unirás compreendendo. Jesus não nos chamou para exercer a função de palmatórias na instituição universal do Evangelho, e, sim, foi categórico ao afirmar: Os meus discípulos serão conhecidos por muito se amarem.” (JO)

Cumpre-nos desta forma, meditar melhor a mensagem dos Espíritos, mas, sobretudo, aplicá-la em nosso movimento espírita, em nossas casas espíritas, e, principalmente, em nosso movimento de unificação, aplicação esta que vem sendo a tônica de toda a vida de nosso médium Chico Xavier. Aliás, ninguém mais do que ele viveu e vice o verdadeiro sentido da unificação e que é o retratado acima.

.Jarbas Leone Varanda

(Transcrito do Jornal “O Triângulo Espírita”, de 20 de março de 1977. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 171, fevereiro/abril de 1977.)



12

Manoel Justiniano Quintão, um amigo

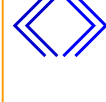
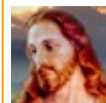


Chico, a que espírita do Brasil devemos o lançamento do seu primeiro livro mediúnico?

“Tivemos em Manoel Quintão, o nosso inesquecível amigo da Federação Espírita Brasileira, o apoio decisivo para o lançamento de “Parnaso de Além Túmulo”, o primeiro livro de minhas modestas faculdades mediúnicas, em 1932. Desde o início de minhas atividades na seara espírita, encontrei nele um orientador, cuja dedicação não posso esquecer. De uma bondade infatigável, de uma paciência sem limites para comigo, Manoel Quintão foi para mim, desde o nosso primeiro contato, um mentor amigo e um guia paternal, que vive constantemente em meu culto pessoal de carinho e gratidão.”

.Chico Xavier

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 172, maio/julho de 1977.)



13

Chico Xavier e o Ano Internacional da Criança



Pedimos ao confrade Francisco Cândido Xavier uma declaração sobre o Ano Internacional da Criança. Eis a mensagem que nos proporcionou:

— “Acreditamos que esta legenda é um convite, mais acentuado a nós todos que estamos encarnados no planeta terrestre, a que abramos os olhos para compreender a condição do espírito que reinicia, ou que inicia, os seus passos na viagem da existência planetária. Acreditamos que vamos, nós todos, com esta legenda — Ano Internacional da Criança — acordar o coração para o dever que nos cabe junto aos nossos pequeninos, especialmente quanto às mulheres, às quais foi confiada a chave da vida.

Então, o espírito da maternidade, tão sublimado quanto possível, não do ponto de vista da santificação compulsória, mas

de compromissos aos deveres assumidos. Imaginemos, por exemplo, determinada mãe, muito jovem, com possibilidades de criar seu filho, com a robustez necessária, que peça os serviços de uma ama para acalantar ou nutrir a criança, subtraindo-se da presença da criança, e fugindo ao diálogo com a criança. Não estamos julgando ninguém, mas acreditamos que nós todos, aqueles que nascemos de mães extremamente pobres no mundo material, tivemos o suficiente amor para crescer bendizendo o nome de Deus, e para não perdermos o nosso sentido da fé numa vida melhor, embora estejamos carregando, como sempre, muitas imperfeições.

Então, nossas irmãs de hoje, enriquecidas pela civilização por patrimônios materiais, se pudessem fazer isto (não temos a menor ideia de desprestigiá-las), achamos que teríamos grandes vantagens em nos ajustar ao espírito de proteção à criança de que nós todos estamos necessitados, para não perdermos um futuro melhor. Porque Deus determina e cria, mas o homem e a mulher são cooperadores de Deus”.

Quando se fez uma referência ao sexo, o confrade Francisco Cândido Xavier nos propiciou outra mensagem, dizendo:

— “Acreditamos que o compromisso sexual entre duas pessoas deve ser profundamente respeitado. Uma terceira pessoa em qualquer compromisso sexual é uma dificuldade a superar, porque não podemos esquecer que a lesão sentimental é, talvez, mais importante que uma lesão

física. E alguém que prometeu amor a alguém deve se desincumbir deste compromisso com grandeza de pensamento e sem qualquer insegurança. Não compreendemos a promiscuidade. Mas entendemos perfeitamente o relacionamento de alma para alma, com respeito que nós todos devemos uns aos outros.”

Instado a manifestar-se também sobre os vícios, o confrade Francisco Cândido Xavier ensinou-nos nova e amável mensagem:

— “Não entendemos o vício como sendo um problema de criminalidade, mas como um problema de desequilíbrio nosso, diante das leis da vida. E isto não apenas no terreno em que o vício é mais claramente examinado. Por exemplo: se falamos demasiadamente, estamos viciados no verbalismo excessivo e infrutífero. Se bebemos café excessivamente, estamos destruindo também as possibilidades do nosso corpo nos servir. Quando falamos a palavra vício, habitualmente logo nos recordamos do sexo. Mas do sexo herdamos nossa mãe, nosso pai, lar, irmãos, a bênção da família. Tudo isto recebemos através do sexo. No entanto, quando falamos em vício, lembramo-nos do fogo do sexo e o tóxico... Mas tóxico é outro problema para nossos irmãos que se enfraqueceram diante da vida, que procuram uma fuga. Não são criminosos. São criaturas carentes de mais proteção, de mais amor. Porque se os nossos companheiros enveredaram pelo caminho

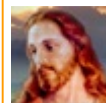
do tóxico, eles procuraram esquecer algo. E esse algo são eles mesmos. Então, precisávamos, talvez, reformular nossas concepções sobre o vício. Há pouco tempo, perguntamos ao espírito de Emmanuel como é que ele definia um criminoso. Ele nos disse: “O criminoso é sempre um doente, mas se ele for culpado, só deve receber esse nome depois de examinado por três médicos e três juízes”. Depois, a uma referência aos desequilíbrios políticos e sociais da Terra, o confrade Francisco Cândido Xavier fez este oportuno lembrete:

— “Pensamos com aquela assertiva do nosso André Luiz, que é um mentor que todos nós respeitamos: Se cada um de nós consertar por dentro tudo aquilo que está desajustado, tudo por fora estará certo!” ^N

.Chico Xavier

(Transcrito do Boletim Serviço Espírita de Informação, número 589, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 179, julho/agosto/setembro de 1979.)

[1] [Esta entrevista foi igualmente reproduzida pelo IDEAL e é a 3ª lição do livro “[NOVO MUNDO.](#)”]



14

Entrevista ao jornal “Estado de Minas”

“O mal jamais vencerá o bem”



Tudo pronto para o início da entrevista. O gravador ligado, mil perguntas elaboradas no papel e na mente e, Chico Xavier, solícito, à disposição. Mas ele pede um tempo, tira um calhamaço de papéis e mostra ao repórter. São as escrituras de cessões de direitos autorais de todos os livros do médium que ele transfere para várias instituições, como a Federação Espírita Brasileira, sediada no Rio de Janeiro; Fundação Marietta Gaio (Rio de Janeiro); Grupo Espírita Emmanuel, Sociedade Civil Editora (São Bernardo do Campo — SP); Ideal — Instituto Divulgação Editora André Luiz (São Paulo — SP); Comunhão Espírita Cristã (Uberaba — MG) e tantas outras. Em jornal, é impossível registrar os termos de todas as escrituras, mas fica o registro,

pois é uma preocupação de Chico Xavier em divulgar o assunto, face ao volume de livros: até hoje foram publicados 183 títulos, com mais de 9 milhões de exemplares vendidos, inclusive em edições estrangeiras. A entrevista foi dividida em duas partes. A primeira sobre assuntos gerais (publicada hoje) e uma segunda parte sobre a Doutrina Espírita e a vida particular do médium (que encerrará esta série). Os assuntos abordados tiveram colaboração de vários jornalistas do ESTADO DE MINAS, que redigiram perguntas sobre os mais variados assuntos e que Chico Xavier, durante uma hora, respondeu calma e objetivamente. Eis aí Chico Xavier.

1. Pergunta — A Doutrina Espírita é acusada de, ao se preocupar somente com a vida no Além, ajudar a manter o sistema político vigente, por não se preocupar com o progresso material e político do homem na Terra. O que acha?

Resposta — É muito interessante isso, mas não desejamos abusar, desprestigiar, desprimorar mesmo a figura de Jesus Cristo. É importante considerar que Jesus cogitou muito da melhora da criatura em si. Auxiliou cada companheiro no caminho a ter mais fé, a amar os seus semelhantes, ensinou os companheiros a se entre-ajudarem, de modo que nós vimos Jesus sempre preocupado com o homem, com a alma. Não nos consta que ele tivesse aberto qualquer processo de subversão contra o Império Romano, nem mesmo contra a Palestina ocupada. Então,

o espírita não é propriamente uma pessoa conformada do ponto de vista negativo. Conformismo em Doutrina Espírita tem o sinônimo de paciência operosa. Paciência que trabalha sempre para melhorar as situações e cooperar com aqueles que recebem a responsabilidade da administração de nossos interesses públicos. Em nada nos adiantaria dilapidar o trabalho de um homem público, quando nosso dever é prestigiá-lo e respeitá-lo tanto quanto possível e também colaborar com ele para que a missão dele seja cumprida. Porque é sempre muito fácil subverter as situações e estabelecer críticas violentas ou não em torno das pessoas.

Nós precisamos é da construtividade. Não que estejamos batendo palmas para esse ou aquele, mas porque devemos reverenciar o princípio da autoridade, porque sem disciplina não sei se pode haver trabalho, progresso, felicidade, paz ou alegria para alguém. Veja a natureza: se o sol começasse a pedir privilégios e se a Terra exigisse determinadas vantagens, o que seria de nós com a luz e o pão de cada dia?

2. Pergunta — Há uma preocupação mundial por uma nova ordem econômica e social no mundo (inclusive o Papa João Paulo II já chegou a pedi-la ao presidente Jimmy Carter). Na sua opinião, para onde caminha a Humanidade? Haverá possibilidade de, em breve, atingirmos um grau de igualdade e fraternidade entre os homens?

Resposta — Creio que mesmo que isto nos custe muitos sofrimentos coletivos, nós

chegaremos até a confraternização mundial.

As circunstâncias da vida na Terra nos induzirão a isso e nos conduzirão para essa vitória de solidariedade humana. Não é para outra coisa que o Cristianismo, nas suas diversas interpretações, dentro das quais está a nossa faixa de doutrina espírita militante, terá nascido, não é? Eu creio que acima de nossas governanças, todas elas veneráveis, temos o Governo de poderes maiores que nos inspira e que, naturalmente, nos enviará recursos para que essa vitória da fraternidade universal se verifique.

3. Pergunta — Então o senhor não acredita no Apocalipse previsto por Nostradamus e outros videntes para o ano 2.000?

Resposta — Respeito os estudos sobre o Apocalipse mas não tenho ainda largueza de pensamento para interpretar o Apocalipse como determinados técnicos o interpretam e situam. Mas, acima do próprio .Apocalipse, eu creio na bondade eterna do Criador que nos insuflou a vida imortal. Então, acima de todos os apocalipses, eu creio em Deus e na imortalidade humana e essas duas realidades preponderarão em qualquer tempo da Humanidade.

4. Pergunta — Sendo assim, o mal nunca vencerá o bem?

Resposta — O bem sanará o mal, porque este não existe: é o bem, mal interpretado. Muitas vezes aquilo que julgamos como mal, daqui a dois, quatro, seis anos, é um

bem. Um bem cuja extensão não conseguimos avaliar. Portanto, o mal está muito mais na nossa impaciência, no nosso desequilíbrio quando exigimos determinadas concessões, sem condições de obtê-las. De modo que o mal é como se fosse o frio. Este existe porque o calor ainda não chegou. Mas chegando o aquecimento, o frio deixa de existir. Se a treva aparece é porque a luz está demorando, mas quando acendemos a luz ninguém pensa mais nas trevas. Não creio na existência do mal em substância. Isso é uma ficção.

5. Pergunta — Pode-se afirmar que todos os homens que habitam hoje a Terra já tiveram uma experiência anterior de vida?

Resposta — Todos os que estão acima da inteligência submediana são espíritos reencarnados. Agora, os Espíritos nos explicam que aquelas criaturas demasiadamente primitivas, que às vezes nem mesmo se deslocam para o serviço de autoalimentação, essas criaturas estarão talvez na primeira experiência de existência humana. Mas, desde que a criatura já nasça com determinadas tendências, essas revelam que as pessoas já viveram em outras fases, em outras instâncias.

6. Pergunta — Como se explica, então, que o mundo tivesse no ano 1.500, vamos supor, 500 milhões de habitantes e agora, no limiar do ano 2.000, estarmos com uma população em torno de 4 bilhões de pessoas?

Resposta — O próprio Jesus disse: “A casa

de meu Pai tem muitas moradas.” (JO) Então, se nós limitarmos a nossa visão a apenas uma unidade física, estaremos limitados em nossos raciocínios. Mas ocorre que a região chamada crosta terrestre é cercada por várias áreas habitadas por inteligências junto das quais ainda não temos o acesso preciso. Nós acreditamos, juntamente com os amigos espirituais, que a população flutuante da Terra vai para mais de 20 bilhões, isto só a população desencarnada.

7. Pergunta — Atualmente, fala-se muito nos contatos de seres extraterrenos. O senhor acredita na existência de discos voadores?

Resposta — Eu acredito que existem naves interplanetárias. Mas o assunto é um tanto quanto difícil, porque pertence ao campo da ciência. Nós não podemos ignorar que, depois da Segunda Guerra Mundial, as superpotências experimentaram determinadas máquinas, mormente máquinas voadoras, naturalmente com segredos de Estado que são compreensíveis. Possivelmente, teremos máquinas de formas esféricas para voar e concorrer com nossos aviões, com nossos “Concordes” e talvez estejam esperando a hora certa para surgir. Se entrarmos aí numa contenda sobre discos voadores, que dependem de outros mundos, de outras regiões de nossa galáxia, e se as sedes desses engenhos não permitirem que eles venham visitar a Terra durante muito tempo e aparecerem as máquinas esféricas das superpotências, então com que rosto vamos aparecer? Vamos deixar que a

ciência resolva este problema.

8. Pergunta — O que poderá acontecer ao mundo se continuarem as atuais agressões contra a natureza?

Resposta — Acontece que estamos agredindo, não a natureza, mas a nós próprios e responderemos pelos nossos desmandos. É importante pensar que se criou a Ecologia para prevenir estes abusos. Aqueles que acreditarem na Ecologia acima de seus próprios interesses nos auxiliarão nessa defesa do nosso mundo natural, da nossa vida simples na Terra, que poderia ser uma vida de muito mais saúde e de muito mais tranquilidade se nós respeitássemos coletivamente todos os dons da natureza. Mas, se continuarmos agredindo-a demasiadamente, o preço será pago por nós próprios, porque depois voltaremos em novas gerações, plantando árvores, acalentando sementes, modificando o curso dos rios, despoluindo as águas, drenando os pântanos e criando filtros que nos liberem da poluição. O problema será sempre do homem. Teremos que refazer tudo, porque estamos agindo atualmente contra nós mesmos.

9. Pergunta — Estuda-se no Brasil uma forma de legalização do aborto. Qual sua opinião?

Resposta — O aborto é sempre lamentável, porque se já estamos na Terra com elementos anticoncepcionais de aplicação suave, compreensível e humanitária, porque é que havemos de criar a matança de crianças indefesas, com absoluta

impunidade, entre as paredes de nossas casas? Isto é um delito muito grave perante a Providência Divina, porque a vida não nos pertence e, sim, ao poder divino. Se as criaturas têm necessidade do relacionamento sexual para revitalização de suas próprias forças, o que achamos muito justo, seria melhor se fizessem sem alarme ou sem lesão espiritual ou psicológica para ninguém. Se o anticoncepcional veio favorecer esta movimentação das criaturas, por que vamos legalizar ou estimular o aborto? Por outro lado, podemos analisar que se nossas mães tivessem esse propósito de criar uma lei do aborto no século passado, ou no princípio e meados deste século, nós não estaríamos vivos.

10. Pergunta — De vez em quando aparece alguém que, em virtude de algum problema social mais grave — a violência, por exemplo, — pede a pena de morte. O senhor concorda?

Resposta — A pena deveria ser de educação. A pessoa deveria ser condenada mas é a ler livros, a se educar, a se internar em colégios ainda que seja, vamos dizer, por ordem policial. Mas que as nossas casas punitivas, hoje chamadas de casas de reeducação, sejam escolas de trabalho e de instrução. Isto porque toda criatura está sentenciada à morte pelas leis de Deus, porque a morte tem seu curso natural. Por isso, acho que a pena de morte é desumana, porque ao invés de estabelecê-la devíamos coletivamente criar organismos que incentivassem a cultura, a

responsabilidade de viver, o amor ao trabalho. O problema da periculosidade da criatura, quando ela é exagerada, esse problema deve ser corrigido com educação e isso há de se dar no futuro. Porque nós não podemos corrigir um crime com outro, um crime individual com um crime coletivo.

11. Pergunta — Qual a posição do Espiritismo, hoje, quando a Igreja amplia violentamente a evangelização, com a visita do Papa a várias regiões do mundo?

Resposta — Nós, brasileiros, temos para com a Igreja Católica uma dívida irresgatável, porque por mais de 400 anos nós fomos e somos tutelados por ela na formação do nosso caráter cristão. Quando nos lembramos que os primeiros missionários entraram pela terra brasileira adentro, não com lâminas ou objetos de guerra, mas com a cruz de Cristo, nós nos enternecemos profundamente e compreendemos que a nossa dívida é imensa. Se o nosso povo está tributando as homenagens merecidas e justas ao Papa, que nos visita em missão de Deus, nós devemos estar satisfeitos e rejubilar-nos com essas manifestações, porque isso mostra que nosso povo é reconhecido a uma instituição que nos deu e dá tanto. Hoje, podemos ser livres pensadores espíritas, espiritualistas, evangélicos, podemos matricular nossos corações nas diversas escolas que são derivadas do próprio Cristianismo, mas não podemos esquecer aquele trabalho heroico dos

primeiros tempos, dos primeiros séculos. A Igreja até hoje tutela a comunidade brasileira, com muito amor.

12. Pergunta — A pompa e o luxo com que recebem o Papa e até mesmo a exploração comercial que fizeram com sua vinda, o senhor acha certo?

Resposta — Não podemos pensar nestes termos, porque é a primeira vez que o chefe supremo da Igreja Católica Apostólica Romana visita o nosso país. Nós gastamos fortunas imensas, com todo o nosso respeito, no futebol, que é uma instituição mundial. No futebol, os grandes favoritos são até considerados como embaixadores. Se no futebol, gastamos, às vezes, bilhões em determinadas partidas e nos sentimos felizes com nossas festas nos grandes estádios, porque não podemos reverenciar o Papa com a alegria popular das nossas medalhas, das nossas bandeiras, dos nossos acenos de carinho para com um homem extraordinário, que tem beijado o chão de tantas terras, que tem-se mostrado tão grande pelo coração e a quem devemos tanto respeito? Creio que os brasileiros estão cumprindo um dever e o que se gasta, no Brasil, para receber o Papa não vai fazer falta a ninguém. Como o dinheiro que se gasta no futebol também não faz. Ou no Carnaval, onde também se gastam bilhões, uma grande festa folclórica que é uma exibição de História do Brasil e de respeito aos grandes acontecimentos da Nação. Enfim, por que o Papa deveria aparecer no Brasil pedindo

esmolas?

13. Pergunta — O povo hoje tem uma certa incredulidade diante das definições tradicionais do céu e inferno. Na sua visão, como eles seriam?

Resposta — Dentro da visão espírita-cristã, céu, inferno e purgatório começam dentro de nós mesmos. A alegria do bem praticado é o alicerce do céu. A má intenção já é um piso para o purgatório e o mal devidamente efetuado, positivado, já é o remorso que é o princípio do inferno.

14. Pergunta — Deve-se aceitar a lei do carma passivamente ou temos condições de modificá-la, talvez, para uma condição melhor?

Resposta — Aquilo que ficou estabelecido como sendo nos, a dívida é uma determinação que devemos pagar. Se comprei e assumi a dívida, devo pagar. É o que consideramos destinação, é o carma. Mas isso não impede a lei da criatividade com a qual nós podemos atuar todos os dias para o bem, anulando o carma chamado de sofrimento. Vamos supor que uma criatura está doente e precisa de uma intervenção cirúrgica. É o caso de perguntarmos: ela deve ou não se submeter à intervenção cirúrgica, o que tem todas as possibilidades de êxito? Ela deve sim, deve preservar o seu próprio corpo, é um dever procurar a medicina e se valer do socorro médico para a reabilitação do seu próprio organismo. Então, aí está uma resposta a esta questão. A misericórdia de Deus sempre nos proporciona recursos para pagar ou

reformatar os nossos títulos de débito, assim como uma organização bancária permite que determinadas promissórias sejam pagas com grandes adiantamentos, conforme o merecimento do devedor. Assim como temos grande número de amigos avalistas a nos tutelar nos Bancos, temos também os espíritos extraordinários que são os santos, os anjos, os nossos amigos espirituais que pedem por nós, que auxiliam, que nos dão mais oportunidade para que a gente tenha mais tempo. Por isso que a pessoa deve cuidar bem de seu corpo, porque ele é a enxada com a qual a criatura está semeando e lavrando o terreno do tempo e das boas ações. De modo que existe o carma, mas existe também o pensamento livre, porque nós somos livres por dentro da cabeça.

15. Pergunta — Existe alguma maneira de uma pessoa desenvolver a sua mediunidade sem precisar frequentar um Centro ou mesmo aprofundar-se na Doutrina?

Resposta — Nós temos, por exemplo, o esoterismo em determinadas doutrinas espiritualistas com processos semelhantes aos da ioga, pelos quais a criatura se aperfeiçoa nas suas faculdades psíquicas e consegue ser, por exemplo, um intérprete do mundo espiritual sem as características do médium espírita-cristo propriamente considerado. Mas nos moldes em que eu me vi na necessidade de encontrar um socorro para os meus problemas psicológicos e espirituais, não vejo outras entidades no momento capazes de, do

ponto de vista popular, trazer para o nosso coração tanto benefício como um Centro Espírita Cristão, orientado com segurança por amigos de Cristo e de Allan Kardec, capazes de ponderar as responsabilidades que eles assumem. De modo que eu me sinto uma pessoa feliz com o tratamento da mediunidade na estação em que trabalho e me encontro, mas cada qual tem o seu próprio caminho. Eu não desconheço que toda religião tenha os seus processos de apoio para a sublimação de seus adeptos, e respeito todas elas.

16. Pergunta — Nota-se de uns tempos para cá um interesse maior nas pessoas em conhecer alguma coisa do Espiritismo. Como o senhor vê essa situação?

Resposta — Eu creio que o número de adeptos da Doutrina Espírita tem crescido em função das provas coletivas com que temos sido defrontados, acidentes dolorosos, provações muito difíceis, desvinculações familiares tremendas, transformações muito rápidas nos costumes sociais e tudo isto tem induzido a comunidade a procurar uma resposta espiritual a estes problemas que vão sendo suscitados pela própria renovação do nosso tempo. Eu creio que, por isso mesmo, a Doutrina Espírita tenha alcançado este campo de trabalho cada vez mais amplo, que considero também não como êxito, mas como amplitude e responsabilidade para aqueles que são os companheiros da seara espírita e evangélica.

17. Pergunta — Como ficará a Doutrina Espírita após a sua morte? O senhor acha que ela ficará abalada? Quem poderá substituí-lo na liderança?

Resposta — A Doutrina Espírita estará tão bem depois da minha desencarnação quanto estava antes, porque eu não sou pessoa com qualidades especiais para servi-la. Eu sou um médium tão comum, tão falível como qualquer outro. Não me sinto uma pessoa necessária e muito menos indispensável. Outros médiuns estarão aí interpretando o pensamento e a mensagem dos nossos amigos espirituais, e eu peço a Deus apenas que não me deixe dar “mancadas” em minha tarefa.

18. Pergunta — Os espíritas raramente dizem a palavra pecado. Este não existe para a Doutrina? Por exemplo, o sexo não seria um pecado?

Resposta — Quanto ao pecado, nós temos na Doutrina Espírita a Lei de Causa e Efeito, que é a lei, como dizem os hindus, a lei do carma. Lei essa pela qual as nossas faltas serão reparadas por nós mesmos. Nós criamos os nossos próprios impedimentos. Por exemplo, se eu pratico o suicídio nesta vida, naturalmente que na próxima eu devo ressurgir num corpo com as características de sofrimento que eu próprio terei criado para mim. De modo que nós não vamos dizer que não existe o conceito de pecado na Doutrina Espírita, mas os espíritas habitualmente não abusam desta palavra porque nós não podemos desconhecer a misericórdia de Deus em Sua própria justiça. Se estamos

ainda em uma fase de desenvolvimento e de evolução ainda razoavelmente imperfeita, por que é que a perfeição divina haveria de nos punir com castigos eternos, quando um pai humano promove sempre meios para que o seu filho doente ou faltoso seja amparado com o remédio ou com o socorro psicológico? De modo que nós não consideramos o pecado como sendo uma afronta à bondade de Deus mas, sim, a falta que cometemos, uma afronta feita a nós mesmos, pois cada um de nós, carrega em si a presença divina.

19. Pergunta — E o sexo?

Resposta — Quanto ao sexo, nós todos estamos conscientes de que é tão importante um órgão genital como é importante o órgão da visão, da audição. Por exemplo, se um homem estabelece um processo de malícia contra alguém, naturalmente que o culpado não é o olho desse homem, mas sim a sua mente que foi quem ideou a malícia. De modo que, se o sexo tem alguma falha, esta falha está em nossa mente, não no órgão que nos deu especialmente o privilégio do título de filhos, filhos de mães sempre maravilhosas, porque nossas mães são sempre almas grandes, anjos humanos que nos acalentam nos braços e que nos abrem caminhos para a existência humana. E pelo sexo é que a Divina Providência nos deu esse santuário.

20. Pergunta — Se o senhor tivesse que dar uma mensagem a uma criança, ou mesmo a um filho,

para que ele pudesse vencer espiritualmente na vida, o que diria?

Resposta — Se eu tivesse um filho (tive na minha vida algumas crianças que cresceram sob a minha responsabilidade), ensinaria nos primeiros dias da vida desse filho o respeito à existência de Deus e o respeito à justiça e amor ao trabalho. E, em seguida, ensinaria que ele não seria, e não será, melhor do que os filhos dos outros.

21. Pergunta — O senhor acredita que viverá ainda muitos anos?

Resposta — Acredito que quem chegou ao septuagésimo quilômetro na rodovia do tempo não pode esperar muito, mas estou na condição do trabalhador que, tendo apenas uma enxada para lavrar o campo, tem todo o cuidado com o instrumento, para que este instrumento possa ser usado em proveito do trabalho que possivelmente possa desempenhar com muito carinho.

22. Pergunta — É voz corrente que Chico Xavier sabe a data em que vai morrer...

Resposta — Não. Os Espíritos amigos me dizem que isto não me é conveniente, porque a nossa mente, mesmo de modo indireto, pode atuar sobre o nosso campo celular, estabelecendo processos destrutivos que não convêm de modo algum a pessoa nenhuma, mesmo àquela que se sinta preparada para deixar o Plano físico. Nós devemos ignorar esta data, porque poderíamos criar antecipações de

caráter negativo e isso é impróprio para nós.

23. Pergunta — Qual a tiragem, em números atuais, de todos os seus livros?

Resposta — Francamente, o problema editorial eu desconheço por completo na questão de cifras, estatísticas, de procura ou de oferta. É um mercado no qual não entro, pois estou na produção. Mas as organizações editoriais que se encarregam desses livros naturalmente estão prontas a responder a qualquer indagação nesse sentido. Nos próprios livros, eles colocam sempre, em cada um, quantos já saíram, em tantas ou quantas edições. De maneira que isso é fácil de se verificar, através dos próprios livros.

24. Pergunta — Os direitos autorais sobre eles foram totalmente doados?

Resposta — Todos eles, sem exceção de qualquer um.

25. Pergunta — Como o senhor vive, então, financeiramente?

Resposta — Dos proventos de minha aposentadoria. E, naturalmente, são muitos os amigos que nos obsequiam, de maneira tão direta e espontânea que seria uma ingratidão, por exemplo, desprezar um terno de roupa, uma camisa, um par de meias, um par de sapatos. De modo que eu vivo muito bem com os meus vencimentos e com os amigos que eu tenho, que, graças a Deus, são muitos, e não me sinto nem uma pessoa rica para desperdiçar, nem pobre para desejar o que seja alheio.

26. Pergunta — No início de sua missão mediúnica, o senhor foi muitas vezes incompreendido e até caluniado. Como faria uma análise disso, já que hoje sua imagem tem uma outra aceitação?

Resposta — Minha atitude perante a opinião pública foi sempre a mesma, de muito respeito ao pensamento dos outros. Porque nós não podemos esperar que os outros estejam ideando situações e problemas de acordo com nossas convicções mais íntimas. De modo que não posso dizer que sofri essa ou aquela agressão, porque isso nunca aconteceu em minha vida. Sempre encontrei muita gente boa. Vamos procurar um símbolo: dizem que os índios gostam muito de simbologia por falta de termos adequados para se expressar. Como me sinto uma pessoa bastante inculta, eu gosto muito de recorrer a essas imagens. Vamos pensar que eu seja uma pedra que foi aproveitada no calçamento de uma avenida. Colocada a pedra no piso da avenida, naturalmente que essa pedra vai se sentir muito honrada de estar ali a serviço dos transeuntes e, naturalmente, que essa pedra não poderá se queixar dos martelos que lhe tenham quebrado as arestas. Todos eles foram benfeitores.

27. Pergunta — Fisicamente, como suporta essa verdadeira maratona espiritual que é a sua vida?

Resposta — Há 53 anos tenho esta tarefa, que me traz muito reconforto, muita alegria mesmo. Atualmente, com o tratamento de saúde, durante 5 dias da

semana eu me abstenho de contatos maiores com o público, porque reservo minhas energias para as sextas e sábados. Mas, dentro desse equilíbrio, não me sinto com qualquer carência de forças, porque a alegria dos amigos também é remédio e compreensão.

28. Pergunta — Poderia nos contar um fato ou uma passagem de sua vida que lhe traz melhores recordações e que mais lhe tocou o coração?

Resposta — Peço permissão para contar um caso que para mim foi um dos mais expressivos, que mais parece uma história infantil. Eu estava em Uberaba, há uns dois anos, esperando um ônibus para ir ao cartório. Da nossa residência até lá tem uns três quilômetros. Nós, com o horário marcado, não podíamos perder o ônibus. Mas, quando o ônibus estava quase parando, uma criança, de uns cinco anos, apresentando bastante penúria, gritava por mim, de longe. Chamava por Tio Chico, mas com muita ansiedade. O ônibus parou e eu pedi, então, ao motorista: “Pode tocar o ônibus, porque aquela criança vem correndo em minha direção e estou supondo que este menino esteja em grande necessidade de alguma providência. O ônibus seguiu, eu perdi, naturalmente, o horário. A criança chegou ao meu lado, arfando, respirando com muita dificuldade. Eu perguntei: “O que aconteceu, meu filho?” Ele respondeu: “Tio Chico, eu queria pedir ao senhor para me dar um beijo”. Esse eu acho que foi um dos acontecimentos mais importantes

de minha vida.

29. Pergunta — Como vê essa campanha em torno de seu nome para o Prêmio Nobel da Paz?

Resposta — A campanha nasceu da generosidade de amigos nossos, cujos nomes me lembro bem, como Augusto César Vannuci, homem de televisão, e Divaldo Pereira Franco, que é professor e também médium de muita responsabilidade na Bahia. Quando soube, o movimento já tinha idade de uns vinte dias. Eu não podia desapontar esses amigos. Então, estou dentro de uma campanha que não foi desfechada por mim, pois não teria coragem de suscitá-la, mas a vida é também participação e não omissão. E a gente vai com os amigos não para ganhar, mas para compartilhar as alegrias, as esperanças, as aspirações daqueles grupos a que pertencemos. Espero que tudo corra da melhor maneira possível, mas sem nenhuma ideia de ter ou ganhar esse ou aquele troféu, porque eu nunca fiz coisa alguma para merecer essa ou aquela honra. Absolutamente, isto não está em meu pensamento. Agora, considero interessante o assunto depois de desencadeado pela quantidade de amigos que aparecem, pela divulgação dos princípios cristãos, especialmente os princípios espírita-cristãos. Isto tudo eu acho um prêmio valioso, certo. O amigo é sempre uma remuneração que vem de Deus.

30. Pergunta — O senhor analisa a campanha

visando mais o lado da divulgação da Doutrina?

Resposta — Vejo mais o lado da movimentação dos assuntos. Porque eu não fiz coisa alguma. Os livros também não me pertencem e, sim, aos bons espíritos. Estou na condição quase de um espectador, porque eu não mereço e nem tenho méritos para isso. Quando os espíritos integraram o número de 100 livros em 1969, os amigos fizeram uma festa em Uberaba, lembrando os 100 livros mediúnicos. Alguns companheiros falaram com muito carinho sobre o assunto, e chegou a minha vez, quando eu devia agradecer. Então, eu disse assim: “Realmente estamos com 100 livros de nossos amigos espirituais e estou com 100, mas com “s”. E continuo sem.”

31. Pergunta — Por que o senhor não quis mais voltar para Pedro Leopoldo?

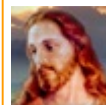
Resposta — O problema não foi propriamente da vontade. Nos meus últimos dois anos em Pedro Leopoldo, fui acometido por uma labirintite muito violenta. Aliás, estive algum tempo sob o tratamento do distinto médico Dr. Costa Chiabi, otorrino em Belo Horizonte. Tratou-me com muita bondade, a ponto de não me cobrar coisa alguma. Aproveito esta oportunidade até para agradecer a ele, afinal nunca é tarde para sermos gratos, não é verdade? Mas eu precisava de um clima mais temperado, um pouco mais quente que o de Pedro Leopoldo. Então, Uberaba era a minha oportunidade, porque temos aqui o Parque Fernando Costa, que

era subordinado à Inspetoria Regional de Fomento da Produção Animal em Pedro Leopoldo, de cujo quadro de funcionários participei durante o tempo regimental para a aposentadoria, 35 anos. De modo que vim para Uberaba e aqui completei o meu tempo de serviço, me adaptei à cidade e senti-me numa Pedro Leopoldo de maiores dimensões, mas com o mesmo coração de Pedro Leopoldo. Uberaba é uma cidade maravilhosa pela harmonia que reina entre os grupos religiosos e sociais. De modo que adquiri muitas amizades e fiquei sempre com o pensamento balançando entre as duas mãos: uma, que me deu o berço e a outra, que me deu o coração numa hora difícil, porque a doença é sempre um obstáculo que temos que revolver. Aqui, felizmente, sarei.

.Chico Xavier

.Airton Guimarães

(Esta entrevista faz parte de um extenso trabalho de reportagem dos jornalistas Airton Guimarães e José de Paula Cotta, do jornal “Estado de Minas”, Publicado nas edições de 8, 9, 10 e 12 de julho de 1980. Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 182, maio/agosto de 1980.)



15

Na tarefa mediúnica



(Entrevistando o médium Francisco Cândido Xavier, em Uberaba, no dia 17 de julho de 1988.)

Pergunta — Em seu primeiro encontro com Emmanuel, ele enfatizou muito a disciplina. Teria falado algo mais?

Resposta — Depois de haver salientado a disciplina como elemento indispensável a uma boa tarefa mediúnica, ele me disse: “Temos algo a realizar.” Repliquei de minha parte qual seria esse algo e o benfeitor esclareceu: “Trinta livros pra começar!” Considerei, então: como avaliar esta informação se somos uma família sem maiores recursos, além do nosso próprio trabalho diário, e a publicação de um livro demanda tanto dinheiro!... Já que meu pai lidava com bilhetes de loteria, eu acrescentei: será que meu pai vai tirar a sorte grande? Emmanuel respondeu: “Nada, nada disso. A maior sorte grande é a do trabalho com

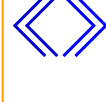
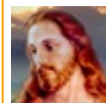
a fé viva na Providência de Deus. Os livros chegarão através de caminhos inesperados!” Algum tempo depois, enviando as poesias de “Parnaso de Além Túmulo” para um dos diretores da Federação Espírita Brasileira, tive a grata surpresa de ver o livro aceito e publicado, em 1932. A este livro seguiram-se outros e, em 1947, atingimos a marca dos 30 livros. Ficamos muito contentes e perguntei ao amigo espiritual se a tarefa estava terminada. Ele, então, considerou, sorrindo: “Agora, começaremos uma nova série de trinta volumes.” Em 1958, indaguei-lhe novamente se o trabalho finalizara. Os 60 livros estavam publicados e eu me encontrava quase de mudança para a cidade de Uberaba, onde cheguei a 5 de janeiro de 1959. O grande benfeitor explicou-me, com paciência: “Você perguntou, em Pedro Leopoldo, se a nossa tarefa estava completa e quero informar a você que os mentores da Vida Maior, perante os quais devo também estar disciplinado, me advertiram que nos cabe chegar ao limite de cem livros.” Fiquei muito admirado e as tarefas prosseguiram. Quando alcançamos o número de 100 volumes publicados, voltei a consultá-lo sobre o termo de nossos compromissos. Ele esclareceu, com bondade: “Você não deve pensar em agir e trabalhar com tanta pressa. Agora, estou na obrigação de dizer a você que os mentores da Vida Superior, que nos orientam, expediram certa instrução que determina seja a sua atual reencarnação desapropriada, em benefício

da divulgação dos princípios espírita-cristãos, permanecendo a sua existência, do ponto de vista físico, à disposição das entidades espirituais que possam colaborar na execução das mensagens e livros, enquanto o seu corpo se mostre apto para as nossas atividades.” Muito desapontado, perguntei: então devo trabalhar na recepção de mensagens e livros do mundo espiritual até o fim da minha vida atual? Emmanuel acentuou: “Sim, não temos outra alternativa!” Naturalmente, impressionado com o que ele dizia, voltei a interrogar: e se eu não quiser, já que a Doutrina Espírita ensina que somos portadores do livre arbítrio para decidir sobre os nossos próprios caminhos? Emmanuel, então, deu um sorriso de benevolência paternal e me cientificou: “A instrução a que me refiro é semelhante a um decreto de desapropriação, quando lançado por autoridade na Terra. Se você recusar o serviço a que me reporto, segundo creio, os orientadores dessa obra, de nos dedicarmos ao Cristianismo Redivivo, de certo que eles terão autoridade bastante para retirar você de seu atual corpo físico!” Quando eu ouvi sua declaração, silencieei para pensar na gravidade do assunto, e continuo trabalhando, sem a menor expectativa de interromper ou dificultar o que passei a chamar de “Desígnios de Cima”. ^N

.Chico Xavier

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 205. Abril/junho de 1988.)

[1] [Esta entrevista foi igualmente reproduzida pelo **IDEAL** e é a 4ª lição do livro “**NOVO MUNDO.**”; foi reproduzida também em 2007 pela editora **VL** em anexo ao livro: “**DEUS CONOSCO**”.]



16

As opiniões corajosas de Chico Xavier



(Numa entrevista, concedida aos jornalistas goianos Batista Custódio — Diário da Manhã — e Consuelo Nasser — Revista Presença — nosso querido Chico Xavier respondeu sobre várias questões. Duas delas nós transcrevemos do jornal “Goiás Espírita” — órgão de divulgação da Federação Espírita do Estado de Goiás — edição 284, de janeiro/fevereiro de 1988 — por considerá-las bastante oportunas. (...))

Pergunta — Têm surgido muitos médiuns e curadores por este Brasil afora, que receitam remédios e até operam os doentes. Qual é a maneira de se identificar o verdadeiro do falso?

Resposta — Eu creio que isto deva ser fruto da educação do sertanejo, acreditar que, pagando bem, irá conseguir curas espirituais. O verdadeiro Espiritismo não pode cobrar, nem mesmo os remédios que receita aos doentes. Também sou contra essa estória de meter o canivete no corpo dos outros, sem ser médico. O médico

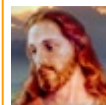
estudou bastante anatomia, patologia e, por isso, está habilitado a fazer uma cirurgia. Por que eu, sendo médium, vou agora pegar uma faca e abrir o corpo de um cristão sem ser considerado um criminoso? Eu já me operei cinco vezes, e vários médiuns me ofereceram seus serviços. O Espírito Emmanuel me disse: “Você deveria ter vergonha até em pensar em receber esse tipo de cura, porque todos os outros doentes vertem sangue, usam éter, tomam determinados remédios para melhorar. Como você pretende se curar numa cadeira de balanço?”

Pergunta — Diante disso, como fica o fenômeno “Zé Arigó”?

Resposta — Quando eu estava para operar, da última vez, em 1968, de um tumor na próstata, Zé Arigó mandou me avisar que estava pronto para realizar a operação. Eu lhe respondi: como é que eu ficaria diante de tanto sofredor que me procura e que vai a caminho do bisturi, como o boi vai para o matadouro? E eu, sabendo disso, vou querer facilidades? Eu tenho é que operar como os outros, sofrendo com eles! (...)

.Chico Xavier

(Fonte: Revista “O Espírita”, número 62, fevereiro/março de 1989.)



17

Chico Xavier em entrevista exclusiva



(Entrevista (...) transcrita do jornal “A Folha Espírita”, de São Paulo, edição 193, ano XVII, abril de 1990.)

1. Pergunta — Chico, você estará completando 80 anos de existência física no dia 2 de abril e 63 de atividade ininterrupta no campo da mediunidade. Como você se sente nessa quadra da vida?

Resposta — Eu me sinto muito bem, porque trago comigo a paz de espírito. Os 80 anos não me afetaram, em absoluto, naquilo que é meu ideal de trabalhar, de servir, de aprender, de me comunicar com os outros, de modo que o corpo apresentou algumas dificuldades, principalmente na locomoção, mas espiritualmente eu não tenho a menor tísica de preocupação com os 80 anos.

2. Pergunta — Você é um “best seller” incontestável

do movimento editorial brasileiro. Gostaria que você nos dissesse algo sobre a trajetória de cada obra que recebe. Emmanuel é o coordenador desse programa. O que é que ele fala a respeito do programa de cada livro?

Resposta — Ele sempre considerou que cada livro se destinava e se destina, aliás, a uma faixa de pessoas que estão incursas na necessidade de conhecê-lo para fins de recuperação da paz e da renovação delas mesmas.

3. Pergunta — Ele sabe disso através dos serviços de computação que existem no mundo espiritual?

Resposta — Ele sabe. Quanto a mim, ele estimaria que tomasse contato com os trabalhos de computação e pudesse trabalhar um tanto nesse setor, mas como eu não tenho experiência e ele é muito humanitário, está esperando que meus ossos possam suportar o trabalho, mesmo mínimo. Então, quero dizer a você que devo ser uma das raras pessoas no mundo que está tratando primeiro do próprio esqueleto.

Editoras Espíritas

4. Pergunta — Perguntamos sobre o trajeto das obras recebidas, por seu intermédio, porque sentimos que os cem primeiros volumes, aqueles que estão mais particularmente ligados à editora da Federação Espírita Brasileira (F.E.B.), são livros mais densos. Depois, houve como que um movimento mais explicativo dos conceitos já ventilados, os benfeitores desceram mais às minúcias, com obras mais simples. Foi realmente esse o caminho seguido?

Resposta — Eu creio que esse foi o

caminho seguido, porque a Federação Espírita Brasileira fazia sempre uma revisão muito rigorosa. E nessa revisão, muitos conceitos não sofriam deformidade. Ela os mantinha, mas ficavam dentro de uma estreiteza que não suportava nenhuma expressão de elasticidade. Então, o espírito de Emmanuel, que dirige essa equipe de espíritos, achou razoável que se estimulasse os companheiros inclinados a se responsabilizar por uma editora. Que esses companheiros recebessem dos espíritos livros tão simples como o povo, em si, o necessita. Eu creio que a Federação agiu muito bem, porque ela ficou segregada no classicismo da Doutrina, uma espécie de movimento, não digo dogmático, porque ela não faria nada de dogmático, mas um movimento de mais largueza de palavras para melhorar e iluminar o raciocínio.

Transcomunicação — A ciência apoiando a fé

5. Pergunta — O que é que os Espíritos têm dito a respeito da transcomunicação? Na Europa, hoje, o movimento está tomando um vulto extraordinário e tem sido comparado até com o movimento das mesas girantes, observado no século passado. Seria um novo chamamento à meditação, acerca da sobrevivência?

Resposta — Eu creio que sim, pois da parte dos espíritas desencarnados, a maioria que eu conheço está toda interessada em que se abra o túnel que impede que esse movimento se liberte e se desenvolva

tanto quanto possível. Porque desse movimento partiríamos com a própria ciência para caminhos que chegariam muito mais depressa à fé raciocinada.

A Vida Triunfa”

6. Pergunta — Como você vê o lançamento do livro “A Vida Triunfa”, primeira obra da Folha Espírita Editora?

Resposta — O livro, para mim que sou um leigo, um ignorante nos processos literários, vai despertar muito interesse pela composição dos argumentos expostos. O que li do livro me deu uma grande alegria interior. Com tanta gente com vontade de conhecer algo sobre a vida espiritual, espero que o livro seja muito bem aceito, e gostaria mesmo que ele fosse bilíngue para que abrangesse todo o continente sul-americano. Eu quero dizer que o livro pode servir à elevação de qualquer povo, onde pudesse ser apresentado, mas creio que o Brasil é muito isolado dos outros países sul-americanos.

Castelhano como língua natural do Brasil

7. Comentário do entrevistado — Os países sul-americanos, dentro de uma união compreensível e necessária, poderiam, mesmo economicamente, resolver todos os seus problemas. A América do Sul possui tudo aquilo que compra do exterior. Se isso é possível,

então, o livro também entra. Agora, eu tenho esperança de que o Brasil adote o castelhano como língua natural da Nação. Algumas vozes se levantam, aqui e ali, mas são vozes ainda muito fracas, porque elas não gritam essa necessidade. E, nós outros, os pequeninos, temos que esperar que as grandes inteligências se manifestem. Aí elas se manifestarão, porque a economia do mundo vai ensinar aos sul-americanos o que é que eles possuem. Eles podem ter muito trigo, muito ouro, brilhantes sem conta, pedras preciosas da melhor qualidade. Os materiais de alimentação comum são confirmados em diversas nações.

Mercado Comum Sul-americano

8. Comentário do entrevistado — Eu penso que, quando os nossos regentes em política compreenderem isso, nós poderemos ter o mesmo relacionamento que os países da Europa têm com a América do Norte. Uma união feliz e necessária, porque, se trabalharmos, teremos tudo isso na mão.

O Brasil de hoje

9. Pergunta — Chico, como você vê o Brasil nessa quadra da vida?

Resposta — A quadra de agora é de transição. Por muito que pensemos, não chegaremos a uma conclusão exata porque a diversidade das ideias é muito grande e o acúmulo das paixões fizeram do Brasil um

campo de opiniões, às vezes, até desvairadas. O trabalho mesmo, que é necessário, nada. Eu me lembro de que no tempo da guerra, terminada em 1945, na Inglaterra e na Itália, sobretudo nesses dois países, plantava-se batatas em vasos. Venceram pelo próprio esforço e não passaram fome. Por que é que havemos só de plantar flores? E os outros elementos? Que as flores sejam homenageadas pela beleza, mas elas não vão à panela.

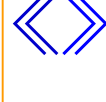
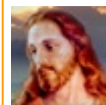
Vibrações de paz para o leste da Europa

10. Pergunta — Gostaríamos que você comentasse algo sobre o Leste Europeu.

Resposta — O Leste Europeu, hoje, é um mundo novo, em que a esperança está reinando novamente nos corações. Vamos nos unir todos nas vibrações de paz, a fim de que esse movimento não sofra um intervalo e uma alteração prolongados, sempre claramente prejudiciais à paz que se espera no mundo.

.Chico Xavier

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 212, Janeiro/abril de 1990.)



18

A Folha Espírita entrevista Chico Xavier



Pergunta — Chico, como você está de saúde?

Resposta — O corpo tem apresentado algumas dificuldades, principalmente na locomoção, mas são problemas naturais da idade. Espiritualmente, continuo com a mesma disposição de trabalhar, de servir, de aprender, de me comunicar com os outros. Tenho recebido de meu médico, Dr. Eurípedes Tahan Vieira, toda a orientação para contornar os problemas físicos e sou muito grato a ele pela dedicação e carinho com que tem me assistido.

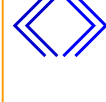
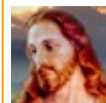
Pergunta — O que você achou do noticiário que anunciava a sua morte próxima?

Resposta — O irmão antecipou notícias alusivas à minha morte na vida física. Creio que não sabe o bem que fez, induzindo-me a meditar, com a calma

precisa, assuntos da morte e da vida, preparando-me para o desenlace, que se verificará quando Jesus o permitir. Não fosse ele, o irmão da comunidade humana, que acordou para aclarar os meus pensamentos, eu não teria a devida oportunidade para pensar em torno do tema que ele escolheu, visando a nossa pequenez. Morrer por morrer, renovar-nos-emos todos os dias que forem determinados pelo Senhor. Por isso mesmo, inclino-me agradecido à notícia errada que ele veiculou, fazendo votos que Deus lhe conceda uma vida tão longa quanto possível, para dispor de tempo e ensejo de realizar o melhor que adivinhamos na inteligência em benefício dos outros e em favor dele próprio.

.Chico Xavier

(Entrevista transcrita do jornal “A Folha Espírita”, edição 195, de junho de 1990, São Paulo.)



19

Questões a que a Espiritualidade responde



(Algumas perguntas de cunho doutrinário, formuladas por espíritas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte e respondidas pelo médium Francisco Cândido Xavier, por ocasião de um encontro em Uberaba, Minas Gerais, no dia 31.05.1991.)

Sobre a desobsessão

1. Pergunta — Chico, temos visto muitas crianças sendo encaminhadas às reuniões de tratamento desobsessivo. Que fazer diante deste problema cada vez mais frequente?

Resposta — Os amigos espirituais nos têm falado, amiúde, acerca da questão da criança em desequilíbrio, demandando larga dose de compreensão e carinho da família a que pertença. Lembram-nos os nossos mentores que, em matéria de desajustes infantis, o remédio eficaz será sempre o do acendrado amor dos pais, no

recesso do próprio lar. O amor em família é a construção da harmonia, com vistas ao futuro promissor de cada qual. Desajustes, muitas vezes, nada mais são que o reflexo da falta de amor nos lares, gerando perturbações. Ao tratarmos de questões como a desobsessão, os instrutores espirituais nos recomendam a utilização cotidiana do bom senso, nos indicando que a mente infantil não está preparada para compreender os complexos fundamentos de uma reunião de desobsessão. Que provavelmente as crianças se impressionariam de maneira contraproducente se frequentassem estes serviços espirituais. Então, se os pais não estão com o tempo necessário de dedicação e amor para com as crianças dentro do próprio lar, se, por outro lado, não convém à mente infantil em desajuste frequentar as reuniões de desobsessão, logo, devemos suplicar à bondade infinita de Deus que inspire aos trabalhadores das casas espíritas, dedicados à evangelização infantil, que organizem em seus quadros de serviço reuniões apropriadas ao amparo e ao acolhimento de crianças desajustadas. Reuniões específicas para a mente infantil, que funcionariam vinculadas aos núcleos ativos de desobsessão do Centro. Reuniões intermediárias de socorro e esclarecimento evangélico. Esta colaboração poderia trazer muitos benefícios em favor da tranquilidade familiar.

2. Pergunta — Chico, observa-se, em tarefas de desobsessão, um excessivo número de casos a ser

atendidos, tendo em vista a extensão do sofrimento em torno. Acontece, porém, que o número de médiuns disponíveis ao serviço é restrito. Razoável, portanto, considerarmos a impossibilidade desses poucos médiuns em serviço de atender a todos os casos que se apresentem. Como estabelecer um limite à passividade dos médiuns?

Resposta — Os instrutores espirituais, dedicados à tarefa da desobsessão, nos informam que a disciplina deverá sempre presidir a qualquer esforço de elevação. Por isso mesmo, recomendam que o médium psicofônico, também chamado “de incorporação”, dedicado à enfermagem espiritual desobsessiva, não deverá exaurir-se em inúmeras e ininterruptas passividades dentro de uma reunião. Assim, o limite máximo de duas passividades de espíritos sofredores, por reunião, deverá ser respeitado, em benefício de todos.

Sobre os médiuns

3. Pergunta — Muitos candidatos à mediunidade se nos apresentam, confessando, no entanto, sua predileção pelo vício de fumar. Que fazer nestes casos?

Resposta — Ponderam os mentores da Vida Maior que o vício da utilização do fumo cotidianamente é considerado dos menores vícios da personalidade humana. Não obstante, qualquer candidato à mediunidade cristã deverá esforçar-se diariamente para superar suas próprias inibições, consciente de que o quadro de serviços redentores a que se candidata

exigir-lhe-á renúncias e abnegações incessantes em favor do próximo. Dentro deste particular, os amigos espirituais nos dizem que, principalmente nas tarefas de auxílio desobsessivo e nas tarefas de alívio aos doentes, é totalmente desaconselhável o hábito de fumar. Assim sendo, os médiuns psicofônicos, os passistas e os de efeitos físicos fazem muito bem quando abandonam o cigarro.

4. Pergunta — Chico, em algumas reuniões identificamos discussões estéreis em torno de opiniões particulares e pontos de vista exclusivistas de determinados médiuns, que os conduzem, muitas vezes, ao afastamento do serviço, carregando no coração mágoa e desapontamento com a direção das reuniões e dos centros espíritas. Como devemos agir diante dos que se afastam das tarefas?

Resposta — O quadro de nossas responsabilidades diante da mensagem cristã do “Amai-vos uns aos outros...” (Jo) é tão vasto! Os serviços ainda incompletos e as tarefas por realizar em nome do amor ao próximo se desdobram com tanta intensidade que, sinceramente, cabe-nos a solução de aproveitar o tempo disponível às nossas limitadas possibilidades, trabalhando e servindo, sem cessar, em nome do bem geral. Não podemos nos dar ao luxo de correr atrás daqueles que abandonam o serviço espiritual, a pretexto de lhes oferecer explicações e homenagens. Isto porque nossas obrigações aí estão, exigindo-nos tempo e dedicação, e não podemos perder tempo. Se fulano ou ciclano considerou por bem

abandonar as próprias obrigações espirituais, por esse ou aquele melindre, que podemos fazer? Entreguemos-lhe, pela oração, à bênção misericordiosa de Deus, o Pai amoroso de todos nós, e, por nossa vez, perseveremos no trabalho do bem, até o fim.

O pensamento sonorizado

5. Pergunta — Chico, muitos candidatos à mediunidade nos dizem que sofrem o assédio de entidades infelizes e acabam desistindo do serviço mediúnico, justificando-se pelos impedimentos emocionais que carregam. Que dizer de semelhante situação?

Resposta — Curiosa esta pergunta, porque também passei por esta experiência. Um ano antes de transferir residência de Pedro Leopoldo para Uberaba, por volta do ano de 1958, uma crise alucinante de labirintite me atacou. O desconforto que a doença causava, com aquele barulho característico dentro do crânio, fez alterar meu estado emocional. Quase não conseguia a necessária concentração para a tarefa da psicografia nas reuniões públicas do Centro Espírita Luiz Gonzaga. Estava intranquilo. Quando aquele tormento atingiu seu ápice, procurei meu médico oftalmologista, na época o Dr. Hilton Rocha, de Belo Horizonte. Disse a ele: — Dr. Hilton Rocha, eu já não aguento mais essa labirintite, que me atazana. Esse barulho incessante me tonteia e já não posso atender às minhas obrigações de psicografia com a

tranquilidade desejável. De modo que o senhor tem a minha autorização, caso essa labirintite seja causada por minha enfermidade nos olhos, para remover os globos oculares. O senhor pode arrancar os meus olhos, porque eu preciso continuar trabalhando. O Dr. Hilton Rocha me tranquilizou, dizendo que, de forma alguma, a labirintite era devido às minhas enfermidades oculares. Recomendou-me paciência e disse que tudo iria passar. De fato, quando me instalei em definitivo aqui, em Uberaba, a crise de labirintite passou. Recentemente, no entanto, a questão voltou, mais ou menos há dois anos, com grande intensidade. Desta vez, não só ouvi o barulho característico da labirintite, como também registrei a voz nítida dos espíritos inimigos da causa espírita cristã, perturbando-me a tranquilidade interior. Essa presença de espíritos infelizes, desde então, tem sido uma constante. Ouço-lhes diariamente os ataques à mensagem cristã e à Doutrina Espírita; as sugestões desagradáveis; as induções ao desequilíbrio; os sarcasmos em relação aos episódios por mim já vividos no decorrer desta existência; as alusões ferinas às ocorrências menos dignas de nossos círculos doutrinários; as calúnias em relação a fatos conhecidos por nós e até maledicências dirigidas ao meu círculo de amigos. Tudo isso de forma tal que sinto-me tolhido na liberdade de pensar. Nossos amigos espirituais classificam esse tipo de atuação como sendo “pensamentos sonorizados” dos

obsessores em nós mesmos. Dr. Bezerra de Menezes recomendou-me muita calma em relação ao assunto, incentivando-me, inclusive, a conversar com esses irmãos infelizes pelo pensamento, mostrando-lhes o ângulo de visão que nos é próprio e rogando-lhes paciência e compreensão para com as nossas atividades mediúnicas. Mesmo assim, apesar de estar tentando dialogar com esses espíritos, somente em 80% dos casos eles desistem do sinistro propósito de nos retardar as tarefas. Assim, ainda 20% deles continuam renitentes em seu desiderato infeliz. Outro dia mesmo, recorri à vigilância de nosso mentor Emmanuel e ele pediu mais paciência. Segundo sua afirmativa, isto ainda duraria algum tempo e, em breve, tudo voltaria ao normal.

Sobre os animais

6. Pergunta — Chico Xavier, a Doutrina dos Espíritos esclarece com muita propriedade a questão da Lei de Causa e Efeito, de Ação e Reação, que preside a organização do Universo. Ela também nos indica o livre arbítrio como atributo fundamental da personalidade humana, pelo qual o ser humano tem a faculdade de optar livremente pelo caminho que deseja seguir, recebendo, contudo, em contrapartida, o resultado inexorável de suas decisões boas ou más. Assim, se conclui que a plantação é livre aos seres humanos, mas a colheita lhes é obrigatória. Dessa forma, explica-se todas as provas e resgates, doenças e deformidades físicas e mentais por que sofre a maioria dos homens na Terra, como sendo o seu carma ou resgate de delitos passados. Também nos ensina a Doutrina

Espírita que os animais não gozam desta faculdade do livre arbítrio, por não possuírem ainda o pensamento contínuo. Sendo assim, como devemos encarar a questão da existência de deformidades congênitas no seio dos animais? Por que nascem animais cegos ou deformados, se eles não têm o livre arbítrio?

Resposta — Nossos benfeitores espirituais nos esclarecem que é preciso que todos nós consideremos que os animais diversos, a nos rodear a existência de seres humanos em evolução no planeta Terra, são nossos irmãos menores, desenvolvendo em si mesmos o próprio princípio inteligente. Se nós, seres humanos, já alcançamos os domínios da inteligência, desenvolvemos agora as potências intuitivas. Eles, os animais, estão aperfeiçoando, paulatinamente, seus instintos, na busca da inteligência. Da mesma maneira que nós, humanos, aspiramos alcançar algum dia, a angelitude na Vida Maior, personificada em nosso Mestre e Senhor Jesus, eles, os animais, aspiram ser no futuro distante homens e mulheres inteligentes e livres. Podemos nos considerar como irmãos mais velhos e mais experimentados dos animais. Ora, se nós já sabemos que a lei divina institui a solidariedade entre os seres, por isso, podemos facilmente concluir que a nós, seres humanos, Deus outorgou a condução e a proteção de nossos irmãos mais novos, os animais. E o que é que estamos fazendo com esta responsabilidade santa de proteger e guiar o reino animal? Como é que esta Humanidade terrestre tem agido com relação aos animais, nos inúmeros séculos

de nossa História? Porventura nós, os homens, não temos nos convertido em algozes impiedosos dos animais, ao invés de seus protetores fiéis? Quem ignora que a vaca sofre imensamente a caminho do matadouro? Quem desconhece que minutos antes do golpe fatal os bovinos derramam lágrimas de angústia? Não temos treinado determinadas raças de cães exaustivamente para o morticínio e o ataque? Que dizermos das caçadas impiedosas de aves e animais silvestres, unicamente por prazer esportivo? Que dizermos das devastações inconsequentes do meio ambiente? Tudo isso resume-se em graves responsabilidades para os seres humanos! A angústia, o medo e o ódio que provocamos nos animais altera-lhes o equilíbrio natural de seus princípios espirituais, determinando ajustamentos em posteriores existências, a se configurarem por deformidades congênitas. A responsabilidade maior recairá sempre nos desvios de nós mesmos, os seres humanos, que não soubemos guiar os animais à senda do amor e do progresso, segundo a vontade de Deus.

Agora, vejamos: se determinado cão é treinado para o ataque e a morte, com requintes de crueldade, se ele é programado para o mal, pode ocorrer que, em determinado momento de superexcitação, este mesmo cão, treinado para atacar os estranhos, ataque as crianças de sua própria casa ou os próprios donos. Aí, teremos um desajuste induzido pela irresponsabilidade humana. Ora, este

mesmo cão aspira crescer espiritualmente para a inteligência e o livre arbítrio. Mas, para isso, ele precisará experimentar o sofrimento que lhe reajuste o campo emotivo, aprendendo a pouco e pouco a Lei de Ação e Reação. Assim, ele provavelmente renascerá com sérias inibições congênitas. A responsabilidade de tudo isto, no entanto, dever-se-á à maldade humana.

Sobre a Doutrina Espírita

7. Pergunta — Qual o mais importante aspecto da Doutrina Espírita: o de religião, o de filosofia ou o de ciência?

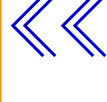
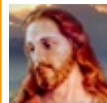
Resposta — O espírito Emmanuel costuma nos dizer que a coisa mais importante que cada um de nós poderá fazer na vida é seguir o mandamento cristão que nos aconselha a amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Segundo Emmanuel, tudo o mais é mera interpretação da verdade. Dessa forma, não temos dúvida ao crer ser o aspecto religioso da Doutrina Espírita o seu ângulo fundamental. Muito nobre a filosofia, mas em verdade a filosofia nada mais faz que muita conversa. Muito nobre o esforço científico, mas em verdade a mesma ciência que inventou a vacina construiu a bomba atômica. Então, nós devemos reconhecer que todos os seres humanos trazemos no íntimo um alto grau de periculosidade e, até hoje, a única força no mundo capaz de frear estes impulsos de periculosidade humana é, sem sombra de

dúvida, a religião.

.Chico Xavier

.Geraldo Lemos Neto

(Fonte: “O Espírita Mineiro”, número 217, maio/junho de 1991.)



Conclusão

O servidor incansável



“O bem que praticares, em algum lugar, é teu advogado em toda parte.”

“Todas as nossas figurações mentais, o conjunto de nossas lembranças, as nossas alegrias íntimas e os nossos ressentimentos, as nossas dores, as nossas aspirações, elas formam o conjunto do clima em que a nossa desencarnação se verificará.” — Chico Xavier

Ecoa nas tradições da Lei, a imperativa orientação divina dirigida a Adão: — “Em fadigas, obterás da terra o sustento durante os dias de tua vida. No suor do rosto, comerás o teu pão.” — [GEN. 3,17 E 19](#).

Decorridos dezenas de séculos, contemplamos o ser humano a jornadaear pelas paisagens terrenas, ainda encarcerado em si mesmo por não ter cumprido completamente a orientação celeste a respeito de seu aperfeiçoamento, junto aos deveres de cada dia. Raros são os que cumprem as próprias obrigações.

Muito poucos situam-se além da própria esfera de necessidade ou utilidade.

Foi por esta razão que destacamos a figura deste humilde funcionário público, aposentado como escriturário do quadro permanente do Ministério da Agricultura aos 17 de janeiro de 1961. Com reverência, recorremos à certidão de número 21 da Delegacia Federal de Agricultura de Minas Gerais, de 24 de dezembro de 1960, que diz textualmente acerca do servidor de nome Francisco de Paula Cândido: “Durante o período de 01/08/1935 até 24/12/1960, o referido servidor não gozou licença especial, nem justificada. (...) O total de tempo de serviço constante da presente certidão é de 9.278 dias, ou seja, 25 anos.”

Nenhuma falta ao trabalho, nada de licenças e suspensões! Este dado, por si só, impressiona, sobremaneira, a todos nós, impulsionando-nos a conhecer, na realidade, este homem diferente.

Outros detalhes, ele mesmo nos conta a seu respeito:

— “Pude chegar até o fim do curso primário, estudando apenas uma pequena parte do dia e trabalhando numa fábrica de tecidos, das quinze às duas horas da manhã. Essa situação modificou-se em 1923, quando, então, consegui um emprego no comércio, com um salário diminuto, onde o serviço durava das sete às vinte horas, mas onde o trabalho era menos rude. (...) Não pude aprender senão alguns rudimentos de Aritmética, História e vernáculo. (...) O meu ambiente, pois, foi

sempre alheio à literatura. Ambiente de pobreza, de desconforto, de penosos deveres, sobrecarregado de trabalhos para angariar o pão cotidiano, onde não se podia pensar em letras. Sobre (...) fatos e (...) provas irrefutáveis, solidificamos a nossa fé (espírita), que se tornou inabalável. (...) Resolvemos, então, com ingentes sacrifícios, reunir um núcleo de crentes para estudo e difusão da Doutrina, e foi nessas reuniões que me desenvolvi como médium escrevente (...) sentindo-me muito feliz por se me apresentar a oportunidade de progredir.” (Excertos da página “**PALAVRAS MINHAS**”, constituidora da obra “Parnaso de Além Túmulo”, Francisco Cândido Xavier, 10ª edição da F.E.B. — Federação Espírita Brasileira.)

Semelhante relato fala sozinho, dispensando comentários. Entretanto, ele é apenas uma face da personalidade de um homem que, antes de dar a Deus o que é de Deus, soube dar a César o que é de César.

Francisco de Paula Cândido, mais conhecido como Francisco Cândido Xavier, criado num ambiente onde não se pensava em letras, completou no último dia 8 de julho nada menos que 65 anos de atividades mediúnicas, ininterruptas, a serviço de Jesus e Kardec.

São 368 livros publicados sob a égide da Boa Nova e o patrocínio do Consolador prometido pelo Cristo de Deus. Francisco de Paula Cândido: o escrevente datilógrafo, dando a César o que é de César.

Francisco Cândido Xavier: o médium escrevente ou psicógrafo, dando a Deus o que é de Deus.

Simplesmente Chico Xavier, a alma sincera e leal, que acima de tudo ama a verdade. Profundamente ama a verdade, porque as desilusões deste mundo fizeram-no conhecê-la através de incomensuráveis sacrifícios, constantes renúncias, árduas tarefas e obrigações fielmente cumpridas.

“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” – [Jo. 8, 32](#).

Chico Xavier, uma vida de verdade, plena de verdade. Um livro aberto de testemunhos santificantes.

Sua obra é um trabalho verdadeiramente livre, pois sabemos que para o Senhor não há trabalho vão ([1 Co. 15, 58](#)), e onde está o espírito do Senhor, aí há liberdade ([2 Co. 3, 17](#)). Um trabalho livre, porque é o esforço mais intenso que pode haver para um ser humano — o de sua transformação moral pelos padrões evangélicos.

Um trabalho universal, porque estruturado no bem dos semelhantes. Esforço desse homem-símbolo, não como força natural intencionalmente treinada, mas como sujeito através do qual verte o amor puro das esferas mais altas para o alívio das almas em aflição bem-aventurada.

Chico Xavier, um homem simples.

Chico Xavier, o homem-símbolo desse trabalho livre, que nos descortina uma fase única de liberdade a garantir o pleno desenvolvimento das capacidades espirituais latentes no homem atual.

Parafraseando conhecido filósofo alemão do

último século, este reino da liberdade começa onde o trabalho deixa de ser determinado por necessidade e por utilidade exteriormente impostos; por natureza, situa-se além da esfera material propriamente dita. Nele começa o pleno desenvolvimento das forças humanas como um fim em si mesmo, o reino genuíno da liberdade, o qual só pode florescer, tendo por base o amor.

Foi deste amor que tratamos, de uma vida repleta de amor, inspirada no Caminho da Verdade e da Vida, baseada no “Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei” de Nosso Senhor Jesus. ([Jo. 13, 34 e 35](#)).

Falamos do ser humano extraordinário que, por tanto exemplificar o amor a nós outros em humanidade, é reconhecido pelo mundo como um discípulo do Mestre Nazareno.

Passados quase 83 janeiros de sua abençoada existência, ousamos auscultar o seu coração por todos nós querido e adivinhamo-lo a murmurar baixinho, com Paulo de Tarso ([1 Co. 15,10](#)): “Pela graça de Deus, sou o que sou, e a Sua graça que me foi concedida não se tornou vã; antes trabalhei muito, todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo.”

Permita Deus possamos, por muitos anos ainda, desfrutar da presença amiga deste servidor incansável: **Chico Xavier**.

.Geraldo Lemos Neto